

— SÉRIE —
Ainda não acabou

LIVRO III

Até que a
verdade
nos
separe

JANAINA SOARES



PERIGOSAS NACIONAIS

— SÉRIE —
Ainda não acabou

LIVRO III

Até que a
verdade
nos
separe

JANAINA SOARES

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— SÉRIE —
Ainda não acabou
LIVRO III



JANAINA SOARES

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Janaina Soares

Capa: Décio Gomes

Revisão: Carla Santos

Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Citação

Epígrafe

Agradecimentos

Nota da autora

Prefácio

PERIGOSAS NACIONAIS

Prólogo

Parte 5

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Epílogo

Biografia

Obras

Notas

*Dedico a história final de Marcos e Dalila a todos
aqueles que conseguiram, entre trancos e
barrancos, sobreviver a uma traição, e trilhar um
caminho de recomeços.
Recomeçar é preciso, e vale a pena quando nosso
coração não nos pertence mais.*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Nunca julgue uma pessoa até ser capaz de se colocar no lugar dela, e fazer muito melhor.”

(Janaina Soares)

PERIGOSAS NACIONAIS

“Desejo ainda que você seja tolerante,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Não com os que erram pouco, porque isso é fácil,
Mas com os que erram muito e irremediavelmente,
E que fazendo bom uso dessa tolerância,
Você sirva de exemplo aos outros.”*

(Victor Hugo)

PERIGOSAS ACHERON



Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, pelo dom que me foi concedido através da escrita. Ele cuida de mim nos menores detalhes, e só posso ser grata pela oportunidade de transmitir as emoções mais sinceras por meio das palavras.

Aos meus pais, por serem os melhores em todo o Universo. Obrigada por tudo, mas principalmente pela educação que me deram.

Às minhas irmãs mais que especiais, Michele e Magali, por serem grandes amigas e mães incríveis, onde posso me espelhar todos os dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

À Aline, minha prima, que me ajudou muito com a pesquisa para moldar a rotina dos gêmeos, Aurora e Ângelo: foi um desafio escrever sobre ser mãe sendo que não sou, mas suas respostas foram de grande ajuda para mim, e muito da rotina do Benjamim está aqui.

À Carla Fernanda, minha revisora e diagramadora, pessoa mais que especial que torna minhas histórias reais. Carlinha, obrigada por ser mais que profissional, uma amiga com quem posso contar. Em especial com este livro, que mexeu com nós duas. Você é a melhor!

Ao Décio Gomes, pelo trabalho lindo com a capa. Seu trabalho, sem dúvida, transforma minhas histórias em um livro de verdade. Valeu!

Aos meus leitores mais que especiais, que dispendem tempo para ler algo criado por mim: obrigada pela confiança em meu trabalho, pelo incentivo nas redes sociais, pela ansiedade por este PERIGOSAS ACHERON

último livro. Nada disso seria possível sem vocês, que tornam meu sonho realidade. Vocês são a razão de eu continuar escrevendo. Meus mais sinceros agradecimentos, vocês são demais!



Nota da autora

Toda história se passa primeiro na mente do autor, para depois se transformar em palavras, frases e uma trama completa. Com esta, não foi diferente. Este foi o livro mais difícil que escrevi até hoje, e isso se deve a várias razões: a complexidade de encerrar algo, a magnitude da relação do casal protagonista, minha ansiedade em escrever algo digno e verdadeiro, e o mais desafiador: falar de uma mãe de gêmeos sendo que não sou mãe. Pois bem, eis que temos aqui o final

de dez meses de pesquisa, dedicação, conversas com mães, observação, horas a fio maquinando a melhor forma de lidar com o enredo.

A princípio, quando escrevi a primeira versão de “Até que a verdade nos separe”, a história tinha um outro final, aquele final bombástico, que ia gerar muitas reações. Com as revisões, eu repensei meu final, e acabei cedendo a um outro, que, na minha opinião, ficou mais coerente.

Caro leitor, não há nenhum trecho dessa história toda que seja verdadeira: tudo aqui é ficção, tudo saiu da minha mente, por isso não fique tentando encontrar respostas em alguém da cidade ou das minhas relações pessoais. Não há.

Entretanto, embora seja fictícia, a trama de Marcos e Dalila aborda temas reais, como a traição, a prostituição, a separação, a gravidez, a violência contra a mulher, e, mais do que tudo, ela retrata os dois lados da história. Esse casal apaixonado é o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reflexo de muitas relações que vemos no cotidiano, portanto, depois que encerrar a leitura, peço que pare e reflita um pouco. Eu mesma fiz isso durante a escrita e revisão. Vivemos em um mundo onde é mais fácil julgar e condenar, do que conceder o perdão. Depois de quase dois anos convivendo com Marcos e Dalila em minha mente, despeço-me honrada e tocada com a forma como eles caminharam durante esta jornada.

Boa leitura!

PERIGOSAS ACHERON

Prefácio

Antes de discorrer sobre este livro, quero deixar um aviso: *Até que a verdade nos separe* é bom para ler em doses homeopáticas. Prepare o seu coração! Você vai rir, se emocionar, suspirar, surtar... e muito além...

Conheço a escrita da Janaina Soares desde o segundo volume da série *Ainda não acabou*. Senti-me honrada ao receber o convite para prefaciar esse projeto e fui surpreendida quando me deparei com um desfecho que, conforme fui me familiarizando com os dramas que permeavam a vida dos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

personagens, superou as minhas expectativas. Sou muito intuitiva acerca das mensagens contidas nas entrelinhas e acertei, mais uma vez.

A cada revelação acerca dos fatos, que se interligavam entre si, ainda mais depois dos acontecimentos que culminaram nos desfechos dos livros anteriores – onde acompanhamos a jornada desse casal tão querido pelos leitores –, eu ficava com as emoções a mil. Sentia-me adentrando na trama, para dar uns sacodes nos personagens ou com vontade de confortá-los... Ria e me emocionava na mesma proporção.

Marcos sempre foi um homem forte, intenso, íntegro e se doou por inteiro àqueles que ama, sem exigir nada em troca. Mesmo quebrado pelas circunstâncias, possuía um bom humor invejável. De forma sutil, ele vai mudando as situações

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dramáticas intencionalmente transpondo as barreiras erguidas por sua amada Dalila, que não se recorda de nada.

Quantos casais não caem em armadilhas por seus próprios erros, abalando o amor, o respeito e a cumplicidade fazendo com que o relacionamento fique por um triz?

Ambos tiveram seus corações dilacerados em uma reviravolta infeliz. Como sabemos, com o passar do tempo, o amor entre o casal tornou-se irrestrito, até mesmo profundo. Só que, mesmo inconscientemente, sempre estiveram lá um para o outro, devido ao amor capaz das maiores transformações.

Paulatinamente, aprenderam a duras penas que não conseguiam viver longe um do outro. Porque, analisando bem, se a base de um relacionamento

PERIGOSAS ACHERON

sempre foi a confiança; se um confia no outro, não tem por que ambos caírem em armadilhas, certo? Não é o que vimos até agora.

Marcos e Dalila cresceram como seres humanos e com suas qualidades e imperfeições souberam conduzir o destino com maestria e muita coragem. Ambos têm uma força que nunca imaginaram ter. Durante os percalços vivenciados, os personagens ainda acreditavam na chama da esperança, mesmo que tudo provasse ser o contrário. O que me enlevou, sobremaneira, foi a ousadia do destino em desafiar todos os sentimentos intrínsecos que permeavam a vida do casal.

Tudo em nossa jornada tem um porquê, pois já está traçado desde o nosso nascimento. Com seu jeito peculiar de transportar as emoções para as páginas e muita sensibilidade, a autora nos desperta lembranças esquecidas que remetem à nostalgia, seja de alegria ou tristeza, risos e choros, amor, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspiros, esperança e, claro, recomeços. Além de entreter, o romance possui questões importantes para refletirmos, entre elas: os mal-entendidos cometidos, que levam a pré-julgamentos, sem chance de defesa. Isso leva, com certeza, a um distanciamento, abalando a confiança, muitas vezes frágil.

Marcos e Dalila são opostos, mas se completam em muitas facetas. Com eles, veremos o amor altruísta, incondicional, fraternal, filial; por outro lado, também veremos a desesperança, que pode arruinar a chance de serem felizes.

A vida sempre nos direciona a um caminho, independente da circunstância, cabe a nós nos darmos uma segunda chance e recomeçar. Contudo, isso é mais um aprendizado que nos faz com que sejamos capazes de superar qualquer coisa e, ao mesmo tempo, nos dá coragem e força para evoluirmos.

PERIGOSAS ACHERON

Você vai se divertir e se emocionar com o drama do casal, além de aprender muito com eles; claro que também ficará com um nó preso na garganta e refletirá sobre o quanto a simplicidade da vida faz a diferença!

Uma das mensagens deixadas no livro é que você tem sempre a chance de recomeçar, não importando o quanto seu passado ou suas lembranças sejam dolorosas. Aprenda a se perdoar, nunca desista de algo que o motiva, seja forte pelo amor... sempre pelo amor.

Aventure-se... e deixe suas emoções fluírem nas próximas páginas.

CARLA SANTOS



A mulher que abre a porta parece assustada, os cabelos compridos desgrenhados e sujos, o rosto sonolento, até que ela levanta os olhos, e sua expressão confusa se ilumina em reconhecimento: Nicole abre um sorriso triste, a voz rouca e baixa quando pronuncia meu nome.

— Dalila.

Endireito meu corpo, sabendo que ela tem todas as respostas para a parte do meu passado que Marcos insiste em me negar. Estou muito perto da verdade, e minhas pernas fraquejam. Agora que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou aqui, a coragem parece fugir de mim, lenta e sorrateiramente. Eu tenho a escolha de escapar por onde vim, e me refugiar na minha falta de memória, ou entrar e descobrir o porquê de meu relacionamento com meu marido ter degringolado.

Escolho a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parte 5



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



“Hoje estamos bem, mas não sabemos nada do amanhã. Viver sem pensar no futuro é muito perigoso, pois o amanhã sempre vem.”

(Ainda não acabou)

Há algo de desesperador em ser acordada por choros constantes durante um sonho tranquilo, quando você está voando em uma nave espacial, as janelas abertas (nave tem janelas?), sentindo o vento tocar seu rosto, os olhos semiabertos por conta da ventania que deixa grande parte de seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos bagunçados, uma sensação incrível de liberdade descomunal e ímpar, algo que todo mundo, ao menos uma vez na vida, deveria sentir.

Aperto meus olhos para não fugir do sonho, enterrando minha cabeça ainda mais fundo no travesseiro macio, mas o choro continua, despertando em mim uma vontade inigualável de sair correndo e desaparecer da face da Terra. Ou, para ser menos melodramática, voltar apenas quando este som irritante cessar.

Mas ele não cessa.

Droga!

Abro os olhos, e sou recebida pela completa escuridão da suíte luxuosa que ocupo em minha nova casa. As janelas envidraçadas cobertas por uma cortina quase transparente mostram que ainda é madrugada, o crepúsculo se estende até onde minha vista alcança. Levanto-me lentamente, o corpo cansado pelas noites maldormidas, meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços ainda adormecidos pela sensação de segurar as crianças o tempo todo, minha mente exaurida pelos dias infernais que tenho tido como mãe, os seios inchados e mal cabendo na camisola curta, que nem chega nas minhas coxas.

Sim, eu, Dalila Barreto, tornei-me mãe de duas criaturinhas lindas e assustadoras ao mesmo tempo, que me sugam de tal forma que nem sei mais quem sou. Não durmo durante a noite, e raramente consigo tirar um cochilo rápido entre as dormidas de Ângelo e Aurora. Quando consigo, tenho pesadelos com crianças que nunca fecham os olhos, bebês assustados com minha incapacidade de ser uma boa mãe, como se houvesse uma fita presa em suas pálpebras.

Desespero é a palavra que me define há quatro meses. *Quatro meses!*

Saio da cama e caminho até a porta, com a babá eletrônica ainda guinchando em meus ouvidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já vou! — grito estressada para o corredor iluminado por um abajur verde, de sapinho.

Abro a porta do quarto e vejo duas mãozinhas se contorcerem no ar, e mesmo antes de chegar aqui, eu já sabia que se tratava de minha filha, minha pequena e irritadiça menina, um ser humaninho que não me dá paz. Aproximo-me de seu berço, puxo o mosquiteiro vermelho e olho para ela, e então todo o meu cansaço é substituído por um amor estranho e incomum, algo que nunca senti, não que me lembre.

— Aurora, minha flor, mamãe está aqui — sussurro para seu rosto contorcido, pegando-a em meu colo e acariciando seus cabelos negros bagunçados pelo travesseiro, o rosto gorducho exprimindo sua cólera de bebê, o choro incessante e agudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela me olha com seus olhos verdes, aquietando-se no instante em que encosta a cabecinha em meu peito dolorido.

— Mamãe vai cuidar de você — digo, sentando-me na poltrona vermelha, personalizada com desenhos da Minnie, ao lado do berço. — Mamãe vai fazer você dormir de novo, meu bem, porque a mamãe precisa mesmo dormir, sabe?

Seu cheiro é a melhor coisa do mundo, o aroma mais puro e delicado que já senti, se é que posso usar a palavra delicado aqui, uma fragrância de banho misturada à pele sedosa dela. Puxo a camisola como posso e amamento Aurora, que mantém os olhos vidrados em mim, muito mais atenta que o irmão. Canto “Borboletinha”, uma música infantil, e sorrio para ela, cada dia mais gordinha e esperta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encosto minha cabeça na poltrona, cansada demais para pensar em qualquer outra coisa. Como fui tola ao imaginar que a gravidez era difícil. Se eu pudesse voltar no tempo, prolongaria ao máximo a gestação, pois dois filhos no ventre são muito mais fáceis do que no colo.

Aurora resmunga em meu colo, mas continua sugando meu seio esquerdo, faminta. Fecho os olhos com a dor que sinto quando ela faz isso, e então vejo a sombra de Marcos no corredor, espreitando-nos, como sempre faz. Desgraçado!

Cubro-me com uma fralda grande, e toda a doçura e meiguice do meu semblante é substituída por uma raiva avassaladora, e sento mais ereta na poltrona, ignorando sua presença.

— Está tudo bem? — ele me pergunta, adentrando o quarto, com passos tímidos.

“Desgraçado!”, penso de novo, nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Sem encará-lo, apenas balanço a cabeça, os olhos presos em Aurora, que aos poucos adormece em meus braços.

— Precisa de alguma coisa? — Marcos insiste, parando ao meu lado, o corpo grande pairando sobre mim.

“Não, apenas que você suma daqui, seu cretino filho da puta!”, grito, irritada, em minha mente.

— Não, estamos bem. Ela só estava faminta. Já está quase dormindo. Não se preocupe, pode voltar para a cama — murmuro baixinho, ciente de que ele me olha de cima, esperando que eu o encare.

Mas não vou.

— Está bem.

Ele caminha até o berço do filho, hesitante. Mexe no mosquiteiro verde, fala alguma coisa que não ouço direito, e sai do quarto, fazendo minha respiração voltar ao normal e sentir que não vou enlouquecer se estabelecer dentro do meu íntimo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei como consigo viver assim com ele, depois de tudo, depois da rejeição, depois do abandono cruel ao qual ele me submeteu, depois do pesadelo com... Sandro; mas se ele pensa que tem alguma chance comigo, está muito enganado. Eu só estou aqui pelos meus filhos, apenas por eles, porque preciso de um teto sobre nossas cabeças, e desejo muito, mesmo que seja o ato mais egoísta ao qual já me rendi, terminar meu curso na faculdade.

Coloco minha filha no berço com muito cuidado, orando silenciosamente para que ela durma por uns três dias ou três anos para que eu descanse. Não seria uma má ideia se ela dormisse até entrar na faculdade! Fecho o mosquiteiro e saio do quarto, com os ombros caídos.

Desço as escadas em caracol e vou para a cozinha. A luz está acesa, e vejo Marcos sentado na bancada, cabisbaixo, com um copo de água pela metade em suas mãos. Suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não consegue dormir? — pergunto, sem muito interesse.

— Não, não como antes. Sempre ouço eles chorarem, mesmo que...

— Não precisa ficar aqui com a gente, Marcos — interrompo-o, enchendo um copo com suco de uva para mim e me debruçando sobre a bancada, com os olhos fixos nele.

Ele me olha, estreitando os olhos, e pela primeira vez me dou conta de que ele está sem camisa.

Sem camisa.

Desgraçado!

— Não vou a lugar algum, Lila, e já tivemos essa conversa mil vezes seguidas sem resultado, portanto não precisamos voltar a ela só porque você não me quer aqui — ele diz, sorrindo diabolicamente, suas covinhas aparecendo em seu rosto barbeado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para ele, calada, encarando seu rosto ainda perfeito, apesar da idade e da raiva que me consome quando o assunto é meu marido. Seus cabelos estão mais curtos e quase não encostam nos ombros largos, desalinhados por conta do travesseiro, e sua boca está entreaberta, úmida, deixando-me sem fôlego. Respiro fundo, irritada comigo mesma por ele ainda ter este poder sobre mim, por ainda pensar nele dessa forma, depois do inferno que vivi, depois de achar que morreria nas mãos daquele psicopata. Céus, cada vez que vejo Marcos, involuntariamente meus pensamentos me levam até Sandro, até aqueles meses horríveis onde eu achei que morreria, grávida de duas crianças inocentes, e que meu corpo seria encontrado depois de dias. O pesadelo acabou, mas até que ponto eu terei paz? Até quando aquele monstro vai me

PERIGOSAS ACHERON

deixar em paz? A mim e a meus filhos? Suspiro, voltando minha atenção para o homem à minha frente.

— Como quiser. — Faço um gesto vago com as mãos, ignorando as reações do meu corpo ao meu marido. Eu me proíbo de sentir qualquer coisa quando se trata de Marcos, porque ser idiota e estúpida uma vez é perdoável e aceitável, porém passar por tudo isso de novo, sabendo do desfecho iminente, é burrice.

— Eu só quero ajudar, Lila — ele diz em voz baixa para não acordar meus filhos.

— Deveria ter me ajudado quando eu estava acorrentada em um porão — sussurro, e ele deixa os ombros caírem, derrotado. Marcos abre a boca para falar, mas eu emendo, querendo encerrar este assunto estranho a esta hora da madrugada. — Sei

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, mas é estranho demais toda esta situação, você não acha? — pergunto, arqueando minhas sobrancelhas para ele, enraivecida.

Marcos desce da bancada, com o abdome contraído, vindo em minha direção.

Quando ele faz isso, só consigo pensar em como eu, um dia, fui me casar com este homem. O cara é lindo demais, e ainda assim sinto tanto ódio por tudo o que me fez, que é um híbrido de emoções conflituosas dentro da minha cabeça, dando nós contínuos. Agora, ele está parado bem à minha frente, mais perto do que o permitido, cruzando um limite que sabe que não deve jamais ultrapassar, a postura reta, o peito musculoso subindo e descendo, e tomo consciência do quanto esta calça de flanela ridícula fica sexy nele.

Engulo em seco.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que é, mas, como prometido, eu não vou me afastar — ele diz, levantando as mãos e quase tocando meu rosto.

Por instinto, afasto-me dele, o corpo todo trêmulo com a possibilidade de um homem colocar as mãos em mim. Dou a volta na bancada, mantendo a maior distância possível entre nós, e digo, a voz estridente:

— Depois do que me fez passar, Marcos, nada do que você possa fazer daqui para a frente vai apagar o inferno que vivi. Então, faça um favor a si mesmo, e não tente se aproximar de mim de novo — sibilo, em um tom mais alto e embargado. — Pois, caso tente, não vou responder por mim — ameaço.

Ele abre a boca para responder, mas dispare para perto da escada. Antes de subir, dou-me conta de que ainda estou segurando o copo. Arremesso o objeto de vidro contra ele, que se esquiva, deixando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o copo caro cair no chão e se estilhaçar. Marcos me encara do outro lado, com a luz baixa do lustre iluminando seu rosto assustado. Dou um sorriso forçado, e subo as escadas correndo. Espero que ele tenha entendido o recado.

PERIGOSAS ACHERON



“Infelizmente, não há um caminho fácil, não há uma solução para esse dilema, porque qualquer caminho vai machucar Dalila.”

(Ainda não acabou)

Rolo na cama espaçosa até que o dia clareia de vez, a luz pálida da manhã banha o quarto outrora escuro. Sento-me, confuso ainda, e então sei por que despertei: um dos gêmeos está chorando, ou, para ser mais exato, esgoelando-se. Sorrio, e saio da cama, indo direto para o quarto deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

No corredor, apago o abajur de sapo, pois já é dia, e entro no quarto, levo um susto ao ver Dalila sentada na poltrona, aparentemente desmaiada pelo cansaço. Seus olhos estão fechados, seus cabelos vermelhos agora mais curtos esparramados no alto da cadeira estofada, os joelhos dobrados como se estivesse com dor. Minha esposa dorme profundamente, enquanto Ângelo chora sem parar. Não ousou acordá-la. Chego ao berço com estampas verdes e retiro a bolinha pequena e contorcida que chora, acalentando-o em meus braços grandes. Estou sem camisa, percebo tarde demais, e Dalila odeia quando eu pego as crianças assim. Ela diz que eles são muito novos, muito frágeis, e o contato com minha pele pode acarretar alguma bactéria ou vírus, mas no fundo, bem em meu íntimo, sei que minha aparência mexe com os sentidos dela, embora ela se recuse a admitir.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, garotão, estou aqui, vou cuidar de você agora — sussurro na penumbra do quarto ainda escurecido pelas cortinas, receoso de acordar a moribunda de minha esposa.

Levo Ângelo para o andar de baixo, cantarolando uma musiquinha boba com aquelas vozes ridículas que os adultos fazem quando se dirigem a bebês. Desde que os gêmeos nasceram, tenho sido um homem bobo e apaixonado demais por cada gesto de ambos, fascinado com a capacidade que eles têm de me enlouquecer, de me fazer sentir um amor tão grande que chega a doer. Tenho medo de machucá-los e, mesmo assim, não quero sair de perto. Não posso, para ser sincero. Esses dois foram o melhor presente que eu recebi, mesmo que...

Suspiro, roçando o queixo na cabecinha de Ângelo, os cabelos escuros dele fazendo cócegas em mim. Coloco a chupeta em sua boca, e ele se

PERIGOSAS ACHERON

cala, mexendo as mãozinhas no ar, olhando-me.

— Ei, garotão, a mamãe está cansada demais, precisa dar uma trégua, sabia? Sei que, assim como eu, você quer ficar perto dela, quer tocá-la, sentir a quentura e maciez da pele dela, ouvir sua voz doce e cálida, embora ultimamente ela tenha aprendido alguns palavrões para falar comigo... — Faço uma pausa e me sento no sofá de couro preto, recostando minhas costas. — Mas, ainda assim, ela é a coisa mais linda, né? Eu sei, mas a gente tem que deixar ela descansar um pouco, sabe. Afinal, você tem noção de que tem uma irmã brava e faminta, que precisa de atenção tanto quanto você?

Esboço um sorriso para ele, que ainda me olha com os olhinhos verdes bem abertos. Continuo segurando seus dedos minúsculos.

— Nós dois a amamos muito, cara. Mas de agora em diante teremos que dividi-la, porque ela anda muito estressada, entende? A mamãe anda

PERIGOSAS ACHERON

meio descontrolada depois que vocês nasceram, sabe? Dizendo palavras esquisitas, com aquele olhar ferino e assustador, e quando ela insiste em pegar aquela faca gigantesca na cozinha, só quero me esconder no sótão, porque olha... sem contar que, quando ela me olha brava, tenho medo dela. De verdade.

Ângelo parece estar se divertindo com meu monólogo, então prossigo, pensando que tudo o que acabei de dizer é a mais pura verdade.

Dalila Barreto, sem dúvida, não é a mulher doce que um dia conheci e por quem me apaixonei. Depois que saiu da maternidade, eu soube que aquele olhar que ela me lançara acabaria com a minha vida e o meu sossego. E não estava enganado. Como prometi à minha irmã, eu não a procurei no início. Minha esposa ficou em Presidente Prudente com a família, meus sogros como cães de guarda da filha e dos netos,

PERIGOSAS ACHERON

impedindo qualquer aproximação minha, e Clara me mantinha informado dos acontecimentos. Eu me mantive por perto, com a desculpa de ajudar Garino e Bárbara com Annalena, mas todos sabiam que meu verdadeiro motivo era Dalila estar lá. Passei o mês todo enfurnado em casa, desesperado por notícias, porém não fui atrás dela. Sentia uma saudade estranha e doentia pelas crianças, mas sabia que não era o momento. Dalila estava mudada, confiante e dona de si, e cem vezes mais atrevida e perigosa do que quando a procurei em Bauru, no ano passado. O sofrimento que passara não era nada comparado à angústia que eu sentia por estar longe. Então, eu me controlei.

Quando ela voltou para Bauru com as crianças, eu já havia organizado tudo: comprara uma casa grande e mobiliada para ela ficar com as crianças, contratara uma pessoa para cuidar do serviço da casa e outras pendências cotidianas, e, para minha

PERIGOSAS ACHERON

surpresa, ela não se opôs. Minha esposa aceitou tudo, como um autômato, embora sua expressão de mágoa e fúria esteja tão presente em seu rosto quando fala comigo, que é quase como uma cola, penetrando em cada fibra do seu ser e tornando-a a mulher que agora é. Dalila está aqui, comigo; entretanto, somos uma antítese do nosso próprio relacionamento. Não somos um casal convencional, ela não me deixa muito espaço para chegar perto, mal fala comigo, e dormimos em quartos opostos, apenas porque, mesmo depois de duas tentativas, não pude ficar longe, embora o plano inicial fosse me hospedar em um hotel e pagar as contas para ela.

Ela voltou a estudar, e as crianças ficam na creche da universidade enquanto ela está na aula, pela manhã. À tarde, ela fica em casa: estuda, cuida das crianças, e as coisas parecem estar se ajeitando. Por alguma razão incomum, acabei me

PERIGOSAS NACIONAIS

acomodando no quarto de hóspedes, e Dalila ignorou minha presença desde a primeira vez que dormi na mesma casa que ela, e confesso que tranquei a porta na primeira noite, com medo de que ela estivesse revoltada demais a ponto de cometer um homicídio. Não podemos brincar com estas coisas.

Respiro fundo, beijando a testa do bebê, que agora dorme.

— Será que a mamãe um dia vai me perdoar? — pergunto para ninguém em particular, mas no fundo eu sei a resposta. — Será que algum dia poderemos passar uma borracha na maluquice que foi nossa vida, e recomeçar como uma família feliz? — questiono mais uma vez, sem precisar que ninguém me diga nada.



PERIGOSAS ACHERON

Dalila está alvoroçada arrumando as crianças. São quase seis e meia da manhã, e ela está um pouco atrasada, trajando um vestido creme de mangas compridas, vazando leite de seus seios, os cabelos vermelhos arrepiados, pois ainda não viram um modesto pente, a expressão furiosa por estar em cima do horário. Olho para seus pés, e vejo que está com duas botas diferentes.

Pigarreio.

— Hum, Lila...

— Cale a boca, Marcos, ou eu juro que não respondo por mim! — ela vocifera, olhando-me do outro lado do quarto dos gêmeos.

Tento mais uma vez.

— Lila, olhe...

— Já chega, por que em vez de ficar buzinando em meu ouvido, você não me ajuda? Ah, droga, onde estão meus livros? — ela grita, e sai do quarto, deixando-me sozinho com as crianças.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meneio a cabeça, concordando. Ela só vai se irritar se eu continuar a perturbá-la. Melhor ela ir com os sapatos trocados do que começar os insultos que sempre dirige a mim quando perde a paciência, ou então jogar algum objeto pontudo em minha direção, como aprendeu a fazer.

Pego os gêmeos, que estão prontos e calmos, os olhos abertos, atentos.

— Vamos estudar um pouco, criançada. Vou levar vocês para o carro antes que a mamãe tenha um surto psicótico — digo para eles, carregando ambos com cuidado para o andar de baixo.

Abro a garagem, destravo a Land Rover Discovery prata, ajeito os bebês em suas cadeirinhas, e espero Dalila ao volante, calado. Se eu apressá-la, vou ouvir o que não quero, e ainda são seis e quarenta da manhã. E lá vem ela,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descabelada, duas bolas redondas e úmidas nos seios, as botas trocadas, e ainda assim... está linda. Puta merda! Como ela consegue isso tão cedo?

Dalila entra no carro, apressada, e saio do condomínio, tentando conter meu sorriso por ela estar assim, aceitando meus mimos tão passivamente. Estou surpreso por ela ter concordado com a casa, o carro, a grana; por ainda concordar em ficar perto de mim, no mesmo metro quadrado, depois de tudo o que passou. Ela mudou e, às vezes, fico confuso com suas atitudes. Clara me disse apenas que ela estava cansada demais e sem opções para recusar. E eu só posso ficar feliz com isso.

Pego um trânsito no caminho para a faculdade, a claridade da manhã refletindo nos vidros do carro. As crianças gemem nas cadeirinhas, Aurora começa a chorar, mas Dalila não se mexe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Permanece olhando pela janela, emudecida. Faço uma tentativa de quebrar o silêncio, mesmo que esteja pisando em ovos o tempo todo.

— Pegou tudo de que precisa para a aula hoje?

Ela não olha para mim, apenas assente.

— Sim, tudo.

— Que bom. Que horas você sai hoje? — insisto na conversa, e ela se vira, piscando os olhos verdes.

— Hum... nem sei direito. Teve uma mudança de horário com um professor, então não sei. Ainda não assisti à aula dele, por isso desconheço a duração de suas aulas.

— Tudo bem, mas venho meio-dia, pode ser?

— Claro — ela diz apenas, e vira o rosto novamente para a janela.

Estamos indo bem, considerando que ela não usou nenhum palavrão em uma frase inteira. Estaciono na frente da creche, e ajudo-a a levar as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

crianças. Aurora brinca com os dedos, e o irmão dorme de novo, satisfeito. Que preguiçoso!

Vejo os olhos de Dalila ficarem marejados quando ela entra no carro de novo, mas não digo nada. Sei que tem sido difícil demais esta vida de universitária e mãe de gêmeos. Sinceramente, não imagino alguém que poderia se sair tão bem quanto ela, e, ainda assim, tem dias que ela parece tão cansada e derrotada que fico enfurecido. As coisas não eram para ser assim, de jeito nenhum.

— Você está bem? — pergunto, dirigindo até o prédio dela.

— Sim, estou. Só me deixe um pouco, Marcos, por favor. Forçar uma comunicação comigo é inútil e desnecessário, além de irritante. — Ela me dirige um olhar assassino e completa: — Resumindo: cale a porra da sua boca!

Recuo com suas palavras, incrédulo, mas não o bastante para não rir de sua expressão furiosa.

PERIGOSAS ACHERON

Quando chegamos, ela sai do carro segurando os materiais e não olha para trás.



Volto para casa e me tranco no cômodo que, modestamente, transformei em meu escritório. Faço algumas ligações importantes, falo com Vicente por videoconferência sobre um problema com a filial em Londres, quando um dos passageiros passou mal durante uma refeição; consigo uma ligação com o pessoal de Singapura, trocamos alguns documentos importantes, e por fim ligo para minha mãe, em Prudente, para saber como estão as coisas.

— *Bem, filho, acho que não voltaremos tão cedo para a Suíça. Sua cunhada tem passado dias terríveis aqui, e Annalena tem chorado muito; Bárbara está tão nervosa que seu irmão disse que vai trancafiá-la em uma jaula até que ela se acalme*
— minha mãe diz, rindo.

Rio também, pensando em Dalila e em seu humor cada dia mais oscilante e dúbio.

— Sei como é. Lila está assim também, mãe, e a cada manhã que me levanto da cama é uma surpresa: nunca sei se posso dar bom dia ou apenas me fingir de morto pela casa, enquanto ela quer fazer tudo ao mesmo tempo, as crianças urrando.

— Faço uma pausa, coçando meu queixo barbeado.

— É uma carga muito pesada, mãe, cuidar de gêmeos. Lila tem sido guerreira, claro, o que não me surpreende nem um pouco, mas tem dias que tenho medo de ela surtar, ou enlouquecer — brinco, e ouço a risada de minha mãe discreta do outro lado da linha, tão inocente com relação à minha vida com Lila, todos os nossos dilemas ocultados de meus pais e irmão por motivos óbvios.

— *Sua avó passou por isso, Marcos, e acho que eu e sua tia Adélia demos tanto trabalho que ela quase ficou doida também, mas conseguiu criar*

nós duas muito bem.

Paro, estático. Sempre que este assunto vem à tona, eu me pego desesperado, transtornado com esta coincidência. Minha mãe tem uma irmã gêmea, tia Adélia, embora não tenhamos muito contato com ela, por morar em outro estado. Dalila não vem de uma família com estes genes, e este pensamento frequentemente me irrita quando penso que os gêmeos podem, de fato, ser meus filhos. Não quero pensar nisso agora.

— Eu sei, mãe, por isso tento ajudar, mas nem sempre Lila quer minha intromissão — resmungo, fazendo uma careta.

— *Isso é dela, Marcos, a Dalila sempre foi autossuficiente; mesmo quando tudo desabou foi ela quem tomou o controle da vida de vocês. Lembra-se quando perderam tudo? Quem continuou trabalhando como uma louca? Ela, filho. Então, apenas deixe que ela faça do jeito dela, tudo*

bem? E ajude-a no que for preciso. Assim que as coisas se acalmarem por aqui com Annalena, faremos uma visita a vocês em Bauru.

— Certo, estaremos aqui. Te amo, mãe, até mais. — Desligo o celular, encosto minha cabeça na cadeira de couro avermelhada do escritório e fecho os olhos por um instante.

Lila sempre foi assim, independente. E mesmo agora, com esta sobrecarga de filhos e faculdade, além do fato de se esforçar para me insultar ao máximo, ela se mantém de pé. Não é à toa que sou cada dia mais louco por ela, mesmo que me odeie com todas as forças.

Os minutos se arrastam enquanto eu organizo minha agenda, faço algumas anotações sobre minhas próximas viagens, entre outras tarefas do trabalho. Fecho os olhos para descansar por alguns instantes, mas devo ter pegado no sono, pois um barulho me desperta. Minhas pálpebras tremem

PERIGOSAS ACHERON

quando acordo, desnortado, com um som estrondoso vindo do andar de baixo. Droga, mas que diabos será isso? Saio do escritório e vou conferir o que é, e então Dalila entra pela porta da frente, batendo os pés com firmeza no piso de silestone, com as botas trocadas. Em seus braços jazem os gêmeos, ambos dormindo tranquilos.

Encaro seu rosto ruborizado pela raiva, tentando manter o controle.

— O que houve, Lila?

— O que houve? O que houve foi que eu fui para a faculdade parecendo uma mulambenta, Marcos, e você, seu desgraçado, nem para me avisar.

Ela sai da sala, subindo as escadas com cuidado, despejando as palavras enquanto se afasta.

— Meu vestido todo sujo de leite, ah, meu Deus, que pesadelo! Fui apresentar um trabalho e a sala toda riu de mim. E meus pés? Você viu meus

PERIGOSAS ACHERON

pés? Eu coloquei duas botas diferentes, Marcos, por tudo o que é mais sagrado, nunca saí de casa assim! — ela esbraveja, e eu a sigo, zonzinho com a cena.

Quando ela entra no quarto, tento pensar em algo inteligente e reconfortante para dizer, mas tudo o que consigo fazer é rir da situação, despertando uma enxurrada de palavrões da boca dela, enquanto ajeita as crianças em seus berços e liga a babá eletrônica.

— Não ouse rir de mim, Marcos, ou eu juro que...

— Que o quê? — Agarro seus pulsos quando ela se aproxima da porta, e seu corpo rodopia, desequilibrado, parando muito próximo ao meu.

Dalila me olha, enfurecida, e quase posso ver as faíscas saindo de seu olhar mortal. Mas, por um breve instante, sua respiração acelera e ela me olha, com o peito subindo e descendo. Estamos muito próximos, mais do que já ficamos depois de tudo o

PERIGOSAS NACIONAIS

que aconteceu nos últimos meses, e posso sentir o perfume doce de amêndoas de seus cabelos, que agradeço aos céus por ela não ter trocado, meu aroma preferido no mundo, sua pulsação descontrolada pelo meu toque, seu hálito quente invadindo minhas narinas. Nossa proximidade não afeta apenas a mim, e, bem devagar, colo minha testa na dela, fechando os olhos.

— Marcos... — ela começa, porém eu apenas balanço a cabeça, rejeitando suas palavras.

— Eu não vou fazer nada, Lila, só quero que se acalme, está bem? Você precisa dar um tempo, ou então seu cérebro vai fundir com tantas tarefas — sussurro, tentando confortá-la.

Ela aceita meu toque por poucos segundos, porém se dá conta do que, de fato, está acontecendo, e logo se desvencilha de mim, saindo do quarto, nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca mais toque em mim, seu imbecil! Eu juro que vou acabar cometendo um assassinato nesta casa se chegar perto de mim mais uma vez — ela murmura entredentes, deixando-me no quarto com as crianças, e suspiro, jogando-me na poltrona.



É tarde quando decido ir para a cama. Os gêmeos dormem profundamente, e Aurora só chorou uma vez, de fome. Com muito cuidado para não ser recebido com uma espingarda no rosto, levei-a para que Dalila a alimentasse, ficando de longe. Ela odeia me ter por perto quando está amamentando, tão exposta, os seios grandes e fartos escorrendo leite o tempo todo. Desde que ela voltou da casa dos pais, e se conformou com a minha presença em sua vida e na das crianças, qualquer contato com seu corpo exposto está terminantemente proibido, e ela se recusa a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entender que não estou aqui para isso. Minhas intenções são boas e justas, mas Dalila é teimosa e está cada dia pior, por isso não discuto. Os desejos dela são uma ordem para mim.

Depois de acomodar a criança sonolenta e alimentada no berço, saio do quarto, deixando a porta entreaberta. Ligo o abajur de sapo, apago as luzes do corredor e caminho até o meu quarto, uma suíte simples se comparada com a de minha esposa, que fica ao lado do quarto dos gêmeos. E então... vejo a porta de Dalila aberta.

— Merda! — praguejo, o corpo todo reagindo a simples ideia de ela estar ali, sozinha naquela cama enorme.

Forço meus pés a irem em direção ao meu quarto, porém, antes que me dê conta, estou dentro de sua suíte, as cores escuras inundando minha vista. Escolhi tons de preto e cinza para combinar

PERIGOSAS ACHERON

com o humor de minha esposa, e quando disse isso para ela, assim que se mudou, quase levei um chute no saco.

É, ela é assim. Dalila Barreto, uma caixinha de surpresas ou, recentemente, como uma bomba relógio, prestes a explodir levando meu coração junto.

Ela está deitada bem no meio da cama grande, com os lençóis pretos cobrindo parcialmente seu corpo curvilíneo e mais redondo. Seus cabelos mais ralos por conta da gravidez estão espalhados pelos travesseiros, e uma de suas pernas está sobre uma almofada preta, expondo suas coxas mais grossas. Dalila respira pesado, como se estivesse morta há séculos.

Aproximo-me lentamente da cama, com meu corpo tenso pela possibilidade de ela acordar. Não quero causar mais danos a esta ruiva confusa e perdida; só quero que ela saiba o quanto eu a amo,

PERIGOSAS ACHERON

o quanto preciso dela em minha vida, e o quanto estou apaixonado pelas crianças. Meu arrependimento por tudo o que fiz não tem proporções, e as palavras não são capazes de extinguir todo o mal que fiz a Dalila, minha esposa, a quem jurei amor eterno um dia, há tantos anos. Entrementes, não há a menor chance de me afastar de novo.

Nunca mais.

Ajoelho-me no tapete persa escuro, e respiro fundo, sentindo o aroma doce de sua pele macia, o cheiro de amêndoas de seus fios preenchendo o espaço ao meu redor. Sua expressão é serena, tranquila, e, sem me conter, acaricio de leve seus braços expostos pela blusa fina e regata do pijama. Estamos no começo de julho, mas a casa tem aquecedores, e está tão quente aqui no quarto, que me pergunto por que ela não ligou o ar condicionado. Sinto a textura de sua pele clara pela

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez há meses, e fecho os olhos, querendo fazer durar este momento para sempre. Se eu pudesse fazer um pedido, pediria apenas para parar o tempo, e me deixar ficar aqui com minha esposa.

Abro os olhos quando ela se mexe, expondo ainda mais o corpo. Sua regata sobe, e quase posso ver sua barriga, algumas cicatrizes do que aquele desgraçado fez a ela ainda ali, latentes e tão vivas quanto possível. Com delicadeza e em um movimento ágil, cubro sua barriga de novo, emocionado em imaginar que havia duas crianças ali, no passado. Dalila, tão pequena e frágil, carregou dois bebês dentro de si por meses, tornando-se ainda mais digna de meu amor e respeito.

— Eu amo você, sabia? Sempre amei, mesmo depois de tudo o que me fez passar, mesmo depois da traição que quase acabou com a minha sanidade, mesmo depois de me deixar encurralado naquele

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto, com aquele homem confessando tudo, mesmo depois de partir meu coração sem piedade. Acho que, surpreendentemente, consigo amá-la mais do que um dia já amei. Você mudou a minha vida, e, apesar de me deixar maluco na maior parte do tempo, eu sou completamente louco por você, e adoro esta loucura. Você conseguiu extrair o melhor de mim — balbucio, roçando de leve meu queixo em seu rosto.

Dou um beijo leve em sua face, e me levanto, deixando o aposento.

PERIGOSAS ACHERON



“Apesar de tudo, nunca me arrependi de tê-la conhecido e de sermos casados. Nós éramos um só, e ninguém iria mudar isso.”

(Ainda não acabou)

Hoje é a primeira consulta das crianças que Lila me deixou comparecer. Para ser mais exato e menos cínico, eu estava viajando a trabalho na última, por isso não pude acompanhá-los. Hoje, porém, eu não perderia este momento por nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

É cedo quando me levanto, e ouço Dalila conversando com as crianças no quarto deles, o barulho ecoando por todo o andar de cima e chegando até mim. Abro a porta silenciosamente, e ela amamenta Aurora, enquanto o irmão brinca no carrinho verde, ao lado da mãe. Lila canta uma música infantil, com os olhos pregados na filha. Sorrio e desço para a cozinha. Preparo o café da manhã do jeito que sei que ela gosta, com muitas opções de lanches saudáveis. Os livros dizem que, nesta fase da amamentação, a mulher precisa se alimentar muito bem e de modo saudável, por isso tento preparar pratos mais naturais, embora minha esposa não goste muito de tanta intromissão, alegando não ser uma completa idiota a ponto de não conseguir preparar seu próprio café. Ligo a máquina grande e imponente de *cappuccino* e preparo uma xícara para mim, com bastante chantilly. Faço uma para Lila, e trombo com ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que me viro, quase derrubando seu café.

— Bom dia — cumprimento, sorrindo ante a imagem dela.

Dalila usa o mesmo pijama de ontem: a blusa branca cobrindo boa parte de seu corpo mais cheio, a calça larga e os pés descalços.

— Hum... bom dia — ela resmunga, de mau humor.

— As crianças estão bem?

— Por que não pergunta a elas? — ela zomba de mim, fazendo uma careta, mas responde em seguida: — Sim, estão ótimas.

Rio para ela, que fica ainda mais brava.

— Que horas é a consulta? — pergunto, sentando-me à mesa já posta.

Ela faz o mesmo, retirando a xícara de minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nove. Tenho aula até às oito e meia. Tem certeza de que consegue ficar com elas sem mim? Quer dizer... — Ela faz uma pausa, envergonhada, e então desvia os olhos verdes dos meus, fixando-os em sua xícara. — Elas podem ficar na creche até a hora da consulta...

— Lila, eu posso cuidar delas, afinal sou...

Ela ergue a vista, estreitando os olhos.

— Você é o quê, Marcos? — Sua voz sai trêmula, porém ela sustenta sua fala e prossegue, insistindo: — Diga, Marcos, o que você é?

Engulo em seco, muito confuso, desorientado pela minha espontaneidade.

— Só quero ajudar, então posso muito bem ficar com elas — mudo o rumo do assunto, e Dalila finge não perceber.

— Está bem — ela diz por fim, dando de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

Tomamos o café em um silêncio desconfortável, como se fôssemos dois estranhos. Sempre a pego olhando para mim, e quando ela percebe, abaixa os olhos, sem graça. Claro que eu não colaboro muito para a nossa convivência, porque me sinto absurdamente alegre em irritá-la. Ela odeia que eu fique sem camisa, e, agora mesmo, encontro-me assim, de propósito, deixando o aquecedor esquentar tanto a temperatura dentro da casa, que é como se não estivéssemos no inverno; ela detesta que eu prepare o café, pois diz que pode se virar sozinha, mas eu insisto em acordar antes dela, quase sempre, e cuidar disso; Lila também se queixa por eu mimar demais as crianças, e faço isso o tempo todo, incapaz de não atender a cada choro ou resmungo dos gêmeos; ela não suporta que eu deixe minhas coisas espalhadas pela casa, e é exatamente o que costumo fazer. No fundo, há uma atração doentia em irritar minha esposa, testar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os seus limites até que ela exploda de uma vez, embora eu não admita isso para ninguém. A nossa convivência apática me dá nos nervos, e torço para que, em algum momento, a gente consiga resolver nossos problemas, mesmo que isso signifique gritar ou magoar um ao outro. Em algum momento teremos que ter uma conversa sobre a verdade, a verdade capaz de mudar nossas vidas, mais uma vez. Que Deus me ajude e minha esposa não me mate neste ínterim.

Olho para seu semblante cansado, meu amor por ela cada dia maior, como se já não bastasse tudo o que tenho sentido desde que voltamos a morar juntos. Dalila está com o corpo mais curvilíneo, os cabelos mais curtos estão sempre bagunçados, um humor do cão quando se dirige a mim. Clara me diz que, se fosse minha esposa, jamais teria aceitado

PERIGOSAS ACHERON

voltar comigo, então só o fato de Dalila ter me aceitado, mesmo que desta forma, é um grande avanço em uma relação indefinível.

Ela levanta os olhos verdes, e suspira, emudecida.

Sorrio para ela, que sai da mesa, sem dizer nada.

— Você já está saindo? — grito para me fazer ouvir.

— Só preciso me arrumar e já vou sair.

— Tudo bem — concordo, limpando a sujeira na cozinha planejada em tons amarelo, e subo para o quarto dos gêmeos, ansioso por ficar sozinho com eles pela primeira vez.



Dalila repetiu inúmeras vezes todos os cuidados que eu deveria ter com Ângelo e Aurora: como eu deveria trocar as fraldas com cuidado, para não machucar a pele sensível deles; como eu deveria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurá-los, caso sentissem cólicas; como eu deveria amamentá-los (e nessa parte, foi bem estranho, embora minha esposa tenha tirado leite dos seios suficiente para alimentar oito crianças); como eu deveria ligar para ela, imediatamente, caso algo de grave acontecesse.

— Marcos, eu juro que se acontecer alguma coisa com eles... — ela ainda está falando, e eu reviro os olhos, entediado. Só para irritá-la.

— Você vai chegar atrasada na aula, amor — brinco, apontando o relógio sobre a cômoda do quarto das crianças.

Dalila me fuzila com o olhar, e abre a boca para me xingar, mas desiste.

— Mamãe ama vocês. Se o homem mau fizer alguma coisa, podem me contar, que corto as bolas dele — ela está falando com os gêmeos, que estão no meu colo, e eu ignoro a parte em que ela vai cortar... minhas bolas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O homem mau seria eu, por acaso? — zombo dela, que já está saindo do quarto, pisando firme com os saltos da bota no tapete colorido.

— Quem mais seria? — ela retruca, olhando para mim por cima do ombro, e bate a porta do quarto, deixando-me ali, gargalhando.

Converso com os gêmeos, contando algumas histórias infantis que me recordo de cabeça. Narro a história da Chapeuzinho Vermelho, dos Três Porquinhos, do Peter Pan, e logo ambos estão dormindo, silenciosos. Coloco-os no carrinho duplo, e os levo para meu quarto, enquanto faço alguns telefonemas importantes. São quase sete da manhã, e Andrew, em Londres, deve estar na empresa, trabalhando a todo vapor.

— Bom dia, Andrew, como está tudo por aí? — pergunto, passando as mãos pelos cabelos. Ouço um barulho na linha telefônica, como se alguém

PERIGOSAS ACHERON

estivesse cochichando atrás dele. — Alguma novidade?

— *Bom dia, Marcos, estava agora mesmo pensando em telefonar para você. Ontem tivemos um problema com um dos fornecedores, no aeroporto de Heathrow, e, por conta disso, tive que pedir para atrasar o voo em alguns minutos. Uma confusão tremenda se instalou entre os passageiros, e muitos queriam até nos processar, dadas as circunstâncias. Juro para você que não sei como isto foi acontecer; ainda assim, precisamos resolver esta questão com os fornecedores.*

“Merda!”, resmungo em pensamento, sentando-me na cama de casal ainda bagunçada.

— Andrew, mas que droga, já falei que era para ter trocado de fornecedor. Ele já nos deu problema antes, e não quero mais sequer cogitar que ainda estejamos comprando deles. Encontre outro em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Londres ou qualquer cidade da Inglaterra, não me importo, mas resolva isso! — vocifero do outro lado da linha, passando as mãos nervosamente pelos meus cabelos mais uma vez, como se esse gesto pudesse amenizar a situação.

Ele fica em silêncio por alguns instantes, e ouço-o xingar alguém em inglês. Respiro fundo, tentando pensar. Não tenho como viajar agora para a Inglaterra; Dalila precisa de mim aqui, pelo menos enquanto as coisas se ajeitam. Ela só tem mais esta semana de aula na faculdade, e logo estará de férias. Se não fosse tão teimosa, poderíamos viajar juntos, algo que sei que ela sempre quis depois de perder a memória; por outro lado, sair assim, com os gêmeos, para um país distante, talvez não seja a melhor opção.

Não seja burro, Marcos, Dalila jamais vai aceitar passar doze horas dentro de um avião com você.

PERIGOSAS ACHERON

Olho para as crianças, que dormem profundamente, e sinto meu coração afundar no peito, pois nunca senti um amor tão louco como o que sinto por esses dois. Nem consigo encontrar palavras para descrever este sentimento, mas de uma coisa eu sei: é assustador o medo que tenho de perdê-los. A eles e a Dalila.

Andrew volta a falar comigo, e promete que vai resolver as coisas por lá.

— *Alguma chance de você vir para cá agora?*

— Não, quer dizer, não sei ainda. Dalila precisa de mim por conta das crianças, então é difícil sair assim, e deixá-la sozinha. Tente resolver tudo sem mim, e se não tiver jeito, eu vou — concluo, e desligo o telefone, jogando-o na cama.

Entro no banheiro e deixo a porta aberta, atento às crianças. Tomo um banho morno, tentando clarear as ideias. Há tanto para ser feito, e ainda preciso voltar à Singapura para checar a filial da PERIGOSAS ACHERON

FastAire de lá. A vida aqui em Bauru é complicada, às vezes, pois acabo ficando distante dos negócios, distante do centro onde tudo acontece. Vicente nem sempre é compreensivo, e preciso entender o lado dele. Nosso negócio tem crescido absurdamente nos últimos meses, e recebi uma proposta para ser capa da Forbes, em setembro deste ano. É um grande passo, e cada dia mais tenho a certeza de que fiz a coisa certa ao deixar a empresa de meu pai, há cinco anos. Contrariamente, se não tivesse dado início a tudo isso, não teria perdido Dalila...

— Eu não a perdi, não enquanto for vivo — resmungo embaixo da água, enfatizando em minha mente a importância de persistir até que ela me perdoe e sejamos uma família. *Uma família!* Eu, ela e as crianças, filhos de outro homem...

Meneio a cabeça para espantar este pensamento. Detesto quando meu cérebro toma este rumo, detesto ainda mais quando constato, em cada

PERIGOSAS ACHERON

pequena coisa, o quanto ambos são parecidos comigo.

Saio do chuveiro, me enrolo na toalha preta felpuda e entro no quarto. Está quente aqui dentro, mas não ousa desligar o aquecedor. Gosto de saber que tanto Ângelo quanto Aurora estão aquecidos e quentinhos. Coloco uma cueca boxer azul e me deito na cama, pegando o celular para mais uma série de ligações de negócios.



*“Eu devia estar muito louca mesmo quando cogitei
viver com ele uma história. E agora eu não tenho
nada.”*

(Ainda não acabou)

Dirijo até a Universidade, apressada, minhas botas acelerando no carro novo e caro de Marcos. Está um dia frio, mas vejo sinais de que o sol dará o ar da graça, mais tarde. Passo pela cancela, e aceno para o guarda na guarita, que sorri, simpático. Sentia-me muito mais livre quando vinha

PERIGOSAS ACHERON

pedalando, mas agora tantas coisas aconteceram em minha vida que um carro parece a melhor opção. Marcos foi muito convincente e acabei cedendo: renovei minha habilitação e faço uso da Land Rover para vir à faculdade, quando ele não me traz, ou quando viaja e eu preciso cuidar de tudo sozinha. Como ele mesmo afirmou, é muito mais rápido e seguro, e seria impensável e ridículo me imaginar carregando as crianças na cestinha da minha antiga bike...

Meneio a cabeça, sorrindo ao pensar nos bebês. Eles bagunçaram minha vida de um jeito que só duas crianças seriam capazes de fazer, e, ainda assim, como pude viver 38 anos sem eles? Como fui ser mãe tão tarde, quando a sensação que tenho quando estou com meus filhos é de que sou a mulher mais feliz e sortuda do mundo? Minha vida era vazia e sem cor, e meus filhos trouxeram a beleza e conforto que eu precisava. Bem que minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe, nos meses que fiquei em sua casa, me alertou. É um amor incondicional, assustador, tremendo, algo difícil de expor em palavras. O sentimento mais incrível que já senti em toda a minha vida, como se meu coração não estivesse mais no meu peito, e sim junto deles, batendo em outro lugar.

Estaciono o carro grande desajeitadamente na vaga pequena demais para o meu gosto: dirigir nem sempre é divertido. Pego meus materiais e desço do carro, atenta ao trabalho que preciso entregar, de Língua Inglesa I. Caminho a passos rápidos o trajeto até minha sala, esbarrando em uma doida de cabelos rosa, derrubando todos os meus materiais no chão. Cerro os dentes, frustrada por meu dia já começar assim.

— Olha por onde anda, sua maluca! — sibilo, irritada para a desconhecida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abaixo-me para recolher minhas coisas, e noto, mais nervosa ainda, que meu trabalho tem resquícios de terra.

— Ah, não... — começo a xingar, até que a voz tão conhecida me cala.

— Dalila...

Levanto meus olhos irados, e então sinto minha vista arder com lágrimas: Betânia está parada à minha frente, com os cabelos rosa esvoaçantes com a brisa do inverno, o rosto corado pelo vento, as mãos na cintura.

— Ah, meu Deus, Betânia, você voltou! — exclamo, alvoroçada, e me jogo nos braços de minha amiga desaparecida, a saudade de todos os meses que passamos separadas pesando neste momento. — Sua doida, o que está fazendo aqui? Você voltou? — repito minha pergunta, mas ela não diz nada, nós duas agarradas uma à outra em um reencontro improvável.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos ali por alguns segundos, até que começo a soltá-la, as lágrimas borrando meu rosto.

— Ah, Dalila, aconteceu tanta coisa — ela começa a falar, ajudando-me a pegar minhas coisas que ainda jazem no chão. — Minha vida daria uma reportagem trágica e medonha, nossa.

— Mas o que está fazendo aqui?

— Eu voltei. Quer dizer, consegui minha vaga de volta, embora quase a tenha perdido de vez. Conversei com o reitor, e expliquei a situação. Mostrei minhas notas para ele, disse que sempre fui uma boa aluna, e que estava arrependida de ter sumido, então peguei algumas D.P.s, mas nada que me impeça de continuar.

Balanço a cabeça, incrédula.

— Betânia, você abandonou o curso, nem acredito que está de volta — digo, agora sorrindo, com a alegria de estar com ela de novo invadindo

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração. — É um milagre que não tenha perdido sua vaga, ainda mais de um curso tão concorrido quanto o nosso. Um milagre! — insisto.

Os meses que se seguiram ao seu sumiço foram os mais difíceis para mim, tanto por sua ausência, quanto por conviver com aquele demônio do Sandro... as mudanças em minha vida, a gravidez, o sofrimento de criar meus filhos sem um pai, a ausência de minha família que, estranhamente, eu queria muito por perto, a dor de todo o terror que vivi.

Ela me olha, inclinando a cabeça cor de rosa para o lado, e abrindo um sorriso convincente.

— Eu sei, nem eu, mas quando a água bate na bunda, Dalila, a gente precisa se virar, e foi o que fiz — ela fala, pegando-me pelo braço e me conduzindo às salas.

— Então você vai fazer alguma matéria comigo no semestre que vem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Duas apenas. Deontologia do Jornalismo e Políticas de Sistema de informação — Sua voz sai baixa, enquanto ela vasculha em meio aos papéis que segura em suas mãos.

Faço uma careta, parando em frente à minha sala de aula.

— Eca, as piores! — brinco.

— Nem me fale. Eu vou ter em torno de doze matérias no próximo semestre, para recuperar o que perdi. Garanti ao reitor que daria conta...

— E como vai trabalhar? — interrompo-a, encarando minha amiga com curiosidade. Mesmo quando tínhamos poucas matérias, Betânia já se via doida com o acúmulo de tarefas da faculdade. Não tenho muito certeza de que ela vá conseguir com doze.

Ela sorri, envergonhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou trabalhar. Não este ano, pelo menos. Quer dizer, vou trabalhar só agora no mês de julho, para conseguir uma grana. Meus pais vão me sustentar ao menos este semestre, para eu não perder a vaga e conciliar tudo.

Sustento seu olhar, compreensiva.

— Entendo. Posso te ajudar, também, caso precise de dinheiro. Pode contar comigo, Betânia. E... — Faço uma pausa, dando passagem à minha professora, que acaba de chegar. Elvira nos cumprimenta e entra na sala, seguida de mais alguns alunos. — E o...

— Eu sei o que quer me perguntar, Dalila, mas acho que já está na hora da sua aula. — Ela aponta para a sala cada vez mais cheia. — Vou passar na secretaria para resolver umas pendências e deixar alguns documentos lá; te espero no intervalo para conversarmos, pode ser?

PERIGOSAS ACHERON

— Os gêmeos têm uma consulta às nove com o pediatra...

— Gêmeos? — Ela arregala os olhos, incrédula.

Suspiro, entrando na sala, com um sorriso cúmplice brotando em meus lábios.

— Temos muito que conversar, Betânia.

Ela entra comigo na sala, deixando seus compromissos de lado.



Peço para a professora Elvira para ser a primeira a apresentar minha pesquisa. Não sou muito boa em falar em público, mas até que me saio bem. Minha pesquisa foi feita em cima dos livros mais lidos pelos ingleses, assim como seus escritores favoritos. Confesso, bem contrariada, que Marcos me ajudou com este trabalho, mesmo que eu tenha sequer pedido, e não vou admitir de jeito nenhum que a ajuda dele foi preciosa: todo o seu

PERIGOSAS ACHERON

conhecimento sobre a Inglaterra veio a calhar em meu trabalho. A professora assente quando eu termino, e pede para o próximo se apresentar.

Assino a lista de presença que gira nos fundos da sala, e deslizo sorrateiramente para fora, como uma aluna de quinze anos, fugindo da aula maçante de matemática. Betânia e eu vamos para a cantina, e ela começa a sua história maluca enquanto esperamos um café.

— Dalila, minha vida foi um verdadeiro inferno, caramba! Quase fui presa junto com aquele bandido desgraçado, e foi naquele momento, enquanto a polícia vasculhava o muquifo onde morávamos, que me dei conta da enrascada onde eu tinha me enfiado. Fiquei escondida por mais de duas horas dentro de um guarda-roupa velho e fedorento, e quando o Gilberto foi preso eu vi minha vida toda se acabar ali também, como em um filme de terror. Ah, Dalila... — Betânia segura minhas mãos, com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um olhar choroso em minha direção, pedindo que eu tivesse piedade dela. — Foi horrível. Meus pais morreriam do coração com um negócio daquele. Já pensou? A filha presa por cumplicidade no tráfico? Por namorar um traficante? Ah, não, eles não mereciam isso não. O “trem” esquentou tanto, Dalila, que quando me dei conta de que estava livre, de que a polícia tinha mesmo ido embora sem me ver ali — ela ameniza o tom de voz, cravando os olhos em mim —, eu prometi que sairia daquilo.

Assinto para ela, muda, e espero por mais. Quando eu começar a falar, não vou parar, então é melhor eu me conter e ouvir minha amiga doida e sumida.

— E, então, eu respirei aliviada e prometi a mim mesma nunca mais me envolver com ele. Tinha uma grana guardada, então comprei uma passagem de ônibus e voltei para Bom Repouso. Fiquei lá uns dias, sem saber o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

Nosso café chega, e tomo um gole do líquido quente, saboreando a sensação da quentura queimar minha língua, enquanto me encolho em meu sobretudo preto. Está muito frio aqui fora, e só coloquei uma meia fina.

Betânia também se encolhe em sua jaqueta jeans e continua:

— Minha família me ouviu e não fez muitas perguntas. Eu não tinha intenção de retomar os estudos, mas minha mãe, coitada, em toda a sua simplicidade de mãe e amiga, me convenceu e acabei voltando. Capaz que eu tinha chance de retomar alguma coisa, né? Mas ela me obrigou a vir, por isso cá estou.

Ela bebe seu café, desviando os olhos para longe. Encaro seu semblante mais magro. Os cabelos rosa mantêm a personalidade rebelde de minha amiga, mas para por aí: Betânia está com uma aparência mais sofrida, o rosto mais quadrado

PERIGOSAS NACIONAIS

e fino, os olhos castanho-escuros mais fundos, com olheiras profundas ao redor do rosto, e ela tirou o piercing que usava no nariz, e sua barriga encoberta não me deixa ver se manteve o piercing nela. Seus ombros largos estão caídos, rendidos, e ela parece bem mais velha do que aparenta. Não sei por que estou tão chocada; eu mesma devo estar muito pior, depois de tudo o que passei. As pessoas costumam dizer que o sofrimento faz parte de nossa vida, de nosso crescimento pessoal, e eu não deixo de concordar; entretanto, ele deixa marcas profundas, no corpo e na alma, difíceis de apagar.

Respiro fundo, mexendo meu café sem interesse.

— Todos nós, de uma forma ou de outra, aprendemos com os erros, Betânia. Acredite em mim: você não será a primeira nem a última a tomar decisões erradas na vida e querer voltar atrás, ou até mesmo sentir vergonha por isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas é tão estranho, sabe? Só não entendo o que se passou na minha cabeça quando casquei¹ fora com ele... — Ela se encolhe, fitando-me.

Sorrio, compreensiva, e concordo com um leve meneio de cabeça, meus cabelos vermelhos balançando com o vento.

— A gente não precisa de uma razão, Betânia. Só precisamos de uma oportunidade, e sorte a nossa podermos consertar nossos erros.

— Você fala como se soubesse exatamente o que passei, Dalila. O que aconteceu com você nesses últimos meses, afinal? — ela me pergunta, arqueando as sobrancelhas rosa, curiosa. Depois de expor tudo o que passou com o ex-namorado, minha amiga reaparecida estava interessada em mim, no que aconteceu comigo durante os meses em que estive ausente. Acho que, finalmente,

PERIGOSAS NACIONAIS

chegou o momento de desabafar um pouco toda a minha frustração com a reviravolta que presenciei, atônita.

E então, deixo que o choro venha e conto tudo a ela, desde o dia em que descobri da gravidez, meus temores em contar ao Marcos, passando por Sandro, até a minha atual situação com meu marido, de novo. A estranheza e complexidade de nossa vida juntos, a rotina com os gêmeos, a rejeição dele pairando sempre entre nós, como uma faca afiada na qual não devemos (não podemos mexer). Quando termino, meu corpo balança pelos soluços, e ela se senta ao meu lado, me abraçando como uma boa amiga.

— Senti sua falta, sua doida — confesso, entre soluços e lágrimas, e ela me aperta ainda mais em seus braços, e descanso minha cabeça em seus ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dalila, eu sinto muito, juro que se ao menos soubesse de algo...

— Não foi sua culpa, Betânia, eu só não consigo explicar como minha vida virou esta bagunça completa — choramingo, e me sento mais ereta na cadeira, encarando o olhar piedoso de minha amiga.

Ela aquiesce, em silêncio, como se palavra nenhuma fosse suficiente para explicar minha situação delicada. Alguns minutos se passam, e ficamos ali, uma abraçada a outra, em um gesto de amizade infinita. Estou imensamente feliz que o destino tenha colocado Betânia em minha vida novamente. Por fim, levanto meus olhos quando a jornalista na TV fala o horário.

— Tenho que ir, Betânia, as crianças têm uma consulta com o pediatra daqui a pouco. Preciso passar em casa para pegá-los.

Ela arregala os olhos para mim, mexendo nos cabelos coloridos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, quer dizer que agora você é uma mulher poderosa, rica e cheia de frescuras, dirigindo por Bauru toda independente? — ela brinca, e eu me levanto, rindo de seu comentário maldoso.

— Super, nossa, e você esqueceu de acrescentar: uma mãe de gêmeos, que cheira a leite boa parte do dia, que não dorme há semanas direito, acima do peso e louca para matar meu marido. Sabe, se eu tivesse uma arma, juro que ele já estaria morto e enterrado embaixo da mansão onde moramos, por tudo o que me fez passar— admito, indo ao caixa pagar nosso café.

Betânia me empurra para o lado quando entrego a nota de \$50 para o moço atrás do balcão, ao que eu a ignoro. Pego o troco e seguimos até onde deixei o carro.

— Obrigada — minha amiga diz, abraçando-me de novo, com os olhos marejados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Retribuo o gesto carinhoso, e quando nos afastamos, peço com firmeza:

— Você precisa ir lá em casa, visitar as crianças. Eles são tão pequenos, Betânia, e ainda assim estão crescendo demais. Cada manhã surge uma novidade com eles. — Sorrio com ternura, pensando em como é maluco ser mãe. — Claro que quero sair correndo quando eles acordam de madrugada, gritando.

Ela me acompanha, estampando um sorriso que toma seu rosto.

— Mas, apesar de tudo, eu não os trocaria por nada.

Betânia me encara, calada. Ela assente, olhando-me de cima a baixo, como se, de alguma forma, a Dalila que ela deixou em Bauru no ano passado não existisse mais, toda a dor que passei moldou uma nova mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou louca para conhecê-los, Dalila, e claro que vou paparicar os dois como uma boa tia deve fazer — ela declara, mexendo nos cabelos coloridos. — Vamos combinar alguma coisa antes das férias, porque se eu arrumar um trampo em julho, aí nos veremos muito pouco — ela diz, e eu assinto.

— Estou torcendo por você, não se esqueça disso — asseguro a ela, com a voz firme. — Tome juízo, Betânia, por favor — friso as palavras, com as sobrancelhas arqueadas em uma tentativa de fazê-la entender que não precisa mais sair correndo, como já fez. — Eu estou aqui para o que der e vier — completo, e me viro, indo em direção ao carro.

Ouço quando minha amiga resmunga alguma coisa, porém não volto para saber o que é.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pego a Avenida Nações Unidas e sigo até a entrada do meu bairro, no Jardim América. É cedo, por isso o trânsito está aceitável. Ligo o rádio do carro e ouço as notícias do dia. O trajeto até a casa é curto, mas ainda me confundo, às vezes, com as ruas e os pontos de referência: estava habituada a sair de um outro lugar, de bicicleta, e agora tudo ainda é novo e complicado para mim. Tenho dificuldades em me orientar, por isso me atraso mais do que deveria quando entro em uma rua sem saída. Esmurro o volante, nervosa. Só espero que as crianças estejam prontas para sairmos de uma vez. Se o Marcos estiver minimamente atrasado... juro que serei presa por assassinato.

Entro no condomínio, aceno para o segurança e vou até a nossa rua, estacionando a Land Rover na garagem ampla. Deixo o portão aberto, pois imagino que será rápido pegar Ângelo e Aurora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encolho-me no sobretudo com a sensação do vento cortante adentrando minhas pernas desprotegidas. Não tenho tempo de colocar uma meia mais grossa.

A casa está silenciosa no piso inferior, então vou direto para o segundo andar, subindo as escadas em caracol rapidamente, quase tropeçando no caminho. O quarto das crianças está vazio. Merda!

— Marcos? — chamo baixinho, com medo de que estejam dormindo e eu estrague o sono deles.

Olho em volta do quarto, entro no banheiro das crianças, que está intacto. Volto para o quarto: o trocador está bagunçado, com dois mordedores de palhaço sobre ele, e uma fralda de boca de Aurora. Mas nem sinal deles.

— Marcos? — tento mais uma vez, sentindo uma onda estranha de medo. Saio para o corredor e acendo as luzes. Vou até minha suíte, que está da mesma forma que a deixei mais cedo.

PERIGOSAS ACHERON

O aquecedor deve estar ligado no último, pois está muito quente aqui em cima. Tiro meu sobretudo, sufocada, e então vou até o quarto de Marcos, na ponta dos pés. Sufoco um grito de espanto com a cena que vejo à minha frente, o coração cheio de um sentimento que mescla amor com alívio.

Aurora e Ângelo dormem na cama, cobertos por um fino lençol escuro; meu marido está deitado ao lado deles, as mãos protetoras em volta de ambos, uma calça jeans apertada baixa na cintura, sem camisa...

— Ah! — suspiro, encantada.

Inconscientemente, umedeço meus lábios ante a visão dele assim, tão à vontade. Respiro aliviada ao ver as crianças dormindo, e naquele instante, esqueço a consulta, esqueço a minha pressa, esqueço a minha raiva com o imbecil do meu marido... porque é a visão mais terna que vejo há

tanto tempo. Sento-me na beirada da cama, engolindo em seco. Eles continuam dormindo, tão silenciosos, e eu, como uma boa chorona que tenho sido, sinto as primeiras lágrimas escorrerem diante do pai dos meus filhos.

Marcos se mexe, cuidadoso, e então abre os olhos, fixando-os diretamente em mim. Por uma fração de segundos, nossos olhares ficam presos um no outro, minha respiração acelera pela confusão de sentimentos despertados em mim, sinto uma vontade incomum e intrometida de me deitar ali, com eles, e passar meu dia com minha família.

Minha família.

Ele me olha com carinho, sorrindo, e vejo suas covinhas saltarem em seu rosto perfeito. Marcos levanta as mãos para tocar em mim, e então imagens dele me abandonando quando contei da gravidez, o tremendo susto que levei quando soube que seria mãe de duas crianças sem pai, meu

PERIGOSAS ACHERON

sofrimento com Sandro... tudo invade minha mente de uma vez, e salto da cama, afastando-me dele e de qualquer traço de intimidade entre nós.

— Precisamos ir — sussurro, passando as mãos pelos braços, constrangida por ter sido pega assim, em uma situação comprometedora.

— Claro. Só preciso colocar uma camiseta e uma jaqueta. Deve estar frio lá fora — Marcos diz, levantando-se e entrando em seu closet.

— E uma calça também — murmuro às suas costas, encarando sua bunda no jeans baixo e apertado, sua silhueta bem moldada na roupa colada.

— O que disse?

— Nada — nego, indo até as crianças, com a mente bagunçada.

Esta nossa convivência não está funcionando como deveria. Marcos e eu estamos aqui apenas porque ele me deixou sem opções, mas se ele pensa

PERIGOSAS NACIONAIS

que vou esquecer fácil o que me fez passar está muito enganado. Não há chance de nós voltarmos a ser um casal. Nada me faria perdoar a dor que vivi com aquele maluco do Sandro.

Pego Aurora no colo e desço com ela até o carro, cobrindo seu corpinho pequeno com uma manta vermelha. Seus cabelos negros estão arrepiados por conta do vento frio, e ela abre os olhinhos muito verdes para mim, esboçando um sorriso preguiçoso e sonolento.

— Ei, minha doce princesa Aurora, é hora de acordar, boneca — falo com ela, beijando seu rostinho corado. Ela tem um cheiro delicioso de bebê, uma mistura de colônia infantil com banho, e roço meus cabelos em sua testa, que balança as mãozinhas no ar, tentando pegar os fios. — Amo você, princesa. Amo tanto você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorri, fechando os olhos, e volta a dormir. Ajeito-a no carro como posso, atrapalhando-me com a parafernália da cadeirinha. Em seguida, entro na casa mais uma vez, porém Marcos já está no meio do caminho, com Ângelo em um dos braços, e as malas das crianças no outro.

— Pegou tudo lá em cima? — ele pergunta, apontando para a escada.

Dou de ombros.

— Quem arrumou as crianças foi você.

— Verdade — ele ri, piscando para mim.

Maldito imbecil gostoso... arghhhh!

Viro as costas para ele, e entro no carro, deixando que ele faça o resto. Marcos ajeita o bebê na cadeirinha, ao lado da irmã, coloca as bolsas no banco de trás, volta para a casa, tranca tudo e assume o volante, cantarolando uma música que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toca no rádio. Olho pela janela, sem conseguir encarar meu marido, com um sorriso intrometido em meus lábios enquanto seguimos para a clínica.

PERIGOSAS ACHERON



*“O passado já foi, mas preciso dela em minha vida
pelos próximos 100 anos.”*
(Ainda não acabou)

O consultório do pediatra dos gêmeos fica praticamente a duas quadras de nossa casa, no mesmo bairro onde comprei a mansão para Dalila e as crianças. É um bairro nobre, com casas grandes e luxuosas, ruas arborizadas dando a falsa impressão de natureza bem conservada, quando todos sabemos a quantidade de obras que acontecem

PERIGOSAS ACHERON

nesses lugares, empreendimentos cheios de dígitos ganhando vida na cidade de Bauru; a cada terreno vendido a preços exorbitantes, uma nova construção tem início, e, quando fica pronta, alguém planta uma árvore como se não tivesse causado nenhum dano à Mãe Natureza.

Dalila está calada, apenas observando o curto trajeto até o consultório. Quando chegamos, estaciono no piso inferior, e subimos com as crianças no elevador, até o sétimo andar. O prédio todo é um complexo clínico de alto padrão, com atendimento especializado em vários setores: pediatria, obstetrícia, psiquiatria, odontologia e muito mais.

Seguro Aurora com carinho em meus braços grandes, enquanto ela olha para mim, as mãos no ar, tentando pegar meus óculos de sol, que preciso tirar do rosto antes que suas mãos habilidosas puxem o objeto caro para o chão. Dalila coloca um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mordedor em minhas mãos, em um sinal para que eu dê para a filha, e obedeço, observando o bebê satisfeito com o novo brinquedo. Às vezes, fico tão imerso nas reações das crianças, que parece que estou em um mundo paralelo, um mundo do qual não quero nunca mais sair.

— Estamos atrasados — minha esposa resmunga, enquanto vai ao balcão de atendimento avisar que chegamos.

Apenas assinto, sem discussões.

A sala de visitas tem tons de rosa e azul, uma área no chão reservada às crianças, com muitos brinquedos, um escorregador gigante e assustador e algumas cadeiras coloridas. Há três casais esperando, e duas crianças engatinham pela área infantil. Sento-me na poltrona azul, esperando.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Dalila me pergunta, sentando-se ao meu lado, com o filho nos braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergo as sobrancelhas para ela, confuso.

— Fazer o quê?

— Isso. — Ela aponta para a sala. — Sabe, participar de uma consulta com o pediatra. Acho que um homem rico como você não deveria perder o seu precioso tempo com essas bobagens.

— Lila, eu não vou a lugar algum, quantas vezes preciso dizer a você? Não vou me afastar das crianças...

— Marcos... — Ela levanta um dedo em minha direção, a expressão claramente contrariada, mas eu a calo.

— Não tem nada de Marcos, Lila. Estou aqui, com você e com as crianças, e é aqui que vou ficar.

— Respiro fundo, apontando para Aurora e Ângelo.

— Não posso mais ficar sem eles, por favor — peço.

Dalila engole em seco, frustrada.

PERIGOSAS ACHERON

— Você disse isso antes — ela diz baixinho, a acusação explícita em sua voz quase rouca.

Abro a boca para dizer alguma coisa, impedir que sua frase seja um indício do quanto fui irresponsável e um cretino ao abandoná-la. Porém, o nome das crianças é chamado por uma enfermeira gorducha, e Dalila se levanta, fazendo um sinal para eu segui-la. É o que faço. Nossa conversa pode esperar.



O consultório se assemelha a um playground: todo colorido, tons de rosa e azul claros tomando conta do ambiente personalizado. Há duas paredes pintadas em azul e duas em rosa, como se as crianças usassem apenas duas cores durante sua infância inteira. Há bancos coloridos, uma cortina branca grande que mascara toda a extensão da janela que vai do chão ao teto; prateleiras cheias de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bichinhos e brinquedos, um trocador grande encostado a uma parede cor-de-rosa, e tapetes macios no chão, um azul e outro rosa claro. Mais ao fundo da sala, com uma divisória de vidro, vejo uma pia grande de mármore, com vários objetos de esterilização, e uma maca branca, com lençóis combinando, à espera do primeiro paciente, e uma luminária acima dela, apagada. A sala toda, de modo geral, oscila entre o azul e o rosa. Lanço um olhar de esguelha para os gêmeos, que usam vermelho e verde, quase sempre. Dalila parece ter assumido a função de fazer com que ambos gostem destas duas cores, como ela. Acaricio a cabecinha de Aurora com meu rosto barbeado, roçando de leve meu queixo pelos cabelos escuros dela. Ela resmunga, abrindo os olhos verdes e procurando meu rosto. Sorrio para ela, derretido.

PERIGOSAS ACHERON

Dalila parece à vontade na sala, enquanto se senta em uma poltrona rosa, segurando o filho com carinho. Permaneço em pé, deslocado naquele lugar tão infantil e ao mesmo tempo impessoal. E, tão logo penso nisso, a porta se abre, e um homem alto demais entra na sala, os cabelos castanhos e curtos penteados com perfeição em sua cabeça torta, os olhos do mesmo tom de suas madeixas percorrendo a sala com curiosidade. Ele usa um jaleco branco e segura um tablet nas mãos grandes, com um sorriso enorme em direção à minha esposa. Minha esposa.

— Bom dia, Dalila, que bom vê-la tão cedo — o *Dr. Amor* se dirige à Dalila como se fossem bons amigos, e seu tom de cantada barata não passa despercebido por mim, que fecho a cara para ele assim que percebe minha presença na sala. — Ah, olá, eu sou o doutor Benjamim, pediatra das crianças. E você é? — Ele estende a mão vazia, vindo em minha direção, desconcertado.

Tenho uma súbita e impertinente vontade de dizer a ele que doutor é quem tem doutorado, e que ele é jovem demais para já estar nesta fase avançada de estudos, mas me contenho e apenas aperto sua mão com firmeza, olhando fixo em seus olhos escuros.

— Sou Marcos Baiocci, marido de Dalila e pai dos gêmeos — retruco, e ignoro a cara surpresa de minha esposa à minha primeira menção da paternidade deles.

Simplesmente não posso mais cogitar que eles não sejam meus: mesmo que não sejam de sangue, eu os tornei meus filhos, e qualquer negativa em relação a este assunto está proibida. Lanço um sorriso para o *Dr. Amor*, que me olha atravessado, sentando-se atrás de sua mesa grande.

— É um prazer conhecê-lo, Marcos.

— O prazer é meu — desdenho, sentando-me em frente a ele e ao lado de minha esposa.

Benjamim está, claramente, irritado e surpreso com minha presença em seu consultório infantil. Dalila veio sozinha nas consultas anteriores, mas apenas porque eu estava fora. Mesmo que ela odeie minha participação, vai ter que aceitar que eu vou tomar conta dela e das crianças, quer ela queira quer não.

O *Dr. Amor* mexe em seu tablet, lê algumas anotações no computador grande sobre a mesa branca, e então olha para as crianças pela primeira vez desde que entrou.

— E então, como vão esses dois hoje? Apenas nossa consulta de rotina, ou há algo acontecendo com os gêmeos, Dalila?

Dalila se remexe na poltrona, levantando um pouco Ângelo, que dorme profundamente.

— Tirando a parte em que eles não me deixam dormir, acho que está tudo bem — ela responde, dando de ombros.

— Eles ainda estão na fase de adaptação, Dalila, por isso é normal que seus horários de dormir e comer sejam instáveis. Eles, assim como você, estão se descobrindo, percebendo o que funciona e o que não funciona de jeito nenhum. Apenas tente descansar quando eles dormirem, e não ficará tão cansada durante as noites. Logo, eles terão uma rotina e você verá que foi apenas uma fase. — Ele digita algumas coisas no computador e se levanta. — Coloque os dois aqui, por favor.

Não vou largar Aurora de qualquer jeito naquela maca horrorosa, mas Dalila me lança um olhar gélido, e obedeço, amuado. Aurora e Ângelo parecem duas bolinhas pequenas na maca grande, e chego mais perto, curioso.

Benjamim mexe nos dois, ergue os braços e pernas, conversa com eles como se fossem grandes amigos, retira a roupinha de ambos, e coloca o estetoscópio primeiro em Aurora, que geme,

PERIGOSAS ACHERON

irritada, como se estivessem interrompendo sua vida monótona; Ângelo, sempre mais calmo, apenas observa o médico, com os olhos abertos e fixos no alto.

As fraldas são retiradas; ele pergunta sobre assaduras e a pomada que Dalila usa, e eu sou completamente ignorado da conversa, ficando de escanteio, apenas ouvindo a ladainha que se desenrola à minha volta. Minha esposa fala sobre marcas, tamanho e a quantidade de vezes que precisa trocar, enfatizando que Aurora chora mais que o irmão, como se sentisse dores ao ser trocada.

— Ela está um pouco assada mesmo — o médico fala, examinando muito de perto Aurora, e dou um suspiro irritado por ele estar tão perto dela. Mas o que eu esperava? O cara é o pediatra deles. Bufo, revirando os olhos para o fato de não conseguir conter meu ciúme. Por que Dalila tinha que escolher justamente um homem como pediatra

dos gêmeos? No mínimo, porque ela adora mesmo é me tirar do sério, só pode! Continuo ouvindo a conversa.

— Precisa tomar muito cuidado ao trocá-la, Dalila, pois ela é mais sensível. Sempre ficar atenta quando ela estiver mijada e trocar o mais rápido possível. É normal ficar assada, então não se preocupe com isso. E o leite? Você ainda os amamenta no peito?

Cerro meus punhos, pronto para dar um soco na cara desse doutor metido a médico, que está falando sobre os seios da minha esposa. *Minha esposa*, tenho vontade de gritar, mas me contenho. Meu Deus, preciso me controlar!

— Sim, doutor, eles ainda mamam no peito, e parece que vão fazer isso por muito tempo — ela brinca, suas bochechas ganhando um tom rosado adorável de vergonha. — Eu... — Ela olha para

mim e logo desvia os olhos verdes dos meus, constrangida. — Eu ainda tenho muito leite, então acho que a amamentação não será um problema.

O médico sorri. Desgraçado!

— Fico feliz em saber disso. O leite materno é o alimento mais rico e o ideal para uma criança, ainda mais gêmeos, que sempre nascem prematuros. Continue amamentando-os, e quando completarem seis meses, iremos colocar outros alimentos para eles, como sucos naturais. Eles têm tido cólicas?

— Não, quase nunca tem. Aurora é mais propícia a ter, mas é raro. Graças a Deus, porque, quando isso acontece, eu fico perdida — Dalila confessa, abrindo um sorriso triste para o médico, que apenas assente, ainda mexendo nas crianças.

O *Dr. Amor* os vira de todos os lados, mexe em tudo como se as crianças fossem duas massas de pão, prontas para irem ao forno. Com a ajuda de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dalila, ele as pesa em uma balança de metal, com um papel branco que cobre o objeto medonho; depois, mede cada um deles, e, quando termina, veste-os novamente, anotando algo em seu tablet.

— Bem, estamos indo bem, Dalila. Eles estão ganhando peso e cresceram como eu esperava. O importante, agora, é continuar com o leite materno, e eles crescerão saudáveis, como deve ser. Vou marcar nossa próxima consulta para daqui a duas semanas, mas qualquer indício diferente você pode vir antes, sem problemas — o *Dr. Amor* tagarela, sorrindo para minha esposa.

Pego Aurora e Ângelo nos braços, agora com muito mais facilidade do que antes, e espero próximo à porta, ansioso para sair dali. Se o *Dr. Amor* continuar a falar, vou vomitar ou dar uma surra nele. O cara não se tocou ainda que seus pacientes são dois bebês inocentes, e não minha esposa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ele termina, entrega um papel para Dalila, faz questão de apertar a mão dela, e antes que ele nos dispense educadamente, já estou no corredor, injuriado. Dalila me segue, com um sorriso divertido no canto dos lábios rosados pelo batom.

— O que foi? — pergunto, arqueando minha sobrancelha para ela, com uma expressão de paisagem.

— Nada, Marcos, nada. — Ela gesticula com as mãos, ainda sorrindo.

Espero que ela agende a próxima consulta, e sinto um alívio enorme me percorrer quando estou atrás do volante, louco para sair daquele lugar. Vou dar um jeito de trocar de pediatra, afinal quem precisa de um médico babaca dando em cima da minha mulher na minha cara? Eu que não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou faminto. Podemos passar em algum lugar para comer e depois ir para casa? — Olho para ela, de esguelha, enquanto saio do estacionamento subterrâneo.

— Claro, só preciso primeiro alimentar estes dois antes que eles abram o maior berreiro — ela brinca, apontando para as crianças no banco de trás.

— Perfeito, então.



Escolho uma opção mais saudável para nosso almoço, considerando que Dalila amamenta as crianças e precisa se manter em saúde perfeita, por isso a ideia de comida japonesa me deixa satisfeito. Estaciono no Shopping Boulevard, e a conduzo para dentro, uma mão em suas costas e a outra segurando Ângelo. Lá dentro, o ar quente é muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem-vindo, já que o céu ficou nublado desde que saímos do consultório, e imagino que as temperaturas venham a cair ainda mais.

Procuramos a área destinada à amamentação, e ajudo Dalila com as crianças, ignorando sua expressão aborrecida por eu me manter por perto enquanto ela amamenta Aurora. Troco a fralda de Ângelo em uma forma de ajudá-la, mesmo que seja uma missão quase impossível com o passar do tempo: eles estão crescendo rápido demais para meu gosto, as pernas cada dia mais gorduchas e esperneiam sem parar, principalmente Aurora, a mais inquieta. Demoro mais tempo do que o necessário tentando encontrar a aba para abrir a fralda, com Ângelo chutando o ar com força desmedida, e quando a encontro, o bebê já se sujou de novo, e desta vez não foi com urina.

— Merda! — exclamo, ouvindo minha esposa rindo às minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

Não seria uma má ideia se eu sugerisse que a mãe trocasse a criança, mas quando me viro para ela, percebo em seus olhos sua decepção com minhas prováveis palavras. Ok, eu posso fazer isso, afinal sou um homem adulto que comanda uma empresa milionária e que aceita qualquer desafio. Certo?

— Lila, você pode ao menos me dizer como fazer isso sem que ele se suje mais ainda? Era mais fácil quando ele não se mexia! — resmungo, encarando Ângelo à minha frente, as pernas se debatendo enquanto faço um tremendo esforço para que ele não se suje de cocô.

— Bem, já que você assumiu seu posto de pai, acho que sabe como se virar — ela zomba de mim, brincando com Aurora.

Posto de pai. Sim, eu o assumi desde aqueles dias sombrios na maternidade, quando vi minha vida inteira passar como um filme, momentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenebrosos tentando não enlouquecer com Dalila machucada e os gêmeos ainda tão frágeis. Sim, Lila, eu assumi e não troco essa vida que levo agora por nada. Tenho vontade de descarregar toda a carga emocional de nossa situação; contudo, me calo, sabendo que não estou em posição de dizer nada a meu favor. A única aqui que tem direito a alguma coisa é Lila, somente ela, depois do inferno que viveu. Passo a mão livre nos cabelos, colocando os fios no lugar.

Tudo bem. Eu posso fazer isso.

Ajeito o menino no trocador grande e, com cuidado, troco sua fralda pela segunda vez. Uso quase todo o balde de lencinho, ouvindo a risada de Dalila. Devo estar fazendo papel de idiota, mas quem se importa? Nunca troquei uma fralda com um bebê tão enlouquecido, que parece um boneco inflado de ar, e nunca pensei que estaria disposto a

PERIGOSAS ACHERON

tanto por eles; Ângelo se remexe, começando a se irritar, e pego uma fralda limpa na bolsa grande e verde dele, que está aos meus pés.

— Ande logo com isso, Marcos. Será que você consegue trocá-lo ainda hoje? — seu sarcasmo me instiga a não desistir, e, fechando a cara, troco a fralda, jogando a suja no lixo vazio.

— Não sei se ficou perfeito, mas...

— Claro que não. A fralda dele está toda torta, olhe só...

— Mas... — tento interromper, porém ela vem até mim e me entrega Aurora, pegando o filho nos braços e voltando para a poltrona. — Não balance muito ela, ou ela vai despejar o leite que acabou de mamar em você! — Dalila me repreende, e eu apenas sorrio, enternecido pelo cheiro de bebê dela. Aurora é, sem dúvida, a menina mais linda do mundo. Seus cabelos escuros como a noite são um

PERIGOSAS NACIONAIS

contraste com sua pele branca e os olhos verdes. Ajeito seu corpo em meus braços, e seus olhos se fixam em meu rosto, em expectativa.

De algum modo estranho, ela sabe que vou contar uma história boba ou então cantar uma música com minha voz desafinada, e não a decepçiono. Começo a narrar a história da Rapunzel (ao menos, acho que é ela), e a pequena me encara, silenciosa, o rosto acompanhando os gestos vagos de minhas mãos e derretendo cada vez mais meu coração cheio de amor pelo presente que seguro em meu colo.

Dalila me observa; contudo, não diz nada. Finge estar mais interessada no filho; ainda assim, noto um sorriso em seu rosto quando encerro a história, com Aurora sorrindo para mim e erguendo as mãozinhas para o ar, tentando pegar um objeto que só ela vê.

PERIGOSAS ACHERON

Quando minha esposa termina com Ângelo, saímos da sala destinada a este fim e caminhamos pelo piso liso do shopping, com as crianças no colo, alimentadas e trocadas.

— Acho que vamos precisar dos carrinhos — ela diz ao meu lado, olhando as vitrines com pouco interesse. Ela prendeu os cabelos em um rabo de cavalo bagunçado, que expõe seu pescoço, alguns fios da franja mais curta caindo em sua testa. O vestido de lã está todo amarrotado, o sobretudo que ela usava por cima esquecido no automóvel, e sua meia antes intacta agora está desfiada. Contenho o riso, e entrego Aurora para Dalila, voltando ao estacionamento sem dizer nada.

Volto em pouco tempo, e encontro-a com as crianças na livraria, tagarelando com seus amigos. Elias me lança um olhar de reprovação quando paro perto da vitrine lotada de livros, e aceno para ele, rendido. Não quero mais problemas do que já tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tido, e o fato de um dos amigos de minha esposa me odiar pelo que a fiz passar só desconta mais pontos da minha tabela cada dia mais precária com relação ao nosso relacionamento já bastante fragilizado.

— Como vai, Elias? Olá, Andréia — cumprimento, sendo ignorado na mesma medida.

— Ah, meu Deus, Dalila, eles estão enormes! O que você está dando para eles comerem, sua louca?

— Elias pergunta, balançando Ângelo no colo, paparicando a criança como um parente.

Meneio a cabeça, concordando.

— Nem me fale. Eles mamam sem parar. Sinto-me uma vaca leiteira desde que nasceram.

— Não é para menos, amiga, você está bem parecida com uma vaca...

— Elias! — Andréia o repreende, cutucando-o com o dedo.

PERIGOSAS ACHERON

Elias dá uma gargalhada gostosa, ainda balançando o bebê. Desejo, bem no meu íntimo, que Ângelo despeje todo o seu almoço no rapaz, mas ele é uma criança muito comportada, e apenas fecha os olhos, voltando a dormir.

— Vamos almoçar por aqui, depois iremos para casa. Vocês ainda estão me devendo uma visita, lembra? Eu não me esqueci — Dalila diz, colocando as crianças no carrinho. Levanto as mãos e aceno em despedida, saindo com o carrinho em direção à praça de alimentação.

Nunca me senti tão deslocado e ao mesmo tempo no lugar certo como agora. Eu, com meus 44 anos, guiando um carrinho com gêmeos dentro, bobo como nunca fui. Algumas mulheres sorriem para mim, como se eu fosse a atração, e apenas dou de ombros. O lugar está parcialmente cheio, então opto por uma mesa bem perto de onde pretendo comer: o Kiga Sushi, um ótimo restaurante que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

serve comida japonesa. Arrumo o carrinho duplo de modo a ficarem de frente para mim, e coloco um mordedor na mão de cada um.

— A mãe de vocês disse que devem passar o dia com isso — sussurro, e Aurora pega o objeto, enquanto o irmão dorme.

— A mãe deles o quê? — Ouço a voz alta de Dalila, e me viro a tempo de vê-la com as mãos na cintura mais grossa, olhando-me contrariada.

— Nada — retruco.

— O doutor Benjamim disse que é importante estimular a coordenação motora deles nesta fase.

— O *Dr. Amor* tem filhos por acaso? — zombo dela, que estreita os olhos em minha direção.

— *Doutor Amor*? Que papo é este, Marcos?

— Nada — respondo, e me levanto, indo buscar o cardápio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçó Dalila rindo às minhas costas, de novo. Que ótimo! Agora, estou fazendo papel de bobo com este sentimento que... bem, não é bem um sentimento, seria mais como uma sensação de descontrole em saber que ela leva os filhos àquele médico sem noção. De agora em diante, faço questão de acompanhar minha esposa a estas consultas pediátricas. Eu deveria, através de alguns contatos que tenho, trocar de médico, mas isso só causaria mais danos aos degraus íngremes que tenho que subir diariamente para reconquistar a confiança de Lila, além do fato de ter medo dela quando fica furiosa. Muito medo!

O cardápio é muito variado e Dalila passa os olhos pelas opções, interessada. Escolho como entrada Guioza, e como prato principal Uramaki. Peço apenas uma água para acompanhar a refeição,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto, educadamente, espero que ela escolha seu almoço. Ela parece em dúvida, e olha para mim, dando de ombros.

— Não sei muito bem o que pedir. Não sou muito fã de comida japonesa, eu acho. — Dalila se remexe na cadeira, e seus olhos observam as crianças rapidamente antes de se voltarem para mim. — Tudo parece tão... — ela faz uma pausa, sorrindo — cru.

Sorrio, pegando o cardápio de suas mãos. Quando nossos dedos roçam de leve, vejo o quanto ela fica incomodada, mas logo se recupera e abaixa os olhos para a mesa.

— Bem, não há somente alimentos crus aqui, Lila. Há opções muito saudáveis, na verdade. Pensei em virmos aqui já que você está...

— Gorda — ela me desafia, encarando-me com seus olhos verdes, petulante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Engasgo diante de suas palavras hostis. Dalila acabou de ter gêmeos, não é uma mulher tão nova e passou por muita coisa. Sua silhueta, certamente, não é mais a mesma de quando nos casamos, embora isso não faça a menor diferença para ela, que não se lembra desse período mesmo. Ainda assim, quero que minha esposa perceba o quanto ficou gostosa e curvilínea depois do parto: ela está bem mais forte, sim, mas não de uma forma que deveria incomodá-la.

Respiro fundo, passando as mãos pelos meus cabelos soltos.

— Não, Lila, você está amamentando, era o que eu ia dizer, e precisa comer direito, sabe, já que tudo é transferido para as crianças.

— Mas eu não gosto de comida crua! — ela retruca, como uma menina mimada.

Assinto, mostrando mais uma vez o cardápio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem tudo aqui é cru, como já disse. — Aponto alguns itens. — Olhe, que tal provar um Yakissoba como entrada e, se odiar, podemos ir a outro lugar. Se gostar, pode tentar provar outras coisas. O que acha? — tento de novo, e vejo seus olhos se iluminarem.

— Está bem. Pode ser Yakissoba, seja lá o que venha nisso. Não sendo nada cru já está de bom tamanho.

— Ótimo. Estou certo de que vai gostar.

Faço os pedidos no balcão e volto para a mesa, aguardando nossos pratos. Aurora e Ângelo, agora despertos, brincam com os mordedores, e sempre que escutam a voz de Dalila, os olhos verdes de ambos procuram pela mãe, com um sorriso lindo no rosto cada dia mais rechonchudo. Brinco com Aurora, que enfia na boca o mordedor de palhaço, a baba sujando todo o brinquedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que será que ela baba tanto? — pergunto para Dalila, que me observa brincar com a filha.

— Não sei, deve ser a dentição, né? De acordo com o livro que comprei, gêmeos prematuros podem demorar a se desenvolver, então acredito que ainda esteja cedo para dentes. Mas vou perguntar ao doutor Benjamim na próxima consulta — ela responde, piscando os olhos.

Encaro sua expressão. Dalila, como sempre, está me desafiando. Ela, no fundo, gosta deste jogo comigo. Minha esposa percebeu o quanto detestei aquele médico metido a pediatra e está me provocando com seu comentário. Pego as mãozinhas de Aurora, com cuidado, e levanto para o alto.

— Humm... acho que deveríamos trocar de médico. Este doutor que nem doutorado tem, não me pareceu muito confiável...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — ela grita do outro lado da mesa, arqueando as sobrancelhas ruivas em um gesto perplexo.

— Isso mesmo. Deveríamos procurar uma médica, talvez.

— E por que não o doutor Benjamim?

— Porque ele não tem doutorado, oras.

— Marcos, não comece.

Dalila joga a franja que cai em sua testa para cima, revirando os olhos para mim, incrédula com o que acabei de dizer.

— Lila, olhe, o plano de saúde cobre tudo, então podemos, sim, procurar alguém melhor — insisto; contudo, ela balança a cabeça, apontando um dedo em minha direção.

— Eu não vou trocar de médico só porque você quer, entendeu? Continuo com o doutor Benjamim, e chega dessa conversa estúpida e sem fundamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua voz sai elevada e a irritação é nítida em cada palavra pronunciada por ela.

— Lila... — começo de novo, mas um garçom traz nossos pratos, e o olhar gélido que minha esposa me lança é um sinal claro para eu calar a minha boca.

E é o que faço.



“Todos nós erramos, Dalila, e se ele errou, você precisa perdoá-lo.”
(Ainda não acabou)

Cochilo no carro, no caminho de volta para casa. Estas noites maldormidas, o cuidado excessivo que preciso ter com os bebês, sem contar a faculdade, tem me deixado meio doida. Sorte a minha que esta será a última semana de aula, e logo terei alguns dias de folga. Preciso descansar um pouco meu cérebro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aurora e Ângelo estão mais despertos do que nunca quando acordo, já em nossa rua. Marcos conversa com eles, e ambos prestam atenção, fazendo caretas engraçadas. Aurora emite alguns sons enquanto sua boca rosada está toda molhada de saliva; ela parece querer dizer algo ao pai, como se entendesse tudo o que ele diz, como se ambos tivessem uma conexão que não pode ser quebrada. Tanto ela quanto o irmão já estão ficando mais firmes e viram a cabeça o tempo todo, querendo observar as coisas ao redor. É uma dádiva presenciar o desenvolvimento dos dois, quando tantas coisas contribuíram para que eles nem nascessem...

Já dentro de casa, Marcos, claro, liga o aquecedor e eu não reclamo. Estava muito frio lá fora, e quero que as crianças fiquem aquecidas. Ele as leva para cima, e o sigo, suspirando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou dar um banho neles, pode colocá-los no berço. Só vou preparar a água.

— Posso te ajudar, se quiser.

Hesito por alguns instantes. O banho é sempre um momento estressante: Aurora e Ângelo se mexem demais, batem as mãos na água o tempo todo, isso quando não choram, berrando a plenos pulmões. Eles adoram brincar com a água, como se ela própria fosse um brinquedo divertido e atraente. Os livros que leio sobre o assunto sempre sugerem que a mãe proporcione um momento único para o filho nesta hora. Mas eu? Faço de tudo para que seja o mais rápido possível, tentando me manter seca na maior parte do tempo, o que é um grande desafio.

— Eu adoraria — respondo, e vou para o banheiro deles encher a banheira grande e dupla, que veio diretamente de Miami, um presente caro e desnecessário de minha cunhada, Clara.

PERIGOSAS ACHERON

Se ele vai me ajudar, então que se aproprie de uma criança, e assim terminaremos mais cedo do que quando preciso dar um banho por vez. A água do chuveiro está muito quente, e o vapor enche o banheiro com um ar quente e invernical. Com muito cuidado, levo a banheira cheia de volta ao suporte, que fica no canto do quarto deles, e derrubo um pouco de água pelo caminho. Testo a temperatura e vou direto a Ângelo, que se remexe no berço, sorrindo para mim quando falo com ele:

— Vamos tomar um banho quente, meu amor, e depois que você encher a sua barriguinha, vai dormir, tudo bem? — falo em uma voz infantil, e meu filho apenas continua se debatendo, feliz.

Marcos me cerca, curioso.

— Posso fazer isso com a Aurora? — ele me pergunta baixo, bem atrás de mim.

Viro-me, encarando-o rapidamente.

— Acha que consegue?

— Sim — ele responde com firmeza, sem deixar margem para discussão, e apenas concordo com um aceno. Estamos aqui, criando as crianças juntos, e seria tolice eu me estressar com sua ajuda. Eu só preciso terminar meu curso de Jornalismo, arrumar um bom emprego e dar o fora da vida dele, nosso divórcio sendo o último passo para nosso distanciamento. Tenho pensado nisso desde quando voltei para Bauru e, para minha surpresa, Marcos tinha uma vida para as crianças toda planejada, com uma mansão que toma conta de um quarteirão do condomínio, um carro enorme e toda a estabilidade que eu precisava naquele momento para não surtar.

Os meses que passei em Presidente Prudente foram um caos de emoções e sentimentos, e eu no meio do fogo cruzado, tentando driblar minha vida. Quando aceitei tudo, foi unicamente porque me vi sem saída, querendo, desejando a todo custo não desistir do curso que amo tanto, os pensamentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre no futuro: o que eu faria quando ele desaparecesse de novo? O que seria de mim, uma mãe solteira de duas crianças inocentes e indefesas, sem perspectivas de um emprego, ou um salário digno? Voltar para a livraria e tentar sustentar a mim e aos gêmeos com aquele salário seria quase suicídio, e eu não conseguiria ir tão longe.

Meus filhos são ótimos, e agradeço a Deus cada dia por ter me dado presentes tão maravilhosos, mas, sob todos os aspectos, criar duas crianças com um salário baixo, morando em uma casa pequena demais, e ainda precisando estudar seria o fim do meu sonho de ter um diploma, ao menos de me lembrar do meu diploma. Não, eu não seria hipócrita a ponto de negar a ajuda de meu marido pelo tempo necessário para estudar e conquistar algo melhor para mim e para as crianças. Seria isso,

PERIGOSAS ACHERON

então. Tudo já estava planejado, e quando Marcos menos esperasse, eu desapareceria de sua vida para sempre.

Afasto os pensamentos futuristas, e tento me concentrar na tarefa que vou fazer. Pego no guarda-roupa um macacão verde com um chapéu de sapo, meias combinando e uma fralda limpa. Tiro as roupas dele; a fralda está úmida então passo um lençinho rapidamente, e o levo correndo para a banheira.

Enquanto lavo seu rostinho, ele bate as mãos pequenas na água morna, molhando-me toda. É sempre assim! Logo Marcos vem com a filha nos braços, todo desajeitado, e a coloca na banheira com o irmão, e então a bagunça tem início: ambos se mexem, jogam água para fora, e eu vou dando algumas instruções para meu marido: primeiro lavar o rosto dela, depois pegar o xampu que está no suporte, onde eu deixo sempre; Marcos faz tudo

com muita cautela, segurando as costas da filha com um cuidado excessivo e paternal. Perco-me por alguns instantes admirando a cena familiar, e por um breve instante, sorrio com a ideia de ter uma família de verdade, a minha família, uma vida que sempre é interrompida por alguma tragédia. Como pude demorar tanto para experimentar esta sensação que me invade sempre que olho para meus filhos?

— Lila, acho que caiu xampu no olho dela — ele diz, com os olhos verdes arregalados para mim, o desespero estampado em seu rosto molhado pela água da banheira.

Dou de ombros, contendo um sorriso de deboche.

— Passe água no rosto dela de novo. Este xampu é próprio para crianças — enfatizo, e continuo ensaboando Ângelo. Viro-o de bruços, e Marcos me imita, tenso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Confesso que estou morrendo de medo de derrubá-la — ele brinca, mas sei que, pelo tom de voz, está sendo sincero.

Olho para suas mãos, grandes e firmes em volta da filha, a possibilidade de que ela caia ali é mínima.

— Duvido muito.

— Tomara que não, né, princesa? — Marcos se dirige à Aurora, que emite sons irritados. Ela não curte muito esta posição, e logo abre a boca, chorando.

— Ela não gosta de ficar assim. É a única parte do banho em que chora — esclareço, sentando meu filho na água, enquanto ele vira o rosto, tentando olhar para a irmã, que chora cada vez mais alto.

— O que eu faço?

— Seja rápido!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E ele tenta, porém é o banho mais desajeitado que Aurora já teve. Por uma fração de segundos, ela escorrega das mãos molhadas dele, e seu corpinho rechonchudo e cheio de dobras inclina-se. Dou um grito de alerta, e Marcos, em uma tentativa de segurar a criança, joga água no chão e em mim, me molhando toda.

— Marcos! — grito de novo, irritada.

— Desculpe, Lila, é que eu achei que ela fosse cair! — ele exclama, culpado.

Lanço um olhar nervoso para ele, e então Ângelo se remexe com força na água, espalhando gotas mornas pelo piso, que atingem em cheio o rosto de Marcos, molhando-o mais do que seria possível.

— Oops! — comento, rindo.

— Está tentando se vingar, Lila?

— Nunca!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a boca, rindo de sua expressão molhada e surpresa.

E então, como em uma guerra de bexiga d'água, Marcos começa a jogar água em mim, e eu, instintivamente, faço o mesmo com ele. Logo, estamos os dois encharcados pelo banho que nem era nosso, as crianças ainda batendo as mãos na borda da banheira, meus cabelos escorrendo água suja, e... no fundo, não acredito que exista algo mais íntimo em uma família do que uma guerra d'água. Para me esgueirar daquela molhadeira toda, enrolo meu filho na toalha e o levo rapidamente para o trocador, deixando meu marido molhado e morrendo de rir com a filha nos braços.

Nunca vou admitir, porém agradeço silenciosamente a Deus por ter Marcos aqui, comigo e com as crianças, mesmo que seja temporário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



“Sem as lembranças, é complicado encontrar meu próprio caminho, justamente porque eu estava trilhando outra estrada quando tudo aconteceu.”

(Ainda não acabou)

Na semana seguinte, o frio permanece castigando a todos, e eu só posso pensar que até esta cidade tem algo contra mim. Bauru não é, nem de longe, uma cidade fria, mas desde que me mudei parece que o tempo está cheio de surpresas para me mostrar que qualquer plano que eu tenha em minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vida sempre vai por água abaixo. Minhas aulas chegaram ao tão sonhado recesso, e a maioria dos estudantes viajará para suas cidades, por isso decidimos fazer uma festa junina na sexta-feira para encerrar bem o semestre. Betânia e eu estamos no centro da cidade, procurando roupas caipiras, enquanto Marcos teve que viajar a São Paulo para resolver um negócio de sua empresa.

Empurro o carrinho duplo pelas ruas movimentadas do centro, com minha amiga tagarela segurando Aurora nos braços, conversando animada com minha filha.

— Não sei se quero um vestido, Dalila, está muito frio, e aquela faculdade parece ter um pacto eterno com o inverno, porque nunca vi lugar mais gelado! — minha amiga reclama, enquanto eu observo algumas lojas com penduricalhos coloridos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu concordo, mas a festa não será lá, Betânia, e sim em um sítio, lembra? — esclareço, ao que ela assente, piscando os olhos em reconhecimento. — Eu vou tentar usar algo que me sirva, então não vou ser tão seletiva assim — garanto, parando do outro lado de uma loja com fachada amarela. — Vamos entrar aqui? — sugiro a Betânia, que faz uma careta, seguindo caminho na minha frente.

— Você está ótima, Dalila, pare de frescuras. Seu corpo está muito melhor agora do que antes. Você parecia uma múmia faminta ano passado, então pode acreditar quando digo que está em sua melhor forma — ela fala, apontando para minha barriga saliente.

— Obrigada pelas palavras de incentivo — ironizo, descendo a calçada e atravessando a rua.

— Por nada! — ela grita às minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

Decidimos entrar em uma loja especializada apenas em produtos para festas caipiras. A fachada é comprida e amarela, com balões de festa junina pendurados do lado de fora, chamando a atenção de quem passa na rua.

Betânia coloca Aurora no carrinho e seguimos para o interior, sondando nossas opções.

O corredor da loja é enorme, e há muitos balões sobre nossas cabeças, coloridos e que se balançam sob o efeito de um vento invisível. Há também arcos repletos de palha de fora a fora nos corredores, dando a ideia de fazenda, e um cheiro forte de quentão mais ao fundo. Olho algumas peças, mas nada me encanta: a maioria das roupas é pequena e justa nos quadris, e eu ficaria parecendo uma salsicha impressada, um horror. Bem no centro, mais ao fundo, um cabideiro cheio de vestidos coloridos chama a minha atenção, e empurro o carrinho duplo com dificuldades no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espaço apertado. Os vestidos são um pouco maiores, alguns têm até um short por baixo; acho que vou me sentir a própria Chiquinha, mas nem ligo. Passo um por um, procurando algo que me agrade, ouvindo os murmúrios dos gêmeos, que mordem um sapo de borracha, aparentemente calmos.

— Aí está você! — Betânia surge de um corredor, alguns cabides nos braços e dois chapéus na cabeça, cobrindo parcialmente sua cabeleira rosa.

— Acho que encontrei roupas que me sirvam — digo, ainda passando os cabides.

— Você deveria usar uma roupa curta e sexy, Dalila, porque com este tamanho de bunda e peito, vai ficar um arraso — minha amiga me provoca, e eu torço o nariz para ela, descrente.

— Só se for um arraso do Dia das Bruxas. Isso aqui é festa junina, Betânia, e não Halloween.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já disse que você está ótima. Você teve gêmeos, Dalila, pare de se culpar tanto pelo corpo atual. As mulheres engordam na gravidez, viram verdadeiras orcas ambulantes, isso quando carregam apenas um bebê; você teve dois, então está na vantagem.

Encaro minha amiga, que aponta um vestido no cabide para mim, decisiva.

— Gostei daquele. Por que não prova? — ela pergunta, tentando se aproximar apesar do tumulto que agora se forma dentro do comércio.

— Porque nunca devemos fazer uma pergunta usando um “não” na frase, querida. Parece que alguém andou perdendo as aulas de Língua Portuguesa — zombo dela, mas retiro o vestido que acabou de me mostrar.

Betânia arqueia as sobrancelhas pink para mim, incrédula.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E parece que alguém está dando uma de Professor Pasquale para mim.

— Ah, quem me dera, Betânia!

Ela sorri, e vai para o provador, deixando-me ali com as crianças e o vestido. A peça tem um corpete que aperta bem o busto, todo trançado com fitas azuis de cetim; a saia é bem rodada e curta, e as mangas vão até o cotovelo, com fitas entrelaçadas na ponta. É uma roupa bem caipira, mas muito pequena para o meu gosto. Ainda assim, seguro-a e olho mais algumas peças. Minha amiga surge usando um vestido vermelho xadrez, com um short combinando por baixo.

— O que acha? — ela me pergunta, dando uma voltinha no espaço.

— Linda. Mais caipira impossível — resumo, e ela mostra o dedo do meio para mim, voltando para dentro do provador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ando pelos corredores, olhando os artigos. Pego um chapéu de palha com tranças azuis, que vai combinar com o vestido. Espero Betânia sair, e quando ela decide o que vai levar, deixo-a cuidando das crianças e me arrisco a provar a roupa colorida e apertada. O corpete do vestido ergue meus seios quase na altura do queixo, a saia está curta e quase mostra minha bunda redonda e grande; mal consigo erguer os braços, pois o tecido está muito apertado. Resumindo: não é o vestido certo para uma mulher que acabou de ter gêmeos e não recuperou o corpo de outrora, os quilos extras ainda pesam em minha silhueta antes sem graça. Ainda assim, quando coloco o chapéu na cabeça aprovo o resultado. Afinal, é só uma festa boba da faculdade, onde tenho certeza de que grande parte dos estudantes vai se embriagar e ninguém vai prestar atenção no meu visual.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que se dane! — digo para minha imagem refletida no espelho sujo do provador.

Volto para a loja, decidida.

— Vou levar este aqui mesmo — digo para Betânia, que segura Ângelo nos braços, enquanto balança o carrinho onde Aurora está resmungando.

— E você nem me deixou ver — ela briga comigo, mas eu a ignoro e sigo para o caixa.

Quando estou prestes a pagar minha compra, Betânia grita, causando um grande alvoroço no final do corredor, escandalosa como de costume.

— O que foi, sua doida?

— Olha isso aqui, Dalila, você precisa provar nas crianças.

— As crianças já têm roupas demais, Betânia, além disso...

— Elas têm roupas caipiras? — minha amiga me interrompe, impaciente.

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

— Então venha ver.

Sigo seus dedos, que apontam para um vestido infantil, tão pequeno e gracioso, todo xadrez com fitas vermelhas; ao lado dele, vejo uma camisa combinando, miúda e caipira, e não me contenho: abro um sorriso bobo de mãe imaginando meus bebês usando aquelas roupas.

— Ah, meu Deus! — exclamo, maravilhada com as peças. Decido levá-las, mesmo sem provar nada, pois tanto Aurora quanto Ângelo estão impacientes demais com nosso passeio.

— Vamos comer alguma coisa? — minha amiga sugere.

— Sim, mas antes preciso trocar estes dois, e alimentá-los antes que eles virem a casaca aqui no centro da cidade.

— Hum, você pode me excluir da parte em que vai trocar seus filhotes? — ela brinca, tentando acalmar os gêmeos, que a esta hora gritam e

PERIGOSAS ACHERON

esperneiam, atraindo alguns olhares.

— Bela amiga você está me saindo! — resmungo, enfiando a sacola de compras embaixo do carrinho, e torcendo o nariz diante do desespero dos meus filhos.

Betânia franze as sobrancelhas, parando na calçada.

— Bem, querida Dalila, você não precisou da minha ajuda para conceber estas duas belezinhas, então agora toma que o filho é seu.

Abro a boca para me defender, porém ouço a risada escandalosa de minha amiga, que segue empurrando o carrinho.

— Tudo bem, vamos lá. Só não me peça para amamentar sua prole também, porque aí seria demais! — ela retruca, e agradeço por ter minha amiga de volta.



O *arraiaá* da turma de Jornalismo da Unesp de Bauru se transformou em uma festa grande e com muito mais estudantes do que pensamos inicialmente. A princípio, a festa era para ser apenas entre os alunos do nosso curso, de todos os anos; entretanto, quando chegamos ao sítio para a festa, havia muito mais carros e pessoas do que pensei que teria.

Aurora e Ângelo estão caracterizados com as roupas que comprei: ela, com o vestido xadrez; ele, com a camisa e uma calça jeans tão grande que deixa seu corpinho ainda mais miúdo. Marcos me segue pela grama úmida coberta do sereno da noite, suas botas batendo no chão com força. Ele voltou de viagem ontem e fez questão de me acompanhar à festa, com a desculpa esfarrapada de me ajudar a cuidar das crianças. Sua camisa xadrez é um modelo grande e idêntico ao do filho, com uma gravata ridícula vermelha, um blazer marrom claro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por cima da camisa, calça jeans rasgada, que está propositadamente agarrada à sua bunda, e um chapéu de palha. Seus cabelos estão soltos e balançando com o vento. Tão ridículo e lindo ao mesmo tempo, que me deixa zozna quando encaro sua silhueta bem moldada nas roupas caipiras. Até assim ele consegue ficar atraente. Meu vestido está mais apertado depois que o lavei, um erro que a vendedora esqueceu de me dizer, e meus seios vão saltar da roupa a qualquer momento; o corpete me aperta tanto que mal ousa respirar, e mesmo usando uma meia preta por baixo da saia, sinto que estou exposta demais, minha bunda quase à mostra. Minhas botas country de salto afundam na terra, enquanto tento me manter ereta o tempo todo: qualquer movimento meu pode expor mais ainda meu corpo. Fiz duas marinhas-chiquinhas em meu cabelo, e pintei meu rosto com pintinhas pretas nas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bochechas, e um batom vermelho que realça meus lábios rachados pelo frio. Marcos e eu parecemos o casal mais brega da festa.

Assim que chegamos, encontro alguns colegas de turma, e logo Betânia vem até nós, tão fantasiada quanto eu: os cabelos rosa com chuchinhas, pintinhas no rosto pálido, a roupa que comprou na loja amassada e suja de terra, e botas country.

— Olá vocês todos — ela nos cumprimenta, e vai até o carrinho, brincando com as crianças, que estão despertas com o barulho da festa.

— Como vai, Betânia? — Marcos cumprimenta, e ela acena a cabeça para ele, voltando-se para os gêmeos.

— Eles estão lindos, Dalila. Não achei que fosse mesmo trazê-los — ela diz, pegando Ângelo no colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tive muitas opções, na verdade. Não tenho com quem deixar os dois...

— Verdade. O Elias e a Andréia vêm mesmo?

— Sim, já devem estar chegando — falo, olhando meu relógio de pulso.

Seguimos pelo gramado bem aparado até o barracão principal, palco da festa. Há mesas enfeitadas com papéis de festa junina, onde reconheço alguns rostos da faculdade, incluindo dois professores que parecem bêbados e alegres demais. Ao fundo, uma banda toca as modinhas típicas, e uma mesa grande está repleta de comida e bebida. Tudo à vontade.

— Lila, quer comer alguma coisa? Vou buscar para nós — Marcos pergunta, aproximando-se do meu ouvido para falar. Sinto um calafrio percorrer meu corpo diante de sua língua tão próxima, mas logo me recomponho e me afasto, assustada com minha própria reação a ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... — gaguejo, olhando ao redor, tentando disfarçar meu desconforto com seu gesto.
— Qualquer coisa. Gosto de tudo o que tem aqui, para ser sincera.

— Está bem, já volto — ele diz e sai, misturando-se aos alunos que circulam pelo espaço do sítio.

Olho para Betânia, que está me encarando, com um sorriso em seus lábios roxos pela quantidade absurda de batom que ela passou.

— Que foi?

— Hum, Dalila, vocês dois não conseguem enganar ninguém, sabia?

— Do que você está falando? — grito em meio à música alta que toca.

— Você sabe do que estou falando, e não se faça de desentendida. Você e o Marcos tem uma atração um pelo outro, uma coisa meio surreal, sabia? Dá para ver que são loucos um pelo outro...

PERIGOSAS ACHERON

— Não comece com bobagens — interrompo-a de cara feia, meneando a cabeça sem muita convicção.

Ela levanta uma mão para mim, apontando para os gêmeos.

— Não comece você. Estes dois aqui são o resultado disso, Dalila, mesmo que você tente fugir disso — ela reforça, deixando-me com raiva.

Respiro fundo e tento não me indispor com ela aqui na festa. Balanço a cabeça freneticamente, fazendo com que minhas marias-chiquinhas chacoalhem com meu movimento.

— Betânia, eu vivi um inferno depois que ele me deixou, e você... — Aponto o dedo para ela, encostando em seu peito. — Você mais do que ninguém sabe o que é ser maltratada por um homem. Sandro pode ser um grande filho da puta, mas eu só fiquei com ele porque fui abandonada pelo meu próprio marido e pai dos meus filhos no

PERIGOSAS NACIONAIS

momento mais maluco da minha vida. Eu estava grávida e sozinha, sem emprego e sem perspectivas, e não havia chance alguma de eu abandonar o curso e voltar correndo para a barra da saia da minha mãe — suspiro, sentindo uma onda de desespero e náusea começar a se apossar de mim diante das lembranças que quero tanto esquecer.

Minha amiga me encara, mais compreensiva, e esboça um sorriso de compaixão. Se tem alguém que entende, é ela. Prossigo, engolindo em seco:

— Só fiquei com aquele maluco porque fui abandonada, rejeitada, e a dor que Sandro me fez passar ainda está dentro de mim, em cada fibra do meu ser, e o Marcos, por mais que ele tente, não vai conseguir apaziguá-la. Só estou com ele porque preciso mesmo terminar este curso e criar meus filhos com dignidade — encerro, relaxando os ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Betânia assente, e me abraça apertado, como uma boa amiga.

— Não estou te julgando, Dalila, eu seria incapaz de algo tão cruel. Estive longe daqui, e não faço a menor ideia do que você passou, mesmo que você compare nossa situação. — Sua voz sai abafada pelo abraço. — Mesmo assim, só quero que encontre a felicidade, só isso.

— Eu sei.

Não quero ter esse tipo de conversa hoje, muito menos aqui e agora. Por mais que eu mesma tente, não consigo definir o que Marcos e eu temos, já que nossa relação não é nada convencional.

A cada dia vivendo sob o mesmo teto que ele, pergunto-me quando isso tudo vai acabar, quando ele vai se dar conta, mais uma vez, de que não me quer e sumir de novo, como sempre faz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não posso e nem quero criar muitas expectativas, pois vou me frustrar de novo, e isso é tudo o que menos quero: entregar-me mais uma vez a ele, aceitar este relacionamento como o certo para nós, criar laços com ele como se fôssemos, enfim, uma família, me iludir toda vez que ele olha as crianças com amor, para no fim passar por tudo aquilo que passei. Não, definitivamente não.

É indiferente para mim quantas vezes ele me prometa que não vai a lugar nenhum: não posso mais confiar nele, não até que ele esclareça de uma vez por todas o que aconteceu entre nós no passado. E, mesmo depois que aquela verdade for revelada, aquela que sei que existe sob os panos, aquela que ele deixou de me contar quando deveria, aquela que vem cozinhando em banho-maria, mesmo ela não será capaz de me fazer perdoá-lo. Nada vai me fazer perdoar o que ele fez comigo:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

independente do que quer que seja, não posso acreditar que meu passado seja mais sujo do que o seu abandono.

Suspiro mais uma vez, e me volto para Aurora, inquieta, brincando com o sapo que agora está todo sujo e babado, enquanto Ângelo se remexe no colo de Betânia, todo desajeitado, virando a cabecinha para mim.

— Ele me fez sofrer demais, Betânia, e a dor do que passei nos meses da gestação ainda é aguda, a ferida ainda está aberta pelo que ele me fez passar, então nada que ele faça me comove a ponto de eu ceder — reitero, uma forma de confirmar o que acabei de dizer.

Ela abre a boca para retrucar alguma coisa, porém Marcos aparece com as mãos cheias de doces e bebidas, e ela me encara, dando a entender que o assunto não está encerrado. Dou de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentamo-nos a uma mesa perto do palco, e comemos em silêncio, ouvindo apenas as músicas caipiras cantadas pelos cantores amadores. Evito os doces de amendoim, pois sei que, sempre que consumo o alimento, as crianças têm cólicas; por isso, opto pelo bolo de milho, que está uma delícia, pipoca e o arroz doce. Marcos come de tudo, sempre atento às crianças e a mim. Então, Andréia e Elias chegam: ele, com um terno e uma gravata borboleta marrom; ela, com um vestido de noiva todo rasgado. Olho para ambos, caindo na risada.

— Não acredito que levaram tão a sério este lance de festa junina.

— Sempre, querida. Você não achou que viríamos aqui, neste frio dos infernos, apenas com uma roupa caipira. Se tenho que encarar uma noite como essas, então que seja para abalar — Elias diz, dando um beijo estalado em meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um tremendo chato, sabia? Não sei por que continuo sendo sua amiga — resmungo para ele. — E, a propósito, não existe frio dos infernos, querido, pois o inferno, teoricamente, é quente. — Pisco para ele, inocente e dou um beijo em Andréia, que se senta ao meu lado, erguendo o vestido rodado.

— Lá vem você com estas aulas desnecessárias de português. E nem eu sei como me aguento também, amore. Deve ser porque sou o melhor — ele brinca, sentando-se com as pernas cruzadas, todo pomposo.

— Elias, não enche o saco da Dalila. Você me infernizou para vir aqui, agora aguenta de boca fechada! — Andréia o repreende, enquanto segura Aurora no colo, brincando com minha filha, que resmunga e baba ao mesmo tempo. — Não ligue para ele, Dalila, o Elias gosta mesmo é de reclamar.

PERIGOSAS ACHERON

— Nada disso. Sou apenas sincero — Elias diz, bebendo o quentão que Marcos trouxera há pouco.

De longe, formamos um grupo incomum.

Betânia e Andréia logo iniciam uma conversa sussurrada, enquanto Elias me conta de sua banda, dos raros shows que têm conseguido fazer, de sua família que não permite que ele largue a faculdade de Agronomia para seguir o sonho de músico. Fito meu amigo com carinho e seguro suas mãos por baixo da mesa, ao que ele encolhe os ombros, derrotado.

— Mesmo que você não entenda, sua família só quer o melhor para você, e talvez você devesse continuar o curso, ao menos até que sua banda deslanche com algum sucesso — sugiro, e ele sorri para mim, acariciando meus dedos carinhosamente. — A não ser, claro, que deteste tanto o curso a ponto de não conseguir continuar a frequentá-lo — acrescento, séria.

Meu amigo me encara, dando de ombros.

— Não é que eu deteste, gata, só não é meu sonho ficar estudando sobre mato, sítio e animais. — Ele aponta para o lugar onde estamos, com um olhar enojado. — Eu não curto muito este lance de terra, não, sempre fui muito mais urbano e cosmopolita do que meus pais gostariam. — Elias abaixa a cabeça, olhando para Ângelo, que o encara de volta, do carrinho, como se esperasse algo dele. — Mas não quero ficar me lamentando, e certamente não vim aqui para isso. — Ele se inclina para o carrinho e pega meu filho, desajeitado como sempre. — E você, camarada, como tem passado?

Elias conversa com Ângelo, que o olha fixamente, seguindo com os olhos verdes a cabeça de meu amigo, que mexe sem parar. Marcos sorri para mim, e fico feliz em ter vindo, apesar de tudo. Ter pessoas tão queridas zelando pelos meus filhos é um grande presente, ao qual não tenho certeza de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser merecedora. Bebo o líquido quente e azedo do copo vermelho que Marcos trouxe, e sinto uma repulsa tremenda pelo quentão, mas a noite está a cada minuto mais fria, por isso tomo tudo e me levanto para buscar mais, ao que ele me segue com os olhos.

Encontro alguns colegas de turma perto da mesa de quitutes, e converso animada com alguns. A maioria vai passar as férias de julho em algum lugar, com os familiares, e perco a conta de quantos quentões eu bebi, até que Marcos surge ao meu lado, segurando meu cotovelo em uma mostra de proteção, e sussurra em meus ouvidos:

— Acho que as crianças estão com fome.

Que ótimo! Só espero que tenha algum lugar para eu amamentá-los neste fim de mundo.

— Claro, já vou! — retruco, voltando-me à conversa com os colegas de sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei quanto tempo se passa, porém, quando olho para trás, vejo meu marido em meu encalço, mais uma vez, e sua expressão não é das melhores. Ele segura Aurora nos braços, que agora está berrando, o rosto contorcido e vermelho pelo esforço, a touca colorida caindo em sua testa, as mãozinhas mexendo no ar, furiosa. Minha filha, definitivamente, não sabe o que significa esperar.

— Já vou! — Mexo os lábios para Marcos, cada vez mais próximo e irritado, e quando ele para ao meu lado, sua voz antes doce e suave, agora está alta e soa como um alerta em meus tímpanos.

— Lila, tem álcool neste quentão?

Encolho-me com sua pergunta, e abro um sorriso tímido para o homem à minha frente, com minha visão levemente embaçada pela bebida. Ele chega mais perto de mim, os lábios carnudos úmidos pela noite fria, e então eu sei que estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tremendamente encrencada, embora esteja me sentindo tão leve quanto uma brisa fresca em uma manhã de outono.

— Hummm... — gaguejo, confusa. O rosto dele começa a girar, ou será que sou eu que estou girando? Formulo algumas frases em minha mente, porém, por alguma razão, receio que Aurora também esteja girando. Merda! — Humm... — tento mais uma vez; entretanto, meu marido dispensa minhas palavras, e o sigo cambaleante pelo gramado.

PERIGOSAS ACHERON



“Amo tanto essa mulher, que só poderia mesmo perdoá-la. Estou preso a ela e ela a mim, como um nó.”

(Ainda não acabou)

Dalila consegue, sempre, me tirar do sério. Quando digo que ela é a mulher mais impossível do Universo, não é uma hipérbole (ela me azucrina com essas figuras de linguagem o dia todo, corrigindo-me a cada letra que tento formular. Professor Pasquale ficaria com inveja da facilidade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com que minha esposa tem de usar a gramática de forma impecável). E, agora, neste exato momento, eu estou muito nervoso e possesso com sua atitude irresponsável e leviana, causando uma fúria tão grande e latente em mim que mal consigo encará-la. Essa ruiva impetuosa e linda, eu juro, vai acabar me matando. Seja de amor ou de raiva.

Ela está parada à minha frente, segurando Aurora meio desengonçada, como se estivesse bêbada. Dalila bêbada seria uma grande oportunidade, em outros tempos claro, e não quando ela está amamentando duas crianças inocentes, que choram sem parar, levando-me a colocar as mãos em meus ouvidos a cada grito de ambos.

— A culpa é sua, seu idiota, foi você quem levou aqueles malditos copos para a mesa. Eu não sabia que tinha álcool! — ela vocifera, tentando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soar mais alto que os gêmeos, uma tarefa quase impossível.

Avanço sobre ela, decidido. Ela recua diante de meu olhar maquiavélico, encostando o corpo na parede de tijolos vermelhos, porém, só para me irritar, conserva seu olhar desafiador, com um sorriso no canto dos lábios pálidos. Sinto-me um cretino por fazer isso, ainda mais quando me lembro de tudo o que Clara me contou no hospital, de tudo o que minha esposa passou nas mãos daquele desgraçado do Sandro...

O que menos quero é assustá-la, porém mal consigo me conter diante do que ela fez, e seu estado atual só revela o quanto não está em seu juízo perfeito.

— Quanto você bebeu? — pergunto, cerrando os punhos para não atingir nada e quebrar a decoração dessa festa.

PERIGOSAS ACHERON

Dalila levanta o queixo, segurando os braços de Aurora.

— Eu não sei, papai, porque não tinha uma calculadora para contabilizar meus copos, mas garanto que não foi muito — ela me desafia, sustentando nosso olhar, e percebo, ainda mais irritado do que poderia ficar, como sua voz está engrolada, sinais nítidos da quantidade de álcool que ela ingeriu.

— Merda! — sibilo, fechando os olhos, impaciente.

— Escuta, Marcos, pare de bancar o responsável agora, seu imbecil! — ela troveja, o rosto vermelho, e não sei se é pela bebida, se é de nervoso, ou os dois. — Eu bebi um pouco, tudo bem? Já foi! Não adianta ficar agora me culpando pelo maldito quentão. Eu não fazia ideia que esta porcaria tinha álcool — ela conclui, um pouco

confusa, tentando segurar a filha nos braços, uma tarefa a cada segundo mais desafiadora, já que Aurora está berrando e se remexendo.

— Meu Deus!

Só queria saber, no fundo da minha alma, o que eu faço com essa mulher! Desvio os olhos de seu rosto corado, enfurecido e confuso demais. Dalila não pode consumir nada com álcool, pelo amor de Deus! As crianças não têm culpa de ter uma mãe doida como ela. Viro-me e encaro Ângelo no carrinho, esperneando como a irmã. Vou até ele e tento acalmá-lo, mas é em vão: ele parece uma fera no meio do deserto, sedento por água.

Volto-me para minha esposa, pegando o bebê nos braços.

— Vamos embora daqui antes que eu perca os sentidos, Lila. Vou ligar para um amigo meu que é médico, e perguntar o que fazemos a partir da besteira que você mesma arrumou. — Faço um

PERIGOSAS ACHERON

sinal para ela em direção à saída, e ela me olha como se eu estivesse falando em latim. — Nem pense em amamentar estes dois depois de ter se embebedado — insisto, chacoalhando a criança, que parece odiar minha tentativa de aquietá-lo.

— Eu só bebi um pouco, Marcos, pare de exageros, posso dar o leite... — ela se enrola com as palavras, e quase derruba a filha no chão, tentando erguer o vestido caipira.

Dou um grito, em desespero, e ela me olha, assustada para valer.

— Não bebeu muito? Quantos copos de quentão você tomou? Ah, não! — Não permito que ela fale nada, emendando uma fala na outra: — Claro que você, a garota certinha e perfeita, não vai se lembrar, não é mesmo?

— O que quer dizer com... — ela tenta falar, mas se embaralha novamente com as palavras, e dessa vez corro até ela, segurando Aurora quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dalila ergue o vestido com força, desafiando-me.

— Espere, ela está com fome, né, filha?

Aurora grita ainda mais, e o irmão a acompanha, em uma sinfonia infernal de choros e berros infantis. Pareço patético aqui, nesta sala abafada e pequena, segurando as crianças que se esgoelam, enquanto Dalila está bêbada e tentando tirar o vestido. Céus! Que noite!

— Nós vamos para casa, e lá vejo o que faremos — raciocino, como se fosse possível pensar em algo mais sensato. Com os gêmeos nos braços, arrasto Dalila para o estacionamento, que agora está mais cheio do que quando chegamos, vejo alguns estudantes se drogando sem se importarem muito com nossa presença. Ela resmunga atrás de mim, arrumando o vestido, e aceno para os seus amigos, que dançam a quadrilha do outro lado do

PERIGOSAS ACHERON

gramado. Betânia parece entender a situação, e saímos de lá. Arranco com tudo pela estrada de terra até chegar à rodovia que dá acesso a Bauru.

As crianças gritam em suas cadeirinhas, e Dalila canta uma música infantil toda errada. Esmurro o volante contrariado pela noite terrível que estou tendo com esta doida bêbada ao meu lado. Conecto meu celular ao aparelho de som do carro e disco o número de Leonardo, com quem não falo há uma eternidade. Entretanto, ele é o único médico a quem posso recorrer a esta hora da noite.

Explico rapidamente a situação quando ele atende, sem dar muitos detalhes, e Leo fica em silêncio do outro lado da linha. Quando ele fala, sua voz é rouca e um pouco sonolenta, como se eu o tivesse acordado.

— *Bem, se ela não é uma lactante que consome bebidas alcoólicas com frequência, não há muito com o que se preocupar, na verdade. Se foi apenas*

PERIGOSAS NACIONAIS

por uma noite, o álcool sairá logo de seu corpo. Então, para manter ambos mais saudáveis e despistar os riscos, sugiro que dê leite em pó apenas por hoje, em mamadeiras. Ao menos, entre hoje e amanhã. As crianças podem rejeitar, por estarem acostumadas ao leite materno, mas se estão com muita fome, vão acabar bebendo. — Ele fica em silêncio do outro lado, um barulho de trânsito chegando até meus ouvidos. — Eu não sou pediatra, Marcos, mas é tudo o que tenho a dizer. Essas coisas acontecem, e atire a primeira pedra a mãe que nunca tomou um porre por acidente.

— Bem, eu certamente adoraria atirar muitas pedras e ver se Dalila desperta de seu transe — brinco com ele, que ri também.

Ouçó Leo dar as coordenadas, e por último pergunto se eu deveria levá-la ao pronto socorro, já que não sei bem como agir com uma mulher bêbada em meu carro. Leo ri da minha paranoia.

PERIGOSAS ACHERON

— *Claro que não, Marcos, a menos que ela esteja passando mal pela quantidade de bebida, ou tendo convulsões, ou entrando em coma alcoólico. Do contrário, não precisa entrar em pânico e sair pela cidade em desespero. Eu aconselho você a dar um banho nela e colocá-la para dormir. Amanhã ela só vai ter uma baita dor de cabeça, coisa que uma aspirina vai resolver, mas estará sã e salva* — ele conclui, e desligo o telefone, agradecendo antes pela grande ajuda.

— Ótimo, Lila, um banho e cama, é só o que precisa — declaro para minha esposa, que continua cantarolando a música, sem botão para desligá-la.



Onde diabos se arranja leite em pó quando sua esposa deveria amamentar as crianças com a quantidade absurda de leite que tem em seu corpo? Entro na cidade, as luzes noturnas clareando as ruas

PERIGOSAS NACIONAIS

parcialmente movimentadas, alguns bares com pessoas do lado de fora, sentadas em mesas de madeira, mesmo com o frio congelante que faz na área externa. Buzino para alguns motoristas, que demoram demais para seguir com o carro, os segundos que mostram o semáforo verde se esgotando junto com minha paciência.

Dalila agora está quieta, calada, mexendo nos cabelos vermelhos, desfazendo o penteado previamente arquitetado para a quadrilha, a maria-chiquinha apenas uma vaga lembrança, e os gêmeos ainda gritam, histéricos. Freio em uma farmácia vinte e quatro horas, e saio em disparada, berrando socorro com os atendentes. Uma moça vestindo um jaleco branco me olha, assustada, mas vem em meu socorro.

— Preciso de leite em pó, mas não sei muito mais que isso — disparo as palavras, derrubando alguns itens que estão na prateleira.

PERIGOSAS ACHERON

— Temos várias marcas...

— A melhor, por favor — insisto, tirando meu cartão de crédito da carteira.

— Para quem seria? — ela me pergunta, saindo de trás do balcão e vindo até mim, com cautela.

Respiro fundo, passando as mãos pelos cabelos que mal chegam aos meus ombros.

— São gêmeos, de quatro meses, não... de cinco — informo, e olho de esguelha para o carro, que está estacionado na faixa amarela.

A atendente continua me fazendo perguntas, as quais não sei responder. Será que ela realmente acha que eu entendo alguma coisa de leite? Inspiro fundo, tentando me acalmar.

— Olha, eu só preciso dar o leite uns dois dias, nada mais. A mãe deles está impossibilitada de amamentar por razões de saúde, por isso é uma coisa passageira — explico, e ela vai até uma prateleira alta e pega uma lata de leite em pó, a

PERIGOSAS NACIONAIS

mais cara, imagino, e discorre sobre como fazer o leite... enquanto eu só quero sair dali o mais rápido possível.

No caminho de volta para casa, a gritaria continua, e ultrapasso todos os sinais vermelhos, um claro sinal do quanto estou perturbado com o choro dos dois e a inércia de Dalila. Em casa, levo as cadeirinhas para a cozinha, juntamente com o pote de leite. Sigo as instruções no verso da lata, despejando o líquido esbranquiçado em minha mão direita para testar a temperatura. Está morna.

— Deve servir — digo para os gêmeos, que ainda gritam.

Coloco as mamadeiras na boca de ambos simultaneamente. Para meu profundo alívio, eles começam a sugar o líquido com fervor, e o choro cessa, dando espaço a uma calma no ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

— Céus, se a mãe de vocês não me matar, juro que vocês vão — sussurro para Aurora e Ângelo, que bebem o leite, os olhos presos em mim, atentos ao meu rosto.

Relaxo os ombros, a tensão de minutos antes se dissipando ante a imagem mais linda do mundo: os dois, os olhos muito verdes sondando-me, a boca miúda e carnuda sugando o alimento, os cabelos negros como a noite arrepiados pela forma ágil com que entrei correndo com eles na cozinha, os bracinhos se alongando no ar, tentando segurar as mamadeiras. Sento-me no banco preto, encostado à mesa, intacto ante os dois. Ambos sugam sem parar, e Aurora, para minha surpresa e deleite, é a primeira a pegar no sono. Seus olhos ainda tentam ficar abertos, mas logo perdem força e o sono ganha a batalha. Levo as mamadeiras para a pia, e as deixo lá, cansado. Ângelo balbucia sons ininteligíveis, sorrindo de satisfação por estar com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a barriga cheia, suponho. Subo com os dois para o quarto, troco as fraldas desajeitado e coloco-os no berço, esperando ainda alguns instantes até Ângelo dormir. Quando ele enfim fecha os olhos, vejo que consegui uma grande proeza e sorrio para mim mesmo, indo atrás de Dalila, que esqueci no carro.

Minha esposa continua no veículo, cantando a mesma música de antes. Ela faz uma careta quando me aproximo, meio sonolenta.

— Me deixe aqui — suplica com a voz engrolada pela bebida. Só mesmo Dalila Barreto para ficar bêbada com quentão em uma festa junina!

Ignoro seus protestos e a puxo para fora do carro, travando o automóvel e entrando em casa. Vamos direto para o banheiro, onde eu ligo o chuveiro na água quente e encaro minha esposa, com um olhar severo de quem não está para brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Você vai tomar um banho quente e dormir, embora minha vontade seja te dar um banho gelado para ver se cria juízo nesta cabeça oca — advirto entredentes, aproximando-me lentamente dela. Dalila está parada próxima à cama, os pés agora descalços batendo no piso, o som de seu gesto ecoando pelo quarto.

Ela estreita os olhos para mim, desafiando-me. Desamarra o que sobrou das maria-chiquinhas do cabelo ruivo e joga o elástico no chão, de modo infantil e birrento.

— Não se atreva a falar comigo nesse tom, seu idiota! Eu estou ótima, posso muito bem tomar banho sozinha. Está pensando que eu sou as crianças, que precisam de uma babá? — Sua voz está mais alta, mais esganiçada, como se quisesse marcar território. Eu, por outro lado, não ligo a mínima para o que ela diz. Estou extremamente cego de raiva pela atitude irresponsável que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

teve hoje. Dalila, infelizmente, ainda não se deu conta de que tem duas crianças pequenas que dependem dela para tudo. Corro minhas mãos pelos cabelos, trincando os dentes.

— Você está bêbada, Dalila, e sabe o que isso significa? — pergunto, mas não espero que ela responda. — Significa que qualquer senso de maturidade foi para o ralo quando você, uma mãe de duas crianças pequenas e frágeis, decidiu se embriagar a noite toda quando sabe que não pode consumir nada de teor alcoólico — agora estou gritando, a fúria enaltecendo meu lado sombrio.

Esta ruiva sabe como me enlouquecer, mesmo contra a minha vontade. Olho para ela, que sustenta meu olhar. Paro a sua frente, e quase posso sentir as batidas de seu coração. Estamos muito próximos, seu peito subindo e descendo em ondas flamejantes, os olhos saindo faíscas de ódio, as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos pequenas e brancas em punho, como se fosse me atingir. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu a calo com meu discurso maduro.

— Como pode colocar em risco a vida deles, Dalila? — grito mais ainda, e então, por reflexo, seguro sua mão esquerda, que se ergue no ar para me atingir. Agarro seu pulso com força antes que seus dedos atinjam meu rosto, e a puxo mais para perto de mim, nossos corpos se esbarrando no caminho. Ela tenta se desvencilhar, mas agora quem não vai deixar isso barato sou eu.

— Vai me bater? É isso mesmo? Ah, Dalila, não se rebaixe a tanto — tento soar ameaçador, mas falho miseravelmente quando ela umedece os lábios rosados, deixando-me sem fôlego diante de sua imagem descabelada e sedutora, como só ela consegue ser.

PERIGOSAS ACHERON

Dalila nunca esteve tão sexy e poderosa quanto agora, e só de pensar nas coisas que poderia fazer com ela, perco o pouco de juízo que ainda me resta. Nossas brigas do passado sempre acabavam na cama, ou em qualquer outro lugar onde eu pudesse me perder nela. Era a melhor parte de brigar comigo, ela me dizia, entre sorrisos provocantes e safados. Sem pensar muito, abaixo minha boca em sua direção, tocando de leve seus lábios úmidos e sentindo a maciez de sua boca, sempre tão convidativa. O gosto da bebida ainda está ali, impregnado, e gemo de prazer quando, em vez de tentar se afastar, ela me agarra por trás, segurando minha bunda e me puxando para si. Enfio a língua de uma vez em sua boca, e ela fecha os olhos, entregue.

Não sei quanto tempo faz que não sinto seus lábios assim; parece que já se passaram mil anos desde que beijei esta mulher doce e atrevida ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo tempo. Estamos desesperados um pelo outro, e agarro seus cabelos, sedento por ela, que me beija desesperada, como se sofresse tanto quanto eu pela distância.

— Lila — sussurro entre beijos molhados. Ela joga a cabeça para trás, puxando meu rosto junto, e recomeço o beijo, agora com mais calma.

— Caramba! — ouço sua voz ecoar em meus ouvidos, e aprofundo o beijo, segurando minha esposa com ainda mais força.

Como senti falta disso. Como senti falta dela colada a mim, seu corpo pequeno e frágil sempre me enlouquecendo. Dalila está bem mais cheia, as formas voluptuosas moldando-se à roupa caipira, os seios fartos espremidos pelo meu corpo. Devagar, conduzo-a até a cama, e quando suas panturrilhas encostam no móvel, ela parece acordar do torpor em que está presa. Seus olhos se abrem, assustados,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e ela me empurra, suas mãos finalmente tocando meu rosto em um tapa estalado, como ela queria no início.

— Seu imbecil, aproveitador tarado! Nunca mais ouse encostar um dedo em mim, entendeu? Meu Deus, você é inacreditável, sabia? Acusa-me de ter bebido, quando só quer se aproveitar de mim! — ela urra, dando voltas pelo quarto, os olhos verdes molhados de lágrimas.

Sigo seus passos, confuso. Eu não me aproveitei dela, certo?

— Lila...

— Lila, o caramba, seu filho de uma...

— Olhe, vá com calma porque minha mãe não tem culpa de nada — brinco com ela, o que só a deixa ainda mais nervosa.

Ela parte para cima de mim, desta vez com mais força do que antes, e atinge a segunda bofetada em meu rosto, histérica.

PERIGOSAS ACHERON

— O que é isso? Vai me espancar até a morte?

— Passo as mãos pelo meu rosto, sentindo a ardência na pele. A mulher tem mãos pequenas, porém uma força descomunal. — Como se eu tivesse te forçado a alguma coisa — acrescento, o que só a provoca ainda mais.

Dalila pisca, assimilando minha frase. Silenciosamente, ela parece se dar conta de que, de fato, não recuou diante de minha investida, o que me arranca um sorriso convencido. Aguardo sua explosão, mas ela não vem. Em vez disso, Dalila sai pisando duro e se tranca no banheiro, abafando seus xingamentos, que consigo ouvir mesmo com a porta fechada. Encaro o lugar por onde ela passou como um furacão, os pensamentos voando para longe, para uma época em que nossas brigas culminavam em reconciliações prazerosas e cheias de amor, uma época em que minha esposa não sentia ódio de mim: ao contrário, Lila era tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonada quanto uma mulher poderia ser, nossa vida juntos um emaranhado de momentos felizes e agradáveis, quando a minha companhia não a deixava irritada. Desolado, ando até a porta que dá para o corredor iluminado por um sapo assustador, que minha esposa insiste em dizer que deixa as crianças calmas. Então, sem muito o que fazer, saio definitivamente de seu quarto, ainda sentindo o gosto da bebida misturada aos lábios dela em minha língua. Um sorriso esperançoso se forma, intrometido, iluminando meu rosto cansado. Nunca pensei que iria gostar tanto dessa bebida!



Acordo com rumores que vêm do quarto dos gêmeos. O cômodo está gelado, e lembro-me de ter deixado de ligar o aquecedor esta noite, tudo culpa de minha esposa, que me tirou do sério. Rolo na

PERIGOSAS ACHERON

cama fria, e pisco diante da escuridão em que está meu quarto. Toco meu celular, que mostra duas da madrugada. Ok, posso lidar com isso.

Arrasto-me para fora da cama, os ombros doloridos por passar tanto tempo cuidando dos gêmeos, meus cabelos desgrehados tapando minha visão do corredor. Jogo os fios para trás, e sigo o choro, cada segundo mais próximo de meus tímpanos.

O corredor também está escuro, e percebo, com relutância, que tanto eu quanto Dalila, depois do pequeno episódio em seu quarto, ignoramos os cuidados que temos todas as noites, como deixar o abajur do corredor ligado, já que ele não está. Ou ele estava quando deixei seu quarto. Não sei. Aperto o botão tardiamente, e empurro a porta branca do quarto deles, preparando-me para o que vou ver. Aurora balança as mãos no ar, resmungando em uma língua que só ela

PERIGOSAS ACHERON

compreende. Vou até ela, e a seguro com carinho no colo, pegando a manta vermelha junto para aquecê-la do frio noturno. Ligo o aquecedor do quarto, tomando consciência de que o berço do irmão está vazio.

— Calma, princesa, calma que já vamos resolver este seu problema — sussurro em meio à fraca luz que vem do abajur no cômodo. — Vamos procurar a sua mãe e resolver isso. — Ergo seu corpinho gordo e seguro-a em pé, como aprendi há poucos dias. Quando ela sente cólicas, fica mais calma nesta posição, por isso faço esta tentativa. Aurora chora ainda mais.

— Ei, princesa, relaxa. Não precisa gritar comigo, não. Já basta a louca da sua mãe.

Acelero meus passos, porque não sou burro. Se tem alguém que pode diagnosticar este choro irritante é Dalila, embora ela não seja o modelo de mãe perfeita. Dou risada de algumas cenas que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vêm à mente, coisas do dia a dia. Dalila trocando a fralda errada; Dalila quase derrubando os gêmeos; Dalila dormindo e quase derrubando Aurora, entorpecida pelo sono; Dalila saindo de casa com os calçados trocados; suas roupas vazando leite; Dalila surtando porque não consegue estudar, gritando com as crianças, implorando por silêncio.

Meneio a cabeça, sorrindo. Esta é a minha Dalila.

Empurro a porta do quarto de minha esposa, que está entreaberta. A luz está acesa, e vejo Ângelo ao seu lado, mamando, enquanto ela acaricia de leve seus cabelos negros, conversando com ele. Estou prestes a brigar com ela por estar fazendo isso: ela ainda não deveria amamentar, não tão cedo. Pode ter álcool ainda em seu corpo; entretanto, qualquer palavra de repreensão que meu cérebro poderia formular desaparece diante da imagem de minha esposa tão linda, deitada de lado, o cobertor preto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coabrindo sua cintura e expondo seus seios. Suspiro com a cena, e me calo. Ela é uma ótima mãe, e eu um tremendo chato que fico me intrometendo em tudo.

Chego mais perto da cama, e ela levanta os olhos para mim, surpresa. O rosto está sonolento, a expressão cansada por dormir tão pouco. Aurora parou de chorar, e agora geme em meu colo, mais calma.

— A fera te acordou? — Dalila me pergunta, com a voz rouca de sono.

Insinuo um sorriso.

— Nenhuma mulher me fez dormir tão pouco quanto essa aqui. — Sorrio para Lila, que também sorri, concordando.

— Se você diz.

— Sim — repito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deito-me do outro lado da cama, de frente para ela e o filho. Coloco Aurora no colchão alto com cuidado, e ela resmunga, reclamando. Encaro Dalila, que ainda amamenta, a expressão cansada.

— Eu já ia buscá-la — ela explica, bocejando e cobrindo com uma fralda verde os seios.

Dou de ombros.

— Tudo bem, quero ajudar — digo, acariciando os cabelos da menina com carinho, sentindo a maciez dos fios em meus dedos compridos.

— Eu sei — Lila concorda, e volta para o filho, que está quase fechando os olhos.

Permanecemos ali, deitados na cama espaçosa, bagunçando os lençóis como um típico casal, uma cena familiar e cotidiana na vida de qualquer um. Brinco com Aurora para distraí-la enquanto espera sua vez de mamar, e ela me olha com atenção. Minhas tentativas de colocar uma chupeta em sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boca miúda são inúteis, e o objeto todo colorido fica boa parte do tempo pendurado nos cantos, sem uso.

— O que estamos fazendo, Marcos? — a pergunta de minha esposa me pega desprevenido, e me ajeito sobre os cotovelos para olhar para ela, que não me encara, os olhos verdes semicerrados em direção ao filho.

Penso em sua pergunta. O que estamos fazendo? Eu não faço a menor ideia do que eu e ela estamos fazendo, porém adoraria descobrir. Eu poderia responder qualquer coisa, uma resposta vaga e insuficiente, que calaria Dalila por alguns dias. No entanto, eu também quero saber o que nós dois, vivendo esta vida maluca e nada convencional, queremos com isso. Ergo seu queixo para que olhe para mim, e, inesperadamente, ela não afasta minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei, Lila, mas vamos descobrir juntos. Sei que tudo isso é mais complicado do que qualquer situação que você já tenha vivenciado, e te garanto que eu também. Não estou tentando justificar nada do que fiz, e nem quero entrar neste assunto agora, porque haverá tempo para isso, mas... — Faço uma pausa, encarando seus olhos muito verdes, que me encaram de volta. — Só quero me redimir por tudo como eu puder. Quero te ajudar, e, por favor, não me peça, nunca, para ficar longe das crianças, porque isso não vai acontecer em hipótese alguma — enfatizo, ainda segurando seu queixo com firmeza.

Ela se encolhe diante de minhas palavras, porém não diz nada. Assente em uma concordância silenciosa, e se ajeita para tirar o filho dali.

— Deixe que eu o levo para o berço — digo, e pego Ângelo com muito cuidado, Dalila me olha temendo que a criança acorde.

Quando retorno, ela está na mesma posição, amamentando a filha que encara a mãe com admiração, as mãos pequenas brincando com os cabelos de Dalila, que caem soltos e roçam no rosto de Aurora. Deito-me de novo, suspirando com as duas.

— As mulheres da minha vida — digo baixinho, sem pensar.

Dalila ergue a vista para mim, e sei que ela escutou o que eu disse, embora não diga nada.

Um silêncio agradável se instala no quarto, e os minutos se passam, tranquilos. Mexo com Aurora, erguendo e sacudindo suas mãos no ar. Faço com que ela puxe os fios vermelhos da mãe, e Dalila grita de dor quando a filha puxa com força seus cabelos. Não sei ao certo quanto tempo se passa até que Aurora finalmente pegue no sono, para nosso alívio. Carrego seu corpo gordo e coberto para o quarto, e quando volto até o aposento de Dalila,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos estão fechados e sua respiração pesada. Não quero voltar para o meu quarto, escuro e vazio, uma caixa gelada e solitária, por isso me deito ali, ao lado de minha esposa. Seguro suas mãos com carinho, acariciando seus dedos pequenos. O tempo passa e pego no sono, tão cansado quanto ela.

PERIGOSAS ACHERON



*“O que eu fiz na época de nosso casamento para
ele ser tão cruel comigo?”*
(Ainda não acabou)

O que são férias para uma mãe de duas crianças agitadas e inquietas? Bem, sem dúvida não é um período de descanso, nem de ficar à toa, sair com as amigas para uma tarde fútil de comilanças e gordices; nem de dormir até tarde; nem de ver suas séries favoritas, já que agora você tem uma sala de TV de última geração em sua mansão, com mais

PERIGOSAS ACHERON

canais do que tempo para vê-los; nem de ter tempo para ir ao salão cuidar dos cabelos ou se deleitar e deixar que alguém, ao menos por um dia, faça as suas tarefas. Não, nada disso. Porque quando se é mãe... bem, a história é outra, e o período é integral. Não há devolução, nem um telefone para onde você pode ligar e reclamar, alegando não estar pronta para a maternidade, e querendo seu dinheiro de volta.

A festa junina da minha turma da faculdade foi o encerramento das aulas. De acordo com o calendário acadêmico, as aulas só terão início na primeira semana de agosto, quando geralmente os alunos ainda estão encarando o retorno, emburrados, e prolongam o descanso por mais uma semana, o que me dá em torno de vinte dias ou quase um mês para esquecer provas, seminários, trabalhos, livros e textos deixados no Xerox. Depois de conferir minhas notas no portal,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

constatei uma leve, mas nítida queda nas disciplinas, o que me deixou chateada até que as crianças começaram a chorar de fome. Diante de duas criaturas choronas, posso superar minhas notas ruins.

Assim, minha primeira semana de férias teve alguns acontecimentos interessantes, como passar o dia todo de pijama dentro de casa, parecendo uma mendiga, considerando que toda vez que tentava trocar de roupa, as crianças precisavam de mim para algo: comer, trocar fraldas, dormir ou mesmo gritar. Marcos tem ficado mais tempo com eles também, mas ainda assim... quando ele perde o controle, é a mim que recorre, então meio que abandonei meu guarda-roupa por alguns dias. Também não penteava o cabelo, já que meus fios estão ressecados demais, e qualquer tentativa de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

domar as madeixas acabava me deixando com muita dor nos braços, e eu desistia. Ninguém me veria mesmo, então...

As crianças, abençoadamente, começaram a dormir mais durante a noite, um sono tranquilo e duradouro, acordando por volta das sete ou oito da manhã, o que me dava uma boa noite de sono. Estabeleci uma rotina melhor por estar em casa, e, aos cinco meses, quase pulando para os seis, Aurora e Ângelo eram dois gêmeos lindos, fofos e saudáveis, engordando a cada semana.

Meus sogros, juntamente com Clara e sua família, vieram passar um tempo conosco, o que foi um grande alívio. O fato de mais pessoas terem tempo para estar com meus filhos era um grande favor, o que me deu mais tempo nas últimas semanas de julho, quando consegui me organizar com as matérias futuras da faculdade, ir ao

PERIGOSAS ACHERON

supermercado com mais tempo e ainda encontrar um salão de beleza que me salvasse de minha aparência de mendiga.

Eles desembarcaram no aeroporto por volta das nove da manhã, e foi com grande satisfação que fui recebê-los na porta de casa, com as crianças no colo, quietas e amamentadas, e Marcos ansioso, sorrindo para mim.

— Meu Deus, eles estão enormes, querido! — ouço Adelaide dizer para o filho, lançando-se em seus braços fortes, enquanto algumas lágrimas escorrem por sua face enrugada e maquiada.

Marcos e Clara herdaram muito da aparência da mãe: minha sogra (ainda preciso me acostumar com isso enquanto continuar casada com o desgraçado do filho dela) é uma mulher linda apesar da idade, com os cabelos na altura dos ombros, lisos e pretos (um milagre da tintura), e olhos verdes como os filhos. Seus ombros são curvados e sua postura é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre muito relaxada, como se o mundo pudesse acabar a qualquer instante, que ela não se importaria. Gosto de seu jeito de ser, e ganho um abraço apertado e muito íntimo quando ela vem até mim, sorrindo.

— Dalila, querida, senti falta de vocês todos. Foi tão difícil ficar longe de vocês todos esses meses — ela diz, e se afasta, pegando Ângelo no colo, que resmunga, mas encara a avó com curiosidade.

— Ela estava era deixando todos malucos em Presidente Prudente, insistindo que deveríamos vir logo ver vocês — meu sogro fala, e me abraça, com ternura.

Glauco está mais velho do que me lembrava quando o conheci, ano passado. Seus poucos fios de cabelo são brancos, e seus olhos castanhos tem as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pálpebras caídas pela idade avançada. Ele pega a neta, e começa a tagarelar com ela, saindo de meu campo de visão.

Clara corre até mim e me abraça, rindo e tagarelando sobre o tempo que ficamos sem nos ver.

— Não é à toa que as crianças estão enormes, olhe só para elas — minha cunhada declara, e sorrio, com saudades.

Clara foi incrível quando descobri da gravidez, sendo muito mais que uma simples cunhada. Ela foi uma grande amiga quando me senti sozinha e perdida, e estar com ela assim, como uma grande família, acalma meus nervos, apesar dos sentimentos controversos que ainda guardo quando o assunto é esta família que me acolheu como sendo parte deles, quando estou pensando em desaparecer da vida de Marcos daqui a alguns anos.

PERIGOSAS ACHERON

Cumprimento Cristiano, que entra com Thomas no colo. Meu sobrinho está enorme também, esperto como um menino de cinco anos deve ser. Ele logo começa a correr pela casa, e todos nos sentamos na sala de visitas, cada um falando das novidades, contando os últimos acontecimentos.

Sei que vivi isso no passado, mas é tão bizarro ter a casa cheia de pessoas como agora, falando de coisas que eu deveria recordar, mas que não lembro. Olho para Marcos, e percebo, constrangida, que ele também me olha, e sorri quando nossos olhos se encontram. Respiro fundo e desvio os olhos, envergonhada.

Passamos um dia agradável, em família. Uma família que não é minha tecnicamente falando; entretanto, sou casada com Marcos Baiocchi, o que me torna membro do clã. Marcos e Glauco decidem ficar em casa depois do almoço, resolvendo uma

questão jurídica da empresa de meu marido, e eu saio com Adelaide e Clara para uma tarde de garotas.

Decidimos ir ao Jardim Botânico de Bauru, mais um de tantos lugares da cidade que não conheço por meu próprio descuido e falta de tempo. Coloco roupas quentes nos gêmeos, pois a temperatura está baixa neste final de julho, e ainda deixo duas mantas grossas no carro, por precaução. Escolho um conjunto de camurça lilás que tenho e calço tênis confortáveis, já que o lugar pede por trajes assim. Deixo meus cabelos vermelhos soltos para aquecer meu pescoço diante do vento frio que faz lá fora, e um batom rosa claro completa meu visual despojado. Por fim, quando encaro meu reflexo no espelho, não me sinto mais uma mendiga.

Pegamos a Rodovia Comandante Ribeiro de Barros, rumo ao bairro Tangarás, onde fica o parque. Clara me segue no carro que alugaram,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com minha sogra e o filho, e eu vou em meu carro, brigando com o GPS, que faz com que eu me perca duas vezes, até que, finalmente, depois de quase uma hora na estrada, consigo chegar ao jardim. O acesso ao parque se dá pelo estacionamento do Zoológico Municipal. Estaciono o carro grande, que fica torto, e ajeito as crianças no carrinho duplo, cobrindo-os com o cobertor grosso que trouxe, já que o vento pode castigar a pele sensível deles. Minha sogra toma a direção do carrinho, e eu a sigo com Clara, passando pelo portal de acesso majestoso, todo em madeira escura.

— Como estão as coisas entre vocês? — Clara me pergunta baixinho, evitando que a mãe ouça. Abaixo a cabeça, suspirando.

— Posso pular esta pergunta? — brinco com ela, que me olha de soslaio, retorcendo os lábios vermelhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não pode. Conversar com você pelos aplicativos de mensagens não me coloca muito a par das coisas, Dalila. Sinceramente, eu teria vindo antes, sabe, mas o Cris não me deixou. Disse que eu precisava cuidar da minha vida — ela diz, segurando as mãos do filho com firmeza, que chupa um pirulito feliz.

Ajeito minha blusa, sentindo o vento frio do dia com mais intensidade. Olho ao redor, apreciando a vista do parque, um lugar lindo e verde com um ar puro que nos dá uma sensação de paz, longe do barulho da cidade.

— Não é uma questão de se intrometer, Clara, e eu agradeço por tudo o que tem feito por mim e pelas crianças. No fundo, nós duas sabemos que eu não tinha chances nenhuma de sobreviver diante do que... — pauso minha fala, engolindo em seco.

PERIGOSAS ACHERON

Odeio quando meus pensamentos me levam a ele: o demônio. Nunca soube direito que fim ele teve, e sei que não ficou preso muito tempo. Não, a justiça sempre é diferenciada para quem tem grana, e um homem como Sandro jamais seria condenado pelo que me fez. Ainda assim, qualquer lembrança é afastada do meu cérebro quando qualquer assunto me leva a ele. A psicóloga com quem conversei em Prudente, quando fiquei lá com as crianças, me garantiu que os traumas deixam marcas profundas, difíceis de apagar do corpo e da mente, principalmente o que passei. Mesmo assim, ela me disse que o tempo era o melhor remédio para eu me curar de toda a dor, sentir-me verdadeiramente livre e seguir minha vida com meus filhos. No entanto, não estou ficando mais nova, e o tempo, honestamente, só camuflou um episódio de minha curta história com aquele psicopata; porque eu sei, indubitavelmente, que as marcas ainda estão lá, e

PERIGOSAS ACHERON

que eu jamais poderei viver com um homem depois do que passei.

Volto minha atenção para minha cunhada, tentando me concentrar. Ela mexe nos cabelos curtos, e ajeita seu sobretudo branco, os saltos finos das botas fincando na terra do jardim.

— Eu sei, e só quero te ver bem, todos vocês, aliás. Dalila, o meu irmão errou feio, eu sei e você também, e nunca pense que eu pretendo justificar o que ele fez, mas acredite... — Clara desvia os olhos dos meus, disfarçando um incômodo que sei que ela está sentindo. — Ele ama demais você, e essas crianças são o mundo para ele, um mundo que nunca achou que faria parte, porque você nunca quis ter filhos. Marcos está bobo e encantado com os filhos...

— Ele não acredita ser o pai, Clara — interrompo-a, frustrada. — Ele me abandonou antes por conta desse terrível mal-entendido, por

PERIGOSAS ACHERON

realmente pensar que eu tinha dormido com aquele louco, mas... — Olho para o céu em uma tentativa de encontrar as palavras certas, a exatidão do que guardo só para mim. — Mas agora, nem eu entendo o que está havendo. Seu irmão tomou as rédeas da nossa vida em família, uma família esquisita, claro! — zombo, tentando fazer graça diante do clima pesado que se instalou. Volto meu olhar para ela. — Eu... eu não sei o que pensar.

— Então não pense tanto, Dalila, e deixe que ele tome conta de vocês, porque eu nunca vi meu irmão tão feliz. Por favor — ela pede mais uma vez, baixinho, com a expressão piedosa.

Assinto, olhando para meus tênis dourados. Clara é a única da família dele que parece compreender toda a complexidade do meu relacionamento com o Marcos, a extensão de viver com um homem que me fez sofrer tanto, duas vezes, e, ainda assim, aceitar mais uma vez seus

PERIGOSAS ACHERON

cuidados. A única também que parece saber de tudo, até mais que eu mesma, graças à minha falta de memória, que me impede de recordar o que de fato aconteceu no passado. Concomitante a isso, ela é ótima comigo e com essa novela mexicana cheia de dramas que virou minha vida, uma situação que nem eu mesma sou capacitada para definir. Levanto meu olhar e encontro o dela, me encarando.

— Eu o amo muito, apesar de tudo. Eu não queria amá-lo, Clara. Juro que, depois de tudo o que passei, depois de quase morrer de fome e desespero, eu quis odiá-lo. Quis mesmo, eu juro! — repito, com a voz chorosa. — Mas quando voltei a Bauru e ele estava aqui, tomando conta de tudo, qualquer reserva que eu tivesse caiu por terra, simplesmente porque, por mais que eu queira, ele é o homem que amo, a quem entreguei meu coração. Não importa quantas vezes eu lembre o que sofri, nada é forte o bastante para me fazer odiar seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmão, mesmo que nosso futuro esteja marcado por tanto sofrimento — declaro, deixando que a primeira lágrima role pela minha face gelada pelo vento frio do inverno.

— Vocês estão marcados pelo passado, Dalila, e não pelo futuro — ela me corrige, compassiva. — Sei que você não acredita na possibilidade de viver uma vida normal com ele, como qualquer casal, e eu jamais te culparia por isso — ela emenda, abrindo um sorriso triste. — Mas apenas peço que deixe o tempo cuidar do amor de vocês, como uma planta, que precisa ser regada e cuidada aos poucos, e um dia ela floresce e enche nossa vida de beleza. Quem sabe um dia... — Suas palavras morrem no ar, e eu, em querer me estender nos meus planos de fuga quando encerrar a faculdade, assinto, chorando.

PERIGOSAS ACHERON

Clara me abraça, provavelmente pensando o mesmo que eu. Deixo que algumas lágrimas venham, rápidas, porém logo me recomponho. Já estamos no parque, e Adelaide está parada, conversando com os gêmeos, enquanto espera que nos aproximemos. Vamos andando mais devagar, abraçadas, enquanto Thomas solta da mão de sua mãe e sai correndo em direção à avó.

— Um dia, Dalila, tudo será esclarecido, e vocês não terão mais a sombra do passado sobre o relacionamento de vocês.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque, acredite em mim, o Marcos também sofreu muito quando o casamento acabou. Ele quase enlouqueceu de desespero, e quando digo isso não estou sendo exagerada: a dor que vi abraçá-lo por meses foi quase palpável, então eu posso garantir que o que ele sente por você é sincero e duradouro, apenas confie nesse

sentimento, mesmo que haja tantas razões para odiá-lo — ela confessa, um pouco insegura com suas próprias palavras.

— Eu odeio esses mistérios, Clara. Odeio mesmo. Detesto não saber o que houve lá atrás, quando ele me abandonou naquele hospital, e meus pais não sabiam me explicar o porquê; odeio que esta lacuna ainda exista, independente de sermos ou não um casal — sufoco um soluço de desespero quando me dou conta de que, em algum momento, eu vou descobrir o que se passou.

— Só posso dizer que ele sofreu — Clara repete, anuindo com a voz ainda mais baixa.

— Clara...

— Não, hoje não — ela diz apenas.

Arqueio as sobrancelhas, mais curiosa. Do que ela está falando? Quando Clara começa a divagar sobre meu passado, uma sensação estranha se apodera de mim, como se uma grande lacuna ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse vazia, e ninguém tivesse coragem suficiente para me contar a verdade. Mas, depois de conhecer o lado mais obscuro do louco do Sandro e lembrar que meu marido não me queria quando sofri o acidente, desconfio de que existam muito mais coisas em minha história com Marcos do que me deixam saber, mistérios não revelados, mas até que ponto vale a pena esconder tanto e magoar ainda mais um ao outro? Se existe algo, eu preciso saber, tenho o direito, oras. E, mesmo que eles não me contem, um dia eu vou precisar saber mais, além de falas vagas e desinteressadas. A questão é: como e quando eu vou descobrir do que se trata?

— Apenas tente relaxar mais, cunhada — ela brinca comigo, me apertando em seus braços gorduchos. — Vocês podem recomeçar, Dalila, podem viver tudo de novo, e com a garantia de que agora vai dar certo.

PERIGOSAS ACHERON

— Como eu posso ter garantias de que vai dar certo, Clara? Seu irmão já me abandonou quantas... duas vezes? — questiono, fitando seu rosto pálido pela quantidade de maquiagem que está usando.

— Agora você tem, porque, se não for por você, será pelas crianças. Ele está maluco com Ângelo e Aurora, e não vai fugir de novo, eu garanto.

Abro a boca para contestá-la, mas minha sogra nos chama, apontando para a paisagem rústica e exuberante que se forma à nossa frente. As árvores altas, com folhagens que mesclam o verde e o amarelo se estendem formando um emaranhado natural e belo. Seguimos devagar pelo gramado, até que um segurança aparece e nos pede para seguir a trilha de concreto.

Uma placa grande e verde informa sobre as atrações do jardim, e optamos por conhecer a coleção de orquídeas, deixando o assunto de meu casamento em banho-maria, Adelaide falando

PERIGOSAS NACIONAIS

amenidades, brincando com meus filhos, mimando-os com colo. Aurora descansa a cabeça nos ombros elegantes de minha sogra, e Clara segura Ângelo com carinho, e ali, nós todas formamos uma família que não me lembro de ter conhecido e amado, mas que enche meu coração de alegria neste instante, como se houvesse esperança para mim e Marcos. Finalmente, depois de tantos perrengues, não me sinto mais tão sozinha.

O Orquidário fica distante de onde estamos, mas a caminhada é agradável, apesar da temperatura estar caindo mais ainda desde que chegamos. Há uma infinidade de plantas de cores distintas dispostas em vasos de barro, e Adelaide se detém em um canto, fascinada com as flores. Ando pelo corredor, admirando as flores, embora meu conhecimento seja quase nulo. Detenho-me em uma orquídea em tons de rosa claro, com um cheiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mato, e observo a delicadeza da flor: seus tons suaves, sua textura macia e sua perfeição, ali, em meio a tantas outras flores.

— Podemos levar algumas mudas para casa? Meu jardim está cada dia mais florido, e pedi para o jardineiro abrir um espaço para novas plantas. Adoraria cultivar orquídeas dessa espécie — ouço minha sogra perguntar, de longe.

Dou risada, negando.

— Que pena! — ela diz, ninando Aurora, que começa a ficar agitada.

Mais pessoas entram e saem do Orquidário, e damos por encerrada nossa visita ao lugar. A pedido de Adelaide, decidimos conhecer as plantas aquáticas, e eu fico sentada com Clara em um banco de madeira rústica, de frente para um pequeno lago cheio de vitórias-régias, enquanto minha sogra sai com os três netos, andando pelo espaço de grama animada com a vista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara é a primeira a quebrar o silêncio.

— E a faculdade?

Suspiro, passando as mãos pelos meus cabelos.

— Às vezes, é um pesadelo; às vezes, o paraíso.

Isso porque tive praticamente duas semanas de aula, mas nunca ansiei tanto pelas férias, Clara. Sinceramente, nem sei como consigo prosseguir com o curso. É exaustivo para meu cérebro, fico confusa com a quantidade de textos que preciso ler diariamente, sem falar em provas e trabalhos... — Faço um gesto vago com as mãos, casualmente. — Entretanto, a cada nova leitura eu me descubro mais apaixonada pelo Universo da escrita — concluo, com um sorriso.

Ela assente, concordando.

— Você está no curso certo, Dalila. Eu testemunhei a leitora assídua e apaixonada por livros durante muitos anos. É uma pena o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

houve com sua memória e o fato de não se lembrar do curso de Letras, mas fico orgulhosa de saber que não desistiu, mesmo com tantos obstáculos.

— Eu também fico feliz.

— Sabe o que é mais importante? O curso de Jornalismo te dá mais opções que o curso de Letras: você pode trabalhar em um jornal como redatora ou algo semelhante; na frente das câmeras. — Ela dá uma risada e se vira totalmente para mim. — Se bem que não acredito que este seja bem o seu estilo de profissão. — Clara toca de leve meu braço, e continua falando, os olhos brilhando. — Você pode escrever um livro e ganhar muito dinheiro com ele, ou então noticiar matérias importantes e viajar pelo mundo, e esta sim seria a melhor opção.

Torço o nariz, forçando uma careta. Só mesmo minha cunhada para me abrir um leque de profissões.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, já pensei muito em tudo isso, acho. Tenho uma amiga que só está no curso porque deseja a fama.

— É mesmo? Eu adoraria conhecê-la.

— Sim, Betânia gosta mesmo é dos holofotes, da vida cheia de glamour e ostentação, mas eu... eu não. Eu só quero escrever de uma forma que as notícias não tenham um teor tão sensacionalista — declaro, sorrindo.

— Então assim será, Dalila. Porque nessa odisseia que virou sua vida do avesso, você é uma guerreira sem precedentes. Nada... — Ela dá batidinhas no meu joelho, chamando minha atenção para suas palavras. — Nada é capaz de te fazer recuar, garota. Você tem a vida toda pela frente, e pode fazer o que quiser e quando quiser.

— Que assim seja — digo, com um nó na garganta diante da verdade de tudo o que vivi e ainda vou viver.

PERIGOSAS ACHERON

Observamos Adelaide brincar com as crianças, e decidimos ir embora, já que o parque está para fechar. Tiramos algumas fotos juntas, como uma família feliz, e saímos para o estacionamento, com o frio de fim de tarde soprando camadas grossas de vento em nós. Clara e minha sogra me ajudam a ajeitar as crianças no carro, e seguimos para o centro da cidade, eu me perco mais uma vez, quase socando o GPS. Meu celular toca no instante em que estou quase estacionando, ou melhor, tentando, a todo custo, encaixar o carro em uma vaga do tamanho de uma pista de corrida.

Atendo pelo sistema do carro, atrapalhando-me com a tecnologia que Marcos domina tão bem.

— Alô.

— *Lila, sou eu* — Marcos ofega parecendo eufórico do outro lado da linha. — *Preciso viajar agora para São Paulo, mas estarei de volta no*

PERIGOSAS NACIONAIS

máximo depois de amanhã — ele fala, atropelando as palavras.

Ouçõ barulho de chaves e de algo caindo enquanto tento escutar suas palavras. Ângelo começa a chorar e me enrosco no cinto, para variar.

— Droga! — grito, nervosa.

— *O que foi? O que houve?*

— Nada, só estou tentando sair do carro, mas o cinto de segurança é seguro demais para me deixar sair — retruco, lutando contra o objeto.

Marcos solta uma risada alta e gostosa; e, mesmo contra minha vontade, rio também, soltando os ombros, em rendição.

— *Lila, onde vocês estão?*

— Acabei de chegar ao centro da cidade. Sua mãe quer comprar algumas coisas, e vamos comer antes de voltar para casa — esclareço, com a voz baixa.

PERIGOSAS ACHERON

A linha fica muda, e espero. Meu marido parece hesitante em continuar e, então, depois de alguns segundos silenciosos, ele fala, suspirando.

— *Eu preciso mesmo ir, Lila, você entende, não é? Não estou te abandonando. Por Deus, eu não queria sair de perto de vocês agora, o que acontece é que Vicente realmente precisa de mim, eu...* — ele engasga um pouco, levemente atordoado. — *Apenas surgiu um problema na empresa e Vicente precisa de mim...* — Sua voz tem um tom de súplica, e meneio a cabeça, discordando.

— Ei, esquece isso, está bem? Marcos, você é dono de um império, e precisa cuidar dos seus negócios. Eu e os gêmeos vamos ficar bem, e sua família está aqui, então... — Faço uma pausa, pensando no quanto não quero ficar longe dele. Isso é tão estranho: querer que ele fique comigo; entretanto, quando percebo que ele quer se aproximar, recuo, apavorada. Merda, eu só posso

estar ficando doida mesmo se meu cérebro perturbado pensa em qualquer reconciliação com Marcos. — Eu preciso desligar, as crianças estão berrando aqui no banco... — adianto, e desligo antes que ele possa dizer mais alguma coisa.

E, mais uma vez, aquela pergunta estranha e sem resposta ecoa em minha mente enquanto me solto do cinto e corro para as crianças: o que Marcos e eu estamos fazendo?



Adelaide e Clara fazem uma farra comigo e com os gêmeos no centro. Comemos em um café no calçadão, depois de eu amamentar meus filhos chorosos. Entro na dança e compro alguns itens para mim, como roupas e sapatos, usando o cartão ilimitado que meu marido me deu. Compro também roupas para Ângelo e Aurora, e alguns brinquedos de morder, já que eles babam tanta saliva durante o

PERIGOSAS ACHERON

dia, que eu poderia encher uma banheira. Minha sogra se empolga com uma loja de bebês e gasta uma fortuna com objetos para meus filhos e Annalena, filha de meus cunhados.

E então, enquanto espero do lado de fora de uma loja, tentando acalmar Aurora, que está irrequieta, uma sombra me chama a atenção do outro lado do calçadão, alguém cujas roupas escuras e postura reta me deixam assustada, minha mente reconhece a silhueta e liga os pontos. Olho mais uma vez, e o homem não se mexe, ainda me encarando. Ele está escondido atrás de um dos pilares da cobertura da rua, mas, mesmo à distância e com as roupas escuras, meu cérebro rapidamente identifica-o: é Sandro, meu maior pesadelo.

Sandro!

Sandro!

Com dificuldade e em um estado de puro desespero, corro até Clara, que está no caixa de uma loja, pagando suas compras. Ela me olha com os olhos arregalados, mas, embora insista, não consigo pronunciar nenhuma palavra. Estou em pânico, perturbada demais e coloco minha filha em seus braços, fraca e zonza.

— Dalila, o que foi? — ela me questiona, sondando ao redor da loja.

— Ele... ele... — balbucio, as lágrimas escorrendo do meu rosto.

— Meu Deus, Dalila! Está me deixando preocupada, você viu um fantasma?

— Eu *o* vi — digo por fim, e não há necessidade de conjecturas, pois ela entendeu perfeitamente o que não foi dito.

Clara pega seu cartão da máquina e me arrasta da loja, com Aurora nos braços, que agora está esperneando. Adelaide vem até nós, cheia de

PERIGOSAS ACHERON

sacolas e segurando o neto. Sorte a minha que ela está distraída demais com meu filho, e não percebe minha expressão assustada.

— Mãe, temos que ir — Clara anuncia, e não permite que a mãe retruque.

Em questão de segundos dirigimo-nos para casa, Clara assume o volante do meu carro, com minha sogra logo atrás, seguindo-nos. Meu pavor é nítido e meu corpo todo treme diante do que vi; estou completamente, terrivelmente amedrontada e não sou capaz de agir com normalidade. Sandro de novo não! Não vou aguentar reviver aquele pesadelo de novo. Não quando a segurança dos meus filhos pode estar ameaçada.

Clara está tensa ao volante e me olha de vez em quando, mais segura de si.

— Tem certeza de que era ele? — ela repete pela milionésima vez, e eu apenas chacoalho a cabeça, incapaz de emitir som. Minha boca está

PERIGOSAS ACHERON

seca, meu coração aos pulos, e mal sinto minhas pernas, enquanto seguro firme no console do carro espaçoso, sentindo um leve suor escorrer dos meus dedos.

— Tudo bem. Marcos vai saber o que fazer, não se preocupe. Aquele demônio vindo direto do inferno não vai chegar perto de você, eu prometo — ela enfatiza a última palavra, esboçando um sorriso pouco convincente.

Nego com a cabeça, tentando controlar minha respiração.

— Ele precisou ir a São Paulo resolver alguns problemas da empresa — digo, num fio de voz.

Minha cunhada me olha, confusa.

— Quem?

— Seu irmão. Ele me ligou há pouco dizendo que teria que viajar, mas voltaria logo. Algum contrato da FastAire que estava pendente, eu não entendi direito. Eu disse que ficaria bem, mas

agora... — Sinto o pânico se apossar de mim mais uma vez, e Clara coloca uma mão sobre meu ombro esquerdo, consolando-me.

— Eu vou ficar aqui, então. O Cris e eu vamos cuidar de tudo, não fique assim. Mas o meu irmão precisa saber o que você viu, Dalila, é sério. Sandro é um psicopata maluco e obcecado por você e, obviamente, ainda não aprendeu a ficar longe, mesmo depois de tudo... — Ela para de falar, arregalando os olhos, intrigada. Suas sobrancelhas negras arqueiam em seu rosto branco, com um vinco grande se formando entre ambas, e Clara desiste do que ia dizer, parando em um sinal vermelho. — De qualquer forma, ele não vai chegar perto de nenhum de vocês, Dalila, fique calma.

Assinto, apenas para não me alongar no terror que estou sentindo. Se eu me permitir pensar em Sandro, a situação vai se tornar real e vou pirar. O

PERIGOSAS NACIONAIS

que quer que ela saiba, meus sogros não sabem, já que Clara fez questão de esconder o assunto da mãe. Por isso, ensaio uma postura mais relaxada quando minha cunhada entra na garagem da mansão, estacionando o carro bruscamente.

Desço apressada, pegando as cadeirinhas das crianças e subindo para o meu quarto, tropeçando nos degraus que levam ao andar superior. Segura em meu quarto escuro e espaçoso, respiro finalmente, acalmando meus ânimos. Dou um banho nos gêmeos, com a ajuda de Clara, amamento-os e ambos dormem no carrinho, e, sem muita disposição, deixo-os ali, em meu quarto mesmo, cobertos por um cobertor grosso, já que a casa está um gelo. Na pressa, Marcos deve ter se esquecido de ligar o aquecedor.

Aproveito a quietude do momento, eu também tomo um banho, a água quente relaxa meus ombros tensos pela imagem que vi.

PERIGOSAS ACHERON

Sandro. Meu maior pesadelo.

E eu que achava que a faculdade e ser mãe de gêmeos era meu tormento. Pego meu celular e vejo várias mensagens de Marcos no aplicativo de mensagens, fotos do jatinho particular, selfies dele cheias de caretas engraçadas. Esboço um sorriso, porém as lágrimas vêm primeiro, banhando meu rosto de uma tristeza que não sou capaz de controlar. Em um ímpeto, ligo para o meu marido e a ligação cai na caixa postal. Respiro fundo, rendendo-me a uma exaustão inexplicável.

Deito na cama alta e me encolho embaixo dos cobertores grossos, cobrindo meu corpo trêmulo, inclusive o rosto. Meu telefone toca ao meu lado, e abro os olhos, assustada. Coloco o telefone sobre a orelha e, mesmo sem ter certeza de quem é, digo entre soluços incontidos.

— Marcos, eu preciso de você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desligo o aparelho, ainda chorando, os pensamentos em ziguezague, e pego no sono ainda com a claridade do entardecer.

PERIGOSAS ACHERON



“Eu achava que tinha tudo sob controle, mas a vida, mais uma vez, me mostrou que não.”

(Quando o amor não é o bastante)

As palavras de Dalila ainda ecoam em minha mente enquanto olho pela janela do jatinho, as nuvens claras e esbranquiçadas voando diante de mim, o fim do dia dando lugar a um crepúsculo majestoso e de tirar o fôlego.

“Marcos, eu preciso de você”, foram suas palavras exatas. Ou será que estou sonhando? Esperei tanto para ouvir algo assim, e agora que aconteceu, sinto-me zozzo como um adolescente diante de seu primeiro amor, o que de fato é em parte verdadeiro: Dalila foi meu primeiro e único amor, aquela a quem eu entreguei meu coração e minha alma.

Mas o desespero e a angústia em sua voz deixaram-me preocupado. Notei, pelo timbre de sua voz, que ela estava chorando. O que aconteceu? Algum desentendimento com minha família? Clara revelou algo de seu passado? Clara revelou algo de nosso passado? Meus pais a trataram com hostilidade? Não, não e não. Nenhuma dessas respostas justifica sua fala ao telefone.

Ligo para Vicente assim que o jato pousa em Bauru, e despejo as palavras de modo constante e lento, sem dar margem para que ele me censure

PERIGOSAS ACHERON

por, mais uma vez, deixar toda a responsabilidade sobre ele.

— Cancele todas as reuniões mais importantes, Vicente, e cuide do que puder. Ficarei em Bauru mais alguns dias, e não tenho previsão de aparecer por aí agora. — Arrasto minha pequena mala pelo concreto do heliporto, a noite já ganhando espaço no céu antes claro. — Sinto muito, Vicente, mas Dalila e as crianças são minha prioridade neste momento — finalizo, e espero por sua explosão, seu ataque de palavrões que sempre ouço quando piso na bola com ele e com a empresa.

Entretanto, meu amigo e sócio respira fundo e diz com a voz tranquila:

— *Tudo bem. Vou pedir para os advogados revisarem aquele contrato de Londres mais uma vez, só por garantia. E Andrew me ligou agora há pouco, dizendo que os chineses entraram em contato com ele, de novo. Cara, não entendo por*

PERIGOSAS ACHERON

que eles insistem tanto em não se dirigir aos verdadeiros donos da empresa, afinal eles sabem que somos nós quem decidimos tudo. Será que somos tão intimidadores assim? — ele brinca, a voz saindo mais pastosa. — Enfim, cuide das coisas por aí que eu vou mantendo a empresa funcionando por aqui. O Andrew virá a São Paulo na terça-feira, e vai ficar uma semana me ajudando com alguns contratos. Depois, eu vou com ele para Londres, então acho que seria bom você estar por aqui, enquanto eu me ausentar.

— Claro, você tem razão, vou ser rápido por aqui, ou ao menos vou tentar — concordo, e desligo, entrando no carro alugado e rumando para minha casa.



— Maldição! — grito dentro do carro, esmurrando o volante pela enésima vez. Os carros à minha frente não saem do lugar, como tartarugas rastejantes pelo asfalto, e já faz vinte minutos que estou nesta avenida, tentando andar.

Ligo para Clara que, de modo monossilábico, não responde a nada do que pergunto com coerência e precisão. Ela parece preocupada, e diz que Dalila está no quarto, dormindo, e que está feliz que eu esteja voltando.

Ok, a situação é mais séria do que eu esperava.

Quando finalmente entro na rua onde moro com minha esposa e as crianças, noto as luzes da mansão acesas, a casa em plena atividade. Deixo o carro na entrada, e corro para ver Dalila, meus punhos cerrados e minha mente um turbilhão de pensamentos a cada segundo mais conflitantes. O hall de entrada está vazio, e jogo meu sobretudo marrom em um canto, no sofá grande de couro. A

PERIGOSAS NACIONAIS

escuridão da noite entra pelas janelas francesas, que dão para o jardim. A sala de estar está impecavelmente limpa e organizada, deixando para trás as lembranças das parafernálias das crianças, que ficam espalhadas pela casa toda. Normalmente, Dalila os coloca em suas cadeirinhas no meio do ambiente, esparrama colchões coloridos e brinquedos que eles não ligam pelo chão, e se deita no tapete creme que molda o piso, enquanto lê um livro ou faz seus trabalhos da faculdade no notebook. Agora, no entanto, parece que alguém limpou tudo.

Olho para a escada em espiral, também vazia, embora a luz do corredor no piso superior clareie a escada. Faço menção de subir o primeiro lance, quando ouço uma voz baixa e sussurrada vindo da cozinha. É Clara, de camisola e uma xícara nas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde ela está? — pergunto, sem rodeios, indo até minha irmã.

Meus sapatos de couro preto Stefano fazem um barulho no piso, e passo as mãos pelos cabelos, fazendo um rabo torto com meus fios curtos.

— Dormindo, no quarto dela — minha irmã responde, vindo até mim e tocando meu rosto de leve.

Encaro-a, confuso. Ela parece serena, os cabelos negros e lisos puxados para trás, ainda úmidos do banho. Sua camisola branca bate nos pés, que estão descalços, e suas mãos tremem segurando a xícara.

— Ela sabe — afirmo, sem dar margem para dúvidas, fechando meus olhos, o cansaço nítido em cada fala minha.

Clara me abraça, quase derrubando o líquido quente em mim. Mesmo impaciente, engulo meu nervosismo e ansiedade e acaricio seus cabelos, sentindo seu corpo relaxar. Abro meus olhos

lentamente, temendo o que me espera. Minha irmã está calma demais para ser ela mesma, o que só me apavora ainda mais.

— Clara, por Deus, o que houve? Eu vim o mais rápido que pude — balbucio em meio à escassa claridade que vem da cozinha.

Ainda agarrada a mim, ela me conduz à cozinha grande e luxuosa da casa, e me sento na poltrona alta, em expectativa. Ela me serve uma xícara de café fumegante, e senta-se de frente para mim, o rosto cansado e envelhecido pelo tempo. Todavia, minha irmã ainda conserva a beleza da juventude, aquela feição típica de nós três, os irmãos Baiocchi, aquele gene que nos une desde nosso nascimento.

— Não, ela não sabe simplesmente porque não é obrigação minha contar a verdade. Tampouco minha responsabilidade, Marcos. Eu jamais confessaria os erros dela no passado, até porque acho que ela tem pagado por eles há algum tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Clara faz uma pausa e toma seu café, esboçando um sorriso triste. Beberico o meu também, queimando a língua no processo.

— Eu sei, Clara, contudo não tenho condições de falar disso com minha esposa — confesso, relaxando meus ombros.

— Eu não terminei. — Minha irmã faz uma pausa, desvia os olhos dos meus e diz em um sussurro quase inaudível: — Ele está aqui.

Estreito os olhos em sua direção, perturbado.

— Ele quem?

— Sandro.

— Não! — grito, levantando-me de um pulo. Clara me olha, impaciente, e balança as mãos no ar, autoritária.

— Sente-se, Marcos, e não grite, ou então toda a casa vai saber o que está havendo entre você e Dalila. É isso o que quer? Envolver nossos pais nesse rolo? — ela vocifera.

PERIGOSAS ACHERON

Dou risada do paradoxo que é minha irmã, e me sento novamente, tomando mais um gole do café, que por sinal está horrível.

— Ela o viu hoje mais cedo, no centro da cidade, enquanto fazíamos compras. Dalila ficou tão chocada que tive que dirigir para ela, tamanho seu medo. Marcos, me escute bem. — Ela pega minhas mãos, com seu toque quente e acolhedor. — Dalila não tem condições de lidar com isso agora, entende? Sandro a apavora de uma forma que nunca imaginei na vida. No fundo, quando você sumiu e ele tomou as rédeas da situação... — Clara arqueia as sobrancelhas negras para mim, em sinal de reprovação. — Eu sabia que havia algo de muito errado, que era uma relação abusiva. Dalila me contou muito pouco quando estive no hospital. Entretanto, é muito pior do que eu imaginava. Ela

tem um medo dele que nem consigo descrever. O corpo dela tremia tanto que arrumou os gêmeos de qualquer jeito nas cadeirinhas...

— E eles? Aquele desgraçado os viu?

— Não sei, Marcos, espero que não. Mesmo assim, ele está por perto, sabe onde a Dalila vive, os lugares que frequenta. Fiquei muito assustada com o estado dela hoje mais cedo — minha irmã declara, baixando os olhos para seu café.

Levanto-me mais uma vez da poltrona, irritado. Jogo o líquido preto na pia de inox, tentando respirar. Meus pensamentos só giram em torno dela e das crianças, e em sua segurança ameaçada por aquele desgraçado, cretino. Fecho os olhos, bufando. Clara vem até mim, correndo as mãos pelos meus ombros.

— As crianças acordaram há pouco, chorando. Levei-as para Dalila dar de mamar, mas pedi para a nossa mãe ficar com os gêmeos. Marcos. — Clara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segura em mim, o rosto sério. — Ela precisa de você, sem julgamentos ou críticas. O que aquele maluco a fez passar ainda está dentro dela, em sua memória, em seu corpo, em suas cicatrizes. Ela ainda tem marcas dele, Marcos, e qualquer menção a Sandro a deixa sem chão... imagine vê-lo. — Sua voz sai rouca, e minha irmã sai da cozinha, deixando-me sozinho com meu coração acelerado, e com minha vida, mais uma vez, de cabeça para baixo.

Permaneço ainda alguns instantes no cômodo iluminado pelos lustres redondos que pendem do teto. Só quero vê-la, falar com ela, prometer que nada nem ninguém vai machucá-la de novo, garantir que não vou a lugar algum, que estou com ela para sempre, que sempre estive...

— Merda! — resmungo.

PERIGOSAS ACHERON

Ando pela casa, contrariado. Encontro meus pais com os gêmeos, minha mãe é uma típica avó babona. Eles estão no quarto onde ficam as tralhas das crianças, ambos no chão, brincando com eles.

— O que está fazendo aqui, Marcos? — meu pai me pergunta, coçando a cabeça rala.

— Precisei voltar às pressas, mas não se preocupe. Nem você. — Olho para minha mãe, que está com a boca aberta, pronta para me questionar.

Ela sorri, e se volta para os gêmeos, distraída.

Aurora está acordada, as mãozinhas miúdas e gordinhas mexendo no ar, tentando pegar o móbile de peixinhos que está pendurado na cadeirinha. Ângelo está no colo do meu pai, atento a voz dele. Dou um beijo nas crianças, com meu coração aliviado por eles estarem a salvo.

Saio para o corredor, indo direto para a porta de minha esposa. Não bato; giro a maçaneta devagar, pois não quero acordá-la, porém a cena que vejo

PERIGOSAS ACHERON

quando entro no cômodo não era o que eu esperava: minha esposa está no chão, deitada sobre o tapete, toda encolhida e soluçando.

— Lila. — Corro até ela, aturdido. — Lila, o que foi? — pergunto, e ela continua soluçando, o rosto molhado quando chego mais perto.

Sem pensar, eu me deito ali com ela, envolvendo seu corpo frágil e trêmulo, que me recebe sem pestanejar. Ela se agarra a mim, o corpo ainda mais encolhido, e eu a abraço com força, tentando acalmar seus temores.

— Lila, meu amor, eu estou aqui — sussurro em meio aos seus cabelos, que caem desgrehados por seus ombros.

Ela continua a chorar, apertando-se a mim. Beijo seus cabelos bagunçados, seu rosto molhado, seu pescoço. Dou beijos leves por toda a extensão de sua orelha, sussurrando palavras de conforto. Ela geme quando meus lábios vão parar em sua boca,

PERIGOSAS NACIONAIS

que está úmida e quente. Deposito um beijo leve em seus lábios rosados e ela não se afasta, apenas se aperta ainda mais em meu corpo.

— Eu o vi — ela fala, e outro soluço escapa de seus lábios.

Suspiro, fechando os olhos e deixando minhas mãos deslizarem por todo o seu corpo, que começa a desacelerar o ritmo antes acelerado.

— Eu sei, mas agora eu estou aqui, entendeu? Ninguém vai fazer mal algum a você nem aos gêmeos — declaro enfaticamente, e ela continua chorando, as lágrimas molhando minha blusa de lã azul. Fico ali com ela, na escuridão do quarto. Quando tenho certeza de que minha esposa está mais calma, levo-a para a cama, e me deito ali, abraçando-a por trás. Ela ainda chora, mas um choro leve, quase de alívio.

PERIGOSAS ACHERON

Começo a cantar uma musiquinha infantil, uma sinfonia que frequentemente entoo para Aurora e Ângelo. Ela esboça um sorriso, e se vira para mim, enterrando o rosto molhado em meu pescoço. Suspiro com nossa proximidade, seu cheiro adocicando meus sentidos, e beijo seus lábios mais uma vez, corajoso e aliviado por finalmente ter vencido esta barreira, um beijo leve e carinhoso. Quero provar a ela, todos os dias, que estarei aqui, com ela e com as crianças, por ela e pelas crianças. Ela retribui minhas investidas, enlaçando meu pescoço com os dedos finos. Não quero me aprofundar mais porque sei que não vou conseguir parar, e antes que meu corpo seja incendiado por ela e pelo seu toque, interrompo nosso contato, olhando-a nos olhos em meio ao quarto escuro.

— Eu amo você, Lila, sempre amei e sempre vou amar. Você foi meu melhor presente — resumo nessas singelas palavras toda a magnitude do que

PERIGOSAS ACHERON

sinto, e ela assente, afundando o rosto em minha blusa, deixando claro que, ainda que sinta o mesmo, não está pronta para confessar. Não depois de tudo o que passou, não depois da minha rejeição, não depois de sobreviver a um inferno por minha estupidez. Quero que, em meio aos meus gestos, ela entenda que, mesmo que nunca seja capaz de me perdoar e de me aceitar em sua vida, eu estarei aqui, para sempre.

Os segundos vão se arrastando até que Dalila dorme em meus braços, aninhada a meu corpo como no passado, quando eu podia sentir seu cheiro doce inebriar meus sentidos até ela pegar no sono, transformando-me no homem mais feliz do mundo.



Abro os olhos, sentindo todo o meu corpo doer. “Céus, o que é isso que está em cima do meu braço?”, resmungo, sonolento. A suíte está banhada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na escuridão da madrugada, por isso pisco algumas vezes para enxergar melhor. Ao meu lado, Dalila dorme, com sua respiração pesada e constante, a expressão bem mais leve do que ontem à noite. Ela está em cima do meu corpo, seus cabelos vermelhos cobrindo meu peito nu, o rosto escondido. Suspiro, procurando uma posição mais confortável; no entanto, não quero acordá-la e encarar a expressão derrotada e chorosa que vi ontem, por isso procuro ser mais cauteloso e mexo-me lentamente.

Com muita dificuldade, pego o celular e vejo a hora: três e trinta e sete. Muito cedo ou muito tarde, dependendo do ponto de vista. Quando eu era mais novo, muito antes de conhecer minha esposa, costumava varar a noite em festas ou motéis com mulheres, uma tentativa inútil de me preencher. No entanto, quando Dalila entrou em minha vida,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

naquela tarde na livraria, há tantos anos, todo e qualquer vazio foi preenchido por sua presença, seu sorriso safado e seus olhos cor de esmeralda.

— Lila — sussurro, e beijo seus cabelos.

Ela se mexe um pouco, sonolenta. Resmunga algumas palavras, até que o som da babá eletrônica invade o quarto, um choro desesperado de uma criança no mínimo faminta. Só pode ser Aurora. Consigo distingui-la do irmão facilmente, até porque ela tem um choro mais alto, agudo e que vibra nas paredes da casa quando decide abrir o berreiro.

Saio da cama rastejando, e busco minha princesa. Ela esperneia, gritando tanto como se estivesse com dor. Com cuidado, deito-a em nosso meio, e Dalila acorda, piscando os olhos, confusa.

— Alguém está com fome — digo baixinho, mexendo nos cabelos lisos e espetados da criança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hummm... — minha esposa balbucia, e se ajeita para dar de mamar.

Ela ergue o pijama colorido, toda desengonçada, e fecha os olhos quando a filha abocanha seu seio direito.

Durante todo o tempo em que fomos casados, em todos os anos em que vivemos sob o mesmo teto, nunca presenciei uma cena tão familiar, tão doméstica quanto essa: minha esposa amamentando, sonolenta e exausta, enquanto eu, um bobo, observo a cena, boquiaberto.

Quando Aurora finalmente fecha os olhos verdes e a boca vermelha, levo-a para seu berço, voltando o mais rápido possível para os braços de Dalila, que adormece em meu peito mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON



“Se ela ainda se lembrasse, seria muito difícil continuar nosso relacionamento, retomar nosso casamento como se tudo não tivesse passado de uma briga irrelevante.”
(Quando o amor não é o bastante)

O vento congelante do inverno entra pelas janelas do carro que ganha a estrada, por isso subo os vidros e ligo o ar quente do automóvel, aquecendo minhas mãos frias. Uma boneca cantarola no banco de trás, ora fazendo Aurora e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ângelo sorrirem, ora fazendo-os chorar. Franço o cenho e encaro Dalila ao meu lado, que admira a paisagem que se desenrola à nossa frente na Serra da Mantiqueira, rumo a Campos do Jordão.

Resolvi tirá-la um pouco de Bauru, mesmo suas aulas beirando o retorno, simplesmente porque minha agonia em vê-la cada dia mais pálida e assustada era insuportável. Dalila viu Sandro, aquele cretino, e qualquer resquício de coragem e ousadia que eu acompanhei durante meses foi por água abaixo: ela ficou desesperada com a aparição dele, e nem mesmo minha insistência em afirmar que ninguém chegaria perto dela ou das crianças abafou seus temores. Minha irmã me aconselhou a sair um pouco da cidade, e é o que estou fazendo neste momento, enquanto guio o veículo que sobe lentamente a serra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda é muito cedo, e a estrada está quase deserta. Encontramos alguns carros durante o trajeto, a maioria no sentido oposto. Há uma neblina embaçando minha visão, o que faz com que eu diminua ainda mais a velocidade, considerando o perigo por trás desses lugares. A vista é esplêndida, um emaranhado de morros esverdeando a paisagem bucólica, tão admirada por turistas, que vêm de tantos pontos distantes apenas para apreciar a cidade.

O clima está frio, o painel do carro marca 6°C. Os gêmeos agora gritam, balançando as mãozinhas no ar, e cada fala dessa boneca assustadora faz com que Aurora comece a chorar.

— Essa boneca foi uma péssima escolha — queixo-me para minha esposa, que me lança um sorriso cínico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi um presente da sua mãe. Não pude recusar, seria elegante e de mau gosto — ela se desculpa, dando de ombros.

Seus cabelos vermelhos estão presos em um rabo de cavalo alto e firme, a pele avermelhada pela temperatura, o batom rosado ainda moldando seus lábios. Dalila está encolhida em seu moletom vermelho, os joelhos dobrados no banco do passageiro. Nunca a vi tão confortável e ao mesmo tempo moleca como agora. E gosto muito dessa visão.

Assinto, pensando no que ela acabou de me dizer.

— Bem, minha mãe com certeza não abriu a boneca e não teve a chance de ouvir cada palavra que sai da boca dela — retruco, mas sorrio para amenizar minha fala grosseira.

— Aurora está gostando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que mentira! Ela está é assustada com o brinquedo, isso sim. Essa boneca está bem mais para a Anabelle, daquele filme de terror — brinco, fazendo uma curva acentuada na estrada.

Dalila ergue as sobrancelhas para mim, contendo um sorriso.

— Que horror. A boneca só quer conversar, Marcos, deixe de ser implicante — ela me assegura, olhando de esguelha para mim.

Meneio a cabeça, discordando.

— Aurora não sabe falar e, por Deus, nem o irmão dela. Ambos estão assustados com essa criatura medonha que minha mãe confundiu na loja com uma boneca, Lila. Acho melhor escondermos ela aqui na cidade; e, acredite, as crianças vão me agradecer.

— Você acabou de dizer que elas não podem falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas, se pudessem, me agradeceriam. —
Pisco para ela, que fica com o rosto ainda mais vermelho e permanece calada.

Dirijo por mais uns cinco minutos, o som da voz estridente da Anabelle ecoando pelo carro abafado. Os gêmeos gemem a cada nova frase que a boneca espantalho diz, e Dalila finge não escutar nada. A boneca pede para comer, depois para fazer xixi, e depois, como se não bastasse seu falatório infantil e meloso, pede para ser ninada. Olho para Dalila, pedindo silenciosamente que ela cale o brinquedo, porém, contrariando-me como sempre, ela continua olhando para a janela, fingindo-se de distraída. Em um lapso de irritação, paro o carro no acostamento da pista, deixo o motor morrer. Rapidamente, pego a boneca falante e a arremesso morro abaixo. Dalila me olha perplexa, incrédula com minha astúcia, e quando sigo a viagem ambos caímos na gargalhada,

PERIGOSAS ACHERON

o som de sua risada preenche o ambiente. Acaricio sua coxa levemente, um gesto de ternura, e volto a me concentrar no volante.

— Sua mãe não precisa saber — ela diz, e caímos na gargalhada de novo, dois adultos mais parecendo crianças.

— Pelo menos, eles pararam de chorar — constato, e ela concorda.



Finalmente, encontro o nosso hotel, o Botanique, um lugar que fica na confluência entre paisagens pitorescas e montanhas belas e majestosas, a doze quilômetros de Campos do Jordão. Conduzo o carro pela curta trilha que leva ao hotel, banhada em uma luz acinzentada da manhã fria. Tiro os gêmeos do carro assim que um funcionário vem até nós, e deixo que ele faça seu trabalho. Entro com as crianças no colo, e Dalila

PERIGOSAS ACHERON

está ao meu lado deslumbrada pelo luxo do hotel, seu queixo arrebitado agora levemente caído pelo espanto. A entrada tem um pé-direito alto e moderno, com uma lareira moldada em basalto que cobre quase toda a parede de frente da recepção. Poltronas cinzas estão dispostas no centro do piso de madeira, sobre um tapete de pelos combinando. Consigo ver uma parte do piso superior, com paredes de vidro.

Faço o *check-in* e somos conduzidos à suíte, no andar de cima. Dalila faz menção de pegar o filho no colo, mas eu a dispenso com um sorriso. As crianças estão inquietas em meus braços, e tento ajeitá-las, o que só as deixa ainda mais irritadas. Todo o luxo do lugar se estende ao quarto, com um teto alto de madeira, com vidros por toda a parte, dando-nos uma vista incrível da Floresta Araucária, típica da região. A porta que dá para a varanda é toda em vidro, e Dalila anda devagar até lá, um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso bobo brincando em seus lábios. A manhã fria invade a quentura do quarto quando ela abre a porta, ignorando o vento gelado e admirando a vista lá fora. Coloco as crianças em seus carrinhos, dando uma gorjeta generosa ao funcionário simpático, que nos deixa a sós com uma reverência.

— Gostou? — grito para Dalila, que se vira para mim, assentindo.

Do lado esquerdo, de frente para a cama de dossel, há uma piscina e uma espreguiçadeira, a luz do sol reflete na água solitária. No fundo, o banheiro é imenso e cheio de pedras rústicas, o piso de madeira escura dá um ar ainda mais bucólico ao lugar, lustres modernos pendem do teto, contradizendo a aura do cômodo. Há duas pias dispostas em uma parede com pedras que brilham, toalhas muito limpas disponíveis e intocadas. Tudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui neste quarto exala a natureza em sua mais bela forma, com algumas pitadas de luxo contemporâneo.

Dalila vem até mim, com as mãos na cintura, ainda sorrindo, surpresa com tudo.

— Nunca estive em um lugar tão lindo — ela confessa, admirada.

— Não quero te contrariar, mas já esteve sim.

— Sério? Mais lindo que isso? — Ela abre os braços, mostrando o quarto.

— Sim — respondo, aproximando-me ainda mais dela. — Embora não se lembre, já estivemos em lugares muito mais belos que esse.

Ela engole em seco ante a minha aproximação, constrangida. Paro muito perto, vendo seu peito subir e descer mesmo debaixo do moletom largo.

— Hummm... — ela pigarreia, nervosa. — Eu não me recordo, então vou considerar esta a minha primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro.

Desfaço as malas, guardando nossas coisas e a das crianças no closet espaçoso adjacente ao banheiro enquanto Dalila se ocupa com os gêmeos, que parecem duas feras famintas. Primeiro, ela amamenta a filha, sempre a mais melindrosa; depois Ângelo, e logo eles estão mais calmos, brincando com um sapo de borracha que minha esposa insiste em colocar na boca deles. Fixo meu olhar neles, os dois deitados no carrinho duplo, as mãozinhas desajeitadas tentando segurar o objeto verde, e só percebo que minha esposa sumiu quando ouço o barulho da porta do banheiro.

Respiro fundo, chegando mais perto deles. É impressionante a velocidade em que ambos estão crescendo. Antes, Aurora parecia ser maior, mais gorducha e esperta, porém, depois desse pouco tempo de convivência, afirmo que seu irmão está maior e mais gordo, embora não mais esperto: ele é

PERIGOSAS ACHERON

muito mais dorminhoco que Aurora, e abre um sorriso para mim quando toco em suas mãos miúdas.

— Não sei dizer o que sinto por vocês dois, mas é algo que nunca senti — sussurro para ambos, e Aurora, antes distraída com seu sapo, encara meus olhos, atenta. — Sempre achei que o amor que tinha pela mãe de vocês era o maior do mundo — continuo, inclinando meu corpo grande sobre o carrinho. — E então... eu vi vocês dois, tão pequeninos e frágeis naquela UTI, e qualquer certeza que eu tinha na minha vida sobre o que era o amor se desmanchou em mil pedacinhos, porque, embora eu ame a mãe de vocês e ela me odeie — esboço um sorriso, erguendo os dedos de Ângelo —, vocês ganharam meu coração para sempre.

Não posso dizer que os gêmeos me entenderam, porém, assim que a frase ganha forma e sai da minha boca, eles abrem um sorriso sem dentes para

mim, a boca toda molhada, cheia de saliva, e meu coração se derrete ainda mais, como se isso fosse possível. Aperto os dois sapinhos que fazem um barulho engraçado, e saio para a varanda, respirando o ar frio.

A paisagem pitoresca e bucólica ganha vida à medida que o sol reflete seus raios nas árvores altas. De onde estamos, não é possível ver nem mais um quarto, uma exigência minha ao fazer a reserva. Minha ideia era isolar minha esposa de toda e qualquer preocupação. Ela está abalada e frágil com a aparição daquele maluco, e preciso me certificar de que ela vai ficar bem. Sei que, como empresário de sucesso e dono de milhões que circulam diariamente, eu deveria estar trabalhando a todo vapor, participando de reuniões importantes, assinando contratos lucrativos, passando mais tempo em aviões do que com ela; entretanto, quando foi que eu pude dizer não a esta mulher? As

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas únicas vezes em que disse, as consequências foram mais que desastrosas, e não pretendo repetir este ato.

Olho para dentro do quarto através da porta de vidro, e vejo Dalila sair enrolada em uma toalha, úmida do banho, os cabelos ainda mais vermelhos, molhando seus ombros nus. Umedeço meus lábios e tento respirar diante da visão de Lila assim, tão à vontade, imaginando seu corpo nu por baixo da toalha vermelha. Ela está quase tirando o tecido do corpo mais cheio quando se dá conta do meu olhar fixo nela, então pega as roupas e volta para o banheiro, estragando minha diversão.

— Que ótimo! — praguejo e entro no quarto, procurando minhas roupas para um banho quente que acabe com essa ereção incontida.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passamos uma manhã fria e cinzenta no quarto, ora cuidando das crianças, ora arrumando malas sem fim, já que minha esposa trouxe grande parte da mobília de Bauru: roupas de todos os tipos e tamanhos tanto para ela quanto para os gêmeos, brinquedos de todas as cores, chocalhos que deixam-nos mais irritados do que felizes, carrinhos, cadeirinhas, um chiqueiro (não entendi essa parte, acho que Dalila estava drogada quando enfiou este monstro no carro), fora as bugigangas que alimentam as crianças. Ajudo na hora do banho, aquecendo o quarto ainda mais e deixando a água da banheira quente o bastante para não os irritar. Ocupo-me de Ângelo, enquanto Aurora esperneia nos braços da mãe, até que Dalila se irrita e dá um grito com a filha, que arregala os olhos verdes e chora ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

De banho tomado e barriga cheia, ambos dormem na cama de casal, cobertos por uma manta fina já que aqui dentro está muito quente. Almoçamos no quarto mesmo, com um banquete muito bem preparado pela cozinha do hotel, e tiramos um breve cochilo antes de nos arriscarmos a explorar a cidade e suas principais atrações. No fundo, só quero que Lila esqueça a faculdade, os problemas e aquele cretino louco do Sandro. Ela precisa sentir que está segura comigo, e que nada de mal vai acontecer.

Já passa das três quando saímos do quarto, os corpos muito bem cobertos pois as temperaturas em Campos do Jordão sempre são muito baixas, e hoje, embora o sol tenha dado o ar da graça, um vento gelado sopra em nossos rostos durante a curta caminhada do hotel até o táxi, que pedi para não precisar dirigir. Vamos até a Vila Capivari, no centro da cidade. Peço ao taxista para voltar duas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horas depois, e ajudo Dalila com os gêmeos, que parecem dois montinhos cobertos, com o frio da tarde soprando em suas peles sensíveis.

Andamos pelo calçadão, admirando os demais turistas em suas empreitadas de tirar selfies engraçadas; algumas pessoas ainda almoçam, outras apenas estão sentadas, saboreando suas sobremesas. Dalila se empolga diante de um termômetro, que marca 5°C, e tiro uma foto dela, que ri, um riso infantil e sincero, os cabelos vermelhos e soltos sobre seu rosto corado pelo frio, o sobretudo vermelho cobrindo seu corpo enquanto ela aponta o termômetro.

— Linda — sussurro para ela, a distância.

— Estou amando este lugar, Marcos. Acho que não quero mais voltar para Bauru, nem saber de faculdade — ela ri enquanto gesticula para o shopping à nossa frente, o glamour estampado em cada tijolo do ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto com a cabeça, passando os dedos por meus cabelos presos.

— Se não quiser voltar, é só falar. Compro uma casa para você e as crianças hoje mesmo — brinco, enquanto empurro o carrinho dos gêmeos cuidadosamente, desviando das pessoas.

Ela fixa seus olhos verdes nos meus, as mãos pequenas na cintura, como se tivesse realmente falado sério. Lila respira fundo, e, mesmo à distância, posso ver que ela está pensando em algo, mas isso passa tão rápido quanto veio, e ela logo meneia a cabeça, negando.

— A faculdade foi um presente que ganhei, um milagre. Não posso fugir só porque as coisas ficaram mais difíceis. — Ela desvia os olhos, com a voz mais baixa. — Eu não fujo quando as coisas explodem no meu colo, Marcos. Eu assumo minhas responsabilidades.

PERIGOSAS ACHERON

Ok, eu mereci isso. A frase fica suspensa no ar, como uma facada pronta para me golpear com força e determinação. Ela não está falando de si, mas de mim, que fugi duas vezes quando a água entrou no barco, deixando-a sozinha para conduzir a embarcação, sem ao menos me dignar a cuidar dela quando mais precisou. Resigno-me a apenas concordar. Dalila nunca esteve tão certa; ainda assim, ela nunca soube a verdade por trás de nossa primeira separação, que culminou em minhas desconfianças quando me contou da gravidez. Dalila não sabe o inferno que passei quando meu amor por ela foi pisado e esmagado com suas traições; ela não faz ideia, pela falta de memória, da loucura que vivi meses e meses sem saber se deveria procurá-la e esquecer o passado ou seguir em frente com minha vida. Ela não sabe que, quando a vi na livraria, três anos depois, sem memória, todo o mundo que eu havia construído

ruiu diante dela. Essa mulher não tem consciência de seu poder sobre mim, do amor gigante dentro do meu coração, das lembranças de momentos felizes que me esforço para que sufoquem o pesadelo da nossa separação. Ela não sabe, por isso eu apenas abaixo a cabeça, aceitando a bronca.

— Eu sei, e te admiro muito por isso — digo num fio de voz, tomado por pensamentos, aproximando-me dela.

Ela ergue a vista, cravando os olhos verdes em mim. Não desvio o rosto, e ficamos nos encarando por alguns instantes, até ela se dar conta de nossa aproximação.

— Obrigada — ela responde apenas, e recomeça sua exploração pela cidade.

Paramos em um café para nos aquecer. Peço *cappuccino* duplo e um doce de limão para Dalila, que amamenta os gêmeos, um de cada vez. Cenas como essa mexem comigo: ver Dalila

PERIGOSAS NACIONAIS

amamentando os filhos, sorrindo e conversando com eles, seu olhar bobo e vidrado quando fala com cada um me enchem de um amor estranho e desconhecido. Vai muito além do que um dia senti por ela, porque não se trata de atração ou sexo: minha esposa com os filhos é a visão mais linda que tenho o prazer de ver nesses dias.

— Acha que eles estão gostando? — pergunto para ela, enquanto beberico meu expresso.

Ela levanta os olhos verdes, com uma careta.

— A única coisa que eles realmente gostam aqui são esses sapos babados — ela ri, apontando para o carrinho duplo. — Eles não parecem notar a beleza ao redor.

— Espero que você tenha um estoque desses sapos, então — zombo dela.

Dalila toma seu *cappuccino*, sujando a borda da xicara com seu batom rosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou precavida. Tenho uma porção desses bichos.

— Ufa! — Faço uma expressão dramática, e ela ri ainda mais, balançando os cabelos vermelhos.

O café começa a encher conforme a temperatura parece cair ainda mais, como se fosse possível. Peço mais um expresso para mim e um pedaço de bolo de chocolate, e observo minha esposa à minha frente, deliciando-se com sua torta de limão. A cada segundo, seus olhos são atraídos para os filhos, que agora estão mais calmos, brincando no carrinho. Eu adoraria passear mais com eles, porém o frio pode fazer mal já que são muito novos para tanta exposição, por isso atravessamos o centro retornando ao ponto de partida, e paramos no Ponto de Táxi Capivari, onde o motorista nos espera.

De volta ao aconchego do hotel, deixo os gêmeos no carrinho, que dormem profundamente, cobrindo-os com um cobertor, e vou para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

varanda, onde minha esposa está parada, de frente para a floresta.

— Está gostando? — pergunto às suas costas. Ela se assusta, e se vira para mim, surpresa com minha presença.

— Sim, aqui é tudo tão... calmo. Nunca me senti tão em paz. — Sua voz é como um grunhido, tão baixa que me aproximo ainda mais para ouvir.

— Fico feliz que esteja gostando. Estudar é sempre muito estressante — acrescento, e então ela se vira totalmente para mim, o corpo encolhido pelo frio encostado no gradil da varanda. Ela colocou mais um sobretudo, bem maior que o outro, e uma touca de veludo marrom que a deixa com um rosto sereno.

Sorrio para minha esposa, aproximando-me mais ainda dela, as mãos nos bolsos tentando me aquecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei o que é pior, sabe. Estudar ou estudar e ainda ser mãe — Dalila confessa, envergonhada.

Imediatamente, seu rosto fica corado e ela balança a cabeça, horrorizada.

— Meu Deus, o que eu disse? Não foi o que quis dizer. — Ela olha por sobre meu ombro para dentro do quarto, com algumas lágrimas escorrendo por sua pele maquiada. — Eu... ah, céus, o que estou dizendo?

Lila parece mais que constrangida: ela está estupefata com suas palavras, com sua confissão. Enlaço-a pela cintura, e ela não recua, mas joga os braços em meu pescoço, afundando o rosto em meu peito. Acaricio seus ombros, sussurrando palavras de consolo, ao que ela parece se desesperar ainda mais, em meio aos seus soluços que escapam pela minha jaqueta grossa de veludo.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, Lila, não fique assim, relaxe, ok? Estudar já é um grande avanço na vida de qualquer pessoa; estudar um curso como o seu, em uma universidade como a Unesp, já é por si só um privilégio de poucos: agora, estudar e ainda cuidar de duas crianças, caramba, é para poucos, sem dúvida. Você é uma aluna esforçada e inteligente, dedicada a seu curso, e uma excelente mãe. Não se cobre tanto, só isso. Nem tudo vai sair perfeito, entendeu? Precisa dar um tempo, relaxar, cuidar mais de si mesma, dormir mais, quem sabe? Você parece um zumbi andando pela casa de madrugada — brinco com ela, com minha voz ecoando em seus cabelos. Ela me aperta, de brincadeira, e sorrio com sua espontaneidade. — Vai dar tudo certo, está bem? Eu estou aqui.

Sinto sua respiração se acalmar, e toco seus cabelos com carinho, massageando os fios que descem até seus ombros. Dalila funga encostada em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, mas não me solta, e entendo como um aviso para continuar meu discurso.

— Você é a pessoa mais incrível que já tive o prazer de conviver, e tenho tanto orgulho de você, Lila, apenas não desista, não agora que está tão perto...

— Perto do quê, Marcos? Eu não sei o que estou fazendo na maioria das vezes, se quer mesmo saber — ela me interrompe, soltando-se de meus braços. Ela anda para trás, se afastando de mim, e seu corpo bate no gradil. Seu rosto está mais corado, os cabelos voando em torno de seus olhos. — Eu olho para aquelas crianças e penso: o que foi que eu fiz da minha vida? Onde estava com a cabeça quando me permiti arrumar dois filhos? Céus, eu não estava pronta, nem sei como isso foi acontecer...

— Lila... — tento consolá-la, porém ela levanta as duas mãos, calando-me.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou perdida, Marcos. Não era para ter sido assim, não desse jeito, entende? Por Deus, como é que fui arrumar duas crianças de uma vez? Foi uma grande peça que o destino me pregou, e, sinceramente... — Dalila joga as mãos ao lado do corpo, em sinal de rendição — eu os amo tanto, tanto, que daria minha vida por eles, pelos dois, sem pensar em mais nada, e ainda assim é tão difícil, que tem dias que eu adoraria acordar e eles ainda estarem na minha barriga.

Não me contenho e solto uma risada alta, chegando mais perto dela, que se encolhe, mas me acompanha e começa a rir também. Logo, nós dois estamos rindo tanto que suas lágrimas de tristeza agora parecem ser de alegria, de alívio, e eu a abraço novamente, sem me importar se ela vai mandar eu me catar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles são a coisa mais linda e assustadora, Lila, sei disso, mas não desista deles, nem da faculdade, nem de... — engulo em seco antes de prosseguir: — nem de mim.

Seu silêncio preenche o ambiente congelante. Mesmo sem dizer nada, sei que ela está ponderando o que acabei de dizer, protelando até onde pode confiar em mim. Ficamos ali fora mais alguns instantes, nossos corpos grudados um ao outro, até que o frio se torna insuportável, e eu a conduzo para dentro do quarto.



A noite foi um pesadelo. Aurora vomitou madrugada adentro, enquanto Dalila chorava pelo quarto, sem saber o que fazer, soluçando e tentando acalmar a filha. Acabei tomando as rédeas da situação, já que minha esposa não estava em condições de amenizar o transtorno. Um médico foi

PERIGOSAS ACHERON

solicitado por mim no hotel, e meia hora depois um senhor de meia-idade entrou pelo quarto, uma maleta preta na mão e um sorriso compreensivo no rosto. Ele consultou Aurora, enquanto eu segurava Dalila pelos ombros, que não parava de chorar, soluçando o tempo todo o quanto era uma péssima mãe, até que eu a calei com uma bronca daquelas, e ela apenas me olhou e abriu o berreiro antes de se acalmar. Por fim, era só uma infecção simples de resolver: alguns medicamentos, um soro e Aurora estaria nova em folha.

Acordo com um peso sobre meu peito, e, quando olho para baixo, vejo minha esposa totalmente debruçada sobre mim, o rosto encostado em meu peito nu, os olhos fechados e uma expressão serena em seu rosto. Seu braço esquerdo cobre toda a extensão do meu corpo, e ela respira profundamente, dormindo. Sorrio com sua visão matinal: acordamos tantas manhãs assim, que

PERIGOSAS ACHERON

alguns flashbacks vêm à minha mente: Lila enroscada em meu corpo, as mãos enlaçando minha cintura; Lila com a cabeça em meu peito, os fios ruivos espalhados por cada canto da cama; Lila encolhida de frio, o corpo descoberto, enquanto eu imediatamente a cobria e a trazia para junto de mim. Bons tempos.

Ouçõ alguns gemidos ao longe, e imagino que sejam os gêmeos, dando sinal de vida, mas não me levanto. Ter minha esposa assim, tão perto depois de meses distante me desmonta por inteiro. Senti tanto a falta dela, mesmo que na época eu não tenha admitido. Passo as mãos levemente por seus cabelos sedosos e ainda ralos, alisando cada mecha cor de rubi, sentindo a maciez e a textura, inalando o doce cheiro que eu tanto amo. Ela se mexe por baixo das cobertas, com sua calcinha se esfregando em minha coxa, e faço uma força descomunal para não pirar com a sensação deliciosa que é ter o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo dela tão colado ao meu, quase nua. Inspiro profundamente e olho pelas janelas de vidro: vislumbro uma parte da floresta clareada pelos raios de sol, o céu tão azul quanto um mar em um dia de praia. Não sei se Aurora está totalmente recuperada para um passeio pela cidade; caso não esteja, podemos passar o dia no hotel, explorando uma parte da floresta, vendo um filme e conversando. Incrível como hoje eu tenho uma necessidade de ouvir a voz de minha esposa, de falar com ela, de saber o que se passa em sua mente. Só espero estar presente em sua vida por muitos anos para vislumbrar tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON



*“Se eu resolver mesmo seguir em frente com ela,
preciso esquecer de uma vez por todas tudo o que
nos separou antes.”*

(Ainda não acabou)

Estamos no Morro do Elefante, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade. As temperaturas hoje subiram um pouco, e os termômetros marcam 10°C amigáveis e bem-vindos graus, considerando a temperatura desta madrugada, que chegou a zero graus. Um alívio para quem está acostumado com o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calor do verão em Bauru, embora o último inverno não tenha sido tão ameno quanto deveria. Dalila segura Ângelo nos braços e conversa com ele, enquanto aponta a cidade lá embaixo e os morros se insinuando em uma paisagem magnífica. Aurora está em meus braços, os olhos verdes atentos a tudo, o sapo de borracha enroscado em seus dedinhos pequenos e gorduchos.

Passo meu rosto liso em seus cabelos espetados pelo vento, e ela abre a boca sem dentes para mim, toda alegre.

— Sabia que nem sua mãe me fazia ficar sem barba? Ela sempre gostou dos meus pelos no rosto. Você, princesa, é a única por quem eu faço essas loucuras. — Enfio meu nariz em suas bochechas, e ela grita, puxando meus cabelos soltos para si. — Você e sua mãe são as mulheres mais mandonas que já conheci, sabia? E, ainda assim, nunca fui tão feliz em obedecer.

PERIGOSAS ACHERON

Aurora se mexe em meu colo, emite alguns sons desconhecidos pelo ser humano, brinca com seu sapo medonho, enquanto passeio com ela pelo espaço. Há várias pessoas aqui em cima, a maioria tirando fotos sem parar, os flashes dos celulares pipocando no ar. Junto-me a Dalila e tiramos uma selfie, que fica linda: os quatro sorrindo para a câmera, a paisagem da cidade como pano de fundo da nossa família.

Nossa família.

Sinto um nó se formar em minha garganta quando penso que eu quase os perdi, que quase coloquei tudo a perder com meu orgulho ferido e teimosia desenfreados. Só posso agradecer a Deus e a Lila por terem me dado outra chance, aquela que me salvou, a mim e a Dalila.

— O que foi? — ela me pergunta quando me aproximo da beirada do Morro, protegido por uma barreira alta de vidro.

— Gosto de estar assim, com vocês — respondo simplesmente, porque nada é mais verdadeiro do que o que acabei de dizer.

—Eu também. — Ela sorri, e se volta para o filho.

Respiro fundo, sentindo uma felicidade irradiar de dentro de mim com esta viagem, em ter Dalila e as crianças comigo. Não se sabe o que é o verdadeiro amor até ser encurralado por ele, sem ter para onde ir. Em minha mente, só existia o amor que sentia por minha esposa, mas ele não foi o bastante para me manter ao seu lado; na primeira vez, foi a traição, o fato de ela, minha esposa, dormir com outros homens por dinheiro; na segunda vez, sua gravidez me pegou desprevenido, um balde de água fria em uma relação já bastante delicada, e as lembranças ainda estavam maculadas pelo passado sujo que ela teve com aquele monstro. Nas duas vezes, eu fugi, sem olhar para trás. No

PERIGOSAS ACHERON

entanto, neste momento, olhando para minha esposa interagindo com as crianças, seu sorriso doce e escancarado depois de meses sem vê-la sorrir, depois de sentir Aurora em meus braços, seu cheiro de bebê, seu rosto repleto de uma inocência que me encabula; depois de segurar Ângelo em meu colo e fazê-lo dormir com uma canção estúpida sou outro Marcos. E tenho a absoluta certeza de que não há saída para mim, pois não há nenhum lugar onde eu queira estar que não seja com eles.

Dalila interrompe meus devaneios e me conduz a um espaço mais reservado, onde estão os elefantes, a atração turística do Morro. As esculturas são grandes e uma réplica perfeita do animal que representam. Segurando Aurora em um braço, sigo minha esposa, que aponta os animais para o filho, que se remexe inquieto. Há elefantes de todos os tamanhos e cores: um pequeno, filhote, PERIGOSAS ACHERON

com a tromba erguida para o alto, sua pele acinzentada; outro bem maior, em tons alaranjados tomando conta de seu corpo grande, em uma pose defensiva; outro meio azulado, agachado no gramado, como se estivesse descansando.

Caminho pela trilha de concreto, Dalila bem mais à frente, sorridente e falante, apontando os animais e rindo. Saco meu celular do bolso e tiro uma foto dela assim, espontânea e linda; ela continua sorrindo, distraída, e bato mais algumas fotos com Ângelo sorrindo, a boca carnuda aberta, os olhos verdes brilhando no colo da mãe.

— Sua mãe sempre foi a mulher mais linda que já tive o privilégio de conhecer, Aurora. E, surpreendentemente, ela fica cada dia mais linda. Como é possível? — elogio, acariciando os cabelos negros dela, que me olha, atenta. — Apesar que, depois que você nasceu, estou propenso a concordar que sua mãe vai ganhar uma bela e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

melindrosa concorrente. Sério, eu acho que não aguento uma versão menor da sua mãe. — Sorrio, beijando suas bochechas gorduchas.

Ela tem um cheiro de talco misturado com colônia de bebê, e fungo em seu pescoço, fazendo cócegas. Ela parece gostar, pois se inclina em minha direção, a boca rosada escancarada, como se estivesse pedindo mais.

Repito o gesto, e ela começa a gargalhar. Algumas pessoas próximas a nós me olham, sorrindo. Uma mulher grávida passa por mim, e mostra a criança.

— Sua filha é linda, parabéns.

Interrompo imediatamente a brincadeira, encarando a mulher, o rosto sério. Quero dizer a ela que Aurora não é minha filha, mas fruto de um relacionamento muito mais complicado; quero explicar que o pai da criança não tem permissão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para se aproximar de Dalila; quero falar tantas coisas, mas a emoção que sinto diante de suas palavras é muito maior, e engasgo, confuso.

— Como ela se chama? — a grávida me pergunta, curiosa.

Ela se aproxima ainda mais de nós, tocando de leve a cabeleira espessa de Aurora. Sorrio, envergonhado.

— Aurora.

— Que nome lindo, como no conto de fadas.

— Hein? — questiono, encarando-a.

A mulher rechonchuda à minha frente me encara, com uma expressão óbvia.

— A Bela Adormecida, do conto de fadas. Lembra? — ela explica, brincando com o sapo da criança.

Assinto, calado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, meus parabéns de novo. Ela é a sua cara. A mãe deve estar muito revoltada, né? A gente carrega por tantos meses para nascer a cara do pai. — Ela sorri, meneando a cabeça. — Até as covinhas são suas — a mulher conclui e sai, deixando-me zozzo e perturbado.

Vejo sua silhueta grande se afastar, enquanto Aurora arremessa o sapo babado no meu rosto. Fito-a, enternecido por um turbilhão de sensações estranhas e contraditórias. *Minha filha. Minha filha. Minha filha.*

E, quando abro a boca para dizer algo que derrube os argumentos da mulher, sou incapaz de fazê-lo, porque, bem no meu íntimo, aquela parte de nós que fica tão intrincada que só nós mesmos conhecemos, sempre quis essa verdade. A verdade que eu, Marcos Baiocchi, fui capaz de fazer duas

PERIGOSAS ACHERON

crianças lindas, capaz de fazer algo de bom na minha vida de merda, e que resultaram na maior alegria dos últimos meses.

— Minha filha — sussurro para Aurora, e caio em um pranto dolorido, vindo da alma.



“Eu o amo e quero que fique em minha vida para sempre. Com ou sem memória. Porque ele foi o melhor que me aconteceu em tanto tempo.”

(Quando o amor não é o bastante)

Estou vivendo um sonho depois de meses ter ido ao próprio inferno nas mãos de Sandro e do abandono da única pessoa que deveria ter cuidado de mim. Essa viagem tem sido um bálsamo, um alívio que há muito eu ansiava, além de uma descoberta sobre minha capacidade de amar um PERIGOSAS ACHERON

homem que tanto me fez sofrer. Marcos, mesmo que eu não queira admitir, acertou em cheio. Encaro seu rosto liso, totalmente sem barba, enquanto ele dá garfadas em seu prato repleto de carne. Estamos no Libertango, um restaurante luxuoso e montanhês, com um clima agradável e familiar. Uma música lenta toca ao fundo, enchendo o ambiente de uma melodia inspiradora. Os cheiros se misturam no ar, e a lareira está acesa, aquecendo-nos das temperaturas baixas do lado de fora.

Há uma placa que diz: “Si vino al mundo y no toma vino, entonces para qué vino?”. Mostro-a para Marcos, que sorri e me serve mais uma taça de água gelada com limão, enquanto beberica seu vinho caro.

— Obrigada por ser tão compreensivo comigo e não me deixar com vontade — ralho com ele, que enche mais uma vez sua taça, os olhos verdes

PERIGOSAS NACIONAIS

brilhantes pela bebida, suas covinhas saltando por sobre a taça cheia.

— Imagine, gosto de te agradar — ele diz, ainda sorrindo.

Estreito os olhos em sua direção, ao que ele dá de ombros, ainda rindo. Como minha massa, tentando, ao mesmo tempo, dar a papinha de batata com abobrinha para as crianças, que aguardam famintas. Não sei se o meu leite está secando ou se elas estão crescendo demais, mas o fato é que esses dois não se contentam mais com leite materno, por isso liguei para o pediatra e pedi recomendações. Ele me passou um cardápio do que eu poderia acrescentar na alimentação deles, e Marcos, muito sutilmente, pediu que fosse providenciada a papinha deles.

— Acho que eles não gostam mais do seu leite, Lila.

Levanto meus olhos do carrinho, contrariada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que gostam, só estão crescendo.

— Hum... pode até ser, mas eu nunca tinha visto alguém comer uma papinha com tanto esmero — ele zomba de mim.

— Isso é porque o leite é aguado, seu bobo. Ninguém no mundo trocaria uma refeição de verdade por leite.

— Ainda mais uma papinha preparada em um restaurante tão caro — ele emenda, cheio de si.

Dou de ombros, ignorando seu comentário maldoso. Sinceramente, ainda que tudo seja bem mais difícil com a amamentação, principalmente nas madrugadas, não estou pronta para deixar meus filhos sem meu leite. O contato que tenho com eles na amamentação é único, e ainda é cedo para eles me largarem assim, do nada.

Ergo a colher perto dos olhos de Aurora, que abre a boca molhada de saliva, e quase engasga comendo a batata.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu? Ela vai acabar comendo a sua mão se não tomar cuidado — Marcos me provoca, e eu lanço um olhar ferino em sua direção, calando-o.

— Por que não me ajuda em vez de comer sozinho?

— Está bem.

Ele pega a tigela branca de minhas mãos e começa a alimentar Aurora, enquanto eu termino meu prato. Ângelo está despencado no carrinho, a respiração ficando mais lenta enquanto seus cílios longos encostam na pele abaixo dos olhos. Ele comeu até mais que a irmã, como se nunca tivesse comido algo tão succulento. Passo a fralda bordada de verde em sua boquinha carnuda, e ele se retrai, afundando ainda mais em um sono profundo, sem interrupções. Assim que a tigela fica vazia, Marcos me olha, em espera.

PERIGOSAS ACHERON

— Está bom por hoje. O médico disse para não forçar muito, pois eles ainda estão conhecendo os alimentos sólidos — explico, bebericando minha água.

Ele me olha por cima de sua taça de vinho agora vazia, os ombros eretos na jaqueta de couro preta, e esboça um sorriso cheio de dentes brancos.

— O *Dr. Amor* não sabe de nada, Lila — ele me provoca, utilizando o apelido que deu a Benjamim, pediatra das crianças.

Franzo as sobrancelhas para ele, irritada.

— Pare de chamá-lo assim, é sério. Ele é um ótimo médico.

— Claro que sim, principalmente no quesito dar em cima das mães de seus pacientes — ele solta, irritado de verdade. — Acho que deveríamos trocar de pediatra. — Sua voz sai firme e decidida, mas sei que, no íntimo, ele está zombando de mim.

Dou de ombros, olhando em volta.

— Gosto dele, e as crianças também.

— As crianças babam e resmungam a maior parte do tempo, Lila, não fazem ideia de quem está cuidando delas.

Viro-me para meu marido, contrariada. Seus olhos verdes estão fixos nos meus, sem pestanejar. Nos lábios, um sorriso de deboche se insinua, e suas mãos grandes estão batucando o saleiro sobre a mesa. Suspiro, esquecendo-me momentaneamente do que estamos falando. Marcos é um homem viril, forte e com uma presença marcante. Às vezes, me pego olhando para ele, e sinto um arrepio percorrer meu corpo diante da grandeza do que ele representa em minha vida e na vida das crianças: Marcos é meu marido e pai dos meus filhos, mesmo que ele nunca aceite esse fato. Em minha mente confusa e cheia de lacunas, não compreendo o nosso relacionamento. Como foi que um dia eu fui pedida em casamento por este

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homem? Nosso passado sempre será um mistério para mim; porém, o fato é que, mesmo depois de tantos anos, Marcos conservou uma beleza única, um modo atraente de me olhar e fazer com que eu esqueça quem sou, camuflando a cada dia a raiva e o sofrimento que passei longe dele, que passei por causa dele, enterrando fundo a mágoa com cada gesto doce e palavras gentis que ele destina a nós.

Seus cabelos negros estão puxados para trás, lisos e brilhantes. Ele beberica o resto do vinho, despejando o conteúdo da garrafa, e sua boca fica úmida. Umedeço meus lábios, atraída por eles. Fecho os olhos, nervosa. Mas que droga, eu não quero que ele tenha tanto poder sobre mim, sobre meus sentidos. Depois do inferno que me fez passar, eu quero mesmo é que ele se exploda. Ou não?

— Merda! — praguejo baixinho, tentando mudar o foco dos meus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me escuta e coloca as mãos sobre a mesa, inclinando o corpo em minha direção.

— O que foi?

— Nada.

— Tem certeza? Você parece meio perturbada com alguma coisa — ele insiste, sorrindo.

— Não é nada — repito, desviando os olhos.

— Lila, por que parece tão nervosa? — ele está me encurralando, o desgraçado.

— Não estou e não pareço — falo um tom mais alto, irritada.

— Tem certeza?

— Pare de me encher, Marcos, que coisa!

— Hum, desculpe. Não quis te incomodar — ele se desculpa, mas no fundo sei que está jogando comigo.

Sou atraída mais uma vez para seus lábios, e quando ele os abre, passando a língua pelo lábio inferior, eu pisco, levantando-me.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tarde. Podemos voltar para o hotel? — pergunto, mas já estou arrumando as crianças e fugindo dali, fugindo dele.

— Claro — ele diz simplesmente, e pede a conta ao garçom.

Infelizmente, eu não posso, por mais que me esforce, fugir do que estou sentindo.



— Dormiram. — A voz de Marcos ecoa pelo quarto sombreado apenas por um abajur ligado ao lado da cama grande de dossel. Viro-me e meu corpo é esmagado pelo dele. — Desculpe, não quis assustá-la.

Afasto-me, encostando no gradil da varanda, e olho para cima, fitando seus olhos verdes.

— Obrigada por cuidar deles.

— Não foi nada. Gosto de vê-los dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também, acredite. — Sorrio com a expressão que ele faz quando digo essas palavras.

Ele assente, e vem até mim, olhando a floresta que margeia o hotel. Nunca estive em um lugar tão lindo, de uma beleza natural que mescla a modernidade da vida urbana com o pitoresco da natureza. Aqui fora tem um cheiro de mato, de grama molhada, um aroma que estou bem longe de sentir em Bauru, na loucura da vida na cidade.

Marcos está muito próximo, mas tento não pensar nisso, ainda encarando a paisagem que se estende em volta do quarto. Ele prendeu os cabelos em um rabo torto quando as crianças não paravam de puxar seus fios, e posso ver seu perfil alto e esguio, a boca carnuda despontando em seu rosto sem barba.

— É difícil me acostumar a isso — declaro em um ímpeto de sinceridade, e suspiro pensando no que acabei de dizer.

PERIGOSAS ACHERON

Vejo sua silhueta se voltar totalmente para mim, as costas arqueadas, na defensiva. Ele levanta as mãos no ar, e toca meus cabelos soltos com dedos lentos. Olho para seu rosto, perdida em mil pensamentos.

— Espero que se acostume, pois não vou a lugar algum. Não sem vocês. — Sua voz está rouca enquanto seus dedos sobem e descem pelo meu rosto.

Engulo em seco, sentindo minhas defesas se desfazerem em pedacinhos, seu toque lento e suave penetrando em minha carne, aquecendo-me de dentro para fora.

— Eu... — simulo alguma frase coerente, e sou interrompida por ele, os braços agora envolvendo-me.

— Sinto muito por tudo, Lila. Sinto mesmo. Eu não poderia, mesmo que tentasse, expressar em palavras o quanto me sinto um tremendo imbecil

PERIGOSAS NACIONAIS

por tudo o que aconteceu. — Ele segura meu queixo com carinho e ergue ainda mais meu rosto em sua direção, com os olhos brilhando. — Ainda assim, se houver algo que eu possa fazer para consertar meus erros, me diga porque não vou hesitar em fazer o que for preciso para arrumar essa bagunça.

— Não há nada a ser feito — digo roucamente, sentindo os olhos brilharem.

— Há sim, sempre há. Mesmo que eu tenha que passar o resto da minha vida provando a você que estou arrependido e fodido de verdade, assim eu o farei. Porque, Lila, não há uma vida sem você e sem essas crianças, o que é uma grande merda, se quer saber. Eu estava sossegado, você já era minha perdição, e eu realmente achei que era o bastante para mim, e então... então eu vi aqueles dois, e tudo

PERIGOSAS ACHERON

o que eu chamava de amor tornou-se tão ínfimo e insignificante diante da magnitude dos meus sentimentos por eles. Por nós juntos.

— Marcos... — tento argumentar, ofendê-lo de uma forma dolorosa, mas não consigo, não quando ele me olha como está olhando agora.

Minha garganta se fecha, e sinto a primeira lágrima descer pelo meu rosto. Aperto meus olhos bem forte, em uma tentativa frustrada de apagar tudo o que houve entre nós, em uma vontade íntima e sincera de esquecer todo o horror que vivi e começar do zero com Marcos, meu marido. Foi assim que aprendi quando era apenas uma criança: eu viveria para sempre com meu futuro marido, até que a morte nos separasse. Minha mãe sempre me dizia que uma mulher deveria ser do marido e vice-versa, e que eu jamais poderia pensar em me separar dele. Quando eu perguntava, na minha inocência velada, o que faria se ficasse viúva, dona

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Viviane Barreto só tinha uma resposta, objetiva o suficiente para me calar até meu próximo ataque de curiosidade: morrer viúva, era o que ela me dizia. Cresci sabendo que, no momento em que me casasse, seria para sempre, a despeito de tudo. Só queria saber o que mudou nesse ínterim, transformando minha vida conjugal nessa algazarra sem fim.

Afundo meu rosto agora molhado em sua jaqueta, e ele me aperta em seus braços grandes, beijando meus cabelos sem parar, e seu cheiro amadeirado confunde ainda mais minha cabeça. Deixo que ele me console, deixo que suas mãos protetoras me cubram e me aqueçam do frio que sinto em meu coração, deixo que, ao menos neste pequeno instante, sejamos um casal, como qualquer outro. *Até que a morte os separe.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nunca deixei de te amar, Lila, nunca. Você foi a minha melhor escolha, a melhor decisão que tomei há tantos anos, e se eu pudesse voltar atrás, a única coisa que faria de diferente seria te amar ainda mais — ele sussurra em meu ouvido, e choro copiosamente, guardando cada palavra em meu coração apertado pelo sofrimento.

— Marcos, eu... — gaguejo, tentando me expressar em meio a tantas emoções — eu... eu não pos-posso fa-fazer isso de novo... — gaguejo repetidas vezes, sem saber como explicar a ele que não aguentaria ser abandonada mais uma vez, que só quero terminar meu curso e dar o fora desse relacionamento complicado e doloroso para ambos.

Porém, antes que eu conclua meu pensamento, ele se afasta de mim o suficiente para me olhar nos olhos, o rosto corado.

PERIGOSAS ACHERON

— Se eu tivesse que escolher entre passar a vida sem te conhecer ou viver um dia ao seu lado, mesmo que fosse apenas por um breve momento, eu escolheria você, Dalila, porque você vale a pena. Você vale cada lágrima que derramei, cada noite maldormida, cada segundo que me recriminei por ter escolhido alguém tão complicada...

— Meu Deus! — digo, abrindo um sorriso diante de suas palavras.

— Sim. Eu sempre escolheria você — ele finaliza, e então nossos lábios estão grudados, meu corpo está colado no gradil da varanda, sendo esmagado pelo peso de meu marido, sua língua está explorando minha boca com avidez. Retribuo o beijo, sentindo o gosto de vinho tinto com canela, sentindo a doçura de sua língua quente em contraste com o frio daqui. Marcos segura meu rosto com carinho, e aprofunda o beijo, agora com muito mais intensidade, e gemo em sua boca, sem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir respirar direito. Puxo seu corpo para mim segurando firme a gola de sua jaqueta, e ele entende o recado, me envolvendo ainda mais com seus braços, tomando minha cintura por inteiro, enquanto seus lábios fazem maravilhas comigo. Ele desce a língua pelo meu pescoço, mordiscando de leve, a quentura dela me fazendo ferver por dentro.

— Marcos... — imploro, incapaz de me controlar.

Estou tão excitada agora, que aperto minhas coxas uma na outra, e ele percebe, pois me imprensa ainda mais na varanda, chupando meu pescoço com força, deixando uma marca em mim.

— Lila, como eu senti falta disso, caramba!

— Marcos, eu não... — tento falar alguma coisa, mas as palavras não saem, ficando presas em minha garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele volta sua língua para dentro da minha boca, mais uma vez, e me arrasta para dentro do quarto, puxando-me de leve pela cintura. Sinto quando minhas pernas tocam a cama e então, como um belo despertador, Ângelo acorda, berrando como um alto-falante em dia de velório. Ele grita, quebrando qualquer possibilidade de Marcos e eu darmos continuidade a isto. E, para meu horror, estou decepcionada com essa interrupção, porque, sim, eu estou louca para terminar o que começamos.

— Merda! — sibilo, a boca ainda colada nos lábios dele.

Sinto sua boca se abrir em um sorriso, e suas mãos apertam de leve minha bunda, me atijando ainda mais.

— Adoro quando você xinga, sabia?

— Não tem graça! — retruco, soltando-me de seu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é porque você não viu a sua expressão — ele zomba, ainda sorrindo.

Seus cabelos estão todos despenteados pelo nosso beijo, seu rosto está vermelho e sua boca está inchada, com uma mordida no canto.

Fico hipnotizada com a visão de meu marido assim, tão excitado, e quando olho para baixo, vejo o quanto ele está excitado realmente.

— Melhor tomar um banho gelado. — Aponto para sua virilha, e agora quem está xingando é ele.

Pego Ângelo no colo e balanço seu corpinho rechonchudo enquanto ele esperneia. Coloco a chupeta verde em sua boca, até que ele se cala, os olhos agora se fechando. Marcos entra no banheiro, seus passos irados pela nossa interrupção. Sento-me na beirada da cama com meu filho, aquecendo seu corpo com o meu, e então respiro fundo, no fundo

PERIGOSAS ACHERON

aliviada por ter sido interrompida. Ainda não estou pronta para isso, penso, chacoalhando Ângelo, que pega no sono rapidamente.

Marcos volta ao quarto quando estou quase cochilando, encostada na cabeceira da cama alta, meu filho quase caindo dos meus braços. Ele tira Ângelo delicadamente de mim, e coloca-o na cadeirinha, assim como a irmã, que dormia na cama.

Ele vem até mim, tira os sapatos sociais e se deita ao meu lado, me puxando de encontro ao seu corpo. Pela primeira vez em meses, eu não recuo, muito consciente dessa nova intimidade em nossa vida. Caio no sono com a boca dele colada em minha orelha.



PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje é nosso último dia em Campos do Jordão. Estou perdendo aulas na faculdade, e Marcos deveria estar em São Paulo desde semana passada, por isso nossa viagem não pode mais se estender. Almoçamos no Le Foyer, um restaurante com um estilo rústico e moderno, com uma comida maravilhosa. Marcos faz os pedidos por nós, e como um filé mignon digno de nota. As crianças comem uma papinha de legumes, que o chef fez a gentileza de preparar para eles, e brincam no carrinho, enquanto eu saboreio a comida, já que Marcos decidiu alimentá-las hoje.

O dia está ensolarado e alegre. Ainda faz muito frio, embora os termômetros registrem 15°C. Ajeito meu casaco xadrez de flanela, uma combinação perfeita que escolhi para hoje. Minha saia plissada sobe conforme eu me mexo na cadeira, a meia grossa cobrindo minhas pernas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero voltar — brinco, enrolando uma mecha de cabelo vermelho nos dedos, enquanto provo o chocolate quente servido pelo garçom.

Marcos me olha sobre a mesa, uma colher no caminho da boca de Aurora.

— Se não fossem suas aulas, poderíamos ficar mais — ele esclarece, e sorri para mim.

Meneio a cabeça, bebericando o líquido quente.

— Na verdade, você precisa trabalhar também, afinal dinheiro não cai do céu. — Pisco, com um sorriso debochado no canto da boca.

Ele coloca a colher na boca da filha, que engole toda a papinha contida ali. Com cuidado, Marcos limpa os restos de comida que caem do canto da boca dela, e nega com a cabeça.

— Minha prioridade são vocês, Lila, não meu trabalho. Já trabalhei o bastante para não precisar me atolar em escritórios agora. Quero passear com vocês, passar dias assim, comendo e conhecendo

PERIGOSAS NACIONAIS

lugares diferentes; quero recuperar o tempo perdido, e espero ser possível. — Ele faz uma pausa, com os olhos nas crianças. — Mas sua faculdade também é prioridade, por isso precisamos voltar — ele conclui, colocando a tigela vazia sobre a mesa. Aurora parece uma máquina faminta, e seu apetite, em vez de diminuir, aumentou esta semana, e agora ela come tanto as papinhas que tenho medo de que minha filha exploda como um balão.

Concordo com a cabeça, em silêncio.

Antes de voltar para o hotel e pegar a estrada, fazemos um passeio de trem. As crianças dormem no carrinho, enquanto Marcos tagarela sem parar, mostrando a paisagem morro acima, as casas grudadas uma na outra, enquanto o trem ganha velocidade. Ele segura minhas mãos, e descanso minha cabeça em seus ombros. Apesar de tudo o que me fez passar, gosto da sensação da presença

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele, de seu toque, do seu cheiro, do seu sorriso. Gosto de tudo neste homem encantador e meu marido.

— Gostou de tudo? — ele me pergunta quando estamos voltando para o hotel, como se lesse meus pensamentos. O taxista parou algumas ruas antes, e caminhamos lado a lado, Marcos empurra o carrinho duplo com uma mão enquanto a outra cobre meus ombros em um gesto possessivo.

— Eu amei tudo, na verdade. Obrigada por me trazer aqui — agradeço a ele, que inclina o corpo sobre o meu e me beija delicadamente nos lábios.

Ele fecha os olhos, e com a boca ainda colada na minha, agradece por eu ter vindo.

— Vamos voltar assim que sua vida acadêmica estiver mais... — Marcos continua a tagarelar, erguendo o carrinho em uma calçada, mas eu não ouço mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha vista fica embaçada no instante em que vejo Sandro do outro lado da rua, olhando para nós, as mãos nos bolsos e um sorriso diabólico nos lábios.



O quarto em nossa casa está escuro quando abro os olhos, e tento enxergar em meio à escuridão, mas não consigo distinguir as formas em meio ao breu. Meus ombros doem, como se eu estivesse carregando um peso por dias, minhas costas estalam quando me mexo e uma força estranha prende minhas pernas. Rolo para o lado e esbarro em um corpo muito maior que o meu, as pernas enroscadas sobre as minhas, o braço em minha cintura e a boca a centímetros do meu rosto.
Marcos.

PERIGOSAS ACHERON

Relaxo os ombros com sua presença, e sinto a tensão se dissipar do meu corpo quando fixo meu olhar em meu marido. Se ele está aqui comigo, tudo vai ficar bem. Ele dorme tranquilo, o rosto sereno e a respiração lenta e constante. Ergo minhas mãos e toco de leve sua face lisa, a maciez de sua pele atinge minha palma quente. Seus olhos tremulam e ele balbucia alguma coisa, porém o sono parece vencê-lo, pois ele permanece dormindo. Ao menos, é o que acho. Seus cabelos estão desgrehados sobre o travesseiro, e sua boca carnuda está entreaberta, o hálito quente soprando em meu rosto. Aproximo-me mais, tocando seus lábios com minha boca sedenta por ele.

Dou beijos leves em sua face, uma sensação incomum de que preciso mesmo fazer isso, senti-lo antes que eu enlouqueça, antes que aquele maluco do Sandro me enlouqueça, sua aparição em minha vida sempre é um grande pesadelo. Neste breve

PERIGOSAS ACHERON

instante em que meus instintos estão me levando a um terreno desconhecido, tenho a impressão de que meu marido é como um amuleto da sorte, uma tábua de salvação em minha vida bagunçada pelas dores do que sofri. Quando você se vê em uma situação tão dolorosamente sufocante e aterrorizante, tudo o que pode fazer é se agarrar à única saída que parece mais provável. Eu preciso esquecer Sandro antes que surte de vez.

Marcos se mexe mais quando envolvo suas pernas com as minhas, e abre os olhos, confuso. Ele os fixa nos meus, esperando uma explicação. Não digo nada: passo minha língua lentamente em sua boca, que se abre para mim, e me beija com avidez, puxando meus cabelos para si. Com maestria, ele se coloca totalmente sobre meu corpo, uma massa grande e forte pairando sobre minha silhueta imprensada no colchão, e me invade com sua língua, enquanto me obrigo a não pensar no que

PERIGOSAS ACHERON

estamos fazendo. Eu preciso dele, preciso esquecer o que vivi nas mãos de Sandro, e, se não for Marcos, mais ninguém pode me ajudar. Ele é meu marido, somos casados diante de Deus e dos homens, então, que mal há?

Não consigo acreditar que estou me recriminando por transar com meu marido. Ele começa a beijar meu pescoço, meu rosto, sua língua atrevida desce entre o vão dos meus seios, e, quando ele interrompe suas investidas e olha para mim, não consigo respirar, pois estou sem fôlego, minha camisola de renda sobe pelo meio das minhas pernas conforme ele se move.

— Lila, tem certeza? — ele me pergunta, e encosta sua testa na minha, com cuidado.

Tenho? Bem, não sei se tenho mesmo. No entanto, estamos os dois aqui, na cama, sozinhos e seminus. Fecho os olhos e penso por que nossa relação é tão complicada. Seria tudo tão mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simples se ele não tivesse me abandonado quando contei sobre a gravidez. Aquela noite, na casa dos pais dele, há mais de um ano, nunca mais vai sair da minha mente, a imagem de Marcos sombrio e taciturno quando abriu o envelope com o exame, sua expressão desgostosa e incrédula diante da magnitude do que eu estava contando, sua rejeição....

— Lila — ele me chama novamente, enfiando o rosto em meu pescoço suado, aspirando com força.

Não ousou pronunciar nenhuma palavra: apenas balanço minha cabeça, uma concordância silenciosa que ele entende. Logo, ele está me beijando novamente, sua língua por todos os cantos da minha boca em uma dança sensual e enlouquecedora. Retribuo o beijo, sentindo suas pernas forçarem lentamente o meio das minhas, a camisola subindo mais ainda, expondo minhas coxas, minha virilha...

PERIGOSAS ACHERON

— Marcos... — suspiro, abrindo-me para ele, forçando suas costas para baixo.

Ergo meus olhos para seu rosto e, em meio à escuridão da suíte, vejo um sorriso em seus lábios. Ele abaixa devagar até meu rosto, roçando o nariz no meu, sua língua fazendo o contorno dos meus lábios. Umedeço minha boca instintivamente, seu hálito doce soprando em meu rosto. Ele abre minha boca com sua língua, e deixa seu peso cair sobre mim, meus seios grandes imprensados contra seu peitoral nu. Deixo que ele me beije onde ele quer, e sinto a maciez de sua língua percorrer meu corpo conforme ele vai descendo, passando pelos meus seios, minha barriga, minha virilha. Gemo de prazer quando, muito lentamente, Marcos beija minha cicatriz da cesárea, e então, em um flashback de memórias, minha mente viaja para longe: os gêmeos, o hospital, a cirurgia de emergência, eu fugindo naquela caminhonete sozinha, afogando o

PERIGOSAS ACHERON

carro em cada semáforo que era obrigada a parar, o médico caído na casa de Sandro, sangrando com meu golpe, os tapas de Sandro, seus olhos diabólicos, suas investidas contra mim, mesmo eu estando grávida e prestes a perder os bebês, a primeira vez que ele tocou em mim sem meu consentimento...

— Não! — grito, e empurro Marcos para longe, com as primeiras lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Dou um pulo da cama, e me afasto, correndo para o banheiro, tropeçando no meio do caminho, com minha camisola ainda levantada. Tranco a porta e caio no chão, tremendo, com meus ombros chacoalhando enquanto eu permito que a dor do que vivi venha com força. Dobro meus joelhos no piso gelado e fecho minhas pernas como se, com esse pequeno gesto, eu pudesse impedir o sofrimento de retornar. Os soluços vêm em ondas

PERIGOSAS NACIONAIS

esporádicas, e ignoro os gritos desesperados de meu marido do outro lado da porta, seus socos fazendo um barulho agudo no cômodo. Fecho os olhos e deito no chão, enquanto ouço a voz dele ao longe chamando meu nome, implorando para que eu abra a porta, a dor me alcançando por completo. Minha respiração começa a se acalmar, até que entro no mundo dos sonhos.

PERIGOSAS ACHERON



*“Mas o que não entra na minha cabeça
atormentada é o fato de ter acordado em um
hospital, sem marido.”*

(Ainda não acabou)

Sinto o cheiro de café e pão quente assim que entro na cozinha grande, os móveis e eletrodomésticos em tons de amarelo reluzindo com a claridade do dia, o vapor do líquido preto subindo até o teto quando Marcos abre a cafeteira para colocar mais pó. Desço as escadas com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidado, com as crianças resmungando no meu colo enquanto me equilibro com ambas. Meu marido se vira para mim assim que chego no andar de baixo, e abre um sorriso genuíno, nenhum vestígio do que aconteceu na noite passada.

— Bom dia — ele me cumprimenta com a voz baixa e alegre de sempre.

— Bom dia — respondo, envergonhada e sem saber bem como agir depois de nosso contato, depois de quase transarmos. Eu o deixei chegar tão perto de mim mais uma vez, e... é estranho e assustador.

Ainda está vívido em minha mente seus beijos e toques, e desvio o olhar, em uma forma de não pensar tanto em nós dois.

Coloco as crianças nas cadeirinhas que estão sobre o balcão, e vou até a máquina de *cappuccino*.

PERIGOSAS ACHERON

— E então, está animada para o dia de hoje? — ele me pergunta, inclinado sobre as crianças. Ângelo ri para ele, a boca cheia de baba e as mãozinhas no ar, tentando pegar os cabelos do pai com os dedinhos.

Sorrio para a visão familiar e doméstica, e me sento à mesa, servindo-me de pão e alguns croissants com manteiga.

— Sim, super-mega-híper. — Faço uma careta para ele, que vem sentar-se à minha frente.

— No começo, tudo é mais difícil, Lila, mas logo você se acostuma com a correria de novo. Posso contratar mais alguém para ajudar nas tarefas domésticas. Não quero você se preocupando com casa, roupa suja e essas merdas todas. Seu foco são as crianças e os estudos. Apenas isso.

Levanto meus olhos e encaro seu rosto liso. Seus olhos parecem estar mais verdes hoje, e seu cabelo está molhado e solto, quase roçando seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros, um cheiro de colônia mistura-se ao café. Ele cola a boca em uma xícara, e desvio os olhos, sorrindo. Como é que um homem pode ser tão lindo? Mas que merda, se ele ainda fosse feio, resolveria metade dos meus problemas!

— Eu sei, vou me acostumar. Só não tenho dormido direito... — Faço uma pausa e respiro fundo, sem conseguir olhar para ele. Não quero voltar a isso, não quero me permitir pensar na cena que protagonizei na última vez que nos beijamos, porque, assim que eu me render a esses pensamentos, Sandro vai estragar tudo com as memórias do pesadelo que vivi com ele, e estragar minha manhã com aquele monstro não está em meus planos.

Marcos me chama, e sua voz é grave e decidida:

— Lila, olhe para mim.

Eu obedeço, estremecendo diante de seu olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu amo você e as crianças, e não importa o que aconteça entre nós, eu não vou a lugar nenhum. Quero que saiba que não estou aqui por sexo... — ele pigarreia, e então segura minhas mãos, seu toque firme sobre meus dedos trêmulos. — Eu amo mesmo você, mas não se trata de um sentimento sexual, Lila. Eu estou aqui de verdade, de corpo e alma, e vou cuidar de você. Sinto muito pelo que aconteceu antes, sinto mesmo, Lila, se eu pudesse voltar atrás e consertar todas as besteiras que fiz a você...

— Não pode — afirmo categoricamente, mantendo nossos olhos grudados um ao outro.

— Sei disso, e sinto muito por isso também, mas só quero que um dia a gente se acerte. Não é pedir muito.

Toda a minha armadura começa a ceder diante do que ele disse. Marcos, apesar de tudo, apesar de eu ser uma vaca cruel com ele, tem sido incrível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo e com os gêmeos, e não posso mais torturá-lo tanto. Já chega de tanto drama, de tanta maldade, de tanto rancor. Eu preciso seguir em frente. Marcos e eu, só não sei quando estarei pronta para deixá-lo entrar em minha vida de verdade, sem mágoa. Ambos já sofremos demais por nossa própria teimosia.

Relaxo meus ombros na cadeira, e forço um sorriso em sua direção.

— Tudo bem. Apenas me dê um tempo para eu tomar um fôlego e entender melhor nossa relação complicada — peço com a voz baixa.

— Nossa relação não é complicada, Lila. Só não é como a maioria dos casais espera que seja. A gente passou por coisas demais desde que dissemos sim no altar — ele me adverte, suspirando pesado, o ar saindo de uma vez de seus pulmões. — Além

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, você não precisa ficar procurando nomes para o que estamos vivendo, porque eu garanto que não há — ele finaliza, bebericando seu café.

Estreito os olhos para ele.

— É o mais difícil, mas posso lidar com isso. Só preciso mesmo de um tempo.

Ele anui, levanta-se e me dá um beijo carinhoso na testa.

— O tempo que precisar, Lila.

Tomamos nosso café em uma conversa sobre frivolidades. Marcos me conta que precisa voar até Londres e depois até Singapura para resolver problemas de sua empresa, mas que não quer me deixar sozinha com os gêmeos. Eu apenas dou de ombros, dizendo que posso dar conta. Assim que terminamos, ele lava a louça do café e seguimos direto para a universidade, com meu vestido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amarelo na altura dos joelhos balançando com o vento forte de agosto, a semana prometendo com meu aniversário se aproximando.

Marcos me ajuda a descer com as crianças e seguimos até a creche, sua postura está mais relaxada diante de nossa breve conversa mais cedo. Fungo quando a professora vem pegar os gêmeos, e choro no peito de meu marido até o carro, com ele fazendo piadinhas sobre mim.

— Tenha um bom-dia, Lila. Venho te buscar ao meio-dia? — Ele para o carro bem perto da entrada do meu prédio, e viro meu corpo totalmente para ele, um sorriso inexplicável estampado em meu rosto. Levanto minhas mãos e toco gentilmente sua face, ao que ele fecha os olhos, absorvendo meu toque.

— Obrigada — digo apenas, e dou um beijo em sua boca, saindo do carro.

PERIGOSAS ACHERON

Consigo sentir seus olhos sobre mim enquanto ando até o prédio de Comunicação. Forço meus pés a continuarem andando, e então entro no prédio, sentindo-me relaxada e feliz como há meses não me sentia.



A aula de Deontologia do Jornalismo foi enviada do quinto dos infernos para me assombrar, além de não ser em português, mas em grego; saio da sala xingando minha incapacidade de me concentrar em uma matéria tão difícil. Encontro Betânia pelos corredores assim que a professora nos libera para um intervalo.

— Estou ferrada! — esbravejo assim que minha amiga vem até mim, e a abraço apertado, suspirando.

— Uau, bom dia para você também, Dalila.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, bom dia — tento me redimir abrindo um sorriso para ela.

Lentamente, caminhamos rumo à lanchonete, que, mesmo a esta hora da manhã, está lotada. Peço um *cappuccino* e um pão de queijo e me sento de frente para Betânia, que me olha com curiosidade.

— Hummm, você está diferente — ela fala, apontando para mim.

— Claro que estou, estou brava e fodida, Betânia! — retruco, mexendo com os guardanapos sobre a mesinha redonda.

— Nada disso — ela resmunga, balançando a cabeça, fazendo seus fios coloridos balançarem também. — Você está mais... relaxada. O que houve? Acertou as coisas com o maridão?

Estreito meus olhos em sua direção, ao que ela dá de ombros.

— Não posso discordar que ele é um maridão... em todos os sentidos — brinco, estalando a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah não, poupe-me dos detalhes sórdidos, está bem? Minha vida sexual está uma merda há meses e não preciso disso a esta hora. — Betânia passa as mãos pelos cabelos pink, sorrindo.

— Quem me dera as coisas fossem assim, Betânia. É muito mais complicado...

— Você que complica, Dalila. Fala sério: o cara é lindo, gostoso, um tesão daqueles, te deu filhos lindos e está doido para te conquistar...

— Betânia. — Ergo minhas mãos para que ela cale a boca. — Você não tem ideia do inferno que vivi quando o Marcos me deixou. Não sabe do que está falando. O fato de saber minha história não significa que saiba a dor que passei nas mãos daquele... — interrompo minha fala quando nossos pedidos ficam prontos.

Ela vai até o balcão buscar e volta, olhando-me em expectativa.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi uma droga, Betânia, sério! — encerro, e beberico meu *cappuccino*.

Minha amiga me lança um olhar de compaixão, como se entendesse em parte o que passei. Não posso ignorar o fato de que ela também sofreu nas mãos de Gilberto, mas qualquer lembrança de Sandro ainda me atormenta a ponto de me tirar o pouco controle emocional que tenho.

— Sinto muito, sei que o trem foi feio — ela diz apenas.

Ficamos em um silêncio desconfortável, ambas sofrendo suas dores particulares. Quando ela decide quebrar o gelo, sua pergunta paira no ar como uma fumaça tóxica e inflamável.

— Dalila, por que você acha que o Marcos te abandonou quando soube da gravidez?

Encaro seu rosto corado pelo vento frio da manhã. Ela se encolhe em sua jaqueta de couro vermelha, o batom da mesma cor manchando sua

boca depois de comer.

— Eu não faço a menor ideia, sabe? Foi a pergunta que me fiz por dias, meses, enquanto tive que cuidar de tudo sozinha, arrumar a bagunça que eu mesma criei quando fiquei grávida naquela altura do campeonato. Nossa relação já era tão instável, ele tinha aparecido há pouco tempo, tudo era novo e aí... — Faço uma pausa, suspirando e tentando pensar com clareza. — Eu não estava sequer cogitando uma gravidez, mas o fato é que, no fundo, eu queria que o Marcos ficasse feliz, Betânia. — Passo as mãos pelos meus cabelos soltos, e olho para o lado, as pessoas indo e vindo pela lanchonete apertada. — Ele me destruiu pela segunda vez. Foi até pior do que descobrir que éramos casados. Foi mil vezes pior porque nada foi esclarecido.

Minha amiga assente, terminando de comer seu pão de queijo e acena para pedir mais.

— Dalila, o que há por trás da separação de vocês? Sinceramente, depois de tudo o que já ouvi de você, Marcos foi uma besta quadrada por cair fora, assim, do nada. Então, minha amiga, há algo de errado aí, sim — ela comenta, emendando uma fala na outra. — O que houve de verdade por trás dessa separação? — ela repete, firme. — Não a última, mas lá no passado, quando você perdeu a memória? — ela me questiona, despertando uma centelha em meu íntimo.

Franzo minhas sobrancelhas, assimilando sua pergunta.

— O que quer dizer?

— Bem, está claro para mim que tem alguma coisa nessa história que não foi totalmente esclarecida para você. Um segredo que ninguém te contou, ou não quis te contar, e tenho quase certeza de que ele envolve o Sandro — ela divaga, segurando o queixo enquanto me olha, atenta.

— Um segredo — repito suas palavras lentamente, cada sílaba fazendo eco em minha cabeça.

— Sim. É o que eu acho, ou então não há explicação para Marcos ter fugido como você me disse que ele fugiu. Capaz que alguém sai correndo deixando a esposa grávida, por bobeira. Tem alguma coisa a mais no seu passado, minha amiga, e sua perda de memória te impede de descobrir — ela completa, e se levanta, me puxando pela manga do meu vestido, comendo seu segundo pão de queijo pelo caminho.

Subimos o caminho de concreto de volta às salas. As palavras de Betânia ficam dançando em minha mente. Há algo de muito verdadeiro no que ela disse: alguma coisa muito grave aconteceu entre mim e Marcos para ele odiar tanto Sandro, e não tem a ver com a história que este me contou. Estou certa de que Sandro e eu nunca fomos namorados

PERIGOSAS ACHERON

coisa nenhuma, e que Marcos me escondeu a verdade para... me proteger, talvez. Mas me proteger do quê, droga?! Nunca vou saber, porque certamente sua irmã não vai me contar. Então, a quem eu poderia recorrer?

Na porta da minha sala, Betânia me abraça de novo e segue rumo a sua sala. Ela grita alguma coisa para mim sobre trabalhar o dia todo; porém, estou imersa na história que ronda meu passado. Entro na sala de aula, onde alguns alunos já estão sentados. Estou irrequieta e perturbada, e então, antes que a professora entre e dê início à aula, saio da sala e corro até minha amiga, que está bebendo água no corredor.

— Ei, o que houve? Esqueceu alguma coisa? — ela se surpreende com minha aparição e me olha, curiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha respiração está entrecortada e minhas mãos suam mesmo com a temperatura mais baixa por conta da ventania. Engasgo com as palavras, porque acabo de ter uma ideia maluca, a mais maluca que já tive.

— Dolores — digo, eufórica.

— Quem é Dolores?

— Dolores foi uma amiga minha de infância e adolescência. Ela morou na minha rua um tempo, mas depois eu não me lembro direito o que aconteceu, porque simplesmente surge um branco. Ela, Betânia, pode ter as respostas. Éramos amigas, e, até onde me lembro, saíamos juntas, ela frequentava minha casa e vice-versa. Não é possível que não saiba de algo — ilustro cada palavra com um gesto, pois estou atrapalhada demais. Como nunca pensei nisso antes? Dolores me liga ao meu passado, e ela pode saber de algo,

PERIGOSAS ACHERON

talvez até conheça Marcos ou Sandro. Lembro-me vagamente de Marcos falando sobre ela, mas foi muito vago quando eu questionei sobre Dolores.

Minha amiga permanece em silêncio por um tempo, e quando a porta de sua sala é fechada, ela se volta para mim com um olhar culpado.

— Então vamos procurar essa tal de Dolores.



E é o que fazemos. Os dias seguintes se tornam uma confusão de telefonemas, pesquisas na lista telefônica, buscas incansáveis em redes sociais, ligações tarde da noite para minha família em busca de respostas, meu aniversário passando despercebido pela correria na qual estou imersa. Minha mãe também sabe pouco sobre minha amiga de infância. Suas informações não me levam muito longe: Dolores se mudou da rua, parece que se

casou com um médico e virou professora. Fim. Nada a acrescentar ao que meu marido já me dissera.

Insisto com meus irmãos, Jonathan e Matheus, mas ambos sabem menos ainda. Mas que droga! Não é possível que eu não vá encontrar Dolores, mesmo depois de tanto tempo. Ninguém desaparece assim, sem deixar rastros. Eu preciso me ater a isso, pois Dolores é uma peça fundamental dessa história de terror que eu presumo envolver meu passado. O problema é que nem sei a quem perguntar sobre ela. Sua avó era muito velha quando éramos jovens; tanto tempo depois, há uma grande possibilidade de que ela nem viva esteja. Esmurro o computador, irritada.

— Droga! — esbravejo para a sala vazia.

Betânia levou os gêmeos para o andar de cima com a intenção de fazê-los dormir. Encosto minha cabeça no sofá, derrotada. Marcos viajou para PERIGOSAS ACHERON

Londres a trabalho, e pedi a minha amiga que ficasse aqui comigo, para me ajudar com as crianças e, claro, na busca por Dolores. Meu marido achou uma ótima ideia, e senti pela forma como ele acenou para mim em direção ao avião que estava mais tranquilo em me deixar com uma companhia.

Fecho os olhos e deixo que meus pensamentos vaguem até ele. Marcos tem sido ótimo comigo e com os gêmeos. A paternidade nunca é comentada: para ele, as crianças não são suas, e fim de papo. Entretanto, a cada dia que passa, a aparência dos dois é mais parecida com o pai, inegavelmente mais parecida, sem margem para dúvidas. Aurora e Ângelo têm cabelos negros e muito lisos, olhos verdes brilhantes e ambos (AMBOS) têm covinhas. É um insulto a mim, que os carreguei por meses na barriga, que se pareçam tanto com Marcos. Sei que ele nota cada traço seu quando olha os filhos,

PERIGOSAS ACHERON

mesmo que nunca vá admitir. Ele errou feio quando me deixou, pressupondo que não eram seus. Essa insistência de meu marido em achar que eu tive algo com Sandro é tão veemente que só me faz afirmar, a cada segundo, o quanto tem algo de grave por trás de nossa separação.

Suspiro, resignada. No fundo, temo nunca poder provar minha fidelidade a meu marido.

Arrasto-me até à cozinha para fazer o jantar. Vou aproveitar que Betânia está com as crianças e fazer algo mais elaborado, embora seja sempre Marcos o cozinheiro da casa. Coloco alguns legumes sobre a bancada de mármore, uma tigela grande e algumas frutas. Vou fazer uma salada e um macarrão, acho. Abro meu celular para procurar a receita, e então vejo minha última pesquisa ali, piscando na parte superior da tela. Clico na seta, e então vejo a notícia que saiu no jornal do mês passado, a mais recente sobre ela. É sobre Dolores.

Meu coração começa a bater mais rápido, e quando abro a página, vejo o rosto de minha amiga envelhecido pelos anos e suas mãos algemadas para trás, com uma manchete que diz: “*Falsa médica é presa pela terceira vez em dois meses*”. Médica? Dolores, uma falsa médica. Será que ela chegou a cursar medicina? Minha memória estragada não me deixa recordar. Nada faz sentido. Então leio a notícia completa, tapando minha boca quando chego ao final da reportagem.

— Betânia! — grito, correndo para o andar de cima.

Dou de cara com minha amiga com um olhar mortal no rosto, segurando Aurora nos braços, que esperneia sem parar. Merda! Ela já devia estar dormindo.

— Espero que tenha uma ótima notícia e que valha a pena você ter acordado esta pequena fera. Eu não tenho os macetes para calar essa criança,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dalila! — minha amiga sibila entredentes, irritada.

Puxo seu braço para o corredor para não acordar meu filho também, que dorme quietinho no berço.

— Olhe — sussurro para ela, que estreita os olhos para o celular.

— Hummm... não sei cozinhar— ela retruca, balançando Aurora nos braços.

— O quê? — pergunto, olhando para a tela.

Na tela, a imagem de uma receita de feijoada aparece. Rio nervosa, voltando as pesquisas, até chegar onde quero.

— Olhe — repito.

Betânia arregala os olhos para a tela, um brilho de reconhecimento em sua expressão. Embora mais velha, ela consegue reconhecer minha antiga amiga, graças a uma foto que mostrei, nós duas muito crianças.

— Achamos ela.

PERIGOSAS ACHERON



O trajeto de Bauru até Presidente Prudente foi tranquilo. Bem mais do que eu esperava. Omiti essa viagem de última hora de Marcos, já que, conhecendo um pouco de sua personalidade impulsiva, se soubesse que eu pegaria a estrada com as crianças, daria um jeito de aparecer, além de ficar desconfiado dessa atitude tão incomum de minha parte. A viagem é mais fácil do que pensei que seria, e Betânia e eu intercalamos nosso tempo ao volante, enquanto a outra cuida dos gêmeos, que resmungam no banco de trás, ora famintos, ora sonolentos, ora irritadiços, ora dormindo.

— Tem certeza de que está certa do que quer descobrir? — minha amiga me pergunta, enquanto dirige o carro pela estrada movimentada.

É uma sexta-feira à tarde. Betânia conseguiu uma folga no serviço o resto do final de semana, e me sinto culpada em saber que terá que dobrar na

PERIGOSAS ACHERON

loja onde trabalha por conta de meus caprichos.

Encaro seu rosto concentrado na pista e digo, ajeitando-me no banco:

— Alguma coisa aconteceu, Betânia. Quando Marcos apareceu em Bauru atrás de mim e me contou toda a história, eu me senti satisfeita e realizada. Mesmo que não me lembrasse de nada, sabia o que havia acontecido entre nós, sabia que tínhamos um passado, mas estava mesmo disposta a esquecê-lo. Tudo ia bem entre a gente, e o sexo era incrível...

— Não quero saber. — Ela ergue as mãos, de brincadeira.

— Eu estava feliz — continuo, olhando para trás e me certificando de que meus filhos estão bem, babando incontrolavelmente em seus sapos. — Até que ele desapareceu de novo com a notícia da gravidez. Por muito tempo, culpei a mim mesma, afinal eu tinha dado trela para o Sandro...

PERIGOSAS NACIONAIS

contudo, Marcos deveria ter acreditado em mim. Então, eu soube que havia algo a mais por trás de tudo o que ele havia me contado, algo que ele escondera para me proteger, talvez — concluo, olhando a paisagem de pastos que se estende à nossa frente.

Ouçó um grunhido de Betânia, que continua dirigindo, atenta. Já estamos há quase duas horas na rodovia, minhas pernas doloridas em cima do banco, meu coração palpitando a cada instante que reflito sobre o que está acontecendo. Sinto que estou mais perto de saber toda a verdade que me foi escondida, e, sinceramente, não posso dizer que me sinto aliviada. Talvez, bem no fundo, a verdade venha me destruir bem mais do que a bolha em que tenho vivido por tanto tempo. Envio uma mensagem de texto para Clara, minha cunhada, quando meu celular consegue um sinal.

PERIGOSAS ACHERON

“Estou indo para Presidente Prudente. Vai estar em casa por esses dias?”

Clara demora a responder, e só sinto meu celular vibrando quando minha amiga estaciona o carro em um posto na estrada, uma parada necessária para todos nós. Troco os gêmeos, dou de mamar em um espaço reservado para esse fim no banheiro feminino, brinco com eles, mostrando a paisagem lá fora. Eles estão irrequietos pela viagem, e Ângelo, sempre tão dorminhoco, está mais irritadiço do que nunca. Acaricio seus cabelos lisos, cheirando seu pescoço enquanto ouço sua risada alta e gostosa.

— Gosta disso, né, amor? Claro que gosta, porque você e sua irmã gostam mesmo é de fazer arte.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me olha sorrindo, e levanta as mãos pequenas e gorduchas em minha direção, tentando pegar meus brincos de argola. Desvio o quanto posso, mas quando ele abre o berreiro, eu desisto e deixo que ele puxe minha orelha para baixo repetidas vezes, até arrancar o brinco e jogá-lo no chão de terra.

— Que ótimo, filho!

Betânia e eu nos sentamos a uma mesinha do lado de dentro para jantar. Na pressa em sair de Bauru, esqueci-me de preparar a comida das crianças, por isso compro aquelas papinhas prontas de supermercado e alimento-os, com a ajuda de minha amiga, que me olha com curiosidade.

— O que está passando na sua cabeça?

Ergo os olhos para ela, que sorri para mim.

— Não sei direito. Só preciso saber a verdade, Betânia. Sandro é um homem perigoso, e eu vivi na pele meses infernais com ele. Há algo de muito

PERIGOSAS ACHERON

desconexo em toda a história que ele me contou, quando nos encontramos em Bauru. Ele parecia pouco surpreso quando me viu pela primeira vez, como se tivesse me seguido por muito tempo, como se soubesse tudo a meu respeito. Isso me deixou assustada, entende? — comento, colocando mais uma colher na boca de Aurora, que joga o sapinho de borracha na minha direção, quase derrubando a tigela de papinha.

Betânia pigarreia, e termina de dar a comida para meu filho. Ela limpa a boquinha carnuda dele cuidadosamente, e então o segura no colo.

— Dalila, e se você não descobrir nada com essa viagem? — ela me encara, em uma máscara de confusão e piedade.

Deixo que Aurora pegue a colher suja de papinha e atire-a no chão. Não sei se tenho a resposta para essa pergunta, por isso tento me

abster de responder, porém Betânia insiste, me cutucando com um garfo por sobre a mesa de madeira envernizada.

— Dalila...

— Eu, sinceramente, não sei. Não pensei muito nisso antes de vir. Eu preciso de respostas, e se não der certo com Dolores, então será com Clara, ou com Marcos, ou com qualquer pessoa que possa me ajudar e me tirar essa venda que meu marido insiste em deixar em meus olhos! — exclamo, enquanto o cansaço mental dá mostras de que vai me pegar em algum momento. Faço uma pausa, olhando fixo para Betânia. — Acabei de completar 39 anos, e não sou uma boneca de porcelana. Eu preciso da verdade, pois preciso conhecer um pouco do que vivi quando estive com Marcos, como um casal alegre e feliz. Algo mudou nossa vida juntos, e é exatamente essa verdade que eu estou buscando.

Suspiro, cansada demais, e minha amiga apenas assente, voltando-se para Ângelo.

O restante do caminho é mais calmo. Trocados e alimentados, os gêmeos dormem no banco de trás, e eu dirijo tranquila pela estrada agora mais movimentada. Passa das seis quando vejo a placa de Presidente Prudente, e sigo direto para o hotel. Não quero ficar na casa de ninguém, não tenho intenção de deixar que mais pessoas se envolvam nisso com o único intuito de me impedir de descobrir a verdade.

Fazemos o *check-in* no Portal d'Oeste. Tomamos um banho quente, e Betânia me ajuda com as crianças. Já é tarde quando seguimos para a delegacia, no centro da cidade. É lá que está a minha resposta.



O prédio amarelo com a placa vermelha me intimida quando estaciono o carro um pouco mais à frente da entrada da delegacia, perto de um café, onde eu costumava vir com Sandra e Rebeca. Desço do carro sentindo o frio noturno, o vento gelado soprando em ondas lentas meu vestido branco de mangas compridas. Solto meu cabelo e passo os dedos pelos fios molhados, antes presos em um coque torto. Passo um brilho labial apressada, e ajeito meus saltos altos na calçada com alguns buracos. Estou me sentindo uma desempregada indo a uma entrevista de emprego. Céus!

Betânia decide ficar no carro com Aurora e Ângelo. No curto trajeto até aqui, seu discurso sobre o quanto este lugar poderia fazer mal aos gêmeos foi repetido três vezes. Eu concordei, entendendo que sua recusa em entrar não era cem por cento pelos meus filhos, mas por tudo o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viveu com Gilberto, indo e vindo de cadeias, pagando fianças obscenas, tirando aquele marginal de trás das grades apenas para sofrer nas mãos daquele traficante de quinta categoria. Por isso, não discuti. Bato a porta do motorista, olhando uma última vez os gêmeos, que resmungam enquanto minha amiga segura a mão deles.

— Deseje-me sorte — peço, a voz embargada pela enxurrada de lembranças que me vêm à mente de minha infância e adolescência paupérrimas com Dolores.

Betânia joga um beijo no ar para mim e dá uma piscadela, encorajando-me a seguir em frente.

Ok, eu posso fazer isso.

Tropeço nos saltos altos durante toda a caminhada até a entrada. O interior do prédio é como eu imaginei: semelhante às delegacias que vemos nos filmes. Dirijo-me ao balcão, onde um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor de meia-idade mastiga uma esfiha gordurosa, os cabelos tão engordurados quanto seu salgado.

— Boa noite. Gostaria de visitar uma pessoa —
soo como uma idiota, e me arrependo no instante
em que as palavras saem de meus lábios trêmulos.

Endireito meu corpo, e olho firme para o
homem, que me olha entediado.

— Qual o nome?

— Dolores Rodrigues. Esse é seu sobrenome de
solteira, não sei se ela tem outro — saliento,
nervosa.

Torço minhas mãos suadas, sem saber ao certo
onde colocá-las. O homem franzino me olha ainda
mais entediado. Ele checa alguma coisa em seu
computador e se volta para mim, mordendo mais
um pedaço generoso de esfiha.

— Sim, ela ainda está aqui. E você é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amiga — falo, tentando controlar minha respiração.

Ele digita alguma coisa e olha para a tela do computador, ignorando-me.

— Bem, o horário de visitas já acabou, então sugiro que compareça amanhã a partir...

— Não, espere — eu o interrompo, chegando mais perto dele.

Ele cheira a gordura e graxa, e torço meu nariz em protesto.

— Eu moro muito longe, e dirigi mais de três horas para vê-la. É muito importante que eu a veja, por favor — imploro, o desespero assomando minhas ações. Não posso esperar até amanhã. Eu preciso mesmo saber o que Dolores sabe de minha vida, do meu passado... de Sandro.

Mudo meu peso de um pé para outro, o vestido balançando levemente nas pernas. Encaro o homem, que parece prestes a me impedir de ver

PERIGOSAS ACHERON

minha antiga amiga. Ele balança a cabeça e olha para os lados, sondando o espaço escuro e vazio da delegacia.

— Ok, senhora, mas precisa ser rápida ou vai me colocar em problemas — ele cede, e eu o sigo por um corredor fétido, com cheiro de urina e mofo.

Solto minha respiração aliviada, e então ele entra em um cômodo grande e mais escuro ainda, cheirando a comida estragada.

— Cinco minutos — ele diz e sai pisando duro, suas botas pretas fazendo um barulho na cerâmica escura.

Olho para a cela, e então choramingo diante da visão atrás das grades.

— Dolores...

Um par de olhos se vira para mim. É mesmo Dolores quem está ali, presa, encurralada, atrás de uma cela. Chego mais perto das grades, e ela se

PERIGOSAS NACIONAIS

levanta do chão imundo e vem até mim, estreitando os olhos como se não me conhecesse. Seus cabelos escuros estão curtos, muito curtos, cortados em estilo Joãozinho; ela está muito magra, as roupas da prisão soltas em seu corpo esquelético. Ela me olha com um misto de irritação e reconhecimento, e então agarra meus dedos.

— Dalila, é você?

Respiro fundo, tentando tirar minha mão dali, o desconforto nítido em minha expressão de desgosto por toda a situação. O que ela faz aqui?

— Sim, Dolores, sou eu. Meu Deus, eu nem sei o que dizer...

— Você veio me tirar daqui? O Marcos está com você? E o Leo? Ele veio também? Ele me quer de volta, certo? Ele vai pagar a fiança e me tirar deste cativeiro? — Dolores tagarela sem parar, enchendo-me de perguntas descabidas, desesperada para sair daquele lugar tanto quanto eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento assimilar aos poucos a enxurrada de palavras, mas um nome está gravado em minha mente como uma cola: *Marcos*. Ela conhece meu marido, então só posso supor que mantivemos contato enquanto eu estive casada com ele. Meneio a cabeça em uma tentativa de clarear meus pensamentos cada segundo mais embaralhados. Ela volta para onde estava quando cheguei e pega uma sacola suja e pequena do chão, colocando-a em suas mãos.

— Estou pronta. Ah, Dalila, eu estou pronta. Pode pedir para abrir a cela.

Olho ao redor, amedrontada. Dolores não parece estar em seu juízo perfeito. Ela vem até mim e me agarra de novo, suas unhas tão sujas quanto um lamaçal. Ela cheira a azedo e leite estragado, e me afasto, nauseada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dolores, eu não sei quem é Leo. Vim aqui por outro motivo — confesso, um pouco envergonhada por acabar com sua esperança.

Ela fecha a cara, jogando a sacola no chão, que faz um barulho em meio ao silêncio fúnebre da delegacia.

— Se não está aqui para me tirar desse canil, pode dar meia volta e sumir.

— Dolores, por favor. — Fecho os olhos, sentindo que estou perdendo uma batalha importante, aquela centelha de esperança que tem me mantido firme esvanecendo com sua atitude. Se Dolores não me ajudar, o que farei? — Escute, eu preciso te fazer algumas perguntas. Preciso de sua ajuda — murmuro, me aproximando das grades mais uma vez.

Ela ergue os olhos irados para mim, talvez ponderando alguma coisa em seu íntimo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não nos falamos há anos, Dalila, não sei o que quer de mim.

— Respostas.

— Respostas para quê? — ela se irrita, sentando-se no chão e embolando uma massa esquisita em suas mãos sujas.

Tento controlar meus nervos, não me permitindo desistir. O guarda aparece no corredor, mas eu faço um sinal para ele esperar um pouco mais, e ele sai batendo as botas. Agacho-me segurando as grades, e fixo meus olhos nos de Dolores.

— Eu sofri um acidente e perdi a memória há quatro anos — começo, sentindo a primeira lágrima escorrer por meu rosto. — Marcos e eu nos afastamos e, quando nos reencontramos, eu nem sequer sabia que ele era meu marido. Começamos a sair como um casal, e eu não sabia de nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando descobri, decidi que não podia ficar com ele com tanta mentira, e nos separamos de novo, mas ele me procurou em Bauru...

— Bauru? Por que em Bauru? — ela pergunta, parecendo interessada no que estou dizendo.

Tomo um fôlego extra e continuo:

— Porque eu passei no vestibular e faço faculdade lá, desde o ano passado. Marcos e eu reatamos, mas Sandro apareceu e estragou tudo. Marcos não confia em mim, eu sei disso; o problema nessa equação é que ele não me diz o porquê. Simplesmente tem horror a Sandro e essa lacuna tem me enlouquecido. Ninguém da minha família sabe o que houve, e Clara também não quer me contar...

Faço uma pausa, em expectativa. Dolores está digerindo minhas palavras, agora menos irritada do que antes. Ela se levanta e vem até a grade, os pés descalços hesitantes.

PERIGOSAS ACHERON

— E eu achando que a minha vida era uma merda! — ela retruca, fazendo uma careta para mim.

Apenas concordo, pois ela está mais do que certa. Minha vida está muito pior do que a dela, aparentemente.

— Dolores, por favor... eu não consigo me lembrar de mais nada depois dos meus 18 anos. Foi apagado da minha mente naquele acidente horrível. Há tantas coisas que eu gostaria de saber; no entanto, ninguém me ajuda — choramingo, agora já banhada em lágrimas.

Sento-me no chão sujo, derrotada. Como alguém pode viver sem memória? Como um ser humano consegue seguir em frente com sua vida quando boa parte do que viveu foi apagado com uma borracha? Encosto minha testa na grade, chorando. Sinto os olhos da prisioneira presos em mim, porém ela se abstém de falar por alguns

PERIGOSAS NACIONAIS

segundos. Meu drama surte efeito, pois Dolores me chama e, quando ergo os olhos, ela me olha com a testa franzida.

— Nicole. Procure por Nicole.

— Quem é Nicole? — pergunto, totalmente desperta do meu transe.

Um nome. Mais um nome que não me diz nada. Como se já não bastasse Sandro, agora eu tenho uma Nicole, como se eu estivesse procurando nomes. O que eu faço com uma Nicole, por Deus! Mas que grande merda!

— Quem é Nicole, Dolores, por favor, me diga. O que ela sabe?

Ela me olha entediada, como se não fizesse a menor diferença me ajudar. Suas mãos vêm até mim pelo vão da cela e me puxam, segurando com força meu pescoço. Grito de dor e susto, e tento me desvencilhar, mas Dolores é muito mais forte, suas unhas grudam em minha carne delicada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tire-me daqui e me leve até o Léo. Tire-me daqui, sua puta desgraçada! — ela vocifera, cuspiendo em meu rosto.

Chuto suas pernas e consigo me soltar, rolando para o lado desnorteada pelo seu comportamento tão agressivo. Ela bate nas grades, agora como um leão faminto em uma jaula, e começa a gritar palavrões incoerentes. Saio agachada do lugar, sentindo o sangue escorrer do meu pescoço, onde sua unha me arranhou. Quando chego no hall de entrada, o guarda vem me socorrer, aturdido.

Dispenso sua ajuda e saio dali o mais rápido que posso. Betânia corre até mim, assustada.

— Mas o que foi que houve lá dentro, Dalila? Eu ouvi gritos...

— Sim, preciso sair daqui agora, vamos. — Mostro o volante para ela, que assume ainda com os olhos arregalados para mim. Já no trânsito,

PERIGOSAS ACHERON

choro baixinho e uma música triste toca no rádio do veículo.

As crianças agora dormem, e eu consigo respirar depois de quase ser estrangulada. Explico o que houve a minha amiga, que me olha confusa quando para no semáforo.

— Então você conseguiu um nome? Só isso? Ela não sabe de nada do que aconteceu no passado? Só um nome, Dalila?

— Sim, ela estava perturbada, eu acho. Quando eu cheguei, falou o nome do Marcos, então isso prova que o conhece, como eu já suspeitava, porque ele também a mencionou em uma conversa que tivemos quando ele apareceu em Bauru, mas tudo foi tão vago, entende? Ainda assim, essa mulher, Betânia... — Olho para a janela do carro, confusa e desnorteada com o ocorrido. Eu não esperava por nada disso. Jogo meus cabelos para trás, trêmula. — Mas ela parece meio louca, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entende? Talvez não esteja lúcida o bastante. Mesmo assim, ela repetiu duas vezes o nome Nicole, Betânia. Isso tem que significar algo a mais nessa história toda.

— Sim, ok, mas quem é essa mulher e como vamos encontrá-la?

— Não sei. Não sei, ah, meu Deus, eu não sei. Achei que teria mais respostas com essa viagem, contudo só estou com mais dúvidas — digo, olhando pela janela de novo.

A cidade está iluminada pelas luzes noturnas. Passamos em frente ao Prudenshopping e milhares de lembranças assolam meus pensamentos: Eu, Rebeca e Sandra na livraria; nossas brincadeiras, as piadas sujas de Rebeca quando entrava um homem bonito na loja, Elton de cara feia para nós, Marcos preenchendo todo o ambiente com sua presença marcante e sensual, seu andar sexy quando ele ia me visitar na loja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu trabalhei aqui por quase três anos antes de me mudar para Bauru — sussurro para minha amiga, que olha de soslaio para o ponto onde estou apontando. — Foi aqui que conheci o Marcos pela segunda vez, como ele me garantiu — rio com essa frase, porque ela soa tão estúpida. — Trabalhava em uma livraria. Apesar de todas as dificuldades, eu fui feliz, sabe. Era mais simples quando meu passado ainda estava enterrado. Depois que o Marcos apareceu, minha vida virou do avesso. — Suspiro, encarando minha amiga.

Ela sorri para mim e dá batidinhas em meus ombros.

— Relaxe, Dalila, tudo vai se resolver. Vamos descobrir mais coisas do que sua ex-amiga louca conseguiu te contar. E outra: já pensou se o avesso é seu lado certo? Pense nisso. — Sua voz tem um

PERIGOSAS ACHERON

tom irônico, mas não deixa de ter uma verdade implícita por trás das palavras. Talvez ela tenha razão.

Encolho-me no banco, fechando meus olhos enquanto ela segue rumo ao hotel.

— Talvez.



Nicole. Nicole. Nicole. Nicole.

O nome fez eco em meus ouvidos durante toda a noite e madrugada. Mal preguei os olhos, intercalando os cuidados com as crianças, que despertaram apenas uma vez para mamar, e entre olhar pela janela do quarto de hotel. O que não saía da minha cabeça era o fato de Dolores saber algo e não me contar. Minha curiosidade só aumentava ainda mais por todo esse mistério que rondava minha vida passada. Em alguns momentos, chegava

PERIGOSAS NACIONAIS

a cogitar que eu fosse uma homicida, que tivesse realmente cometido um delito muito grave, já que ninguém queria me contar nada.

Recebi uma mensagem de Clara, pedindo que eu a encontrasse em sua casa no dia seguinte, que ela gostaria de falar comigo; contudo, quando eu questionei se ela iria me dizer a verdade, ela desconversou, então ignorei seu convite. Eu estava farta de tantas mentiras. As pessoas que eu mais amava na vida só sabiam mentir para mim, esconder meu passado como se ele fosse algo sujo e doloroso. Eu só queria a verdade.

O dia seguinte foi perdido. Nada de Nicole. Eu não tinha um sobrenome, então quando o Google me deu mais de 120 Nicoles morando em Presidente Prudente, meu desânimo veio à tona. E, para piorar toda a bagunça em que eu já estava metida, essa tal de Nicole poderia nem viver mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na cidade, poderia ter ido embora sabe-se lá para onde. Eu estava prestes a desistir, quando Betânia teve uma ideia.

— Dalila, você sabe que era professora, né? Ao menos isso te contaram...

— Sim — respondo, brincando na cama espaçosa com os gêmeos. Aurora morde seu sapo favorito, enquanto resmunga sem parar, virando a cabecinha mais firme em todas as direções. Faço cócegas nela com os dentes, e ela ri alto, sua risada preenchendo o espaço do cômodo.

— Será que ela não era uma amiga de escola? Em qual escola você trabalhou mesmo? — minha amiga insiste, sentando-se na cama conosco.

Viro-me para ela, confusa.

— Não sei, não me lembro. Só me contaram que eu fui professora em uma escola particular, só isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok. — Betânia coloca as mãos na cintura, franzindo as sobrancelhas para mim. — Vamos tentar algo a partir daí.

— Como assim?

— Ora, Dalila, nós temos um nome e uma informação: você foi professora em Presidente Prudente há muito tempo. Talvez ainda haja algum registro seu nos sites das escolas — ela explica, dando de ombros.

Pego Aurora no colo, que se balança toda, as mãozinhas socando o ar.

— Eu nem sei se essa tal de Nicole foi mesmo minha colega de escola, Betânia, não faz sentido procurar — discordo dela, que me olha de cara feia.

— Dalila, nós estamos aqui. Você veio atrás do seu passado, quer saber a verdade, e mais ninguém vai te ajudar. Se desistir agora, será para sempre. Vai conviver o resto de sua vida com essa lacuna, e

PERIGOSAS ACHERON

sempre que olhar para Marcos vai tentar imaginar o que ele sabe, o que ele nunca te contou de verdade. Sem falar no Sandro...

— Tudo bem. — Ergo as mãos, calando-a imediatamente. — Tudo bem — repito, levantando-me e colocando minha filha na cadeirinha, ouvindo seu choro típico de manha. — Vamos procurar essa Nicole.



“Dinheiro nenhum paga uma consciência limpa.”

(Ainda não acabou)

O voo para Singapura não poderia ter sido mais estressante, e não por culpa da Companhia Aérea, que cuidou de minha viagem espetacularmente. Estou um caco unicamente por ter deixado Dalila sozinha com as crianças, na semana em que ela comemoraria mais um ano de vida. Desde que deixei o Brasil, já liguei inúmeras vezes para ela, certificando-me de que tudo corria bem. O fato de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua amiga Betânia lhe fazer companhia durante minha ausência não me deixou totalmente aliviado: aquela moça de cabelo colorido é bem estranha, na verdade. Só espero resolver tudo por aqui o mais rápido possível e voltar para a segurança de Bauru, onde meu maior tesouro está, onde eu posso ver, a cada dia, minha esposa e os gêmeos. Ajeito meus óculos de sol e olho pela janela do avião enquanto ele taxia de modo barulhento no aeroporto de Changi. Chegamos. Cutuco Vicente ao meu lado, relaxado na poltrona.

— Ei, chegamos, cara, acorda! — bocejo, a voz rouca pelas horas de sono.

Meu sócio me olha, a expressão fria e sonolenta.

— Hummm... tem certeza? Estou morto, Marcos, é sério. Você bem que poderia ter me deixado em Londres. Eu estava conseguindo uma

PERIGOSAS ACHERON

transa espetacular, e você ferrou com tudo — ele diz, desafivelando o cinto e olhando para a comissária de bordo.

Dou um soco em seu braço de leve.

— Será que algum dia eu vou te ver casado e com uma família, Vicente, em vez de correr atrás de um rabo de saia? — brinco, passando por ele e me ajeitando em pé.

— Nunca, isso eu garanto.

— Vou torcer para que engula suas próprias palavras, e arrume uns quatro pentelhos de uma vez — zombo dele, espreguiçando-me.

— Veremos — ele desdenha, com uma expressão debochada.

No aeroporto, o fluxo é contínuo e gritante. O mais incrível, porém, é que, mesmo com a quantidade de pessoas indo e vindo, há certa tranquilidade no ambiente, como se, mesmo com pressa, os passageiros esmerassem a educação em

primeiro lugar. Não é à toa que Singapura é um lugar tão requintado e sofisticado: os moradores e turistas sabem como se comportar na cidade-Estado onde TUDO funciona, literalmente falando. No caminho, vemos um homem ser abordado pela polícia discretamente, e consigo distinguir algumas palavras com meu inglês enferrujado.

— Merda, o homem está sendo abordado por mascar chiclete? É isso mesmo? — Vicente me pergunta andando ao meu lado, tendo a mesma percepção que eu.

— Sim. Aqui não é permitido — explico.

— Que grande porcaria! Eu deveria ter me informado mais antes de embarcar com você, Marcos. Se um chiclete causa tanto rebuliço, imagine outras coisas...

— Não estamos no Brasil, Vicente. A banda toca de outra forma do outro lado do mundo. Acho bom você comprar um guia de viagem e começar a PERIGOSAS ACHERON

ler antes que se meta em encrencas, e mantenha seu pau dentro da calça, ouviu? — ameaço meu sócio, que me olha pálido.

— Quer dizer que não terei nenhuma diversão aqui? Sinceramente, Marcos, a última vez que pisei neste lugar foi bem mais sossegado do que agora. Prefiro viajar sem você, porque da outra vez nem liguei muito para essas bobagens — ele reclama, e sai pisando duro, como uma criança emburrada.

Sorrio, e acompanho-o.

O dia está tipicamente quente, mas não abafado. Os ares-condicionados espalhados pela cidade refrescam os moradores das temperaturas sempre tão altas pela localização geográfica do lugar: tão quente quanto Belém, no Pará, na linha do Equador. Seguimos para o Hotel Marina Bay Sands de táxi, com o motorista falando um inglês razoável com Vicente enquanto eu apenas me encosto na janela, admirando a cidade poderosa. O carro segue

pela Airport Boulevard até East Coast Park, com um trânsito tranquilo: são apenas nove da manhã, e a cidade já despertou há horas. Permanecemos um tempo na avenida, os carros seguindo seu trajeto lentamente, um clima agradável de cidade grande misturado a uma cultura tão diferente da minha. Meia hora depois, estacionamos na Bayfront Avenue, em frente ao hotel mais caro e requintado de Singapura, um luxo que posso me dar o gosto de aproveitar.

O hotel se estende em uma arquitetura moderna e quase assustadora. As três colunas que sustentam sua estrutura são inclinadas, formando um barco. O lugar abriga não só um hotel, mas um dos principais cassinos de Singapura. As paredes envidraçadas e sua altura magnífica comportam muitos restaurantes (7), quartos (2.561), além da piscina mais alta do mundo, com borda infinita, sem falar no complexo de shoppings, uma estação

PERIGOSAS NACIONAIS

de metrô que nos dá acesso direto do hotel, galeria e museu particulares. Vicente suspira ao meu lado, enquanto um funcionário careca e bem-vestido vem nos receber assim que descemos do táxi.

— E eu achando que você vinha trabalhar. Olha só para isso, Marcos. A gente não vai nem precisar sair do hotel! — ele exclama, com os olhos castanhos focados na estrutura à nossa frente.

— Não se anime muito, Vicente. Não viemos aqui a passeio. Precisamos resolver as questões da filial e voltar para casa — retruco, negando com a cabeça qualquer tentativa de meu sócio de estender nossa estadia no país.

Ele me fuzila com o olhar, a testa franzida.

— Nem fodendo que eu não vou aproveitar esta viagem!

— Vicente...

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, Marcos, eu sei que você não está feliz de ter vindo e deixado Dalila com as crianças. Mas, se alguém precisa voltar antes, este alguém é você, e não eu — ele conclui, e encerramos nossa conversa, pois no fundo sei que está certo.



Ligo para Dalila assim que entro na cobertura, minhas malas sendo deixadas no piso envidraçado do cômodo. Ela não me atende, por isso faço quatro tentativas, até que ela atende, a voz rouca.

— Lila — suspiro, deitando-me na cama espaçosa e vazia, o ar gelado soprando no quarto, a sensação térmica de que estou em uma geladeira.

— *Oi* — ela diz, também suspirando. Mesmo a distância, meu coração se tranquiliza apenas com sua voz baixa e melodiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Jogo meus sapatos longe e encosto minha cabeça nos travesseiros, os cabelos bagunçados por conta da viagem. Fecho os olhos e absorvo a sensação de ouvir minha mulher depois de dias sem vê-la. Não há lugar melhor no mundo do que estar ao lado dela e das crianças, apesar de tudo.

Respiro fundo.

— Como você está?

— *Bem* — ela responde com a voz sonolenta. — *Estava dormindo.*

Merda! O fuso horário!

— Desculpe, Lila, esqueci-me desse detalhe. Vou desligar para você voltar a dormir — digo, já perto de apertar o botão de desligar.

Ela solta uma risada alta do outro lado da linha, e meu coração se aquece ainda mais de saudade.

— *Tudo bem. Já que me acordou, como está tudo por aí?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, desembarquei há pouco em Singapura com Vicente. Temos uma reunião em poucas horas com nossos sócios daqui; depois, temos que visitar o local da filial; e, por último, fazer a contratação dos novos funcionários. Meu prazo máximo seriam cinco dias, mas, se tudo correr bem antes disso, volto logo — explico, passando as mãos pelos cabelos.

Ouçó sua respiração ao telefone, e sua voz sai ainda mais baixa, quase sussurrada:

— *Achei que estivesse em Londres.*

— Eu estava, mas a filial de Singapura precisa de mais atenção, já que ainda não está totalmente estruturada e não caminha com as próprias pernas. Andrew cuida muito bem de tudo em Londres, mas aqui ainda não temos alguém tão experiente no negócio. Por isso minha viagem: para colocar uma

PERIGOSAS ACHERON

pessoa que assuma tudo enquanto eu e Vicente estivermos fora — explico, sorrindo diante de sua assertiva.

— *Entendi.*

Trocamos mais algumas palavras. Ela me conta das crianças, do quanto Aurora está ficando esperta; Dalila me explica que Ângelo teve uma gripe, mas que agora está bem; ela fala do terror de voltar para a faculdade, seus medos com relação à maternidade, a insegurança constante de não dar conta do recado; da companhia agradável de Betânia e que está com saudades.

— Eu também — confesso, aliviado por, finalmente, entrarmos em um terreno antes perigoso. Agora, ambos conseguimos externar melhor nossos sentimentos.

Quando a linha fica muda e sua respiração pesada, permaneço ao telefone; uma paz familiar toma conta de mim enquanto caio no sono junto

com minha esposa.



Kathiresan e seu filho, Farhan, parecem ainda mais distantes quando entram pela porta do restaurante do hotel, de terno e cabelos molhados pelo gel. Depois dos cumprimentos de sempre, explico que nossa conversa será em nosso idioma, já que o mais novo o conhece.

Falamos de trivialidades no início: do tempo, da vida, das nossas famílias. Eu mostro, pelo celular, a foto de Dalila e das crianças, e explico que ela é minha esposa e eles, meus filhos.

— Meus filhos — digo, emocionado, sem titubear.

— Nem precisava dizer, Marcos, pois eles são uma versão mirim de você — Farhan me parabeniza com um tapinha nos ombros.

Uma versão mirim de mim.

Uma versão mirim de mim.

Meneio a cabeça e afasto os pensamentos intrusos. Agora, nosso foco são os negócios e a filial na cidade. Farhan, muito atencioso, conta dos últimos avanços na reforma do prédio, na compra dos equipamentos necessários, e enfatiza que a contratação dos funcionários precisa ser decidida logo.

— Estamos com todo a parafernália pronta, Marcos. O que nos resta agora é colocar aquilo para funcionar. Investimos muito e estamos ansiosos pelo retorno financeiro que a FastAire vai nos proporcionar. — Sua voz sai firme e decidida, e concordo com um aceno de cabeça.

— O serviço de Catering Aéreo tem se expandido muito nos últimos anos, principalmente com a facilidade das viagens de avião. Aqui em Singapura não é uma novidade nada disso. Há inúmeras empresas deste ramo. A questão

primordial é: quais têm realmente a qualidade de que os passageiros precisam, e como agradar as companhias aéreas para sair na frente e conseguir contratos milionários — Vicente entra na conversa, enquanto beberica seu vinho.

Kathiresan, antes apático e sonolento, aquiesce, com um sorriso no rosto. Ele se vira e fala algo no ouvido do filho, que se volta para nós, como um bom intérprete.

— Meu pai está muito satisfeito com a nossa escolha de investimentos. A FastAire tem se mostrado digna de nota e de aplausos. É uma empresa nova; ainda assim, é espantoso os dígitos de seu lucro. Vejo-a não apenas como um serviço de Catering Aéreo, mas como uma inovação para o futuro da alimentação. Como já falado em nosso encontro anterior, segurança é a palavra de ordem, e ela vem em primeiro lugar quando nosso foco é alimentar milhares de pessoas diariamente. Vocês

sabem que a segurança é tratada com rigor em todos os procedimentos. — Seu olhar oscila entre mim e Vicente, e ele bebe sua garrafa de água, sorridente.

Pigarreio, olhando para Kathiresan com uma confiança adquirida ao longo de anos no ramo dos negócios.

— A FastAire é recente, e os dados comprovam isso. Entendo todos os riscos que uma empresa nova acarreta, mas devo esclarecer alguns pontos, mesmo que já tenhamos firmado o contrato há alguns meses. A norma de nossa empresa é sempre trabalhar com alimentos diversificados e que atenda tanto ao paladar quanto à saúde dos tripulantes. Nossos fornecedores são escolhidos em uma seleção acirrada e muito competitiva, o que nos dá uma margem de segurança por si só. Os nossos cozinheiros são os melhores chefs de cozinha, selecionados com rigor e destreza. Não nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixamos enganar por currículos bem construídos: nosso método é comprovar a eficiência deles na prática. Quando encontramos problemas com algum produto, ou ele esteja fora dos padrões de qualidade estipulado por nós, fazemos um rastreamento e, em casos mais extremos, trocamos de fornecedor. Não escolhemos nada que não seja o melhor, até porque nós mesmos passamos tanto tempo no ar, voando de um canto a outro, que compreendemos a necessidade de qualidade na alimentação — finalizo, chamando o maitré e pedindo mais vinho.

Kathiresan sorri enquanto o filho traduz minha fala. Olho para Vicente, que sorri de volta, mexendo no celular sem parar.

— Com quem está falando, Vicente?

— Ninguém em particular — ele retruca, com desdém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora não é hora disso — repreendo, ao que ele dá de ombros.

— Já fechamos o contrato. Relaxa, Marcos. Estou contratando uma gata malaia que vai me levar para conhecer a cidade mais tarde.

— A cidade. Sei. Você não presta mesmo, Vicente. Está contratando sexo pelo telefone, seu pervertido — sussurro para ele, franzindo a testa.

Ele me olha de soslaio, soltando uma risada alta.

— Preciso ter alguma vantagem em ser rico além de ter que te aturar, meu camarada. Se não for para ter sexo e mulheres, por que quero ser rico?

Faço menção de dizer algo, mas tanto Kathiresan quanto Farhan estão nos olhando, curiosos. Pigarreio e retomo a conversa.

— Acham que está tudo esclarecido ou tem mais algum questionamento?

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Meu pai quer seguir daqui para o prédio da filial. A seleção dos chefs será amanhã pela manhã, e contamos com a presença de vocês. Por enquanto, é isso. Talvez a preocupação seja maior quando vocês não estiverem por perto, mas iremos tomar conta de tudo, então é isso. — Farhan começa a se levantar, e Vicente e eu fazemos o mesmo. Dispenso o vinho que o *maître* coloca sobre a mesa com um pedido de desculpas. Kathiresan faz questão de pagar a conta, e seguimos para o prédio.

O dia passa em um emaranhado de visitas, verificação do prédio, conversas, e é noite quando chegamos ao hotel. Vicente está eufórico com seu encontro, enquanto eu estou maluco de saudade de Lila. Assim que entro na segurança do quarto, ligo para ela. É cedo lá, e ela me atende no primeiro toque. Sua voz está estranha, agoniada, e ela fala pouco, dizendo que precisa desligar. De imediato,

PERIGOSAS ACHERON

algo dentro de mim estala: não sei se é o silêncio do outro lado, ou se a respiração de Dalila está diferente, entrecortada, talvez, ou ainda se é a sua fala, indecisa. O que quer que seja, sei que há algo de muito errado acontecendo.

— Sinto muito não ter passado seu aniversário com você, Lila — digo, entrando no banheiro banhado a ouro do quarto. — Acredite: essa data sempre foi importante para mim, para nós, mesmo durante sua ausência em minha vida solitária, e adoraria ter ficado um pouco mais e passar o dia oito com minha família, levar você e as crianças para um passeio agradável e ter um dia cheio de alegria, mas tudo aqui está ainda meio cru, entende?

Não tive escolha quando precisei viajar a trabalho: eu vinha fugindo desse compromisso há dias, mas o fato é que sou dono de uma empresa milionária, e meu sócio estava quase cometendo

PERIGOSAS ACHERON

um assassinato, estressado com minhas fugas. Dalila completou 39 anos em uma semana muito maluca, eu querendo estar perto, mas tão longe dela e dos bebês. Suspiro, pensando nos anos em que não estive com ela, em que eu a abandonei, como se isso fosse uma repetição dos meus erros, da minha teimosia, do rancor por tudo o que passamos. Balanço a cabeça, afastando esse pensamento ridículo: jamais faria isso com ela de novo, e só estou longe pela necessidade. Entro na banheira cansado demais, sentindo meus músculos relaxarem com a água gelada.

— *Nossa, eu quase nem notei, de verdade. Tudo está tão confuso ainda, Marcos. Estou tentando me adaptar com o retorno das aulas* — ela fala, ofegante.

— O que quer dizer? Não me diga que esqueceu seu aniversário?

— *Não, é só que a correria é tão grande que...*

— O que está havendo, Lila? — eu a interrompo, sentindo toda a tensão voltar ao meu corpo com força total. A impressão de que tem coisas acontecendo, que me foram omitidas, ganha proporções ainda maiores. Dalila está me escondendo um segredo, e sei pelo seu timbre, pela forma como ela respira ao telefone. Inclino-me na banheira, atento a sua fala.

— *Nada, Marcos. É a faculdade, eu já disse: as aulas que eu preciso prestar atenção, os textos que tenho que ler, e ainda surgiu a oportunidade de um estágio também, em uma editora aqui de Bauru. Mesmo sendo de meio período, não sei se posso abraçar tudo isso, Marcos, é só que...*

Ouçõ um barulho de carrinho deslizando e Dalila para de falar comigo, dirigindo-se a outra pessoa: *“Obrigada, pode deixar aí no canto. Betânia, o café está aqui. Ei... espere... (pausa)... obrigada. Sim, pode colocar na conta do hotel”*.

Espera. Hotel?

— Dalila, onde você está? — grito, esmurrando a banheira com força, a água cheia de espuma molha todo o piso do banheiro.

A linha fica muda antes que ela comece a gaguejar monossílabos.

— Mas que droga, Dalila, o que pensa que está fazendo? Você está em um hotel? Com as crianças e sua amiga colorida? Fazendo o quê, pelo amor de Deus! — continuo a gritar, saindo da banheira com raiva, os passos firmes no piso molhado me fazendo escorregar.

Ela não me responde, e continuo fazendo mil perguntas, atropelando as frases, sentenças desconexas jorrando de minha boca, minha mente um turbilhão. Enrolo-me na toalha felpuda e volto para o quarto, tentando pensar, enquanto consigo ouvir apenas a respiração de minha esposa, descompassada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lila... — tento mais uma vez, com mais calma. — Desculpe, amor, mas o que está havendo?

Sua última frase é tão assustadora quanto reveladora. Mesmo hesitante, ouço sua voz tão baixa que é quase um sussurro:

— *Eu vim buscar respostas.*

E então a linha fica muda de vez.

PERIGOSAS ACHERON



*“Não sou esta pessoa. Mesmo que todos queiram
que seja. Nada do que vi é suficiente, porque é
como se ainda fosse outra...”*

(Quando o amor não é o bastante)

— Quantas Nicoles há nessa cidade, Dalila? —
Betânia me pergunta do outro lado do quarto de
hotel, a testa franzida formando vincos em seu
rosto imaculado.

Ergo o olhar para o teto do quarto, pensativa.

— Como vou saber?

— Não sei, mas precisamos restringir ao máximo nossa busca. Não temos tempo nem disposição para sair por aí, a esmo, procurando essa mulher. Você precisa pensar, mulher. Ou então essa viagem foi em vão — ela exige, e se volta para Aurora, que brinca com um mordedor escorada em almofadas na cama.

Penso por um momento, tão perdida quanto sempre estive. Essa lacuna na história do meu passado me persegue, atormentando-me como nunca. Agora está pior, pois não consigo fazer meu cérebro relaxar. Toda vez que penso em Marcos, seu abandono enche minha mente de imagens que não foram convidadas, e sou obrigada a me render ao pânico diante desse vazio. Vivi muito tempo no escuro: não posso mais aceitar essa mentira que permeia meu relacionamento com meu marido. Se ele não vai me dizer a verdade, então eu preciso

buscá-la. Termino de trocar Ângelo e o coloco ao lado da irmã, que resmunga e tenta pegar as mãozinhas pequenas do irmão.

— Tudo bem, Betânia, vamos ao trabalho. O que mais você encontrou? Não sei se o Facebook é um bom lugar para procurar pessoas — declaro, deitando ao seu lado na cama, olhando para a tela de seu celular, que mostra uma variedade imensa do nome Nicole: com I no final, com Y, com E, com dois C, dois L, e por aí vai. Detenho-me em uma mulher baixinha de cabelo grisalho, cujo perfil não diz muito sobre ela, apenas que mora em Presidente Prudente.

— E esta? — Aponto para o celular, com um fio de esperança.

Minha amiga me olha incrédula, meneando a cabeça e fazendo seus fios coloridos balançarem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esta mulher provavelmente fundou a cidade de Presidente Prudente, Dalila, no século retrasado. Se tiver interesse em perguntar a ela sobre o desbravamento daqui, então está no caminho certo — ela responde de cara feia, e caímos na gargalhada juntas, pois é óbvio que estou mesmo ficando maluca.

— Ok, próxima.

Ela desliza a tela devagar, atenta. As variações de Nicole não parecem ter um final, apenas um começo. Minha amiga se detém em uma Nicolly, 15 anos, os cabelos para cima em uma foto engraçada.

— Esta? — Betânia me pergunta, mordendo o lábio.

Dou de ombros.

— Só se ela for minha filha perdida do passado — retruco.

— Certo, próxima.

PERIGOSAS ACHERON

Mais perfis vão surgindo na tela, infinitas Nicoles, uma variação incontável de nomes. Fecho os olhos, cansada dessa busca. Estamos aqui há dias, perdendo aulas na faculdade, gastando um dinheiro que eu não tenho, enganando Marcos cada vez que ele liga, e até agora nada. Nada.

Suspiro, soltando meus cabelos vermelhos do elástico.

— Minha falta de memória sempre vai ser um problema, Betânia, não tem jeito.

— Nada disso. Dalila, ouça: a culpa não é sua, tudo bem? Só precisamos diminuir nosso leque de buscas. Dolores era sua amiga, e disse esse nome. Mesmo que ela não estivesse muito certa do juízo, ficou claro para mim que essa Nicole estava ligada, de alguma forma, a vocês duas. Vamos pensar mais. Olha — Ela se vira de costas na cama, jogando o celular na colcha lilás. — Nicole e você tinham alguma ligação, então precisamos encontrar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que tipo de ligação era essa: uma amiga de serviço, da faculdade, de bairro, uma colega de ginástica, sei lá. — Sua voz sai mais baixa, compenetrada.

Deito-me de costas também, tentando acompanhar seu raciocínio. Estou exausta, prestes a desistir. Talvez, no fundo, seja melhor eu não saber a verdade. Se nem mesmo Marcos quer revelar esse passado para mim, ele deve ter seus motivos. Penteio meus cabelos com os dedos, ajeitando os fios frisados.

— Deveríamos voltar para casa, Betânia. É sério. As crianças estão inquietas aqui, e minha mãe me ligou dizendo que vai me visitar em Bauru, então...

— É isso! — Betânia solta um grito, levantando-se.

Olho para ela assustada, e Ângelo começa a chorar, mais assustado ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que ótimo! — bufo, indo até ele e o pegando no colo.

— Desculpe, mas eu tive uma ideia.

— Qual?

— Sua mãe poderia nos ajudar, Dalila. Ela sabe mais que você mesma, isso não se pode negar.

Nego com a cabeça, chacoalhando meu filho nos braços, que berra sem parar.

— Não, Betânia, minha mãe não sabe nada de Sandro, eu já perguntei...

— Não de Sandro, mas talvez ela tenha conhecido essa Nicole, Dalila, pense comigo. — Ela vem até mim e segura meus ombros, os olhos castanhos fixos nos meus. — Vamos supor que essa Nicole tenha sido uma amiga da faculdade, ou mesmo de trabalho... você não era professora antes do acidente?

Assinto, porque já tivemos essa discussão, e não nos levou a nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, vocês poderiam trabalhar juntas, ter algum contato. Ligue para sua mãe e pergunte.

Suspiro, hesitante.

— Já falamos disso, Betânia. Eu sei que fui professora e tudo o mais, mas seria como procurar uma agulha em um palheiro, porque não me lembro dessa fase da minha vida. Nem sei em que escola eu lecionava, se quer saber. Além do mais — insisto, tentando fazê-la mudar de ideia —, está tarde para ligar, ela já deve estar dormindo.

— Dalila, você não veio até aqui por nada. Vamos, ligue já para ela.

— Está bem — concordo, de má vontade.

Acertei em cheio com minha dedução: a voz de minha mãe é sonolenta quando atende depois de várias tentativas. Ela parece grogue de sono, e me pergunta se está tudo bem. Eu apenas pergunto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre a escola onde eu dava aulas, antes que ela emende frases preocupadas, e me faça perder o foco.

— Hades — revelo assim que desligo o telefone, os olhos vidrados em direção à minha amiga, mais confusa ainda.

Esse nome não me diz nada, e dou de ombros.

— Hades — Betânia repete, pegando seu celular e recomeçando sua busca. — Hades não significa “inferno”?

Fico séria, pensativa.

— Era só o que me faltava: eu trabalhava literalmente no inferno — ironizo, olhando as crianças. — Não é à toa que minha vida virou essa odisseia horrorosa e triste.

— Não comece, Dalila, porque o começo pode ser horrível, mas acredito em finais felizes, minha amiga, e o seu está sorrindo para você de algum lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um abraço apertado nela, com ternura. Betânia está me salvando de mim mesma.

— Obrigada — digo apenas, apontando para seu celular.

O único site que conseguimos entrar traz publicações muito antigas, de dois anos atrás. É, definitivamente, um site de uma escola particular, localizada na cidade de Presidente Prudente, porém não há muito o que ver, já que as publicações não são atuais. Minha amiga entra na página de fotos, e vai passando várias.

— O que acha que está fazendo? — questiono, curiosa.

— Bem, sempre há fotos nesses sites; fotos dos alunos com professores, aulas práticas e todas essas bobearias. Vamos ver se encontramos algo mais específico.

Concordo, olhando para a tela.

PERIGOSAS ACHERON

Há muitas fotos, todas mostrando alunos com uniformes, a escola sempre como pano de fundo: piqueniques, palestras.

— Ei! — grito, quando ela desliza rápido sobre uma foto onde vejo Dolores, a cara fechada, o nariz empinado. — É Dolores — esclareço, sem necessidade.

Betânia conhece minha antiga amiga pelas fotos que mostrei, de nossa juventude.

— É ela mesma. Mas e daí?

— Procura mais, vai que eu apareço em alguma.

— Ok.

Ela vai passando, e mais fotos vão surgindo em minha visão. Faço com que ela pare em uma onde me vejo claramente, os cabelos vermelhos presos e um sobretudo azul chique e respingado de água. Ao meu lado, duas mulheres sorriem para a foto, a fonte mais antiga ainda, mostrando uma data de remotos quatro anos passados. Uma delas é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dolores, um sorriso falso no rosto, e a outra não é ninguém que eu conheça. Embaixo, a legenda diz que as professoras Dolores Rodrigues, Dalila Barreto e Nicole Oliveira participaram de um acampamento com os alunos do terceiro ano do ensino médio.

— Nicole — Betânia e eu dissemos em uníssono.

Encaro minha amiga, soltando a respiração.

— Acho que encontramos — ela diz, confiante.

Nego com a cabeça, firme.

— Sim e não. Ela está aí, mas e daí? Esse site é antigo, e não temos um endereço, Betânia.

Ela concorda, ficando triste.

— Bem, não vamos desistir. Agora temos um nome e um sobrenome. Vamos partir disso — ela sugere, entrando no Facebook mais uma vez e digitando os dados de Nicole.

PERIGOSAS ACHERON

Deixo que ela continue, pois sei que estamos em um caminho improvável. Não sei de onde tirei que poderia encontrar respostas: agora, só quero voltar para Bauru e esquecer essa maluquice. Saio da cama, ignorando a expressão azeda dela, e levo os gêmeos para um passeio no corredor do hotel, já que ambos estão começando a ficar inquietos.

Quando volto, quase uma hora depois, com meus filhos dormindo preguiçosamente no carrinho, Betânia está vibrando de alegria, chacoalhando o telefone na minha frente.

— O que foi, sua doida?

— Capaz que eu ia deixar você desistir — ela esmurra o ar, confiante.

— O que quer dizer?

— Eu encontrei uma Nicole Oliveira, que vende geladinho, e mora em Presidente Prudente — ela esclarece, e joga o celular para mim.

Pego o aparelho no ar, rápida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que esse geladinho tem a ver comigo? —
retruco, nervosa.

Betânia abre um sorriso malicioso, que parece esconder todas as respostas, e joga minha bolsa no ar, onde eu a pego, irritada.

— Vamos descobrir agora, Dalila, porque nós temos um nome, uma foto e um endereço.



O prédio de tijolos amarelos está envelhecido pelo tempo. As janelas de vidro escuro estão quebradas. Na portaria, o zelador anuncia nossos nomes e subimos os quatro lances de escadas, já que o elevador não funciona. Aurora resmunga, batendo as mãos no ar, e Ângelo olha tudo com curiosidade. Eles foram acordados de um sono profundo, e agora terei que lidar com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta com o número 44 fica à esquerda, e é minha amiga quem bate, decidida. A mulher que abre a porta parece assustada, os cabelos compridos desgrehados e sujos, o rosto sonolento, até que ela levanta os olhos, e sua expressão confusa se ilumina em reconhecimento: Nicole abre um sorriso triste, a voz rouca e baixa quando pronuncia meu nome.

— Dalila.

Endireito meu corpo, sabendo que ela tem todas as respostas para a parte do meu passado que Marcos insiste em me negar. Estou muito perto da verdade, e minhas pernas fraquejam. Agora que estou aqui, a coragem parece fugir de mim, lenta e sorratamente. Eu tenho a escolha de escapar por onde vim, e me refugiar na minha falta de memória, ou entrar e descobrir o porquê de meu relacionamento com meu marido ter degradingolado.

Escolho a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicole não tem muito mais que um metro e sessenta de altura, ou é a impressão que passa, já que seu corpo está encolhido. Seus cabelos são de um tom escuro artificial, curtos nas laterais, compridos atrás, e espetados, como se ela os tivesse cortado em casa mesmo, alheia ao seu visual; os olhos estão vidrados e ela cheira alguma coisa em um pacotinho de plástico, uma criança a tiracolo.

— Oi — ela fala baixinho, soando amedrontada para minha amiga.

Betânia anda um passo, tentando fazer contato.

— Olá, você é a Nicole Oliveira?

A mulher drogada se encolhe ainda mais, apavorada.

— Você é da polícia? Ou quer apenas comprar geladinho?

— Nenhuma das duas coisas. Só queremos conversar.

PERIGOSAS ACHERON

Nicole não quer companhia. Ela ignora a criança que puxa sua saia para baixo, irritada pela intromissão.

— Vai embora! — ela vocifera, e está prestes a fechar a porta quando seus olhos vermelhos encontram os meus, reconhecendo-me de novo.

— Dalila — ela sussurra pela segunda vez, confirmando minhas suspeitas, e vem até mim com os passos trôpegos. — Dalila, é você mesma?

Sou abraçada por ela e um cheiro forte de urina e álcool enche minhas narinas.

Betânia me olha de esguelha, torcendo o nariz ante a visão daquela mulher imunda e drogada me reconhecendo. Fecho os olhos e aguardo enquanto Nicole balbucia palavras enroladas, a criança ainda em seu encalço, pedindo comida. Aurora se remexe em meu colo, claramente desconfortável com o contato físico da desconhecida, e eu me afasto, timidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fito a mulher jovem com uma aparência tão abatida, a boca enrugada, as têmporas caídas com grandes pés de galinha encrustados em seu rosto sujo, o olhar esperançoso dirigido a mim. Constrangida, pigarreio:

— Olá.

— Dalila, é você, né? Puxa, eu tenho tido algumas visões, mas tenho certeza de que é você — Nicole balbucia, ainda me encarando, e então seu olhar vidrado e vermelho se dirige a Aurora, inquieta em meus braços. — Você também tem uma filha? — Ela aponta, os dedos tão sujos quanto o resto, trêmulos e com unhas tortas.

Afasto-me impulsivamente, com medo de que ela toque em minha filha.

— Sim, sim.

Ela então se volta para Betânia e Ângelo, e algo brilha em seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Você tem dois filhos — ela fala para ninguém em particular, e seus olhos se enchem de lágrimas. — Quem diria.

Minha amiga está impaciente, e parece querer respostas, muito mais do que eu mesma.

— Então, Nicole. Será que podemos conversar?
A mulher maltrapilha pisca, confusa.

— Não consegui comprar a essência de baunilha hoje, por isso só tenho geladinho de morango — ela explica, apontando para uma geladeira velha no canto da sala. — Mas podem entrar.

O apartamento parece um chiqueiro, e o cheiro de azedo misturado a fezes de animais enche o ambiente. Não faço ideia de como essa mulher destruída na minha frente fez parte da minha vida em algum momento. Pior: como ela consegue vender geladinho em meio a toda essa sujeira. Betânia e eu permanecemos em pé, incomodadas demais. Confesso que não seria corajosa o bastante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para tomar nem um copo de água aqui, muito menos me sentar. Tento distrair minha filha no colo, mas ela se remexe, dá gritinhos, chamando a atenção de Nicole, que empurra a criança para longe, que choraminga e sai da sala.

— O que você quer aqui, Dalila? Eu não sei se posso te oferecer alguma coisa — Nicole cantarola a frase, seu corpo um farrapo humano. Ela se senta no sofá rasgado, dobrando os joelhos e me encarando. — Nem acredito que estou mesmo te vendo, sabe? Faz tanto tempo...

— Nicole, eu... — começo a falar, mas Betânia ergue as mãos, calando-me.

— Nicole, a Dalila está um pouco confusa com os acontecimentos da vida passada dela. Ela sofreu um acidente e algumas coisas foram apagadas, por isso viemos aqui.

Suspiro, impaciente.

PERIGOSAS ACHERON

Nicole olha de mim para Betânia, perdida. Ela balança a cabeça rala, e se encolhe mais ainda no sofá.

— O que você quer saber, então? Olha, se quer dinheiro, eu não tenho, viu? Pode, se quiser, me ajudar e levar alguns geladinhos. Estou quase sendo despejada da minha casa, e não tenho grana nem para alimentar meus filhos. Não acho que...

— Eu não quero dinheiro, Nicole. — Aproximo-me dela com cuidado, ao que ela se encolhe ainda mais. Com dificuldade e segurando minha filha com firmeza, agacho-me na sua frente, tremendo. Estou muito perto de saber toda a verdade, e não sei se realmente sairei daqui feliz ou arrasada. — Olhe, apenas me conte a verdade. O que você sabe sobre mim? Como nos conhecemos? E por que a Dolores disse seu nome quando eu fui atrás de respostas? — questiono, firme.

Ela ergue os olhos para mim, e assente. Betânia se aproxima, pressentindo algo. Ela se ajoelha ao meu lado, em expectativa, e quando Nicole começa a falar, ouço tudo com atenção. O momento da verdade parece, enfim, ter chegado.



“Nos filmes de terror, eu sempre sou aquela que morre escondida em algum beco, com medo de fugir.”

(Ainda não acabou)

— Eu era uma prostituta — repito a frase pela centésima vez desde o instante em que toda a verdade sobre o meu passado veio à tona, enquanto Nicole narrava minha vida pregressa desde o momento em que comecei a me prostituir, passando pelos meus “clientes”, como eu era requisitada no PERIGOSAS ACHERON

prostíbulo, e como ganhei tanto dinheiro naquela época, além de incluir Sandro como um dos clientes fixos. *Sandro*. Agora todas as peças se encaixavam com perfeição. Eu fazia programas para ganhar dinheiro, e Marcos descobriu tudo.

Clara me olha com compaixão, os olhos cheios de lágrimas, enquanto eu ainda não consigo processar totalmente a história. Deito na cama espaçosa do quarto de hóspedes na casa de minha cunhada, enquanto Betânia cuida dos gêmeos no andar de baixo.

— Acho que agora fica mais compreensível você entender porque meu irmão fez tudo o que fez, Dalila. — Ela aperta minhas mãos com carinho, com um sorriso triste em seus lábios levemente enrugados. — Não estou defendendo nada do que ele fez: nem da primeira e nem da segunda vez em que deu no pé, apenas quero que não o julgue tanto.

Suspiro, cansada demais, enquanto minha mente dá voltas rememorando todo o discurso narrado pela boca de Nicole. É difícil acreditar em tudo isso, mas agora as peças começam a se encaixar no lugar, e tudo que estava perdido molda meu passado, uma vida da qual não me recordo. Passei anos no escuro, julgando e condenando Marcos pela forma como me abandonou duas vezes, nos momentos em que eu mais precisava. No entanto, como ele conseguiu passar por cima do meu passado, da minha traição e me perdoar a ponto de me querer de volta em sua vida? Meneio a cabeça, incapaz de articular um pensamento coerente.

— Marcos... — sussurro em meio às lágrimas que rolam em minha face pela primeira vez, desde que deixei o apartamento de Nicole.

Escondo meu rosto molhado nas mãos, aturdida. Meu coração está acelerado e meu corpo todo treme em pequenos espasmos. Sinto os braços de

PERIGOSAS ACHERON

Clara me envolverem em um abraço apertado, e me deixo ser abraçada, os soluços escapando do mais íntimo do meu ser. Eu, Dalila Barreto, traí meu marido. Eu, Dalila Barreto, tive a coragem e o despeito de dormir com outros homens enquanto meu marido fazia sabe-se lá o quê. Como pude me rebaixar a tanto?

— Dalila... — A voz de minha cunhada é baixa, mas firme, como se soasse um alerta ao fundo de minha mente. — Todo relacionamento tem seus altos e baixos, e isso não foi diferente com você e o Marcos. Ambos viveram momentos muito felizes, porém as horas difíceis também fizeram parte da história de amor dos dois. Meu irmão agiu pelo coração, o que foi uma droga para o casamento de vocês. Ele queria sair da empresa da família, e surtou como um louco abrindo mil e um restaurantes sem te consultar. Claro que tudo isso ia se refletir na vida conjugal dos dois. — Ela faz uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa, e me deito em seu colo, os olhos tão fechados quanto é possível. Suas mãos acariciam meus cabelos bagunçados e úmidos pelas lágrimas, e me ajeito em seu colo, o vestido amassado sobre a cama. Sou apenas um corpo derrotado, quase inerte, sofrendo por algo do passado.

As mãos de Clara sobem e descem pelos meus ombros, em uma tentativa de me acalmar. Ela sussurra palavras reconfortantes, e absorvo sua fala monótona e pacífica. Marcos e eu erramos muito no passado, mas o mais doloroso em tudo isso é não poder me lembrar, não ter nenhum resquício de lembrança do que vivemos, de bom ou de ruim.

Viro-me e apoio minha cabeça nas pernas grossas de minha cunhada, o tecido de sua calça jeans machucando minha nuca. Encaro seu rosto envelhecido, seu sorriso doce e quase maternal.

PERIGOSAS ACHERON

— Se eu ao menos pudesse me lembrar, Clara, eu só queria me lembrar, entende? A pior sensação que tenho, todos os dias, é de não me lembrar, minha memória foi estragada pela droga do acidente...

— Ei, calma! Não diga isso. O acidente foi uma fatalidade, ninguém esperava por isso. Mas o fato de estar viva é um bom motivo para comemorar, Dalila. Você ficou entre a vida e a morte, por isso apenas agradeça. Sinto muito que não se lembre, mas não se culpe por isso — sua recriação é nítida, e eu concordo, olhando para o teto de gesso.

— Eu sei.

— Marcos está voltando de Singapura — ela solta, e eu volto a chorar, sem saber ao certo se terei coragem de encarar meu marido.



Dirijo com dificuldade pelas ruas de Presidente Prudente; a noite roubou toda a glória das descobertas do dia tempestuoso que tive. Meu corpo ainda treme pelo choro incontrolável, as palmas de minhas mãos estão suadas, grudadas ao volante bege do carro, meus pés descalços batucam os pedais do veículo, enquanto sinto o sal de minhas lágrimas molhando meu rosto e escorrendo traiçoeiramente pelo meu casaco de veludo marrom. Não faço menção de enxugar meu pranto, minha imagem maculada esquecida há muito desde que eu soube, pelos lábios daquela mulher estranha e quase assustadora, que fui uma puta, uma mulher da vida, que saía com outros homens por dinheiro. A dor é tão grande que atravessa meu peito e sinto meu coração tão acelerado quanto uma batida de tambor em uma festa agitada. Eu mereço cada uma delas. Cada resquício de minha dignidade como esposa expelida de mim, formando vapores sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça, transbordando de dentro para fora, levando minha alma pura para longe, deixando rastros de um passado imundo que um dia eu tive. Eu, Dalila Barreto, sou uma pessoa horrível, uma mulher da pior espécie, e que tipo de exemplo darei aos meus filhos, pobres criaturas inocentes?

Paro em um sinal vermelho, uma freada brusca me joga para frente de modo inesperado: pelo retrovisor, vejo que o responsável pelo meu susto é o carro preto atrás de mim. O motorista colado à traseira do meu carro não parece incomodado com minha expressão furiosa e, ainda que esteja avoada com tudo, tenho a nítida impressão de que estou sendo seguida por este veículo desde que deixei a casa de minha cunhada, há algum tempo. Dane-se! O carro e esse motorista são meus menores problemas agora. Tudo o que quero é me desfazer em mil pedaços, sentir os cacos sendo destroçados

PERIGOSAS ACHERON

em cada fibra incorporada ao meu corpo, um desfecho necessário para alguém que traiu o próprio marido.

Sigo chorando pelas ruas, desolada. As crianças ficaram com Betânia e Clara, e sei que estarão bem cuidadas. O leite em pó será um bom substituto enquanto eu penso em quando poderei voltar. Marcos está voltando do Oriente, e, a não ser que eu me transforme em uma outra pessoa, essa Dalila de agora não tem condições de encará-lo. Fungo, tremendo dos pés à cabeça, e giro o volante para a esquerda, ainda confusa. Por ora, não consigo me manter perto dos gêmeos e do pai deles. Não quando cada um deles me lembra da pureza da vida, da inocência perdida por mim, uma prostituta.

Uma prostituta.

Estaciono em um meio-fio e cerro meus olhos com intensidade, as lágrimas cada vez mais constantes, molhando o carro impecável e caro de

PERIGOSAS ACHERON

meu marido. Encosto a cabeça ao volante molhado, ouvindo meus grunhidos de desespero e de dor. Meu corpo está exausto e minha mente mal consegue processar as últimas informações. Não sei quanto tempo fico ali, a alma sendo lavada pelo choro. O relógio no painel grande do carro marca duas horas da madrugada. Desnorteada, ligo para Sandra. Minha amiga não atende, então ligo para Rebeca, que me atende com sua típica voz alegre.

— Rebeca, preciso de você — choramingo, e não ousa dizer mais nada, pois o nó que se forma em minha garganta aquietou minhas cordas vocais.



O apartamento de Rebeca está do mesmo jeito que me lembrava. A área tranquila e cheia de casas pequenas e geminadas no Bosque dão um ar de família às ruas, que estão quase vazias a esta hora, com exceção de alguns adolescentes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversam do lado de fora de suas casas. O prédio de fachada amarela e lilás destoa das casas azuis e com janelas brancas, e tento soar normal quando peço ao segurança para anunciar meu nome. Minha amiga me recebe com um abraço apertado e um sorriso terno em seus lábios escuros, os bobes no cabelo e o roupão cor de cereja mostrando que ela não esperava nenhuma visita. Seu rosto está levemente corado, e seus olhos assentem quando me sento no sofá e descarrego mais uma porção de lágrimas.

Rebeca vem até mim e se senta ao meu lado, abraçando-me mais uma vez, em silêncio. Deito a cabeça em seus ombros macios e deixo que os soluços tomem conta do lugar, cada gemido meu preenche o ambiente quieto. Quando sinto que consigo pronunciar alguma sílaba, encaro Rebeca, que sorri, confusa.

PERIGOSAS ACHERON

— Dalila — ela sussurra, e eu me curvo, com os olhos fixos em seu sofá de couro branco. — O que houve? — ela insiste, e eu levanto meus olhos embaçados pelas lágrimas, tentando olhar seu rosto redondo.

— Eu... — gaguejo, tentando articular frases coerentes. — Eu... eu... eu era uma... — minha voz treme e, sem pausar nenhuma vírgula sequer, descarrego tudo em cima dela, cada descoberta, os dias que passei na cidade tornando-se ainda mais reais à medida que narro a história maluca de minha vida.

Durante horas, falo e falo, Rebeca apenas me olha, curiosa. Conto de minha vida em Bauru, conto do sumiço de Marcos quando descobri a gravidez, conto de minha vida ultrajante com Sandro, quando ele me batia e dizia coisas absurdas, conto do retorno de Marcos e da dúvida dele com relação à paternidade. Elucido cada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palavra, ilustro minhas frases com gestos frenéticos, e minha amiga apenas escuta, em expectativa. Quando encerro minha história patética e trágica, ela está com lágrimas nos olhos, o rosto corado e a voz falha.

— Dalila, eu sinto muito — ela diz, passando os dedos pelo meu rosto molhado, tentando me confortar.

— Rebeca, como eu fui me submeter a isso? No que eu estava pensando quando procurei esta saída suja e dolorosa para o Marcos? Depois do acidente, eu passei anos culpando meu marido, odiando tudo o que ele havia feito a mim. Quando ele apareceu em Bauru, atrás de mim, eu estava com o Sandro, aquele maluco, e não conseguia entender o porquê do Marcos não acreditar nas minhas palavras, em não aceitar a gravidez. Eu fiquei doida com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gravidez, mas nunca esperava que ele fosse sumir, entende? — suspiro, levantando-me agitada, andando pelo espaço pequeno da sala.

Passo as mãos em meus cabelos, cheios de nós pelo choro, pelo dia de merda que tive.

— Como vou encará-lo agora, depois de ter descoberto tudo? Como, Rebeca? Eu era uma prostituta, que levava dinheiro para casa deitando-me com outros homens! — grito, e minha amiga me olha com os olhos arregalados.

— Dalila, acalme-se...

— Não! — esbravejo, e caio no chão da sala, as mãos nos joelhos. Meu coração está martelando, enquanto ondas de pavor balançam meu corpo curvado.

Rebeca vem até mim, toda atrapalhada, e me abraça de novo, mais confusa ainda.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu traí meu marido, Rebeca — balbucio em seus braços, e ela me afaga com carinho, como uma boa amiga.

— Shhh... você está muito agitada, Dalila, precisa se acalmar, tudo bem? Vou fazer um chá para nós...

— Eu não quero chá, Rebeca — sussurro, minha voz sendo abafada por seu corpo grande. — Eu quero que tudo isso acabe, que este pesadelo em que minha vida se transformou se acabe para sempre.

— Eu sei, mas as coisas não são assim, querida. Seu passado faz parte de quem você é, de quem você se tornou hoje, de quem você deixou de ser. Dalila... — Rebeca puxa meu queixo em sua direção e sorri, compreensiva — Por mais doloroso que possa ser nosso passado; por mais suja a memória que temos de nós mesmos, nada é mais importante do que começar de novo. E você, minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amiga, teve essa chance. Marcos te amou tanto a ponto de perdoar cada erro seu, cada pisada na bola, cada lembrança que ele tenha do que você fez a ele e ao relacionamento de vocês. Apesar de tudo, seu marido te ama acima de suas imperfeições, acima do seu passado sujo e de suas decisões erradas.

Olho para seu rosto, agora mais calma. Suspiro e relaxo meus ombros, e Rebeca continua:

— Dalila, você teve uma oportunidade que poucos tiveram na vida, que é começar tudo de novo, do zero. Você acordou em um hospital com parte de sua vida esquecida, aquela parte em que fez tudo errado. Ainda assim, contra tudo, Marcos te quis mais uma vez, porque te ama, e te aceita, mesmo que tenha mil erros.

— Não, eu não posso continuar com ele, Rebeca.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que não? Se ele, o mais ferido nessa história, ainda te quer, ainda te deseja, quem é você para negar esse amor, Dalila? Você não percebe, minha amiga, que é muito mais que amor, que perdão? A atitude de seu marido só revela o quanto ele honrou o compromisso que fez com você, no altar: “Na saúde, na doença, na alegria, na tristeza...”.

— Na traição... — zombo de suas palavras, inconformada. Rebeca não deve estar falando coisa com coisa.

— Dalila, pare já! Você não se lembra de nada disso, não se recorda dos seus erros. Escute. — Ela me encara profundamente, os bobes do cabelo caindo por cima de seu rosto sério. — A gente não pode simplesmente desistir do que amamos no primeiro ou terceiro obstáculo, nem na primeira dificuldade que aparece. Durante muito tempo, eu me recordo de ouvir suas lamúrias sobre seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, o abandono dele quando você mais precisava, a falta que você sentia de saber mais sobre a sua história, sobre o porquê de tantas lacunas. Eu consigo me lembrar da primeira vez que nos falamos, Dalila, e de como você contou sua vida para mim. Seu semblante estava triste e sombrio, e sim, você era uma mulher incompleta. Agora, porém, depois de tantas idas e vindas, depois do Marcos ter te abandonado de novo, retornado para sua vida...

Rebeca faz uma pausa, suspirando. Fecho os olhos, absorvendo sua sabedoria. Minha mãe costumava me dizer, quando eu era bem mais nova, sobre a importância de darmos ouvidos aos mais velhos. Além de mais experientes, eles já haviam trilhado os nossos caminhos e sabiam, melhor que ninguém, das feridas que estávamos sujeitos. Abro meus olhos devagar, fixando meu olhar em minha amiga, que continua me encarando, séria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dê uma outra chance a vocês, Dalila. Não é possível que não haja algo aí dentro de você tão forte e intenso que queira mesmo desistir. Marcos é o seu marido há tanto tempo, e agora, mais do que nunca, ambos precisam ficar juntos. Aquelas duas crianças, minha amiga, precisam dos pais juntos. Não desista de seu casamento só porque agora, depois de um tanto tempo, você descobriu a verdade.

Balanço a cabeça, negando.

— Rebeca, eu era uma...

— Puta, eu já sei — ela completa, fazendo uma careta de desdém.

Discordo de sua aceitação, e me levanto, irritada. Estou começando a ficar sufocada neste apartamento, meu coração bate tão acelerado que posso sentir as batidas retumbarem pelo meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei o que fazer, Rebeca — objeto, olhando pela janela. As luzes da cidade dão um tom alaranjado ao céu escuro. É madrugada e eu deveria voltar para a casa de Clara, mas sou incapaz de encarar minha cunhada e sua família agora. Sem falar nas crianças...

— Claro que você não sabe, porque não é a droga de uma heroína! — Rebeca grita, chamando minha atenção. Volto-me para seu rosto, assustada, e ela se levanta, vindo decidida em minha direção. — Não nascemos sabendo as coisas, Dalila, nem para o bem nem para o mal. Se tem algo que aprendi na vida é que cada dia é uma nova oportunidade, um novo recomeço, uma nova chance de melhorar o que não fiz de bom, de me desculpar, de me redimir, e seguir em frente. — Ela coloca as mãos grandes em volta de mim, fixando-me no lugar, enquanto meus pés tocam o tapete marrom. — A partir de agora, você tem a

PERIGOSAS ACHERON

oportunidade de fazer diferente, de pedir desculpas ao Marcos e a quem quer que saiba disso. E, mesmo que a culpa te acompanhe, com o tempo, minha amiga, ela dará lugar a confiança, ao amor que você sente por ele, e à melhor parte, aquela lacuna horrível que sempre te acompanhou acaba de ser fechada, lacrada para sempre. O que quer que estivesse escondido, em suspenso no ar, cada vez que você olhasse para seu marido, agora foi revelado, e nada é melhor para os começos do que a verdade, Dalila. A verdade é capaz de nos libertar, de nos fazer recomeçar a partir de um novo ponto de vista — afirma, confiante e com um sorriso bondoso no rosto.

Fungo, sentindo-me tão derrotada e exposta. Quando a minha vida começa a fazer sentido, surge alguma coisa e me vira do avesso de novo, testando meus limites e minha sanidade. Era muito mais fácil culpar meu marido pelo fracasso de nossa vida

PERIGOSAS ACHERON

juntos, pelo nosso distanciamento, pelo ódio que me obrigo a sentir por ele todos os dias. Entretanto, a culpada sou eu!

— Como vou olhar no rosto dele, Rebeca, e me permitir esquecer tudo isso? — pergunto rouca pelo choro agudo.

— Simples. Você já esqueceu, Dalila, quando perdeu a memória naquele acidente horrível. Infelizmente, foi uma grande tragédia na sua vida, e nem posso dizer que sei o que você está passando, mas... — Rebeca levanta um dedo no ar, apontando para mim — há males que vem para o bem. Saber que você fez o que fez é uma coisa; recordar, é outra. Se as lembranças não existem, então não há culpa, compreendeu?

Não digo nada, ponderando suas palavras. Algumas verdades são mais dolorosas do que outras; àquela sobre nós mesmos é uma dessas que podem arrasar nosso coração e ferir a nossa alma a

PERIGOSAS ACHERON

tal ponto que nada é suficiente para amenizar a dor que nos tira o ar. Eu queria a verdade, e eis que agora eu a tenho, inteira e para sempre.

— Dalila, você precisa entender que tudo vai se resolver; agora mais do que nunca, entendeu?

Assinto, sentindo meus ombros relaxarem de verdade pela primeira vez, desde que deixei a casa de Clara. Abraço minha amiga, ainda chorando, e ela me leva até o sofá. Não sei por quanto tempo ficamos ali, sua voz proferindo palavras de consolo. Já é tarde quando deixo seu apartamento, com a promessa de ligar para ela quando colocar a cabeça no lugar.

No carro, encosto minha cabeça no banco alto de couro e tento colocar a mente em ordem. Pego meu celular e vejo várias mensagens de Marcos, de horas atrás. Ele está voltando de Singapura, e as mensagens falam o quanto ele precisa me ver, ver as crianças, o quanto precisamos conversar. Deslizo

PERIGOSAS NACIONAIS

o dedo pelo aparelho e vou passando-as. Vejo que há duas chamadas de Clara, e uma mensagem perguntando onde estou. Ligo imediatamente, preocupada com Aurora e Ângelo.

— *Onde você está, Dalila? Eu estou quase saindo para te procurar pela cidade. Por favor, volte para casa* — ela insiste, mas eu peço desculpas e digo que vou passar na casa dos meus pais.

— As crianças estão bem? — pergunto, assustada que possa ter acontecido alguma coisa.

— *Sim, estão dormindo agora. Thomas ficou brincando com elas até pegarem no sono* — ela me informa, e eu agradeço sua ajuda e desligo.

Ligo para minha mãe, que atende com a voz sonolenta.

— Preciso te ver, mãe — choramingo antes que eu perca a coragem, e sigo o caminho que me leva ao meu antigo bairro.

PERIGOSAS ACHERON



O bairro está silencioso quando estaciono o carro grande na frente da casa dos meus pais, minha antiga casa, onde cresci e vivi a maior parte de minha vida, ao menos de minhas recordações. Desligo o automóvel e o veículo morre aos poucos, qualquer possível barulho foi substituído pelo silêncio sepulcral aqui dentro e lá fora. A luz da sala está acesa, mesmo sendo tão tarde, e consigo vislumbrar as cores da TV ligada, o volume baixo por conta do horário.

Desço e ando derrotada até o portão. Ele continua descascado pelo tempo, assim como meses atrás, quando passei o período da minha dieta aqui, com minha família. Abro-o, e ele faz um rangido de velho, e então a TV fica muda e vejo minha mãe surgir à porta, os cabelos ruivos com leves tons grisalhos soltos e amassados, uma camisola velha e surrada e pantufas no pé.

— Mãe — sussurro, e corro até ela, mais derrotada e cansada do que nunca.

Ela me abraça, confusa, e me leva para dentro, sem me soltar.

— Dalila, aconteceu alguma coisa? — ela me questiona, levando-me para dentro da sala.

— Muitas, mas só quero ficar assim, tá? — fungo em seus ombros curvados, pisando na cerâmica riscada pelo tempo.

— Ai, meu Deus! Aconteceu alguma coisa com as crianças? Aurora e Ângelo estão bem? — ela insiste, como se não tivesse me ouvido há pouco.

Balanço a cabeça, discordando em um gesto vago.

Lá dentro, a TV mostra a imagem de um programa de auditório, desses onde as pessoas vão para ganhar dinheiro respondendo a perguntas generalizadas. Não vejo meu pai, e o corredor pequeno que leva aos quartos está com a luz

PERIGOSAS NACIONAIS

apagada. Dobro meu corpo e me sento com dificuldade no sofá, sem conseguir soltar minha mãe, seu corpo pequeno e magro é como um escudo para mim.

De soslaio, vejo quando ela desliga a televisão com os dedos trêmulos, e se volta para mim, perdida.

— Não sabia que estava em Presidente Prudente. Não falou nada — ela me censura, porém seus braços enrugados me envolvem com uma ternura que vivenciei muito pouco durante minha juventude.

Viviane Barreto era uma mulher dócil e muito mais carinhosa com os filhos antes de meu irmão nascer; entretanto, ainda tenho bem vivo em minha memória seu estado lastimável e resignado depois que o caçula veio ao mundo. A rotina estabelecida

PERIGOSAS ACHERON

em nossa casa foi distante, nossa vida em família sofreu uma mudança radical, com Pedro no centro de cada decisão.

Solução com o corpo dolorido. Não sei se minha mente ainda tem condições de pensar em meu irmão a esta hora, na forma grosseira como sempre o tratei. Fecho os olhos e sinto as mãos tímidas de minha mãe tocarem meu rosto sujo e molhado pela maquiagem já borrada. Ela me puxa para si, e me deito no sofá, com ela enrolando de leve meus cabelos bagunçados.

— Não importa o que tenha acontecido, Dalila, sabe que tudo tem uma saída. A gente sempre acha que não vai sobreviver a uma tempestade, então precisamos passar por ela para ver o quanto somos fortes e sobreviventes. Lembra daquela passagem da Bíblia quando Jesus acalmou a tempestade mesmo eles estando em um barquinho? Então... acho que está faltando um pouco mais de fé na sua

PERIGOSAS NACIONAIS

vida, Dalila, porque tudo passa e volta ao lugar. — Sua voz está baixa e rouca. — Você é a prova viva disso. Passou por tanta coisa, né?

Meneio a cabeça, concordando com suas palavras. Não ousou abrir os olhos. Não quero ter que encarar minha mãe agora. Quero, bem no fundo, fingir que sempre fui uma boa menina e que nunca fiz nada de errado. Aperto minhas pálpebras com força em um gesto impaciente, e sinto o líquido salgado descendo e molhando as pernas dela.

— Eu sempre soube que você só queria ser feliz, filha. Nossa, você foi uma criança tão adorável, apesar de sempre ficar encantada demais com o dinheiro e com o luxo. Eu dizia ao seu pai que não gostava muito disso, mas ele brigava comigo, sempre do seu lado. Então, seu irmão nasceu e tudo mudou, né? A gente não podia te dar as coisas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dalila, não dava mesmo. Eu até tentei trabalhar, mas seu irmão precisava de mim, precisava do tratamento. O que eu poderia fazer?

Engulo em seco, absorvendo a verdade de cada palavra dela, a verdade daquela Dalila que fui, sempre ambiciosa.

— Eu fiquei feliz quando o Marcos apareceu na sua vida, entende? Que seu pai nunca ouça uma coisa dessas, mas eu sabia que ele poderia te dar tudo o que eu e seu pai não podíamos. E assim foi. Uma pena você não querer mais contato com a gente depois do casamento.

— Mãe... — tento melhorar minha imagem diante dela, porém ela se adianta, falando mais rápido, a voz embargada:

— Mas eu sabia que, quando você tivesse seus próprios filhos, teria uma visão diferente de tudo. Estou errada? — Ela ergue de leve meu queixo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trêmulo em sua direção, e me forço a abrir meus olhos, encontrando os dela, que brilham com as lágrimas que estão prestes a escorrer.

Fito seu rosto tão conhecido por mim. Eu poderia ter sido tão melhor do que fui. Minha família não merecia nada do que dizem que fiz. Torço o nariz, frustrada.

— Sim, mãe. Agora tudo é diferente. Sinto muito não ter visto isso antes — balbucio, verdadeiramente arrependida de ter sido uma mulher horrível como fui.

Minha mãe nega com a cabeça, e volta a tocar meu rosto com carinho, os dedos mornos e carinhosos.

— A gente só entende as decisões dos pais quando nos tornamos como eles. Não tem jeito, Dalila. É assim com todo mundo, o velho ciclo da vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu faria qualquer coisa por eles, qualquer coisa. Daria minha vida por eles sem pestanejar.

— Eu quis dar minha vida pelo seu irmão também, filha, mas... — Ela se cala, soluçando alto pela primeira vez desde que cheguei.

É a primeira vez que olho diferente para minha mãe. Levanto-me um pouco do sofá, abraçando-a com um carinho totalmente inesperado para nós duas. Ela se deita em meu ombro e chora baixinho, pronunciando sons incoerentes. Deixo de lado tudo o que estou sentindo e me permito sofrer pela minha família uma única vez. Eles sofreram tanto por tanto tempo, uma vida difícil e limitada, sempre faltando dinheiro ou roupas. Apesar de tudo, estou certa de que passariam por tudo novamente por Pedro. Penso nele enquanto enlaço o corpo de minha mãe: ele também queria viver, ele também tinha seus próprios sonhos, sonhos estes que eu, sua irmã mais velha, nunca me dignei a prestar atenção.

Meu irmão sofria por suas limitações, pelo excesso de cuidado e, ainda assim, não desistiu. A última lembrança que tenho dele me remete a um dia no parque do bairro. Estava tendo uma festa junina e minha mãe insistiu para que eu o levasse, pois ela estava cansada demais. Lembro-me de ver meu irmão sorrir de orelha a orelha, os olhos claros fixos na fogueira grande e soltando faíscas. Ele segurava minha mão com força, como se nunca mais fosse ver algo tão belo, o sorriso de criança tremeluzindo em seu rosto. Depois disso, não consigo me lembrar de mais nada em relação a ele ou a sua vida curta.

A compreensão de toda a farsa que foi minha vida me invade e deixo que a dor venha em ondas suaves, castigando ao mesmo tempo que me limpa dos meus pecados. Talvez Rebeca tenha toda a razão e o fato de eu não me lembrar dos meus pecados seja uma bênção, não uma maldição. Meus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos me levam à Nicole, perdida e drogada naquele apartamento fétido; penso em suas palavras, cada uma delas ainda reverberando dentro de mim: uma prostituta; penso em Dolores, tão desnorteada naquela prisão, tendo alucinações; penso em mim, em como eu fui escapar de um destino tão cruel. Sabe-se lá onde eu poderia estar agora, depois de tudo o que fiz em minha vida, depois de ter me deitado com outros homens, depois de ter idolatrado Sandro. Eu poderia ter morrido, me drogado, perdido muito mais do que já perdi.

Olho para minha mãe que está calada, encostada em mim. Minha família não merece saber o que fiz; seria demais. Não posso contar nada disso; já basta que Marcos saiba, que Clara saiba; já basta que eu tenha que conviver com a culpa e a vergonha pelos meus erros; erros estes inimagináveis, até então, por uma pessoa que passou a adolescência dando

PERIGOSAS ACHERON

beijinhos inocentes nos garotos. Ainda assim, como a gente segue em frente com esse passado pairando sobre nós? Até onde a verdade sobre nós é capaz de nos curar? Existe, de fato, uma cura quando descobrimos toda a verdade sobre o nosso passado, ou apenas o castigo?

Não sei, mas terei que descobrir.



Passo o resto da madrugada em meu antigo quarto, como nos velhos tempos. Apesar de toda a estranheza da situação, não me sinto forte o bastante para voltar e encarar a família de Marcos, Betânia ou os gêmeos. É a primeira vez que durmo longe deles, e não quero me sentir culpada por isso. Eu precisava de um colo também, precisava de um tempo só para mim, sem choro de crianças, nem fraldas ou leite.

Meu pai sorri para mim enquanto tomamos café, e tagarela sobre as novidades da cidade. Ele me conta que ele e minha mãe agora são os membros mais velhos do Clube da Terceira Idade, e que tem muitas tarefas que dependem deles. Sorrio quando ele diz que vai trocar o carro, pois um líder não pode andar com a lata velha guardada na garagem apertada da casa.

Minha mãe anda agitada pela cozinha pequena, cozinhando sem parar. Mais tarde, eles farão um passeio com o clube para Dracena, e passarão o dia fora, em um piquenique. Despeço-me deles com um abraço tão apertado que chega a estalar meus músculos. Chegou a hora de encarar a situação sem me esconder nos braços de ninguém.

Entro no carro e sigo direto para o condomínio de Clara, o coração aos pulos. O sol da manhã reflete no retrovisor do veículo, cegando-me momentaneamente. Estou nervosa, mas seriamente

PERIGOSAS ACHERON

decidida. Qualquer segredo que tenha permeado minha história com Marcos acaba aqui. Já chega de mentiras, traições não reveladas, verdades escondidas por baixo de um casamento cheio de segredos, meu passado atrapalhando nosso relacionamento. Vivi um inferno com Sandro justamente pela teimosia de Marcos em não revelar a minha história. A partir de agora, seremos verdadeiros um com o outro: mesmo que eu ainda não me sinta inteiramente pronta e corajosa o bastante para me entregar a um novo relacionamento, qualquer resquício de mentira deve desaparecer do nosso casamento. Eu não vou mais fugir: a ideia de ir embora, como pensei quando reatei com ele, não existe mais. Nós somos uma família, e ninguém vai mais tirar isso de mim.

Em um semáforo, o carro colado a minha traseira quase encosta no meu, em uma freada brusca cujo barulho assusta alguns motoristas. Eu,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em minha distração, não faço nenhum alarde. Só quero estar com meus filhos e meu marido, ainda que meu corpo esteja se desfazendo em pequenos tremores, com a ansiedade a mil. Dou uma rápida olhada no espelho retrovisor, e o motorista abaixa a cabeça, em um pedido de desculpas. Ele usa um boné e óculos de sol que escondem muito bem suas feições, por isso apenas assinto. Os motoristas nesta cidade parecem gostar de andar muito próximos aos outros, e anseio ainda mais por sair do trânsito e chegar à segurança da casa de Clara.

Um misto de alívio e nervosismo se apossa de mim quando passo pela guarita do condomínio dela, sabendo que a verdade entre mim e Marcos pode nos levar tanto ao perdão quanto à separação.

— Lá vamos nós!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Marcos

“Deveria ter sido sincero e aberto o jogo, contado a verdade sobre nossa separação, sobre o porquê de eu não ir atrás dela depois do acidente, mas simplesmente não consegui.”

(Ainda não acabou)

Foi a viagem mais angustiante e demorada que já fiz em anos. O voo atrasou mais de uma hora; depois, quando fomos levados para dentro do avião, um passageiro idoso começou a passar mal, então

PERIGOSAS NACIONAIS

fomos retirados da nave mais uma vez, esperando por socorro. O senhor foi encaminhado a um hospital, então, finalmente, a viagem começou.

Não liguei mais para Dalila desde que falei com Clara. O fato de ela estar em Prudente buscando respostas era tudo o que eu precisava saber para querer estar com ela o mais rápido possível. Clara foi muito vaga ao telefone, e não pressionei minha irmã. Ela parecia derrotada e ansiosa pelo meu retorno, e eis que estou de volta.

O táxi para em frente ao condomínio dela, e desço com minhas malas, dando uma gorjeta ao motorista, que sorri e sai de ré com o carro amarelo. Na guarita, o segurança anuncia minha entrada e me deixa passar, as rodinhas da mala fazendo um barulho estridente no chão de cascalho que leva até a mansão onde Clara mora com sua família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta da frente está entreaberta quando passo. Deixo as malas no hall de entrada, sondando o ambiente. A casa parece mais um mausoléu, toda fechada, as cortinas amarelas cerradas até o chão, e subo silenciosamente as escadas. Thomas está em seu quarto quando passo pelo corredor, brincando com os gêmeos. Aurora segue com os olhos verdes meu sobrinho, parecendo encantada por ter atenção; Ângelo balança as mãos no ar, resmungando.

Sinto meu coração apertar ao vê-los depois de tanto tempo, tempo demais em minha opinião. Cumprimento meu sobrinho, que se joga em meus braços, e me volto para as crianças: cada dia mais parecidas comigo.

Minha garganta aperta e eu tomo os dois nos braços, com cuidado redobrado. Ambos parecem mais fortes, crescidos, como se tivessem dobrado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de tamanho, os cabelos mais compridos e negros, espetados pelo vento do ventilador de teto, que chacoalha os fios como folhas no chão.

— Ei, vocês dois — sussurro, beijando a bochecha de cada um.

Eles têm cheiro de lar, de casa e de família; a visão dos dois me remete ao que mais amo em minha vida: Dalila.

— Onde está a mamãe de vocês? — pergunto baixinho, colocando-os no chão, encostados em almofadas grandes e macias, onde Thomas está sentado, brincando com um trator.

— Ela tá no quarto — meu sobrinho responde, distraído.

— Hum... e você foi designado para cuidar das crianças hoje? — brinco com ele, bagunçando seus cabelos compridos.

Thomas faz uma careta divertida para mim, levantando o rosto e me encarando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei o que é designado, tio.

— Muita gente não sabe. — Dou risada de sua expressão confusa. — Onde está sua mãe? Seu pai? O resto do pessoal?

Thomas dá de ombros, olhando os gêmeos de soslaio.

— Minha mãe *tava* com a tia Dalila, mas desceu para a cozinha pra fazer comida; meu pai tá no escritório com o vovô.

— Tudo bem. Vou procurar então. Você está bem cuidando deles?

— Sim, aquela moça de cabelo colorido vai sair com eles para um passeio, e disse que vinha logo pegar os dois. Eu só tô olhando eles até ela se arrumar.

— Betânia — corrijo.

— É, isso — ele diz, voltando-se para o trator.
— Eu já sou grande, sei olhar eles, tio.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que é, um moço já. Obrigado por cuidar deles, então. Eles são meus tesouros, e você é um bom menino por se dispor a ficar com eles — admito, agachando-me no chão e mexendo mais uma vez nos cabelos de meu sobrinho, que tira minha mão de sua cabeça, irritado.

— A tia Dalila fica falando isso também, coisa de tesouro.

— Está vendo? Sua tarefa é muito importante.

— É — ele concorda, muito mais interessado em seu trator do que em nossa conversa.

Olho ao redor uma última vez e saio do quarto, procurando pela única pessoa que quero ver neste momento.

O quarto de Clara está com a porta fechada; os dois outros quartos de hóspedes estão arrumados, com as portas semiabertas. Entro no primeiro e está tudo muito silencioso, apenas algumas bolsas de viagem sobre a cama. Ando até o outro, que fica na

extremidade do corredor. A porta entreaberta me deixa entrever a luz do sol, que banha parte da cama de dossel. Bato de leve, mas ninguém responde, então entro.

— Lila? — sussurro, fechando a porta atrás de mim.

Ouçó alguns barulhos dentro do banheiro, e paro, estático diante da porta. Sei que ela está ali dentro, não sei como, mas meu coração simplesmente sabe.

— Lila? — chamo de novo, cada vez mais baixo.

Ansiei tanto por vê-la, por estar com ela mais uma vez. Agora, porém, pareço um bobo, o medo do que vou encontrar em seus olhos quando a vir assomando meus sentidos. O que será que verei em seu olhar quando ela sair daquele banheiro? A verdade? Toda a verdade? A verdade sobre nossa vida juntos? A verdade que eu, insistentemente, me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forcei a esconder de Dalila, quando sabia que ela não merecia segredos? Uma verdade tão sombria que é capaz de nos levar ao fim de tudo isso?

Respiro fundo, forçando meu corpo e mente a se acalmarem. Dalila sabe de tudo, disso eu já sei, e qualquer tentativa minha de esconder a verdade não vai mais funcionar com ela. Nem eu quero. Sento-me na beirada da cama, e a colcha vermelha cede um pouco pelo meu peso. Passo as mãos pelos cabelos e prendo-os com um elástico que estava em meu pulso. Tiro a jaqueta de couro preta e abro minha camisa branca. Estou sufocado aqui dentro, o coração aos pulos. Não importa mais como tenhamos chegado até aqui, Dalila e eu precisamos um do outro e, mais do que tudo, precisamos da verdade. A verdade sobre nós, uma verdade inconveniente, opressora, assustadora, intrometida, capaz de nos unir ainda mais, ou nos levar ao fim de um casamento cheio de dilemas.

PERIGOSAS ACHERON

E então, a porta do banheiro se abre, e eu esqueço de respirar. A primeira visão que tenho é minha esposa enrolada em um roupão vermelho, os cabelos molhados pelo banho escorrendo em ondas úmidas pelos ombros dela; ela não me vê de imediato, continua distraída consigo mesma. Noto, entristecido, o quanto Dalila está mais magra e curvada, como se carregasse o peso do mundo nas costas. Descalça, ela caminha pelo quarto, em direção à janela, e então para de repente, como se sentisse minha presença.

Engulo em seco quando percebo que preciso dizer alguma coisa.

— Li-Lila — gaguejo, e minha voz sai baixa e assustadora, quase um ganido.

Seu corpo se vira lentamente para o som da minha voz, e quando nossos olhos se encontram, eu perco qualquer linha de raciocínio, pois estou totalmente focado nela e na visão mais linda, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enche meu coração de um amor incompreensível por mim mesmo. Tantos anos depois, tantos perrengues passados e ela consegue mexer comigo dessa forma.

Seus olhos verdes me encaram a distância, arregalados no começo. Segundos se passam até que a minha presença no quarto comece a fazer mais sentido, então Dalila estreita os olhos, tranquila, como se estivesse me esperando há dias. Abro um sorriso para ela, e faço menção de me levantar, mas ela se adianta, vindo até mim com passos decididos, os pés descalços soando secos no tapete do quarto.

As batidas do meu coração estão mais descompassadas a cada passo dela, e então Dalila se ajoelha diante de mim, a primeira lágrima escorrendo de sua pele imaculada, o verde de seu

PERIGOSAS ACHERON

olhar tão profundo quando possível. Ela coloca a mão sobre minha coxa e aperta de leve, fungando como uma criança culpada.

Não ousa me mexer, apenas absorvo a sensação de sua pele morna roçando a minha, o cheiro de amêndoas de seus fios molhados chegando até minhas narinas, sua presença se materializando à minha frente como um escudo protetor, minha salvação.

Dalila engole em seco, sem impedir as lágrimas.

— Eu sinto muito — ela sussurra por fim, curvando os lábios rosados em um sorriso doce. — Sinto muito por tudo, por mim e por você, sinto muito por nós, Marcos. — Ela faz uma pausa, sugando o ar dos pulmões com força, tentando respirar.

Meneio a cabeça discordando, porém ela levanta um dedo em riste, séria e decidida.

— Eu preciso falar, por favor.

Solto o ar aos poucos, e assinto, apertando de leve sua mão sobre a minha. Aguardo suas palavras, meu coração se acalma à medida que constato que todo o medo que tive durante a viagem foi em vão, porque nós vamos ficar bem, e então uma sensação descomunal de liberdade me invade. Liberdade porque todos os segredos foram revelados; liberdade porque minha esposa está aqui, comigo, mesmo que a verdade seja dolorosa demais para nós. Dalila e eu precisamos disso.

Minha esposa relaxa os ombros, aproximando-se mais da cama, ficando tão perto que consigo sentir o aroma mentolado de sua pasta de dente.

— É difícil pedir perdão quando minha memória é incapaz de recordar os erros que cometi — ela começa, com os olhos fixos nos meus. — Ainda assim, nada pode justificar o que eu fiz com você, no passado. O que eu fiz com nosso casamento, com nossa família, com nossa vida

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos, com o compromisso que firmei com você, diante de Deus e dos homens. — Seu corpo treme diante de suas palavras, e ela continua, acariciando de leve meu rosto levemente com barba: — Quando eu te conheci na livraria, aquela tarde mudou tudo para mim, Marcos. Eu andava perdida e confusa, uma vida de aparência onde nada fazia muito sentido, já que eu tinha um marido fantasma, alguém que me rejeitara no pior momento, quando eu mais precisava de um colo. Eu te culpei por muitos anos, mas o fato é que eu não sabia da verdade.

— Lila — interrompo-a, tentando evitar este confronto. Bem no meu íntimo, sinto que não estou pronto para falar tão abertamente de nosso passado, do que ela fez comigo... porém, Dalila tem outros planos. Só quero resolver tudo sem ter que cutucar esta ferida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei o que fiz, Marcos. Simplesmente sei porque vim atrás de respostas, que você me negou durante meses, e saber não me torna uma pessoa melhor ou pior, mas eu sei que um dia traí você — ela choraminga, ficando com o rosto vermelho. — Chega de segredos entre nós dois, por favor, chega de mentiras e meias verdades. Eu...

— Lila...

— Não! — ela grita, agora mais agitada do que antes.

Dalila se levanta, aturdida, com o rosto em brasas. Descalça, anda a passos secos, que ecoam pelo tapete, pelo quarto. Ela vai até a janela grande e envidraçada que dá para o jardim, distante de mim.

— Eu não quero mais as mentiras, Marcos, nem a sua piedade.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca houve piedade, Lila, nunca. Eu só queria te proteger de tudo isso — tento argumentar, embora eu saiba que grande parte de toda essa confusão é culpa minha. Eu deveria ter revelado toda a verdade quando tive a chance. No hospital, enquanto ela estava se recuperando, eu tinha o dever de contar a verdade. Entretanto, preferi escondê-la e os resultados são esses...

— Eu não quero me lembrar de nada daquilo — Dalila declara, ainda de costas para mim. — Sinto-me aliviada de não me lembrar do que fiz, o que não significa que eu não me sinta culpada.

— Faz tanto tempo, Lila.

— Sim, faz, e mesmo assim você me abandonou grávida por ainda guardar essa mágoa dentro de você, Marcos! — ela vocifera, vindo em minha direção. — Se tivesse sido sincero comigo, se tivesse me contado, eu saberia por que me largou daquele jeito, grávida e sozinha...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lila, eu...

— Cale a boca e me deixe falar, mas que droga!

— Sua voz ecoa pelo quarto, e eu me calo, assustado com sua fúria. — Não importa o que eu tenha feito com aquele... — Ela pausa sua fala, respirando fundo. — Eu jamais me envolvi com ele quando estávamos separados. Eu juro, Marcos, juro! Foi tudo muito confuso, eu estava maluca com o fato de você fazer parte do meu passado, estava começando uma nova vida na faculdade, minha mente estava a mil... e então o Sandro apareceu cheio de histórias, entende? Ele sabia mais sobre mim do que eu mesma. Liguei para meus pais em busca de respostas, porém ninguém sabia nada, ninguém conhecia ele, mas aquilo não saiu da minha cabeça. E então nós saímos juntos e... e foi a noite em que você apareceu — ela conclui, agora mais perto de mim, apertando meu peito com força como se dependesse daquilo. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não dormi com o Sandro naquela noite, e nem nenhuma outra, porque aquele demônio me obrigou a fazer coisas que... — ela começa a chorar mais desesperada, e eu não quero ouvir mais nada.

— Lila — sussurro e a puxo para meus braços, desesperado para senti-la mais perto, desesperado para consertar as coisas e colocar nossa vida nos trilhos; desesperado, mais do que tudo, por ela.

Dalila não luta contra mim. Ela deixa que eu a abrace, afundando seu rosto em meu pescoço. Soluços escapam de sua garganta enquanto eu a aperto com tanta força, um sentimento de que, se não o fizer, vou perdê-la mais uma vez. Devagar, conduzo-a até a cama e nos sentamos ali, tão grudados um ao outro, que é como se fôssemos apenas um corpo. Ela chora baixinho em meu peito, sussurrando pedidos de desculpas, e eu deixo que ela fale, que se abra e chore. Dalila e eu precisamos tanto um do outro.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou pronta para a verdade, Marcos. Estou mais que pronta. E depois que você disser tudo o que escondeu de mim por tanto tempo, será a minha vez de falar e, acredite, eu não pretendo te poupar de nada — Dalila fala depois de um tempo. E então não me resta mais escapatória.

Conto tudo a ela, sem vendas nem máscaras. Conto sobre as traições, sobre minha depressão e o quanto eu me sentia um lixo humano por não termos dinheiro, conto sobre minha relação com Sandro.

— Nós fizemos intercâmbio juntos, quando éramos muito jovens. Não tínhamos sequer dezoito anos. Eu o conheci em Londres, e ele também era brasileiro, embora já tivesse, mesmo naquela época, uma queda para o mundo dos negócios e um sonho bobo de morar fora do país. Ele já pensava em morar na Suíça e ganhar muito dinheiro investindo lá. Moramos juntos e ficamos amigos, Lila. Voltei

PERIGOSAS ACHERON

para o Brasil, mas ele seguiu para Berna, para trabalhar. Mantivemos pouco contato, então, quando o reencontrei na cidade, convidei-o para comemorar o aniversário do meu pai conosco, e foi lá que a verdade veio à tona. — Dou uma pausa longa, acariciando de leve os cabelos de minha esposa, tentando me acalmar.

Respiro fundo, fazendo um pequeno esforço para não sofrer tudo de novo com as lembranças daquela noite, daquele vídeo maldito, da cena dela indo embora, na chuva. Dalila não diz nada: ela sabe que estou apenas ponderando meu relato antes de prosseguir:

— Aquela noite foi mágica no começo, Lila. Depois de tantos problemas, de quase morrer dopado, eu estava finalmente conseguindo recuperar nossa vida juntos. A gente estava se acertando, estávamos vivendo como um casal, e então... — pisco os olhos, não querendo me

PERIGOSAS ACHERON

prolongar muito naquela noite nem nos detalhes — você ficou toda estranha depois que te apresentei ao Sandro. Eu não queria fazer muitas perguntas, não quando finalmente estávamos bem, mas então você sumiu, e quando fui te procurar o desgraçado estava... — bufo, irritado com o fato de as lembranças ainda me atormentarem tanto como um fantasma de infância. — Ele estava em cima de você, Lila, e eu fiquei cego de raiva. Tentei te defender, soquei a cara dele, mas então tudo ficou desfocado quando ele me mostrou um vídeo de... vocês dois juntos — concluo, tentando respirar.

— Um vídeo — Lila repete, tentando compreender toda a situação. O fato de ela não lembrar de nada parece um grande alívio, um meio de não se atormentar pelo que fez.

— Sim, um vídeo. Ele era um dos seus...

— Entendi — ela me interrompe, com uma mão levantada no ar.

Nem ela nem eu falamos nada por alguns minutos, deixando que o que acabei de contar ganhe as devidas proporções. Sei que ela está remoendo tudo o que contei, por isso dou um tempo antes de retomar meu relato sobre aquela noite fatídica.

— Eu fiquei maluco, desnorteado, e pedi que você fosse embora. Você tentou argumentar, mas eu não queria conversa. Aquele vídeo falava por si só. Estava chovendo muito naquela noite, e você saiu da casa dos meus pais chorando, e foi então que sofreu o acidente e perdeu a memória. — Ajeito-me na cama e encaro seu semblante, agora mais sereno. — Quero que saiba que, mesmo querendo te odiar, eu nunca fui capaz de realmente ir embora, não quando você estava no hospital. Eu estive lá, segurando sua mão, quando os médicos me disseram que sua memória havia sido apagada, quando seu pai me ligou em choque com o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia acontecido. Eu estive lá por meses, Lila, pois não conseguia te deixar. Sorrateiramente, eu me escondia da sua família, e quando eles iam embora, eu me sentava a uma cadeira e segurava sua mão. Mesmo com toda a raiva que me consumia, eu queria me certificar de que sua saúde seria restabelecida. E quando você saiu do coma e recebeu alta, eu desapareci — digo, fazendo mais uma pausa para que Lila consiga absorver a magnitude do que aconteceu entre nós.

As lágrimas rolam por sua face, e ela abre um sorriso genuíno para mim, de alívio.

— Sempre achei que tinha sido abandonada, que meu marido não havia se importado comigo, porém, você se importou, Marcos, mesmo com toda a raiva e a mágoa, você esteve ali — ela evidencia, e se aconchega em meu corpo, mais calma. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto muito por tudo, Marcos, sinto mesmo, se pudesse voltar no tempo, eu não seria aquela mulher...

— Ainda não acabou, Lila — aviso, virando seu rosto para mim, que me olha com atenção.

— Não? Mas já chegamos à parte do hospital, e a partir daí...

— Foi o Sandro quem te atropelou aquela noite — disparo, sem dar chance de ela continuar falando. Guardei essa informação para mim durante anos, e se tem alguém que precisava saber a causa de seu acidente é minha esposa.

Lila levanta os olhos verdes e me encara, desolada.

— Como assim? Meus pais disseram que foi um acidente, um motorista desgovernado, provavelmente embriagado...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Isso foi o que os médicos e a polícia disseram a eles, pois na época eu não permiti que essa informação vazasse. Se eles soubessem da verdadeira identidade do motorista, com o tempo descobririam mais coisas sobre Sandro, e eu não queria nosso casamento tão exposto, Lila, por isso só eu fiquei sabendo disso. Acredite quando eu digo que não foi um acidente: Sandro, em sua loucura, estava tentando te matar, e por sorte aquele maluco não conseguiu — declaro, emocionado demais para continuar.

Abraço minha esposa apertado, aliviado por ela ainda estar aqui, viva, depois de tudo o que passou. Dalila e eu sobrevivemos a um inferno por tempo demais: chegou o momento de apreciarmos nossa vida juntos, como uma família, e que a felicidade chegue logo, a galope, pois eu não aguento mais tanto sofrimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele ficou preso por quase três anos depois do acidente, acusado de tentativa de homicídio; a pena era maior, mas o desgraçado conseguiu sair antes, e então...

— Foi quando ele me procurou em Bauru, então — Dalila acrescenta, suspirando, reconhecendo e ligando os fatos do que sua memória não permitiu.

— Sim, exato. — Fecho os olhos, em uma tentativa de apagar tudo isso da cabeça, e começar da estaca zero com minha esposa e as crianças. Mesmo que nossos erros estejam sempre ali, eles nos fizeram pessoas melhores, bem melhores. — Não sei o que Sandro te disse quando se aproximou, Lila, mas quero que saiba que de bonzinho ele não tem nada. Clara tem razão quando diz que ele é um homem doente e obcecado em você.

Ela assente, concordando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qualquer possibilidade de creditar a verdade a Sandro caiu por terra quando ele se transformou em um monstro, Marcos, por isso acredito em você — ela admite, roçando de leve seus lábios nos meus. Abro um sorriso de alívio, sabendo que chegou a hora dela falar.

— Obrigado. — Inclino-me e beijo seus lábios com carinho, e quando abro os olhos, sei que ela está pronta para falar. — Sou todo ouvidos.

E então, Dalila toma fôlego e inicia a sua parte na história.

PERIGOSAS ACHERON



“Só conhecemos a verdadeira felicidade quando podemos compartilhá-la com alguém. E o meu alguém é Marcos, que virou minha vida do avesso.”

(Quando o amor não é o bastante)

— Dalila, quanto tempo! — A voz do outro lado da linha é tão familiar quanto assustadora.

Meu coração dá um salto, e minha garganta fecha ao som tão conhecido por mim, embora eu venha tentando esquecê-lo, fustigar essa memória

PERIGOSAS ACHERON

horrível que tenho desse monstro. Encaro o telefone, tirando-o momentaneamente do ouvido, sem entender, ou, mais precisamente, fingindo não querer compreender a dimensão de toda a situação. O número na tela é grande demais e cheio de códigos, então sei que não é de Presidente Prudente.

— *É falta de educação não cumprimentar os amigos, Dalila, ainda mais os amigos íntimos.* — A voz continua quando recoloco meu celular na orelha, trêmula.

Sento-me na beira da cama, fixando meu olhar embaçado pelas lágrimas na luz que vem do banheiro, onde sei que meu marido está.

— San... Sandro — gaguejo, reconhecendo o homem ao telefone.

— *Sim, meu amor, sou eu. Achou mesmo que eu ia desistir, Dalila? Não, não de você, não depois de tudo o que vivemos. Depois da nossa história de* PERIGOSAS ACHERON

amor, nossos filhos...

— Cale a boca, seu desgraçado, cale essa maldita boca! — esbravejo, encontrando uma coragem que não sabia que tinha, um ódio mortal por ele estar entrando em minha vida de novo, justamente em um momento tão delicado.

Se tem algo que me tira do meu juízo é Sandro, e toda a sua maluquice. Grito palavrões ao telefone e atiro o aparelho longe, que se espatifa no piso claro do quarto. Marcos sai do banheiro, aturdido com o barulho.

— Lila, o que foi isso? Aconteceu alguma coisa?

Não deixo que ele faça mais perguntas; ao contrário, corro em sua direção, com o choro convulsionando meu corpo antes calmo e relaxado.

Meu marido me abraça, tentando entender o que está acontecendo, mas antes que ele consiga me acalmar ou fazer mais perguntas, ouvimos o toque

de seu celular, e minha foto com as crianças sorrindo para a câmera pisca enquanto um número desconhecido espera para ser atendido. Ele pega o celular, distraído.

— Alô — Marcos responde, agora me encarando, o rosto em uma máscara neutra, enquanto suas mãos sobem e descem pelos meus ombros que tremem.

Pisco em uma tentativa de encaixar as coisas, mas no fundo, bem no fundo, meu cérebro compreendeu a identidade do intruso: é Sandro.

— Marcos, é ele, não é? — pergunto, e tento tirar o telefone de suas mãos, mas ele é bem mais alto que eu, e se afasta de onde estou, indo em direção à janela, ignorando minha intromissão.

Aguardo em agonia a conversa silenciosa entre eles: Marcos e Sandro ao telefone, com certeza, não era algo que eu estava esperando, não depois de finalmente ter acertado minha vida com meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, há pouco. Eu só queria um pouco de paz e tranquilidade em meu casamento, porém tenho a impressão de que isso nunca vai acontecer. Não enquanto Sandro estiver vivo. Sandro vivo sempre será uma ameaça para nossa felicidade.

— Demônio! — xingo baixinho, aguardando o que quer que Marcos esteja ouvindo dele.

Sua expressão agora é de fúria, e ele soca a janela, que faz um barulho estridente, o vidro caro se espatifando tanto no quarto quanto do outro lado. Logo, sua mão esquerda está sangrando, e ele grita frases incoerentes.

— Marcos, o que houve? — questiono, desesperada.

Não sei o que está havendo, entretanto, de uma coisa tenho certeza: meu marido só perde a compostura quando a situação é grave.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — ouço sua voz ribombar pelo cômodo, e então Clara surge com o marido e o filho, os olhos arregalados de preocupação.

— Marcos, por que estou ouvindo gritos? — ela pergunta, mas seus olhos estão direcionados a mim, receosos.

Dou de ombros, sentindo a tensão no ar, e todo o meu controle vai para o espaço quando escuto as próximas palavras dele.

— Ele está com os gêmeos. — Sua voz sai baixa e embargada, e ele me olha em desespero, o celular ainda no ouvido.

Demoro alguns instantes para me dar conta do que estou ouvindo, juntar as letras em palavras e as palavras em frases, os pensamentos desbaratados. A princípio, encaro-o, a mente lenta e vagando, até que Clara grita, desesperada, e se ajoelha no chão,

PERIGOSAS ACHERON

proferindo uma enxurrada de palavrões, palavrões estes que nunca a ouvi falar, não tão abertamente e muito menos na frente de Thomas.

Marcos vem até mim, os passos hesitantes. Mesmo em meio ao caos, noto o quanto ele está se controlando.

— Lila, Sandro sequestrou as crianças — ele repete a frase, soando cada segundo mais real.

E então, como se um raio atingisse minha cabeça, meu raciocínio começa a trabalhar velozmente, e balanço a cabeça, negando.

— Não, não, claro que não. Não — repito, e disparo para fora do quarto, os olhos buscando meus filhos. Meus filhos.

Tropeço no meio do caminho, porém consigo chegar ao outro quarto, onde Betânia estava com eles, brincando. Onde ela deveria estar com eles! Empurro a porta com força, mas o aposento está vazio, e uma bile intrometida sobe pela minha

garganta. Saio em disparada, passo por todos os cômodos do andar de cima, gritando o nome de minha amiga, aparentemente em vão, já que tudo o que recebo em troca é um silêncio sepulcral de vozes, meus passos são o único barulho que consigo escutar além do martelar do meu coração.

A casa parece ainda maior conforme vou passando os cômodos, minha voz sai alta e atropelada, meu desespero cada vez maior. Desço as escadas de dois em dois degraus, aterrissando no chão liso da casa de minha cunhada.

— Betânia! — grito repetidas vezes, passando pela sala, os brinquedos dos gêmeos espalhados por todo canto, o carrinho duplo desaparecido como meus bebês, sua ausência só reforçando a veracidade dos fatos. — Betânia — chamo quando adentro a cozinha, porém o espaço está vazio, exceto pela bagunça típica da empregada, que cuida

PERIGOSAS NACIONAIS

de seus afazeres e apenas me olha, distraída. — Betânia — suplico quando saio para a garagem, com a brisa soprando em meu rosto.

Não há sinal dela nem das crianças. Marcos me alcança, a respiração entrecortada pelo esforço de correr atrás de mim, os olhos com um brilho sombrio que nunca vi antes. Ele ainda segura o celular firme no ouvido, sua atenção dividida entre mim e Sandro. Percorro a curta distância que nos separa e tento arrancar o aparelho de suas mãos, ao que ele me impede, segurando meus dois pulsos com a mão vazia. Ele se concentra no telefone, enquanto eu pulo e grito, histérica, esforçando-me para me fazer ouvir pelo monstro que está do outro lado da linha. Clara e Cristiano surgem à porta, os olhos de minha cunhada marejados pelo sofrimento. Encaro-a, derrotada, aguardando meu marido. Por fim, quando ele desliga, seu semblante

PERIGOSAS ACHERON

parece ainda mais sombrio. Ele segura meus ombros com firmeza, e olha de esguelha para Clara, que se aproxima.

— Marcos, se ele quer dinheiro, por favor, eu te imploro que dê a ele a quantia necessária. Eu só quero meus filhos aqui, comigo — suplico, soluçando.

— Ela está certa, Marcos, vamos dar o que ele quer antes que machuque os gêmeos. Ângelo e Aurora precisam estar seguros, e aquele maluco não vai se importar em machucá-los só para ferir Dalila — Clara retruca, chorosa.

Meu marido, porém, ignora nós duas. Com os olhos vidrados, suas próximas palavras destroem o fio de esperança que eu poderia ter.

— Ele não quer dinheiro. Sandro soltou Betânia em algum ponto da cidade, mas está com as crianças. Ele disse que não vai machucá-las apenas se obedecermos às suas instruções. Ele não está

PERIGOSAS ACHERON

interessado no dinheiro — Marcos repete, engolindo em seco. — A única exigência é você, Lila.

Caio de joelhos diante de suas palavras, sem saber o que fazer.



Marcos anda de um lado a outro na sala espaçosa de Clara, deslizando as mãos nervosas pelos cabelos desgrenhados. Estou encolhida no sofá, segurando tão firme quanto posso os sapinhos de borracha dos meus filhos. Betânia está ao meu lado, chocada e corada por toda a confusão.

Já se passaram mais de vinte minutos desde o último telefonema de Sandro. Ao todo, foram nove, um seguido do outro, exigindo minha presença. O desespero inicial deu lugar a uma inércia paralisante: meu pior pesadelo está de volta, com meus filhos de reféns. Aquele desgraçado! Clara

PERIGOSAS NACIONAIS

quis chamar a polícia, porém seu irmão a impediu. Sandro garantiu que, se houvesse o envolvimento da polícia ou de qualquer outra pessoa, ele mataria meus filhos e mandaria os pedaços para nós. Marcos havia cogitado falar com seu pai, pedir ajuda a Glauco, uma forma de encontrarmos uma saída para esse pesadelo, mas ficou paralisado no cômodo quando aquele capeta dos infernos proferiu as regras de um jogo que ele mesmo criou: nada de envolver ninguém, ou eu nunca mais veria meus filhos. Nunca mais!

Corro para o banheiro enjoada com o rumo dos meus pensamentos. Esvazio meu estômago e me sento no chão de mármore, perturbada, e meu estoque de lágrimas volta com tudo. Sinto a presença de Marcos atrás de mim, um suspiro pesado e sofrido de quem não sabe o que fazer,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim como eu. Acho que, diante de todo o horror do ocorrido, nenhum de nós consegue pensar com clareza.

No instante em que Sandro desligou o telefone pela primeira vez, meu impulso natural foi sair correndo até ele, resgatar meus filhos e voltar para casa. Ledo engano. Cristiano, talvez o mais sensato de nós, garantiu que era uma armadilha, e que eu não voltaria para casa feliz e uma heroína. Sandro, sem dúvida, mataria a todos nós. Oh, céus!

— Lila...

— Eu vou — afirmo categoricamente pela enésima vez, levantando-me e lavando o rosto enquanto a água morna escorre pelo meu pescoço.

— Lila... — ele tenta de novo, mas não vou permitir que aquele doente toque nas crianças mais do que já tocou.

PERIGOSAS ACHERON

Marcos suspira, abraçando-me. Encosto a cabeça em seu peito, e choro um choro angustiante, sujando mais uma vez meu rosto pelo líquido salgado que insiste em não me abandonar. Sempre que minha vida começa a entrar em um ritmo agradável, sempre que eu penso que posso ser feliz e reconstruir tudo o que já perdi, o destino se encarrega de me puxar o tapete.

— Precisamos comunicar a polícia, Lila. Não sabemos até que ponto ele está dizendo a verdade. Sandro pode, sem sombra de dúvida, estar blefando, e não podemos brincar com a segurança deles...

— Não. — Coloco meus dedos em sua boca, impedindo-lhe de dizer o que quer que me remeta à ideia daquele monstro tocando em meus filhos. Preciso ser forte, forte como nunca fui antes, forte por Ângelo e Aurora, e não me permitir pensar em

bobagens que apenas vão me desviar do foco. — Eu preciso fazer o que ele quer, Marcos, e recuperar meus filhos — digo, saindo do banheiro.

— Nossos filhos — ele me corrige pela primeira vez, e eu o fito, boquiaberta. — Nossos filhos, Lila. Não se preocupe, mas eu garanto a você que Sandro não vai machucá-los — ele repete, vindo até mim e me calando com um beijo suave e terno nos meus lábios.

Estou em choque. Não porque não soubesse da verdade, mas unicamente pela forma como Marcos, meu marido e pai dos meus filhos, assumiu a paternidade, assim, de um só golpe, como se eu não tivesse sofrido horrores quando ele desconfiou, como se aquela parte de nossa vida não tivesse acontecido, e ele ser pai das crianças fosse a coisa mais natural do mundo. Sei que deveria estar feliz pela dimensão de suas palavras, ou brava por ele ter demorado demais para aceitar os fatos; entretanto,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer reação se torna insignificante diante do que estamos vivendo. Faço menção de dizer algo assim que sua boca se afasta da minha, porém sufoco um soluço e engulo em seco, sentindo mil sensações conflitantes dentro do meu coração. As lembranças de meu marido me abandonando na casa dos pais dele, há um ano, quando eu estava grávida e fragilizada pela notícia cutucam minha mente, intrometidas. Uma vizinha irritante persiste em relembrar tudo o que ele me fez; entretanto, toda a dor parece perder a força quando me dou conta de que ele está, muito mais do que reconhecendo a paternidade, garantindo a segurança deles. Sem provas ou exames, apenas uma afirmação que destrói qualquer argumento ou raiva que eu ainda possa guardar dele. Assinto, ainda emudecida pelo bolo que tenho na garganta, e ele me puxa em direção ao primeiro andar, sem dizer mais nada. Ele é o pai deles, e fim de papo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Thomas foi para a casa dos pais de Cristiano, mesmo que sob protestos: meu sobrinho queria participar do “resgate”, como ele ficou dizendo, e Clara teve que prometer um videogame novo apenas para mantê-lo calado na casa ds sogros. Na sala, organizamos um esquema: Cristiano insiste em ir conosco, mas em carros separados. Ele estará armado em outro veículo e pronto para se manifestar quando achar necessário. A princípio, me oponho, alegando que uma arma é perigosa demais, e que se as coisas derem errado e algo acontecer com os gêmeos, nunca vou perdoá-lo; contudo, Marcos me garante que o demônio está armado e nós precisamos nos preparar para o pior.

— Ele estava fora de si, Dalila, não podemos brincar com aquele homem — minha amiga intervém a favor dos homens, e começa a chorar, sendo amparada por Clara.

PERIGOSAS ACHERON

Assinto mecanicamente mais uma vez. Estou no modo automático, orando silenciosamente para que tudo corra bem e nada de mal aconteça aos meus filhos, tão pequenos e frágeis, nas mãos daquele louco.

— Eu vou com ela no seu carro, Clara. Estarei armado também, por isso precisamos ser cuidadosos.

— Não, Marcos, já basta que Cristiano esteja levando uma arma... — choramingo, mas minha voz é abafada por seu abraço, que me cala.

— Lila, eu não vou permitir que vá sozinha, muito menos que nós estejamos desprotegidos. Eu prometi a você, há alguns meses, que cuidaria de você e dos nossos filhos, e é o que farei.

— Marcos... — tento de novo, porém eu mesma estou fraca demais para argumentos insossos. Meu coração dói com a possibilidade de algo horrível acontecer com meus filhos, e qualquer resquício de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade em minha vida seria arrancada de mim, porque aqueles dois pequenos anjinhos são tudo o que mais tenho de precioso no mundo.

— Não, já chega disso. Estamos perdendo tempo aqui, Lila. Eu não vou, em hipótese alguma, permitir que nossos filhos sejam machucados, e Sandro vai pagar caro por isso, eu garanto!

Vejo o olhar surpreso de todos na sala, ainda que ninguém diga nada. Clara deve estar tão abalada quanto eu para não se manifestar diante da confissão do irmão.

Seguimos no carro de minha cunhada, e vislumbro pelo retrovisor o carro de Cristiano deslizar lentamente pelo asfalto atrás de nós. Batusco as mãos e os pés descontroladamente, até que Marcos coloca as mãos na minha coxa, forçando-me a parar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles vão ficar bem, Lila, confie em mim. —
Sua voz sai baixa e carinhosa, e vejo uma lágrima solitária deslizar por sua face.

Embora ele esteja no controle, já que eu não tenho condição de tomar as rédeas dessa loucura toda, meu marido está sofrendo tanto quanto eu, talvez até mais por ter se dado conta da besteira que fez no passado ao me largar daquela forma grotesca. O fato de ele reconhecer, logo agora, a paternidade, deve estar deixando-o com remorso, e eu não quero estar em sua pele. Enxugo a lágrima com um toque leve, e ele inclina a cabeça para mim, abrindo um sorriso triste.

— Eles são meus filhos — Marcos repete, e abro a boca para concordar, mas me dou conta de que não é uma pergunta, e sim uma afirmação.

Nossos filhos, penso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respiro fundo e fecho os olhos, incitando meu coração a se acalmar. Tudo isso vai passar, eu preciso apenas ter fé, e haverá tempo para nós, como uma família. Haverá tempo para os passeios no parque, as brigas no café da manhã, as risadas na volta para casa; haverá tempo para os beijos e abraços, para as viagens de férias e para as visitas na casa dos avós; haverá tempo, acima de tudo, para uma família que vem sendo castigada há anos, mas que agora, finalmente, merece a redenção.



Mesmo tendo vivido quase minha vida toda na cidade, não reconheço a rua suja e sem saída onde Marcos estaciona o carro. Passei todo o trajeto focada em recuperar as crianças e em me manter sã, que não prestei atenção no caminho que fizemos e não faço ideia de onde estou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É aqui — ele diz, conferindo o GPS do automóvel; Marcos me olha, engolindo em seco, como se só agora se desse conta da complexidade e do perigo que estamos enfrentando, seu vigor e certeza esvaindo-se aos poucos.

Há poucas casas na rua; os terrenos baldios quase tomam conta da ruela, e não há ninguém fora de suas casas. Vejo à distância o carro de meu cunhado, espreitando, e temo por ele, por todos nós, porque, de certa forma, eu os coloquei nessa situação, quando me envolvi com Sandro no passado. Desço e ergo meu olhar para o sobrado envelhecido e com sinais de mofo à direita, seguindo o dedo indicador de Marcos. Contenho o desespero em saber que aquele demônio vindo direto do inferno está com meus bebês lá dentro, como pobres reféns, duas crianças que arrancaram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração, mesmo que eu não queira de volta. Sigo para a entrada, com meu marido logo atrás, atento.

— Você não deveria estar aqui — reclamo baixinho, abaixando-me e passando por uma porta quebrada. Há muita sujeira no chão, e me encolho quando um rato passa por nós, desbaratado. O cheiro de fezes e animais mortos é forte e me embrulha o estômago, e tapo o nariz, desviando os olhos da imundície.

— Eu jamais permitiria que você viesse sozinha.

— Ele pode se irritar e machucar Aurora e...

— Ele não vai, Lila. Seja positiva, porque precisamos muito pensar que tudo vai dar certo neste momento — ele me recrimina com suas palavras sinceras, e eu assinto. — Vamos! — Ele me silencia com um olhar firme e confiante, tão confiante que, por uma questão de segundos, acredito nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os cômodos estão vazios e escuros; as janelas, embora quebradas, possuem um tecido preto que impede qualquer claridade de entrar. Ouvimos um barulho no andar de cima, e disparo pela escada torta, com o medo misturando-se à coragem tecendo emoções que não sei como definir, deixando Marcos para trás, enquanto ele me chama, irritado. Não vou falhar com meus filhos!

Sandro é a primeira pessoa que vejo quando adentro o corredor iluminado por velas. Sua silhueta sombria está inerte no meio do aposento, olhando pela fresta de uma janela quebrada, o mesmo tecido escuro que vi lá embaixo cobrindo toda a luz de fora. Quando se vira e nossos olhares se encontram, ele abre um sorriso diabólico, e corre até mim, tirando-me do chão e me girando no ar.

— Dalila, meu amor, você veio! — Sua voz sai alta e gritante, como se quisesse marcar território. Debato-me ali, com meus pés dançando no ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me solta! — Tento me desvencilhar, porém suas mãos seguram-me com uma força assustadora.

Ele cheira a uísque e mato; os olhos azuis estão vidrados e avermelhados, sua roupa social está rasgada e a cabeça, raspada, sem resquícios de seu cabelo escuro e grosso de antes, e algumas cicatrizes despontam no topo.

Olho para trás, mas não vejo nem sinal de Marcos, e então tento pensar no que eu vim mesmo fazer aqui. Não vejo as crianças, e sou carregada no colo por Sandro, até que vejo meus filhos em um outro quarto, brincando no carrinho duplo, ambos entretidos com uma bola de plástico.

— Ah, céus! Meus filhos! — grito e me esforço tentando me soltar de Sandro, porém ele me mantém firme em seus braços, apontando o carrinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu? Eu disse que cuidaria deles, Dalila, eu prometi que seria um bom pai — ele diz, a voz engrolada, o hálito fétido resvalando em meu rosto.

Meneio a cabeça, em uma concordância obediente e sensata, forçando meu cérebro a pensar. Sandro está fora de si, e qualquer movimento em falso de minha parte pode ocasionar um desfecho doloroso. Este homem deve ter uma quantidade absurda e incontável de bebida e drogas no organismo, e eu preciso ser cautelosa no que vou fazer a partir daqui. Olho por cima do ombro de Sandro, e constato, mais uma vez, que as crianças estão bem. Faço mais uma tentativa de chegar perto deles, contudo, este demônio em forma de gente me impede.

— Ainda não, Dalila, ainda não é chegada a hora. Logo, logo seremos uma família de novo, como nos velhos tempos — ele me informa, e me puxa para o outro cômodo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Saio fungando, olhando uma última vez o carrinho onde estão meus maiores tesouros. Engulo com força todos os palavrões que gostaria de dizer a este maluco, pois não me atrevo a irritá-lo. Ele me joga em uma cadeira velha e começa a jogar gasolina pelo chão, tagarelando.

Gasolina!

Gasolina! Mas que merda! Onde diabos Marcos se meteu? Preciso que nos tire daqui!

Tento impedi-lo, e então sou atingida por um tapa agudo e barulhento, que estrala em meu rosto, e voou para o chão. Ele me dá um chute na costela e urro de dor, fechando os olhos quando sinto a pontada forte, ficando em posição fetal. Em desespero, grito por socorro, grito por Marcos, grito pelos meus filhos, e só consigo ver a sombra de Sandro que se projeta acima de mim, e logo desaparece.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — grito repetidas vezes, tentando me levantar. A dor que sinto é tão forte que me cega e caio no chão, fechando os olhos mais uma vez.

Sou arrastada por alguém em um trajeto íngreme; minhas pálpebras tremem, porém é impossível abrir os olhos. Sei que é Sandro quem está me levando para fora quando ele sussurra em meu ouvido que vai ficar tudo bem, que seremos felizes em outra dimensão. Minha resposta não vem, e só desperto quando sou jogada da escada, e sei que será o meu fim.

— Lila! — Marcos grita, e sei que ele está perto demais. Um barulho alto e chocante me assusta, e abro os olhos, com dificuldades: algo explode bem na minha frente, pedaços de objetos estilhaçam-se e pipocam pelo chão imundo. Alguém acaba de explodir o cômodo, e eu mal consigo me levantar

PERIGOSAS ACHERON

para fugir daquele cativieiro nojento. Choramingo de dor e de desespero por não saber como salvar meus filhos.

— Lila! — Ouço mais gritos.

Tiros. Madeira caindo. O fogo agora começa a se alastrar, e só penso em como minha vida vai terminar, triste e vazia. Eu tive uma família linda, um homem maravilhoso que me amou, e eu amei muito meus filhos.

— Lila!

A confusão em minha mente não me permite distinguir mais o timbre de voz; oscilo entre acreditar que seja Marcos ou Sandro, ou talvez eu já esteja morta, adentrando em uma nova dimensão. Meu corpo é, mais uma vez, arrastado por mais lances de escada, e sei que estou do lado de fora da casa quando a luz do dia queima minhas pálpebras. Deixo que me arrastem, deixo que me levem, pois não tenho forças para lutar, apenas aceitar meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

destino. Penso nos meus anjinhos lá dentro, e no quanto eles me fizeram amar, o quanto me fizeram ser outra Dalila. Que Deus os proteja, pois eu fui incapaz de protegê-los.

Tenho vislumbres da casa e do fogo se alastrando por ela, mas talvez eu esteja delirando com a dor excruciante. Sinto braços me pegarem no colo e me carregarem, uma voz sussurrada dizendo que tudo vai ficar bem, que seremos uma família feliz.

Uma família feliz.

Uma família feliz.

Ouçó mais perto a porta de um carro, e sou jogada no banco do passageiro, encolhida de dor. Tento me mexer, abrir os olhos, gritar e pedir socorro, implorar por misericórdia, dizer que só quero a segurança deles e de Marcos, que dou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida por eles, pela vida de uma família que não merecia esse fim trágico, mas uma mão agarra meu pescoço com força, sufocando-me.

— Vamos dar uma voltinha, Dalila — Uma voz distante anuncia, e fecho os olhos de vez, incapaz de me mover.

Enquanto o carro segue, aos solavancos, ouço vozes gritarem meu nome, mas é tão longe que parecem sons vindos de outros lugares. A dor na costela só aumenta, e sei que, a cada minuto, caminho para o meu fim. Sandro vai me matar, e não haverá um futuro para mim. Mesmo em meio a dor e ao delírio, consigo distinguir alguns fatos: ele está correndo muito, e as buzinas não cessam ao nosso redor; tem alguém nos seguindo, mas eu não saberia se já estou morta, ou em coma, ou as duas coisas. Estou enlouquecendo de dor e desespero,

PERIGOSAS ACHERON

enquanto Aurora e Ângelo... meus bebês... Será que Marcos cumpriu sua promessa, e salvou a vida deles? Espero que sim.

O carro para com uma freada brusca, e sou arrastada pelos cabelos para fora. Tento me soltar, porém sou atingida mais uma vez, uma mão forte e grande me joga longe com um tapa.

— Nós seremos uma família, meu amor, como antes.

Assimilo devagar as palavras. A voz é de Sandro, mas quando meus olhos focam na imagem, é Marcos quem vejo, acenando para mim, sorrindo.

— Marcos... — balbucio, delirando.

— Seremos só nós dois, Dalila, como eu sempre sonhei. — A voz persiste em seu falatório, enquanto eu dobro os joelhos, tentando levantar.

Percebo, ainda muito confusa, que estamos em um pasto, sombreado por árvores baixas. Há um barranco a distância, e forço meus olhos a focarem,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porém estou zozza. Um carro freia com tudo muito perto, mas quando viro minha cabeça, não vejo nada. Sandro está jogando gasolina no veículo, mas é lançado para longe quando pega um fósforo na mão: um corpo grande o derruba com tudo, e ambos rolam pela grama verde.

— Marcos — tento formar as palavras com dificuldade, porém parece que nenhum som sai, apenas a ideia das palavras.

Os dois estão lutando, um contra o outro: de relance, vejo Marcos por cima de Sandro, socando o rosto dele com muita violência. Penso nas crianças, em como elas me deram alegria; penso em como nossa vida virou um pesadelo, tudo por culpa minha, e só consigo pensar no fim quando Sandro, agora em pé, aponta uma arma para o meu marido.

Meu marido.

— Não! — imploro, mas soa ridícula demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou prostrada, de joelhos, sem forças para salvar o único homem que foi capaz de me amar de verdade, a quem eu deveria ter protegido.

— Acabou para você, Marcos. Como sempre, eu venci, e mais uma vez levo o troféu para casa, o troféu que sempre te trocou por mim: Dalila — Sandro cospe as palavras, cambaleando pelo pasto.

Marcos está de costas para mim, tentando se levantar. Sinto as lágrimas escorrerem por meu rosto, derrotada. Ele vai atirar na única pessoa que foi capaz de me defender, mesmo que só agora eu perceba isso. O único homem que foi capaz de me amar, de corpo e alma, a quem eu magoei.

— Não — choramingo, forçando meu corpo a se aproximar, porém eu estou muito longe.

Sandro está encostado no carro, a arma em punho, um sorriso de vitória no rosto; Marcos está mais afastado, e percebo, mesmo que lentamente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele está andando de costas. Meneio a cabeça para pensar em uma saída e nos tirar daqui, quando ouço a voz grave e firme de meu marido.

— Ainda não acabou para mim, Sandro, e nem para minha família — ele diz, o corpo se afastando lentamente de Sandro. — Ainda não acabou para Dalila, nem para meus filhos, seu desgraçado! Mas para você, acaba aqui.

Com força, ele joga um objeto metálico no carro, que explode em uma montanha de fumaça e estilhaços. Tão logo isso acontece, sinto um corpo tomar o meu e me arrastar dali, enquanto fecho os olhos para fugir do fogo que arde em mim por inteira. Sou arrastada para longe, enquanto palavras de carinho são sussurradas em meu ouvido. Gemo de dor quando ele me pega no colo, mas não digo nada. Estou anestesiada pela dor, uma dor aguda que traspassa cada célula minha. Ainda assim,

PERIGOSAS ACHERON

embora esteja confusa, dolorida e amedrontada, um sorriso de alívio se forma em meus lábios porque sei que acabou.



— Dalila, acorde, abra os olhos, sou eu!

É a voz de Cristiano, eu acho. Está próxima, muito próxima, e sou colocada no chão. Desperto de uma vez quando um líquido estranho é jogado em meu rosto, e abro os olhos no susto. O rosto de meu cunhado paira sobre o meu, pálido. Ele me chacoalha inúmeras vezes, provavelmente querendo se certificar de que estou viva.

— Fi... Filhos... — gaguejo baixinho, sem conseguir pronunciar as palavras com fluência.

Ele assente, como se estivesse tudo bem, e então vejo Marcos atrás dele, o corpo sangrando e a voz baixa, quase um sussurro:

— Acabou, Lila. Agora sim acabou — ele diz, e se deita ao meu lado, parecendo tão exausto quanto eu. Fecho os olhos de novo, soltando a respiração.



— Abra os olhos, Dalila. — Uma voz distante me desperta, e obedeço automaticamente.

A claridade é muito forte, e demoro a me adaptar à luz. O primeiro rosto que vejo é de Ângelo, no colo de minha cunhada. Seus olhinhos verdes sondam o ambiente, e quando param em mim, sua boca se abre em um sorriso.

— Ângelo — balbucio, e uma tosse seca e invasiva sai de dentro de mim. — Aiii! — reclamo quando tento levantar a cabeça, sentindo uma pontada perfurar meu cérebro.

— Não se mexa, Dalila. Os médicos disseram que você precisa de repouso absoluto! — Clara me repreende, aproximando-se mais de mim, e coloca

PERIGOSAS ACHERON

meu filho ao meu lado.

Só agora me dou conta de onde estou: um quarto de hospital, fios coloridos ligados ao meu corpo, um soro pingando lentamente ao lado da cama, e então noto a agulha fininha em minha veia, na mão esquerda. Suspiro, encostando a cabeça em Ângelo.

— Meu filho. — Sorrio em meio às lágrimas que me assaltam de uma só vez. Acaricio o rostinho rechonchudo dele com o dedo. Um resmungo chega até mim, e encontro Aurora do outro lado do quarto, no colo do tio. — Aurora — soluço com imenso alívio.

Cristiano a coloca no lado oposto do irmão, e então deixo que o choro me consuma, um choro de alívio, de alegria por estar com eles mesmo depois de ter certeza de que os perderia para sempre, mesmo depois de quase perdê-los para aquele maníaco... Sandro.

— Sandro — sussurro para Clara, e ela troca olhares com Cristiano, apreensiva.

— Ele está morto, Dalila. Acabou. Aquele desgraçado voltou para as profundezas do inferno, seu legítimo e eterno lar. Ele não pode mais te ferir, nem você, nem as crianças, nem Marcos — ela me diz, abrindo um sorriso triste e tocando de leve minha mão.

— O que houve? O que aconteceu? Minha cabeça não me ajuda em muita coisa, para variar. Não consigo me lembrar de nada, apenas a explosão, o carro, Marcos e Sandro...

— Sim, Marcos explodiu aquele demônio, finalmente — ela fala naturalmente, como se sair explodindo pessoas fosse a coisa mais certa a se fazer. Por sorte Marcos escapou com vida, embora o fogo tenha causado alguns danos — Clara esclarece, e quando faço menção de fazer mais perguntas, ela me corta, balançando o dedo para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. — Mas agora você precisa descansar, Dalila. Haverá tempo para as descobertas, os esclarecimentos, e o mais importante: para que você e meu irmão finalmente se acertem. E antes que se preocupe com mil pensamentos, ele está bem, Dalila. Marcos ganhou uma nova vida ressurgindo daquele incêndio, dirigindo atrás de você, salvando os filhos, e agora tanto ele quanto você podem recomeçar. — Ela faz uma pausa demorada e acena para meu cunhado. — Vou levar as crianças para que descanse, está bem? Não se atreva a sair deste quarto sem a autorização médica, ouviu bem? Mas, só para efeito de esclarecimentos, meu irmão está no quarto ao lado. — Ela pisca para mim, abrindo um sorriso malicioso, e retira os gêmeos do meu colo, deixando um vazio no lugar. Tento protestar, mas Clara sempre vence com suas atitudes e seus argumentos. Ela sabe como usar seu poder de persuasão quando gosta de mandar.

PERIGOSAS ACHERON

Sigo-os com o olhar até que desapareçam do quarto, e fecho meus olhos, cansada demais para pensar. Só preciso ver meu marido, e ter certeza de que tudo vai mesmo ficar bem, porque agora podemos recomeçar. Sandro está morto, e eu acabo de reviver.



O hospital está banhado na completa escuridão, exceto por uma fresta que vem da enfermaria, no corredor bem à frente. Com muito cuidado e muita dor, levanto-me e saio do quarto, ansiosa para ver Marcos. Devagar, carrego o soro que ainda pinga em minhas veias, a agulha se mexendo na minha pele, causando-me uma leve vertigem. A porta range quando passo por ela, uma traidora diante do silêncio fúnebre do ambiente, mas as enfermeiras não parecem notar uma paciente fujona, por isso logo chego ao quarto dele. Está escuro lá dentro, e

PERIGOSAS ACHERON

a sombra de seu corpo grande e recostado na cabeceira da cama alta me causam algum conforto: meu marido está vivo. Engulo em seco e entro no quarto, fechando a porta. Lentamente, aproximo-me dele, o coração aos pulos como se apenas agora eu compreendesse o milagre de tudo o que aconteceu nas últimas 24 horas: a descoberta da minha traição, o perdão de Marcos, o sequestro dos gêmeos, Sandro me atingindo, o fogo, os cacos, meus gritos ecoando em vão, a arma apontada para Marcos...

Meneio a cabeça, pegando sua mão e acariciando-a com carinho. O homem deitado nesta cama parece frágil e impotente, a roupa branca do hospital cobre seu corpo forte e machucado. Meus olhos são atraídos para seu braço direito, enfaixado e com uma tala; o pulso direito está enfaixado também, e há um corte grande e profundo na testa, onde uma mecha de cabelo escuro tenta esconder o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ferimento. Uma parte de seu rosto está coberto por gaze, onde imagino que o fogo tenha atingido. Um nó enorme se forma em minha garganta, e sinto as lágrimas descenderem, caindo em sua mão.

— Marcos — balbucio, a garganta apertada pelo choro iminente.

Suas pálpebras tremem, porém ele não acorda, embora eu sinta que me escuta onde quer que ele esteja agora.

— Marcos — repito, tentando controlar meu coração que está quase saindo pela boca. — Sinto tanto, tanto por tudo isso. Tudo isso é culpa minha. Todos os problemas que tivemos, nossa separação no passado, seu abandono, tudo isso é fruto do meu envolvimento com Sandro. Ele causou todo o rebuliço desde o início, desde que, embora não me recorde, ele entrou na minha vida há tanto tempo. Sinto muito por ter sido aquela Dalila, sinto muito

PERIGOSAS ACHERON

por, em um momento de fraqueza, ter me envolvido com Sandro, sinto tanto por ter partido seu coração, destruindo nosso relacionamento.

Faço uma pausa e espero que ele acorde, que diga que sim, que me perdoa, que estamos bem; porém, tudo o que ganho é um silêncio contínuo e assustador, que ao mesmo tempo me dá forças para descarregar minhas emoções. Inclino-me e beijo de leve sua testa, roçando meus cabelos em seus olhos, que tremem e se abrem, para minha surpresa. Marcos me encara, mas não diz nada. Prossigo:

— Aquela Dalila não existe mais, Marcos. E se houver algo que eu possa fazer para conseguir o seu perdão por ter te colocado nessa situação, eu o farei. Sinto muito que um dia eu tenha causado tanto sofrimento. — Enxugo as lágrimas que molham meu avental ridículo, respirando pesadamente antes de continuar: — Sei que tem todos os motivos para me odiar, e desconfiar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, mas só quero dizer que eu te amo, amo muito; cada vez que olho para as crianças, vejo um pouquinho mais de você neles, e me dói saber que um dia eu causei tanta dor a ponto de você desconfiar da paternidade.

Ele agarra minha mão com o braço bom, e olho para seu rosto agora contorcido.

— Lila... — ele sussurra, e eu me aproximo mais de seu rosto. — Lila, eu...

— O quê? — incentivo-o, em desespero. Não importa como chegamos até aqui; nesse momento só quero sair deste hospital com meu marido e meus filhos e recomeçar nossa vida juntos, como uma família, como deve ser.

— Eu sempre amei você — ele se esforça para dizer. Sua voz é baixa e sai aos poucos. — Sempre. Quero você na minha vida, você e nossos filhos — ele diz por fim, fechando os olhos com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deito minha cabeça em seu peito com mais cuidado, e permito que as lágrimas venham como elas quiserem. Sinto um braço circundar minha cintura, e fecho os olhos, absorvendo o instante: o instante em que minha vida começa do zero, e sorrio, sabendo que, embora tenhamos um passado cheio de erros, vamos ficar bem porque temos um ao outro, além de duas crianças lindas que vão fazer da nossa vida um paraíso.

PERIGOSAS ACHERON



*“Ela parece estar impregnada em mim, como
aquele perfume que a gente passa e não sai
nunca.”*

(Quando o amor não é o bastante)

Seis meses depois...

A livraria está repleta de convidados, todos bem arrumados, e os garçons deslizam com taças de água e champanhe entre as pessoas. Os homens estão engravatados, os ternos alinhados e sob

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

medida; as mulheres desfilam em seus modelos elegantes e cheios de brilho. Arrumo minha gravata pela décima vez em cinco minutos: pareço um adolescente nervoso e assustado, casando-se pela primeira vez. Estou suando, meus sapatos estão apertados, minha calça está grudada em minhas coxas, sem falar na forma como meu corpo treme, ansioso.

Aceno para meu pai, que se aproxima com Garino e Ângelo, que puxa a barba grisalha do avô. Meu irmão dá batidinhas em meus ombros, mas se engana quem pensa que ele está me reconfortando: Garino está longe de ter um gesto fraterno. No fundo, ele está zombando do meu comportamento.

— Ela já chegou? — pergunto para ambos, e meu filho dá os braços para mim, balbuciando um papai bem engrolado.

Meu pai me olha com compaixão, e nega com a cabeça, os cabelos brancos e lisos intactos pelo gel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não, Marcos, mas está a caminho. Você precisa se acalmar. Está mais parecido com a noiva do que Dalila — ele brinca, segurando Ângelo com mais força.

Reviro os olhos para os dois, irrequieto.

— Nosso pai tem razão, Marcos. Relaxe. É de praxe que a noiva se atrase um pouco, meu irmão. É só uma forma de elas deixarem a gente mais maluco — ele brinca, e me abraça, olhando-me agora com seriedade. — Estou feliz por vocês dois, de verdade. Feliz que tenham finalmente se acertado.

Sorrio para ele.

— Eu também, embora isso aqui não seja um casamento, mas uma renovação de votos — corrijo-o. — Dalila e Clara inventaram essa cerimônia só para me enlouquecer e me fazer gastar dinheiro — acuso minha irmã, frustrado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde que deixamos o hospital como uma família, e as coisas se acertaram definitivamente entre mim e Dalila, minha irmã tem nos acusado de não viver um casamento de verdade, já que minha esposa não tinha lembranças nenhuma desse dia. Mesmo que eu insistisse no fato de não me importar com nada disso, Dalila, curiosamente, pareceu se importar demais. Ela me disse, em uma noite tranquila em nossa casa em Bauru, enquanto as crianças dormiam em nossa cama, o quanto sonhava em ser uma noiva. Eu, um eterno apaixonado, não poderia negar isso a ela. Por isso, aqui estamos.

Peço licença ao meu irmão e a meu pai e saio lentamente, procurando algum outro rosto conhecido. Vejo Viviane e Antônio tentando pentear os cabelos de uma boneca enorme para Aurora, que se equilibra em suas sapatilhas

PERIGOSAS ACHERON

douradas e seu vestido esvoaçante de daminha de honra. Vou até eles, com um sorriso bobo nos lábios.

— Como está minha garotinha? — pergunto, abaixando-me para ficar na altura de Aurora. Seus cabelos negros e lisos estão arrumados em um coque que deveria estar preso, mas que agora cai desengonçado pela sua nuca, já que minha filha não para; seus olhos brilham de ansiedade para a boneca, as mãozinhas irrequietas tentando tomar o brinquedo das mãos dos avós.

— Ela quer brincar a esta hora, Marcos. Já falei para ela que precisa ficar quieta, que daqui a pouco a mãe dela vai entrar, e que ela precisa estar arrumada. Mas olhe só: o cabelo já está despenteado, e ela caiu lá atrás em cima de alguns livros, amassou todo o vestido.

Franzo as sobrancelhas para a minha filha, tentando soar bravo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aurora, vamos esperar a mamãe e depois você pode brincar até tarde, pode ser?

Ela balbucia um papai enrolado, como seu irmão costuma fazer, e sai correndo, tropeçando no vestido dourado, enlouquecendo sua avó.

— Viu? Ela é teimosa igual a mãe dela, Marcos — minha sogra diz, e sai atrás da neta.

Sorrio para as duas agora mais distantes, e concordo, já que minha filha consegue ser pior que a mãe dela quando quer.

— Você parece nervoso, Marcos. O que houve? Nem está parecendo o homem confiante que eu conheço — meu sogro confessa e bate em meus ombros, uma batida bem mais forte do que eu esperava. — Ela não vai fugir, meu genro. E espero que, dessa vez, você saiba exatamente o que está fazendo — ele conclui, olhando-me com cautela, as pálpebras caídas pela idade avançada.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreio, tentando me desvencilhar de suas mãos firmes, porém Antônio me mantém no lugar, como um alerta.

— Só que-quero que ela seja feliz, só isso. E farei o que for pre-preciso para tornar a vi-vida dela muito melhor — gaguejo, sentindo um certo pânico do meu sogro. A esta altura do campeonato, mesmo velho, ele soa perigoso e protetor com a filha.

Antônio assente, ainda me segurando.

— Eu também.

E sai, deixando-me estático, suando frio.

Pego uma taça de champanhe de um garçom que passa por ali e tomo de um gole. Olho para meu pulso e meu relógio já marca quase 20h. Está na hora. A cerimonialista contratada por Clara e minha mãe me encontra e me leva para os fundos da livraria, onde um palco foi improvisado, com um pequeno altar aveludado. A livraria está toda decorada em tons de verde e vermelho, uma

combinação que retrata nossa vida com os gêmeos, e sigo pelo tapete vermelho até meu posto. Meu irmão surge com a esposa Bárbara ao meu lado, e Cristiano se junta a nós.

— Onde está Clara? — sussurro para ele, procurando por minha irmã.

— Ela está com a Dalila, arrumando alguma coisa. Não me pergunte o quê, por favor — ele resmunga.

Do outro lado, a família de minha esposa está em uma fila quase indiana. Matheus e a esposa, Nadira. O filho Lúcio também está ali perto, o terno todo amassado e a cara amarrada, sentado no primeiro banco. Jonathan e Maria cochicham para a filha, Joseline, que segura uma almofada dourada nas mãos. Meus sogros estão sentados com os gêmeos, e minha mãe tenta acalmar Aurora, que ainda quer a boneca. Respiro fundo com a importância deste dia em minha vida. Há treze

PERIGOSAS ACHERON

anos, eu dizia sim para a mulher mais importante, a única que eu sempre quis, a mãe dos meus filhos. Dalila Barreto, a partir de hoje, será Dalila Barreto Baiocchi, já que eu faço questão que ela carregue meu sobrenome, como meus filhos. Como nossos filhos.

A marcha nupcial começa a tocar ao fundo, e todos se viram para a entrada de vidro da livraria. Meu coração quase sai pela boca quando vejo minha esposa parada e sorrindo, o vestido dourado cobrindo seu corpo curvilíneo, os cabelos vermelhos presos pela metade, com mechas encaracoladas nas pontas. Ela usa uma coroa de diamantes no centro da cabeça, e um véu curto cobre seu rosto, embora eu consiga sentir seu sorriso a quilômetros.

Enquanto o som do piano invade o ambiente pequeno e íntimo, Dalila caminha pelo corredor improvisado, um passo de cada vez. Nas mãos, um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

buquê de rosas vermelhas enfeita o restante do traje. Sinto meus olhos marejarem e as primeiras lágrimas caírem sobre meu terno. Meneio a cabeça, encantado. Em todos os anos em que passamos juntos, em todo o tempo em que tive o prazer e a honra de conviver com esta mulher, nunca a vi tão linda e serena, como se o mundo dela estivesse bem aqui, a sua frente.

Assim que ela se prostra na minha frente, Joseline vem até ela e retira o buquê de suas mãos. Com cuidado, aproximo-me mais e descubro seu rosto, colocando o véu para trás. Dalila sorri, os olhos marejados, e me beija de leve nos lábios, seu batom rosado grudando em minha boca.

— Você está linda — sussurro para ela, apenas movendo meus lábios, sem emitir som.

— Eu te amo — os lábios de Dalila emitem de volta, enquanto se vira para o pastor, que aguarda constrangido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cerimônia começa com o pastor discursando sobre fidelidade, amor, respeito, recomeços. Ele lê um trecho na Bíblia sobre o amor vencer tudo, sobre Deus estar no centro dos relacionamentos, e sobre a criação dos filhos. Olho furtivamente para Dalila, que me olha de volta, sorrindo. De relance, vejo minha mãe e minha sogra se debulhando em lágrimas, uma consolando a outra como se estivessem em um enterro, e não em um casamento, uma aproximação tardia, porém muito bem-vinda.

Ouvimos algumas músicas, e então o pastor anuncia a entrega das alianças. Viro-me para a entrada da livraria, ajudando minha esposa em seu vestido comprido. Na porta, Clara e Cristiano conversam com Aurora e Ângelo, que brigam pela almofada dourada, que carregará nossas alianças. Cutuco Dalila, que está chorando, com os olhos fixos nos filhos rebeldes.

PERIGOSAS ACHERON

— Teimosos como a mãe — segredo em seu ouvido, e fecho os olhos por um momento quando seu cheiro de amêndoas chega às minhas narinas. Beijo de leve seus ombros nus; o vestido tomara que caia expõe sua pele sedosa e levemente bronzeada por nossa estadia estendida no Caribe, mês passado. Respiro com dificuldade quando ela pisca para mim, cheia de malícia, e vejo muito daquela Dalila sem pudores de antes.

Como um homem de 44 anos pode se transformar em um bobo apaixonado e chorão? São as surpresas que a vida nos reserva.

— E lindos como o pai — ela responde, e me dá uma piscada.

Nesse ponto não posso negar a semelhança entre nós. Por mais que eu consiga ver muito de minha esposa neles, principalmente na personalidade, quando Aurora se recusa a fazer as coisas, mesmo tão nova, ou quando Ângelo joga os brinquedos na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã, ainda assim a aparência física é inegável: ambos são minha cara. Os cabelos negros, os olhos muito verdes, a pele mais queimada, bem mais escura do que a da mãe, todos esses traços são meus. Não sei como, em algum momento, eu pude duvidar da paternidade. Eles são meus, e não preciso de exame nenhum para provar esse fato.

Uma música mais lenta começa a tocar, e encaro meus filhos. Ângelo e Aurora entram pelo corredor com os passos trôpegos e hesitantes. A almofada está nas mãos de Aurora, até meu filho se dar conta disso. Sem hesitar, ele arranca com força o objeto das mãos gorduchas da irmã e vem correndo até nós, tropeçando na calça comprida do terno. Os convidados soltam gargalhadas diante da cena dos dois; Aurora agora está furiosa, e vem correndo até o irmão, gritando o nome dele com sua voz fina. Antes que eu ou Dalila entremos no meio da

PERIGOSAS ACHERON

discussão, Matheus pega os dois de uma vez no colo e os leva para longe, conseguindo arremessar a almofada para o pastor, que a pega no ar.

— Como eu disse, teimosos como a mãe — brinco com minha esposa, e nos viramos um para o outro, enquanto o pastor segura as alianças.

Espero que Dalila fale nossos votos primeiro, mas o pastor coloca a aliança em minhas mãos e faz um gesto para que eu vá em frente. Tudo bem. Eu posso fazer isso. Puxo a mão esquerda de minha esposa com delicadeza, o esmalte branco molda sua mão fina, e ela me olha, atenta e curiosa. Ela passou a semana toda atrás de mim, tentando ler meus votos, enquanto eu guardava o papel em lugares inusitados pela casa. Agora, porém, espero que eu consiga expressar tudo o que sinto por ela nessas breves palavras.

Pigarreio e começo, tirando o papel surrado do bolso do paletó.

Encaro seus olhos verdes, e noto sua respiração ficar entrecortada, em expectativa.

— Dalila Barreto Baiocchi, a primeira vez que te vi, você estava bem aqui, dentro desta livraria, neste mesmo shopping, nesta mesma cidade. Seus cabelos foram a primeira coisa que me chamaram a atenção: eram tão vermelhos e esvoaçantes que pareciam ondas agitadas no mar. Quando me aproximei, você segurava o mesmo livro que eu nas mãos, e sorrimos um para o outro. Daquele momento em diante, eu sabia que a minha vida nunca mais seria a mesma. — Sorrio para ela, emocionado, tentando conter as lágrimas que insistem em cair pelo meu rosto. — E então, uma batalha teve início: conquistar você, a garota que eu queria para mim, aquela que mudaria minha vida para sempre. Foi difícil! — rio, e vejo um sorriso se formar em seu rosto levemente maquiado. — Embora não se lembre, você foi a minha maior

PERIGOSAS ACHERON

conquista e a mais complicada. Eu ficava atrás de você, tentando encontrar brechas para te ver. No nosso primeiro encontro, lembro-me de que minha vontade era te levar para minha casa e nunca mais deixar você sair.

Ouçõ as risadas das pessoas, e o pastor pigarreia, constrangido. Olho de relance para os bancos, e vejo todos os olhares fixos em nós, Sandra e Rebeca fazem gestos engraçados para Dalila; Betânia revira os olhos, debochada; Elias e Andreia piscam para nós. Volto-me para minha noiva, e continuo, sem necessidade alguma de olhar o meu pequeno rascunho.

— E então você provou ser uma mulher determinada a me fazer implorar. Você não facilitou as coisas nem um pouco para mim, Lila. Eu sabia que estava completamente perdido e lascado, porque, depois daquele encontro, as coisas só pioraram. Eu só queria você, e disse a mim

PERIGOSAS ACHERON

mesmo que, se não fosse com você, não seria com mais ninguém. — Faço uma pausa, acalmando minha respiração, que está acelerada. — O nosso namoro foi rápido, e então veio nosso casamento. Um dos dias mais felizes da minha vida. A partir daquele momento, eu sabia que tinha uma joia em minhas mãos, o maior tesouro do mundo, e prometi a mim mesmo cuidar e honrar nossa vida juntos.

Dalila solta um soluço, emocionada. Toco seu rosto de leve, enxugando algumas lágrimas que escorrem e se misturam à maquiagem.

— Foi a decisão mais inteligente que tomei, Lila. Tivemos momentos muito difíceis, mas nada em comparação às alegrias que vivemos durante nosso casamento. Sua presença em minha vida foi fundamental para me transformar em uma pessoa melhor; e, como se não bastasse, tive o grande prazer de me tornar pai de duas crianças lindas e doces, que a cada dia me tornam um homem muito

melhor do que jamais pensei ser, do que dinheiro nenhum seria capaz de fazer por mim. Você me deu uma família, por isso sempre será minha melhor escolha, aquela que foi sofrida, mas também uma grande vitória, porque só vencemos a guerra depois de derramar muitas lágrimas e ultrapassar todos os obstáculos.

Um soluço escapa de minha garganta, e deixo que as emoções do momento me contagiem. Coloco o papel de volta ao meu bolso e deslizo a aliança pelos dedos finos de Dalila. Ela não tira os olhos dos meus, o verde de sua íris agora está embaçado pelas lágrimas.

— Eu prometo te amar, te respeitar, te cuidar, te honrar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida. Prometo ser o melhor marido, o melhor amante, o melhor amigo para você, e o melhor pai para os nossos filhos. Prometo nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

mais fazê-la chorar, a não ser que seja de alegria; prometo nunca mais causar-lhe nenhuma dor, a não ser que seja de tanto te fazer rir; prometo nunca brigar com você, a não ser que seja para logo em seguida te beijar por horas a fio; prometo, Lila, acima de tudo, nunca mais ficar longe. Prometo envelhecer ao seu lado, criar nossos filhos, ver nossos netos nascerem e, mesmo bem velhinhos, te amar cada dia mais. Você é minha melhor escolha, e valeu a pena cada lágrima que derramei por você, por nós, porque você, Dalila Barreto Baiocci, vale a pena — finalizo, e um barulho alto e agudo de palmas ecoa pela livraria, enquanto ela se joga em meus braços, trêmula, enquanto suas lágrimas se misturam às minhas.

Beijo seus lábios lentamente, ignorando as vaias, os urros dos convidados. Elias grita ao longe, mas só consigo distinguir a repreensão de Andreia.

PERIGOSAS ACHERON

O pastor pigarreia algumas vezes antes que eu decida soltar minha esposa. Ela sorri em meio ao choro, e pega a aliança dourada das mãos do pastor.

Um silêncio solene e respeitoso retoma a ordem das coisas, e encaro Dalila, esperando. Seu peito sobe e desce por baixo do tecido fino do vestido dourado, e quando ela segura minha mão esquerda, sinto seu nervosismo.

— Marcos Baiocci, é difícil competir com o que você acabou de dizer. Acho que estou apaixonada — ela brinca, e todos rimos. — Há treze anos, eu me tornava sua para sempre — ela recomeça, olhando tão fundo nos meus olhos, como se somente nós dois estivéssemos ali e mais ninguém. — Embora cada resquício dessas lembranças tenha sido levado com o acidente. Quando acordei naquele hospital, sozinha e perdida, sabia que tinha perdido muita coisa: um marido, uma vida com você, um casamento lindo e feliz... e durante três

PERIGOSAS NACIONAIS

anos eu segui com minha vida, em meio a uma confusão de pensamentos diários. Eu fui uma pessoa incompleta, Marcos, até que conheci você na livraria, neste mesmo lugar onde agora celebramos nossa união. Aquele ano foi um ano de mudanças para mim. Você, com seu charme e sorriso fácil, conquistou cada parte de mim naquele dia mesmo, embora eu tenha demorado para admitir, afinal sempre fui uma mulher teimosa, não é?

— Sim — respondo a sua pergunta, abrindo um sorriso gentil.

Dalila aperta minha mão, a aliança ainda a meio caminho do meu anelar. Ela inspira profundamente e inclina a cabeça para o lado, fazendo os cabelos vermelhos ondularem com seu gesto. Sorrio, esperando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fui fígada por você na primeira vez que te vi. Eu comparava você aos homens lindos e irreais dos livros que lia; e não entendia como uma mulher como eu poderia atrair alguém como você. Talvez por isso eu tenha protelado tanto; ainda assim, nossa química foi inevitável, e pouco tempo depois eu só queria estar com você, cada dia mais e mais. Quero que saiba que você, Marcos, mudou minha vida muito mais do que consegue imaginar, muito mais do que acha que eu mudei a sua, pois você é a peça que faltava em mim. Apesar dos desentendimentos e das brigas, apesar de toda a dor que causamos um ao outro no passado, eu te amo como se fosse a primeira vez, como se ainda fosse aquela Dalila do passado, aquela que vivia encantada com os livros que lia, com os homens incríveis com quem costumava sonhar. Sorte a minha que, agora, você é o meu sonho mais lindo e, melhor do que os livros, você é real.

PERIGOSAS ACHERON

Ela soluça em meio à fala, e eu sorrio para ela, tentando reconfortá-la. Os convidados continuam em silêncio, tão ansiosos quanto eu pelo que Lila ainda tem a dizer. Minha esposa sorri, soltando a respiração com força.

— Quero que, acima de tudo, você saiba que o amor que sinto por você não pode ser descrito em palavras. Nenhum substantivo, verbo ou adjetivo teria a capacidade de expressar o que carrego em meu coração quando o assunto é você. A cada dia, eu sou uma pessoa melhor e muito mais corajosa porque tenho você em minha vida. — Ela se vira e aponta para os gêmeos, que estão entretidos no fundo da livraria, sentados com Matheus e minha mãe. — E só posso agradecer por você ter me dado o melhor presente que uma pessoa pode ganhar: nossos filhos são o resultado do nosso amor e da nossa união.

As pessoas soltam exclamações, mas estou atento apenas ao que Dalila diz. Lentamente, ela desliza a aliança grande pelo meu anelar, sem tirar os olhos dos meus.

— Prometo sempre me lembrar do quanto seu sorriso é sincero e do quanto seus lábios se unem em uma covinha perfeita quando você sorri; prometo me lembrar do seu cheiro amadeirado quando me abraça e do quanto me sinto segura quando faz isso; prometo me lembrar do gosto de canela dos seus lábios quando me beija, e de ficar ansiosa por isso quando chego em casa; de sentir sua pele lisinha quando encosta o rosto no meu, sabendo que se barbeou pela nossa filha; prometo me recordar de cada manhã ao seu lado, da sua respiração lenta e constante quando você pega no sono quando ainda é cedo, e da forma como você brinca com as crianças antes do banho delas; prometo me recordar das caretas que você faz

PERIGOSAS ACHERON

quando está dirigindo, do suor escorrendo pelo seu pescoço depois da academia, da sua voz alta e grossa quando chega de viagem; prometo me lembrar do seu silêncio pela casa quando estou concentrada, estudando, das suas visitas na faculdade, dos beijos roubados quando estou atrasada para o estágio e preciso sair correndo. — Ela funga e beija delicadamente minha mão, roçando os lábios na aliança. Quando levanta os olhos para mim, eles estão bem mais verdes e uma lágrima escorre por sua face, enquanto ela esboça um sorriso direcionado somente a mim. — Prometo escolher você e a nossa família acima de qualquer outra coisa.

Aplausos ecoam pelo espaço, mas não vejo de onde eles surgem. Neste momento, puxo minha esposa para meus braços, e colo meus lábios nos seus, que estão quentes e molhados. Meu coração explode de alegria quando penso que nossa vida

PERIGOSAS ACHERON

está começando de novo. Só posso ser grato por ter tido mais uma chance com ela, e que construímos uma família linda. Estamos começando o primeiro dia do resto de nossas vidas, e cada dia será uma grata surpresa.

— Te amo — sussurro para ela, entre beijos e lágrimas.

— Para sempre — ela diz, e eu fecho os olhos, sentindo a verdade de suas palavras.

Epílogo

Dalila

“Então, se você tivesse que escolher entre o amor e o dinheiro, o que escolheria?”

(Ainda não acabou)

O sol de março entra de mansinho no cemitério vazio e silencioso, pousando timidamente em nossas cabeças enquanto caminhamos de mãos dadas entre os túmulos, lápides coloridas e repletas de lembranças enchendo nossa visão ofuscada pela claridade do dia quente. Aurora está agarrada aos cabelos negros do pai, puxando e repuxando os fios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em uma brincadeira particular entre eles: ambos, quase sempre, tendem a excluir a mim e a Ângelo, em uma conversa entre pai e filha. Sorrio para meu marido, que distribui beijos pelo pescoço da filha, fazendo-a rir alto dentro do espaço fúnebre.

— Marcos! — repreendo-o, e vejo o canto de seus lábios carnudos se repuxarem em uma carranca adorável, que ele guarda apenas para mim. — Aqui é um cemitério, não é certo ela ficar gritando.

Meu marido me olha e revira os olhos, zombando de mim com uma piscada.

— Lila, ela é só uma criança, nem sabe o que está fazendo aqui — ele explica, e corre mais à frente com a filha nos braços, soltando-me.

Seguro Ângelo com carinho enquanto o vento do começo do outono balança meus cabelos ruivos.

PERIGOSAS ACHERON

— Sobramos eu e você, garotinho — falo para o meu filho, que repete minhas palavras como um papagaio. Ele se remexe em meu colo pedindo para descer e eu o coloco no chão de pedra, segurando firme em suas mãos gorduchas. — Não pode correr aqui, filho. Viemos visitar o titio, e precisa fazer silêncio. — Assim que ele vê o pai ao longe, solta minha mão e sai correndo, chamando Marcos aos berros.

— Paiêêêêê! — Ângelo grita, e Marcos se vira, abrindo os braços para o filho pequeno.

Sorrio diante da imagem de minha família, finalmente, unida. Sigo o curto caminho até o túmulo de Pedro, sentindo os braços de Marcos ao meu redor quando eu o alcanço. A lápide é simples, mas está bem conservada. Na foto, meu irmão sorri para o fotógrafo: é uma foto dessas tiradas para documentos, que minha mãe pediu para ampliar. Meu irmão usa uma camisa branca e seus cabelos

levemente avermelhados pela claridade estão penteados com gel para o lado direito. Seus olhos verdes estão opacos e ele tem um dos dentes faltando. Agacho-me e coloco as flores que trouxe, sentindo uma onda de paz tomar conta de mim.

— Pedro — balbucio em meio à quietude, e toco de leve sua fotografia, tentando guardar ainda o pouco que me lembro do caçula da família Barreto. — Espero um dia que me perdoe.

Sinto as mãos de Marcos em meus ombros, apertando levemente como um lembrete de que ele está aqui, sempre.

— Ele amava você, Lila, tenho certeza que já te perdoou há muito tempo. Agora é hora de você perdoar a si mesma — meu marido me censura, e eu apenas assinto, concordando.

Fico ali meia hora, conversando com meu irmão. Uma conversa que nunca tivemos, ou ao menos o que sobrou de minha memória. Conto a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pedro sobre minha vida em Bauru: sobre o curso de Jornalismo, meu estágio em uma editora famosa da região, minha vida com meu marido e os gêmeos; conto a ele sobre o amor maluco que sinto pelos meus filhos, a correria insana que são meus dias, a força que tenho ao final dos meus dias quando sei que meu marido estará em casa, me esperando; digo a meu irmão o quanto sinto falta de nossa família, mas que eles têm sido mais presentes, indo a Bauru me visitar com mais frequência. Deixo que as frases ganhem vida e sinto um grande alívio por, finalmente, ter algum sentimento por meu irmão caçula.

Marcos sai correndo para cuidar das crianças, deixando-me a sós. A brisa outonal sopra e balança as folhas da flor vermelha que trouxe, as pétalas caem para o lado. Ajeito-a pela segunda vez, e me levanto, secando minhas lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu amava você, apesar de tudo — confesso baixinho, e endireito meu corpo, meus olhos percorrem o cemitério vasto e imponente, parando ao longe. Marcos segura os filhos de ponta cabeça, como sempre faz, arrancando risadas altas de ambos. Coloco as mãos na cintura e ando até a entrada, admirando alguns túmulos que tomam conta de fileiras infinitas. Despeço-me silenciosamente de meu irmão, sabendo que não há mais nada a ser feito diante do passado. O que passou, está enterrado, massacrado pela terra e pelos anos, e não pode voltar. Aceno para meu marido, esperando que ele e meus filhos se juntem a mim.

— Pronta para ir? — ele pergunta, carregando os filhos nos braços.

— Mais que pronta — respondo e sorrio, porque a felicidade nos encontrou, finalmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Biografia

Janaina Soares

Janaina Soares tem 29 anos. Formada em Geografia e Letras, seu maior sonho sempre foi estar envolvida com os livros. Leitora assídua e apaixonada pela literatura, tinha um sonho de escrever. Um sonho antes distante, mas que se tornou realidade desde que escreveu sua primeira história: “Ainda não acabou”.

Mora em Emilianópolis, interior do estado de São Paulo, e busca se aperfeiçoar diariamente em sua carreira como escritora.

Redes Sociais

FACEBOOK

SKOOB

WATTPAD

Obras



amazon
kindleunlimited

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1)

Uma expressão mineira que quer dizer: fugir, dar o fora. ↵

PERIGOSAS ACHERON